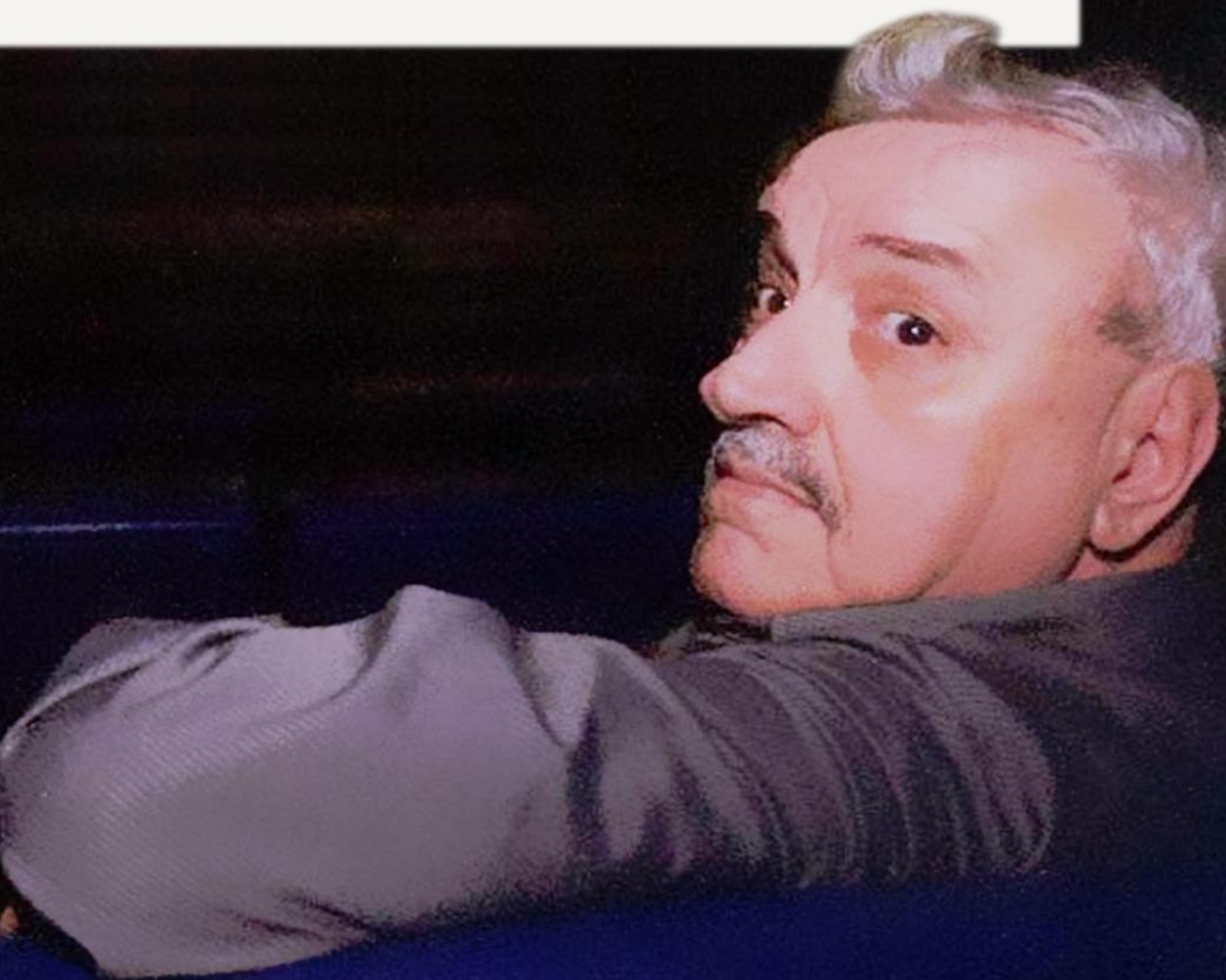


DAS MONTANHAS MINEIRAS PARA AS ÁGUAS AMAZÔNIDAS:

**A PAIXÃO DE
ALEXANDRINO GONÇALVES MOREIRA
(A.G.M.)
E A CULTURA CINEMATOGRÁFICA**



Marco Antonio Moreira

Marco Antonio Moreira Carvalho

**Das Montanhas Mineiras para as Águas Amazônicas:
a paixão de Alexandrino Gonçalves Moreira (A.G.M.)
e a cultura cinematográfica**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
(PPGARTES-UFPA)**

Belém, 2023

Marco Antonio Moreira Carvalho

**Das Montanhas Mineiras para as Águas Amazônicas:
a paixão de Alexandrino Gonçalves Moreira (A.G.M.)
e a cultura cinematográfica¹**

¹ Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes (PPGARTES-UFPB), em 2015, orientada pela Profa. Dra. Bene Martins e coorientada pelo Prof. Msc. Arnaldo Corrêa Prado Junior.

Copyright © 2023

ISBN: 978-65-88455-73-9

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Emmanuel Zagury Tourinho (Reitor)

Gilmar Pereira da Silva (Vice-Reitor)

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (PROPESP)

Maria Iracilda da Cunha Sampaio (Pró-Reitora)

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE (ICA)

Dra. Isis de Melo Molinari Antunes
(Coordenadora)

Dra. Adriana Valente Azulay
(Vice-Cordenadora)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES (PPGARTES)

José Denis de Oliveira Bezerra (Coordenador)
Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida
(Vice-Cordenador)

EDITORA PPGARTES*

Maria dos Remédios de Brito

Ana Cláudia do Amaral Leão (Coordenadoras)

Larissa Lima da Silva (Assistente Editorial)

COMITÊ EDITORIAL

Prof^a. Dr^a. Maria dos Remédios de Brito
(Presidente)

Prof^a. Dr^a. Ana Cláudia do Amaral Leão
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof^a. Dr^a. Ana Flávia Mendes Sapucaí
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof^a. Dr^a. Ana Mae Tavares Bastos Barbosa
(ECA, Universidade de São Paulo;
Universidade Anhembi-Morumbi)

Prof. Dr. Áureo Deo de Freitas Júnior
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof^a. Dr^a. Giselle Guilhon Antunes Camargo
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof. Dr. José Carlos de Paiva
(FBA, Universidade do Porto)

Prof^a. Dr^a. Laura Malosetti Costa
(IA, Universidad Nacional San Martin)

Prof^a. Dr^a. Maria das Vitórias Negreiros do
Amaral
(CAC, Universidade Federal de Pernambuco)

Prof. Dr. Orlando Franco Maneschy
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof^a. Dr^a. Rejane Coutinho
(IA, Universidade Estadual Paulista)

Prof^a. Dr^a. Valzeli Figueira Sampaio
(ICA, Universidade Federal do Pará)

FICHA TÉCNICA DESTA EDIÇÃO:

Projeto Gráfico: Osimar Andreza

Capa: Ricardo Harada

Editoração Eletrônica: Larissa Silva

Normalização técnica: Marco Antonio Moreira
Carvalho

Revisão Textual: Bene Martins e Marco Antonio
Moreira Carvalho

Ficha Catalográfica: Larissa Silva

Fotos: Acervo Marco Antonio Moreira, Pedro
Veriano, Família Moreira Carvalho, Biblioteca
Arthur Vianna

*A Editora do Programa de Pós-Graduação em
Artes da UFPA pratica a avaliação por pares
(preferencialmente externos) e seu eixo
editorial refere-se às linhas de pesquisa deste
programa.

Das Montanhas Mineiras para as Águas Amazônicas:
a paixão de Alexandrino Gonçalves Moreira (A.G.M.)
e a cultura cinematográfica

COMITÊ CIENTÍFICO DESTA EDIÇÃO

Presidente da Comissão

Profa. Dra. Bene Martins (UFPA)
Profa. Dra. Luzia Miranda Álvares (UFPA)
Prof. Dr. Joel Cardoso – (UFPA)
Prof. Msc. Arnaldo Corrêa Prado Junior (UFPA)
Profa. Dra. Liliam Cristina Barros Cohen (UFPA)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA

C331

Carvalho, Marco Antonio Moreira, 1964 -

Das Montanhas mineiras para as águas amazônicas [recurso eletrônico]: a paixão de Alexandrino Gonçalves Moreira (A.G.M.) e a cultura cinematográfica / Marco Antonio Moreira Carvalho. — Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes/UFPA, 2023. — Dados eletrônicos (1 arquivo: PDF).

Modo de acesso: Internet

<https://ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/pesquisa/producao-intelectual>

ISBN 978-65-88455-73-9

1. Cinema. 2. Crítica de arte – Pará. 3. Arte – Apreciação – Amazônia. 4. Moreira, Alexandrino Gonçalves (1932-2007). I. Título.

CDD 23. ed. – 791.43

Elaborado por Larissa Silva – CRB-2/1585

Para
Alexandrino, Maria de Lourdes,
Cássia, Leandro e Gustavo,
Alex e Sandra.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Alexandrino, pelo amor incondicional ao cinema.

À minha mãe, Maria de Lourdes, pelo amor e carinho eternizados.

À minha esposa Cássia e filhos Leandro e Gustavo, referências eternas.

Aos meus irmãos Alex e Sandra, pela afetividade que fortalece.

À minha família em Minas Gerais, especialmente Márcia Moreira, fundamental para a pesquisa realizada em Itaúna-MG.

A todos os parceiros, amigos, colaboradores e familiares que auxiliaram na trajetória de A.G.M.

A todos entrevistados que compartilharam suas ricas memórias e que diversas vezes me emocionaram com histórias inesquecíveis.

A Pedro Veriano e Luzia Miranda Álvares pela colaboração, atenção e amizade que reforçam nossos laços de afetividade e respeito.

À Maria de Nazaré Alves Moraes, amiga, sempre disposta a colaborar.

À Maria das Graças Pena, pela formatação do texto e interesse na pesquisa.

À amiga, professora e orientadora Bene Martins pelo incentivo, dedicação, disponibilidade e parceria. Sua amizade é um constante aprendizado.

Ao Arnaldo Corrêa Prado Júnior pelas orientações e ideias para o trabalho.

A professora Maria Sylvia Nunes pela generosidade e atenção.

Ao poeta João de Jesus Paes Loureiro pelo aprendizado constante.

Ao revisor José dos Anjos pela dedicação e cuidado na revisão do trabalho.

À equipe da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Ao cineasta Carlos Diegues e crítico de cinema Hélio Nascimento pelas importantes contribuições ao trabalho.

Aos professores do programa de Pós-Graduação em Artes.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram com o desenvolvimento do Circuito Cinearte e da Cinema 4 Videolocadora (especialmente Sandra e Cássia).

A CAPES pelo apoio à pesquisa.

FALAS DO MOFO

Do fundo das gavetas
de dentro de pastas
e envelopes
do fundo do silêncio encardido
em folhas de jornal
de um tempo ido
ali
regressa à luz
 puído
o murmúrio inaudível
das vozes
no mofo impressas
mudas
 ainda que plenas de retórica

É apenas
 uma mínima parte
 do incalculável arquivo morto
esta que reacende agora
à leitura do olhar
e em mim
 ganha voz
 por um momento

e penso em tantos falares
que abafados em pastas
 e arquivos
esperam por um corpo
de homem
em que
 de novo
 se façam vivos

(Ferreira Gullar)

PREFÁCIO

Este livro é o resultado de diversas histórias e memórias que vivenciei ao lado do meu pai, Alexandrino Gonçalves Moreira. O ponto de partida foi um projeto de mestrado orientado pela Professora Bene Martins (UFPA), apresentado em 2015, no Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES) da Universidade Federal do Pará (PARÁ), que deu início a uma jornada extraordinária na minha vida. Durante essa jornada, testemunhei, vivi e me apaixonei por experiências que se entrelaçam com minha própria trajetória como pessoa e cinéfilo.

Alexandrino Gonçalves Moreira, ou simplesmente A.G.M., como assinava suas colunas semanais de cinema nos jornais A Folha do Norte e O Liberal, nutria uma profunda paixão pelo cinema desde cedo. Sua vida se entrelaçou de maneira íntima com essa arte, desde os dias em que trabalhou como projetorista no Cine Rex, em Itaúna-MG, até seu programa sobre cinema na Rádio Clube de Itaúna. As sessões cinematográficas a que assisti nos cinemas com a família (Maria de Lourdes, Alex, Sandra e Marco), as sessões e reuniões cineclubistas em Belém e amigos Pedro Veriano e Luzia Álvares, sua atuação como crítico de cinema e, por fim, sua posição como proprietário de salas de cinema na capital do Pará, revelam a profundidade de seu amor pelo cinema.

Compartilhar essas histórias sempre pareceu algo muito pessoal para mim, mas a trajetória desse cidadão do mundo e do cinema precisa ser compartilhada, na esperança de inspirar novos cinéfilos, assim como eu fui inspirado. Como filho de Alexandrino e Maria de Lourdes, minha mãe, que também desempenhou um papel significativo em nossa jornada, sinto-me privilegiado por ter pesquisado e reunido tantas memórias de uma vida dedicada ao cinema.

Espero que este livro, que nasceu como resultado de uma dissertação de mestrado profundamente significativa para mim, possa servir como uma homenagem a meu pai e também inspirar todos nós a continuar em busca de sentidos e significados sobre a vida, muitas vezes encontrados nos filmes.

SUMÁRIO

PRÓLOGO.....	10
TAKE UM: DAS MONTANHAS MINEIRAS ÀS ÁGUAS AMAZÔNIDAS	17
1.1. Interlocutores de A.G.M.	17
1.2. Itaúna: Uma Travessia	21
1.3. Imersão no mundo do cinema: Cine Rex.....	26
1.4. Nas Ondas do Rádio: Atualidades Cinematográficas com Alex Moreira ..	35
1.5. Belém do Pará: A.G.M. banhado em Águas Amazônicas	43
1.5.1. Vida bancária.....	45
1.5.2. Nos cinemas de Belém.....	47
1.5.3. Encontros: APCC (Associação Paraense de Críticos de Cinema).....	52
TAKE DOIS: CINECLUBES – OLHARES REFLEXIVOS SOBRE CINEMA.	61
2.1. Cineclubismo: Olhares além da magia fílmica	64
2.2. Cineclubes em Belém do Pará.....	67
2.3. Espaços de exibição	75
2.4. Outras Ações.....	83
TAKE TRÊS : CIRCUITO CINEARTE - CINEMA DE ARTE DO PARÁ.....	90
3.1. Cinemas 1 e 2. Das programações iniciais	100
3.2. Mudanças necessárias	109
3.3. Das distribuidoras e mercado de exibição	118
3.4. Cinema 3. Ampliação e Adequação ao mercado exibidor.....	122
3.5. Cinema 4 Videolocadora. Extensão Cineclubista.	131
3.6. Cinemas de Shopping. Novas tendências	135
3.7. Configurações adversas	146
TAKE QUATRO: “SE MUITO VALE O JÁ FEITO, MAIS VALE O QUE SERÁ”	160
EPÍLOGO – CONSIDERAÇÕES FINAIS	173
REFERENCIAS	180
ANEXOS	185

PRÓLOGO

A partir da invenção do aparelho Cinematógrafo pelos irmãos Lumière² em 1895, o cinema progressivamente tem mudado modos de ver e ser de muitas pessoas, causando uma transformação cultural e comportamental significativa na história do século XX. Inicialmente ainda com poucas produções, a nova invenção em pouco tempo transformou-se em um divertimento de grande apelo popular e gerou novas expectativas, contribuindo para mudanças no conceito de entretenimento. Mas, ao mesmo tempo em que era fortalecida sua referência como grande meio de diversão, cineastas e segmentos de público descobriram seu potencial também como uma arte de reflexão e provocação à inteligência do espectador. Tal refinamento da apreciação cinematográfica, suscitou a necessidade da criação de outros espaços para exibição de filmes cujos objetivos iam além do entretenimento. A intenção era criar um espaço mais democrático, exibindo filmes com diversas temáticas e estéticas, para estudar a arte cinematográfica em constante desenvolvimento.

Estes espaços, chamados de cineclubes, foram criados na França, nas primeiras décadas do século XX, como maneira de ampliar o interesse pelo cinema. Além disso, o conceito de cineclube surgiu num momento em que se consolidava um modelo de fazer, exibir e distribuir filmes, nos primeiros passos de uma indústria cinematográfica, ainda em construção. Mas, em vários países, críticos e estudiosos começaram a tomar a iniciativa e criar cineclubes para revelar outros tipos de cinema, motivando outros caminhos de interpretação. O articulista Macedo (2014), destaca a importância desses espaços.

Os Cineclubes têm uma história própria, que liga a evolução do seu trabalho às diferentes situações nacionais, culturais e políticas em que se desenvolveram. Há vários tipos de cineclubes, alguns predominam em determinados países, em certas conjunturas; em situações diferentes sua forma de organização e atuação também varia. Os cineclubes surgiram nitidamente em resposta às necessidades que o cinema comercial não atendia, num momento histórico preciso; assumiram diferentes práticas conforme o desenvolvimento das sociedades em que se instalaram; mas assumiram uma forma de organização institucional única que os distingue de qualquer outra.

Na Amazônia, em Belém do Pará dos anos 1950, o funcionamento dos cineclubes revelava ações de crítica e exibição de filmes e influenciava novas gerações de cinéfilos. Em 1962, foi fundada a APCC (Associação dos Críticos de Cinema do Pará) que posteriormente

² Auguste Marie Louis Nicholas Lumière (1862-1954) e Louis Jean Lumière (1864-1948) são considerados os inventores do Cinematographo, marco inicial da história do Cinema.

criou um cineclubes com uma programação de filmes direcionados principalmente ao cinema de arte, com exibição em diversos locais da cidade. No final daquela década – período e ambiência favorável aos cinéfilos graças aos diversos movimentos cinematográficos³ – vindo de uma cidade do interior de Minas Gerais, Itaúna, um cinemaníaco começou a interagir com o movimento cineclubista de Belém-PA: Alexandrino Gonçalves Moreira (A.G.M.)⁴.

Alexandrino Gonçalves Moreira, ao lado de críticos de cinema como Pedro Veriano Direito Álvares⁵ e Maria Luzia Miranda Álvares⁶, entre outros, colaborou com as atividades da Associação de Críticos, contribuindo nas suas ações culturais (sessões de cineclubes, cursos de cinema, críticas). Essa expansão das ações desses agentes culturais resultou em uma crescente participação do público paraense, em grande número, que prestigiava as sessões programadas pela Associação.

Nos anos 1970, acreditando na força do cinema como cultura revelada pela frequência de público dos cineclubes existentes, Alexandrino Gonçalves Moreira e Pedro Veriano, inauguraram duas salas de cinema: Cinemas 1 e 2 (posteriormente identificados como cinemas do Circuito Cinearte). Estas salas tinham como objetivo inicial dar continuidade à exibição de filmes de arte, isto é, os que valorizavam o cinema como expressão de pensamento crítico e reflexivo. Nestes cinemas, filmes consagrados em festivais e elogiados por críticos de cinema foram exibidos em horários normais com várias sessões, no mesmo formato dos grandes sucessos do chamado cinema comercial, com programação que ia além daquelas sessões dos cineclubes.

O público da cidade de Belém teve mais acesso aos filmes programados, antes exibidos de maneira limitada, pois o funcionamento dos cineclubes ocorria em horários segmentados. Além disso, inicialmente focando o cinema como arte, estes cinemas exibiram filmes premiados e elogiados que, de outro modo, dificilmente estariam ao alcance

³ Movimentos cinematográficos como o Cinema Novo (Brasil) e *Nouvelle Vague* (França) provocaram discussões sobre o cinema, incentivando a percepção de outros conceitos cinematográficos.

⁴ Alexandrino Gonçalves Moreira (1932-2007), conhecido como A.G.M. por sua coluna de cinema nos jornais *A Folha do Norte* (1969 a 1974) e *O Liberal* (1974 a 2007).

⁵ Pedro Veriano Direito Álvares, 78 anos, médico, crítico de cinema, roteirista e diretor de curtas metragens. Foi presidente da APCC (Associação Paraense dos Críticos de Cinema) e um dos fundadores do Cineclubes da APCC (1967-1986). Escreveu no jornal *A Província do Pará* entre 1966 e 2001.

⁶ Maria Luzia Miranda Álvares, 74 anos, bacharel em ciências sociais pela UFPA, mestre e doutora em Ciência Política. Foi uma das fundadoras do Cineclubes da APCC. Escreve críticas de cinema no jornal *O Liberal* desde 1972. Foi presidente da APCC (Associação de Crítico de Cinema do Pará) e representante da EMBRAFILME (Empresa Brasileira de Filmes) no Estado do Pará nos anos 1970.

do público naquele período, senão em cineclubes. Filmes de diversos países como Brasil, Itália, França, Suíça, Suécia, Alemanha, foram exibidos durante o período de seu funcionamento, criando um importante referencial para a cultura cinematográfica.

Esta dissertação teve como objetivo principal traçar a trajetória de Alexandrino Gonçalves Moreira, a partir da coleta e análise do acervo de informações reunido nesta pesquisa sobre a consolidação de uma cultura cinematográfica com ênfase nos filmes considerados de arte. Sua história como agente cultural voluntário⁷ voltado às atividades de divulgação do cinema de arte acompanha a evolução de seu sonho, o de ter salas de cinema, que se transformaram em um circuito de exibição entre 1978 e 2006. Reconhecer e interpretar seu trabalho, influência e legado na área sócio-artístico-cultural é necessário para entender sua contribuição na evolução da cultura cinematográfica na capital paraense. Entender o mecanismo de recepção desse projeto com relação ao público é outro enfoque importante para perceber a influência do cinema numa geração que, possivelmente, mudou sua visão sobre as especificidades dessa arte.

O interesse em estudar e (re) construir a trajetória deste agente cultural advém do desejo de entender e ampliar os mecanismos que levam a história de um homem e sua paixão a interagir com os anseios, desejos, singularidades das culturas. Conforme o dito popular, A.G.M. “chegou ao Pará, parou, tomou açaí, ficou”. É necessário compreender esse processo-projeto de vida para excedê-lo. Para ampliá-lo. Para que a obra de um homem seja maior do que ele mesmo.

Embora, para alguns teóricos, a arte exceda os limites da avaliação estética, é necessário entender a sua contribuição e influência na vida das pessoas à semelhança de trajetórias humanas como a referida nesta pesquisa. Poder-se-ia afirmar que esse mineiro tomou açaí com pão de queijo e o sabor dessa mistura deu frutos, caldo cultural com sustança. Assim são as paixões, os amantes mudam de lugar, mas as levam consigo e, desde que encontrem parceiros-cúmplices, sonhos e paixões acontecem. Foi assim com o sujeito desta pesquisa e os cineclubistas belenenses. Paixões que movem a vida, a arte, a descoberta e o conhecimento.

Movido pela busca de oportunidades profissionais, Alexandrino Gonçalves Moreira veio do interior de Minas Gerais para a capital do Pará. Tal mudança o fez aprender e ser mais do que estaria destinado a ser, dentro do contexto sócioeconômico-cultural de sua cidade

⁷ Agente cultural, cidadão que estimula, compartilha e impulsiona ações relacionadas à cultura.

natal, Itaúna. A vida desse cinéfilo, onde ele estivesse, estaria cercada pela paixão que ele tinha pelo cinema, mas não teria tanta intensidade e realizações se estas não fossem vividas em Belém, com todas as suas características, inspirações e pessoas envolvidas e que, num momento e contexto único, encontraram com ele e, a partir desse encontro, outras histórias surgiram.

O caminho de A.G.M. com o cinema inicia-se com uma paixão adquirida desde a infância, quando ele descobriu a magia da sétima arte que exerceu forte influência na sua vida. Adulto, envolveu-se mais ainda com essa paixão, trabalhando na sala de exibição de Itaúna e posteriormente apresentando um programa sobre cinema na rádio local nos anos 1950, chamado *Atualidades Cinematográficas*, que contribuiu com a cinefilia de muitos habitantes de sua terra natal. Naquele período, procurou fazer cursos de cinema e ver mais filmes, incluindo os exibidos nos cinemas localizados em Belo Horizonte, capital de seu estado. A partir desse contato mais abrangente com a sétima arte, aumentou seu interesse e, após se mudar para Belém, no final dos anos 1950, ampliou sua cinefilia a partir do contato com pessoas que, como ele, perceberam no cinema uma arte de reflexão, entretenimento e transformação.

Essa trajetória de vida e de trabalho árduo reflete uma história construída com sonhos, realidades, decepções, ações e dificuldades que o tempo mostrou serem relevantes. Este trabalho analisa influências em gerações de cinéfilos que ampliaram seus olhares sobre o cinema, graças às ações cineclubistas realizadas em Belém, culminando com a construção do Circuito Cinearte, em 1978, e sua ativa interação com a vida cultural cinematográfica da cidade e respectivo público até 2006.

A partir de leituras direcionadas ao panorama da arte cinematográfica em Belém do Pará, foi realizada uma pesquisa catalográfica/contextual, que incluiu o levantamento de dados das atividades cineclubistas na cidade com um estudo de caso e análise dos dados, dentro do seu contexto cultural, incluindo informações sobre a trajetória de Alexandrino Gonçalves Moreira (A.G.M.) e sua interação com o cineclubismo que, anos depois, resultaria na criação de um circuito de cinema.

Para essa pesquisa, foram utilizados livros, jornais, artigos, revistas e demais publicações como fontes de consulta, incluindo sites específicos e informações disponíveis em outras modalidades *on line*. A partir dos conceitos de Memória, Tempo e Cultura; Trânsitos Culturais; Narrativas de Vida; Esquecimento; Cinema de Arte; Cineclubismo dentre

outros, a pesquisa foi embasada nos autores Ecléa Bosi (2007), Jerusa Pires Ferreira (2004), Kátia Canton (2009), Marc Augé (2001), André Bazin (2014), Pedro Veriano (1983, 2006), Antoine Baecque (2010) entre outros que têm no seu trabalho os principais conceitos que a pesquisa investigou.

Foram realizadas entrevistas com personalidades que, direta e indiretamente, participaram do período pesquisado com a finalidade de avaliar a trajetória de A.G.M. como cinéfilo-agente cultural e de refletir a recepção do público com relação ao alcance do circuito cineclubista, principalmente com ações elaboradas no Circuito Cinearte. A análise contextualizada permitiu o registro consubstanciado do objeto-sujeito desta pesquisa.

Realizou-se um delineamento de pesquisa para análise do problema, construção de hipóteses e a identificação das relações entre as variáveis. Seguindo a premissa de Gil (1995), foram utilizados dois grupos de delineamento: dados coletados das fontes de papel (pesquisa bibliográfica e pesquisa documental); dados coletados com os entrevistados (levantamento de dados, informações).

Dentro da metodologia de Gamboa e Santos Filho (1995), desenvolveu-se o tipo de pesquisa qualitativa. O número de entrevistados foi expressivo com as informações coletadas por meio de perguntas abertas e fechadas. Gravações com opiniões dos participantes foram transcritas e posteriormente analisadas; as informações colhidas na abordagem qualitativa foram analisadas de acordo com o roteiro aplicado e registradas em relatório, destacando opiniões, comentários e trechos mais relevantes que surgiram e, quando necessário, complementadas por este entrevistador-pesquisador, já que estou diretamente envolvido com o estudo em foco.

A seleção de entrevistados foi feita a partir dos nomes daqueles que tiveram contato direto com A.G.M., inicialmente em sua cidade natal e, posteriormente, com as atividades cineclubistas das quais ele participou em Belém. As entrevistas seguiram um roteiro de perguntas abertas e fechadas para obter e avaliar informações sobre sua paixão pela sétima arte, contribuição no circuito cinematográfico paraense e o impacto da programação dos cineclubes e do Circuito Cinearte na formação cultural dos entrevistados, provocando e estimulando a reelaboração de suas memórias. Para os programadores e organizadores dos espaços alternativos e cineclubes atuais, foi elaborado um questionário específico, com a finalidade de verificar a importância da programação do Circuito Cinearte em seus 28 anos

de atuação. Este questionário também foi aplicado aos críticos de cinema, críticos de arte, jornalistas e artistas da área cinematográfica.

Como pesquisador-participante da pesquisa, filho de A.G.M., crítico e pesquisador do viés memória e cinema, amigo de muitos dos entrevistados e testemunha de vários acontecimentos relatados, o autor deste texto procurou ser objetivo ao ouvir, registrar e provocar mais memórias nos participantes da pesquisa. Foi necessário perceber que as diferentes formas de lembrar criam traços de memória que cabe ao pesquisador interpretar sem perder sua forma e conteúdo, sabendo que a narração de histórias inclui a forma como se contam estas histórias.

O modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique. O tempo da memória é social, não só porque é o calendário do trabalho e da festa do evento político e do fato insólito, mas também porque repercute no modo de lembrar (BOSI, 1995, p.31).

A dissertação está dividida em quatro partes denominadas *Takes*, numa relação direta com a semântica da arte cinematográfica. Como pesquisador e testemunha desta narrativa de vida, o autor desta pesquisa desenvolveu uma constante busca da identidade, ou melhor, de traços identitários e memória de um homem influenciado pelo encanto da arte cinematográfica, mesmo que ele não soubesse, de maneira clara e explícita, da repercussão desse encanto.

Take Um: Das Montanhas Mineiras às Águas Amazônicas. No primeiro *take*, seguindo a composição narrativa - trajetórias de vida - de Bosi (1995), foi contextualizada a vida de A.G.M., a partir de sua história inicial - cidade natal, família, cinefilia e mudança para Belém do Pará -, buscando identificar elementos que contribuíram com a formação cinematográfica do pesquisado. Na capital do Pará, encontrou outras opções de cinema e conheceu parceiros fundamentais na sua trajetória como agente cultural, crítico de cinema e colaborador das ações da APCC (Associação Paraense de Críticos de Cinema).

Take Dois: Cineclubes - Olhares Reflexivos sobre Cinema. Este *take* apresenta informações e conceitos sobre cineclubes e o panorama das atividades cineclubistas em Belém nos anos 1950, 1960 e 1970. Para contextualizar o movimento cinéfilo e colaboração de A.G.M. como crítico de cinema e agente cultural, foram realizadas entrevistas com pessoas que vivenciaram as ações cineclubistas efetivadas e seus resultados no desenvolvimento da cultura cinematográfica local.

Take Três: Circuito Cinearte – Cinema de Arte do Pará. O terceiro *take* traz levantamento das ações que levaram A.G.M. a construir duas salas de cinema nos anos 1970 com o ideal cineclubista; foram analisadas informações sobre parceiros, dificuldades, resposta do público, desenvolvimento de outra cinefilia, mudanças do foco cineclubista e transformações do mercado exibidor.

Take Quatro: “Se muito vale o já feito, mas vale o que será”. Neste *take*, a análise de informações sobre transformações dos conceitos de cinema, cineclubismo e cinefilia, indica a necessidade de conhecimento da trajetória de A.G.M. como agente cultural para que novas ações sejam empreendidas. Sua história, como cinéfilo, envolvido na divulgação da sétima arte, colaborou para o desenvolvimento de uma cultura cinematográfica direcionada ao cinema considerado de arte.

Epílogo – Considerações finais. Memórias e sentimentos com relação a A.G.M. foram reiterados na sua relação de vida com o cinema, por meio de filmes, momentos e poesia compartilhados.

Anexos - A finalidade dos anexos é demonstrar o quanto há ainda por pesquisar. Serão incluídos recortes de materiais coletados em jornais, críticas de cinema e imagens *on line*, além de documentos de acervos particulares do pesquisado, pesquisador e entrevistados.

TAKE UM: DAS MONTANHAS MINEIRAS ÀS ÁGUAS AMAZÔNIDAS

Ó Itaúna que te quero antiga. Dos bailes e horas dançantes,
Desfiles patrióticos, deliciosos carnavais.
Ó Itaúna, que te quero santa.
Da missa das nove, missa dos homens.
Da festa do Rosário ou no alto do Bonfim,
Acenando o mês de Maio.
Ó Itaúna, que te quero minha.
Na voz do padre Waldemar, rever o que fiz ou deixei de fazer
e comovida, passear na “Avenida”
Em frente à igreja matriz de olhos e alma lavados.
(Macedo, Vera L. Itaúna anos 50, 2001)

Na primeira cena, seguindo a composição narrativa de Bosi (1995), está contextualizada a vida da A.G.M.¹ a partir de sua história inicial – cidade natal, família, a descoberta do cinema e sua carreira profissional, desenvolvimento de sua cinefilia – buscando identificar elementos que contribuíram com sua formação cinematográfica. Em seguida, é enfocada a mudança para Belém, em busca de novas oportunidades em outra região. Na capital do Pará, encontrou outras opções de cinema e conheceu parceiros importantes na sua trajetória como agente cultural cinematográfico: Pedro Veriano Direito Álvares e Maria Luzia Miranda Álvares. Neste capítulo, foi realizado registro de sua atividade como crítico de cinema que o credenciou para participar da APCC (Associação Paraense de Críticos de Cinema) no final dos anos 1960 e impulsionou sua interação com as ações cineclubistas da associação.

1.1. Interlocutores de A.G.M.

Entrevistados que conheceram Alexandrino Gonçalves Moreira em Itaúna demonstraram, nas suas memórias, uma alegria estimuladora para suas lembranças pela participação em momentos importantes da vida do pesquisado. Ao mesmo tempo, nas narrações coletadas percebe-se uma forte nostalgia porque esses momentos passaram e não se repetirão. Por isso, muitas vezes as recordações registradas estavam comprometidas com a emoção e dispersas em fragmentos da memória com diversos sentimentos que surgiram no momento da entrevista. Mas em todos os entrevistados o prazer de recordar –

¹ Alexandrino Gonçalves Moreira, à época, carinhosamente chamado, na sua cidade, Duquinha, por vezes, assim denominado neste texto.

pôr de volta no coração - foi um sentimento instigador que os levou a buscar, no baú da memória, momentos, encontros, ideias (re) tecidas sobre A.G.M. “A memória é um cabedal infinito do qual só registramos fragmentos. Frequentemente, as mais vivas recordações afloravam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso escutar o infinito” (BOSI, 1995, p. 39).

A arte de contar histórias é a arte de narrar experiências. E compartilhar estas experiências é revivê-las. “A lembrança é a história da pessoa e seu mundo, enquanto vivenciada” (BERGSON, 1896, p. 248). Nesse sentido, entrevistador e entrevistado formalizam um pacto de compromisso no qual um confia nas intenções do outro com a finalidade de reconstruir um passado, uma história, uma trajetória. E esse compromisso é mais intenso quando os entrevistados reconhecem o pesquisador-entrevistador como filho de A.G.M., criando um elo emocional entre suas memórias e as interpretações-sentimentos. Reelaborar essas memórias individuais e transformá-las numa memória coletiva em torno de uma pessoa que influenciou e foi influenciada pelos entrevistados, foi constante busca de equilíbrio entre a razão e a emoção. Esse equilíbrio foi adquirido a partir do instante em que, como pesquisador, foi desenvolvido um distanciamento necessário para avaliar a trajetória de um homem apaixonado pelo cinema que foi além, porque se tornou um agente cultural. “É preciso que a reflexão construa tempo ao redor de um acontecimento, no próprio instante em que o acontecimento se produz, para que reencontremos esse acontecimento na recordação do tempo desaparecido. Sem a razão, a memória é incompleta e ineficaz” (BACHELARD, 1998, p. 48-49).

As narrativas de vida compartilhadas pelos entrevistados reativam suas próprias memórias e trazem outro significado para quem conta. A relação do tempo com a história e da história com o tempo, apresenta uma complexidade que cresce a partir de cada narrador. Segundo Bosi (1995, p. 85), “a arte da narração não está confinada nos livros, seu veio épico é oral. O narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que escutam”. Ao ouvir diversas memórias emocionadas, com sorrisos espontâneos e uma legítima vontade de reviver tudo o que se passou por parte dos entrevistados, o ritual do relato oral para a escrita se transformou num momento poético de admiração e respeito por todas as histórias e personagens compartilhados.

Ao mesmo tempo, recordar momentos do passado provoca lembranças do que essas pessoas foram um dia com seus sonhos e expectativas, às vezes esquecidas ou substituídas por outros projetos ou surpresas de vida. Por isso as recordações são tão valiosas. Recordações do que foram, do que queriam ser, do que poderiam ter sido. Por esta razão, interpretar memórias é um ato solitário, intuitivo, relacionado às referências dos entrevistados e conceitos dos autores utilizados nesta pesquisa. Até que ponto a alegria e a nostalgia interferem no processo de lembrar? No caso presente, memórias sobre cinema, das sessões dos filmes, dos amigos, dos anos 1950, de Duquinha, da praça central da cidade, sentimentos, momentos, alegrias, decepções, vida, morte. Por isso é tão importante lembrar ou esquecer.

Em geral, as recordações são muito caras às pessoas. Não se deve ao acaso o fato de estarem sempre envolvidas por um colorido poético. As mais belas lembranças são as da infância. Antes de tornar-se o fundamento de uma reelaboração artísticas do passado, a memória deve, certamente, ser trabalhada; e neste caso, é importante não perder a atmosfera emocional específica sem a qual uma lembrança evocada em todos os seus pormenores nada mais faz a não ser provocar um amargo sentimento de decepção (TARKOVSKI, 2010, p. 29).

O escritor Augé (2001), no prólogo de seu livro *As Formas de Esquecimento*, indica que o esquecimento é tão necessário à sociedade como ao indivíduo. É preciso saber esquecer para saborear o gosto do presente, do instante e da espera, mas a própria memória tem necessidade de esquecimento: é preciso esquecer o passado recente para reencontrar o passado antigo. Por isso, o papel do pesquisador-entrevistador surge aqui como um tradutor-interlocutor das lembranças compartilhadas, da descrição do pensamento dos entrevistados. É importante entender que a memória é plural e que todos os entrevistados não têm as mesmas referências e histórias e o que os une, de forma direta e completa, nesta pesquisa, é o jovem-adulto Duquinha que está-estava ali também como referência das próprias existências. E esse relembrar é uma luta contra o esquecimento, contra a perda de si e de outros.

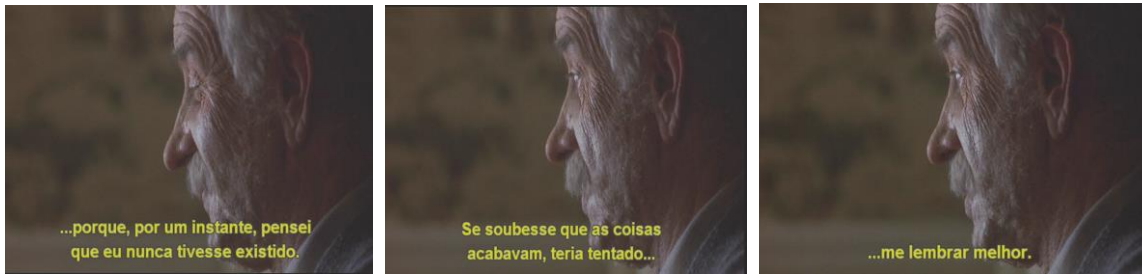
Poderíamos mesmo dizer que o esquecimento seria responsável pela continuidade, pela memória e até pela lembrança. Segundo Lévi-Strauss, é o esquecimento que vem quebrar certa continuidade na ordem mental, sendo responsável pela criação de outra ordem (...). Pois como lembra Paul Zunthor, nos mitos antigos, o esquecimento quer dizer ao mesmo tempo, morte e retorno à vida; destaca-se uma função simbólica que faz dele o momento crucial para reencarnações e escatologias (FERREIRA, 2004, p. 94).

Como exemplo da luta contra o esquecimento, no filme *Avalon* (1990), a família Krichinsky reúne-se todo ano, no dia de ação de graças, em torno do patriarca Sam, que

nesta ocasião conta histórias que viveu, lembrando a sua chegada à cidade de Baltimore nos Estados Unidos em 1914, seu primeiro trabalho, sua dificuldade de adaptação aos novos costumes até a chegada de seus irmãos. É quando ele compartilha intensamente suas memórias com seus familiares. Décadas depois, após perder a esposa, vários parentes e amigos, ele passa a morar num asilo e, eventualmente, recebe a visita de seu neto mais próximo, que cresceu ouvindo e admirando suas histórias. Emocionado, em busca de uma razão de ter existido, ele dialoga com o neto sobre suas memórias, conforme *frames* abaixo:

Figura 1 - Frame: Cenas do filme *Avalon*.





As palavras do personagem do filme *Avalon* indicam que é necessário lembrar para confirmar a própria existência, trajetória. Assim, com alegria, plenitude, melancolia ou decepção, nossas memórias viverão mais do que nós mesmos através daqueles que registram, entendem e respeitam o que fomos. Por isso, para os entrevistados e pesquisador-entrevistador, falar-ouvir sobre A.G.M. é renascer, com toda a felicidade e amargura que o processo pode trazer. De acordo com Bosi (1995), narrar também é sofrer, quando aquele que registra a narrativa não opera a ruptura entre o sujeito e objeto. Assim, via memória individual de cada entrevistado, registrada, interpretada e, agora coletivizada, Alexandrino renasce de várias maneiras, como talvez nunca fosse imaginado, antes dessa busca incansável pela preservação de sua memória e da memória de um tempo específico.

1.2. Itaúna: Uma Travessia

A notícia da morte de meu pai chegou faz três semanas. Era um domingo de manhã e eu estava na cozinha preparando o desjejum do meu filho pequeno. Antes mesmo de fazermos as malas e partirmos, na viagem de três horas de carro até Nova Jersey, compreendi que eu teria que escrever sobre meu pai. Não tinha plano algum, nenhuma idéia mais precisa do que isso podia significar. Nem sequer consigo me lembrar de ter tomado uma decisão a respeito do assunto. Simplesmente estava ali, uma certeza, uma obrigação que começou a se impor a mim no instante em que recebi a notícia. Pensei: meu pai se foi. Se eu não agir depressa, sua vida inteira vai desaparecer junto com ele (Auster, 1999, p. 11).

À semelhança do escritor norte-americano Paul Auster, a morte de Alexandrino, meu pai, provocou uma inquietação e necessidade de prestar tributo, homenagem à memória das realizações empreendidas em prol do cenário cinematográfico em Belém. Como testemunha de muitas dessas ações, entendo que sua ausência não deve significar esquecimento do envolvimento que o impulsionou a interagir com profissionais da área e contribuir com a ampliação da cultura cinematográfica amazônica. Essa trajetória merece ser preservada.

Alexandrino Gonçalves Moreira nasceu em Itaúna, Minas Gerais, município localizado no Quadrilátero Ferrífero, no Colar Metropolitano da Região Metropolitana de Belo Horizonte,

a apenas 76 km da capital. Itaúna é um topônimo de origem tupi que significa pedra negra, através da junção dos termos itá (pedra) e un (negro). O Município foi instalado em 02 de janeiro de 1902 e logo apresentou características rurais que foram lentamente modificadas pelo progresso econômico, sem alteração nos valores básicos de sua população como a solidariedade, a religião (predominantemente católica) e o constante encontro de seus habitantes que criavam laços de amizade e consideração. A entrevistada Maria Alice Nogueira (entrevista fev. 2014), registra essa mudança na sua memória:

No período da minha infância, Itaúna era uma delícia morar. Era uma cidade, assim, pacata, tinha muitos lugares para criança brincar durante o dia. As mães levavam a gente à missa, depois a gente ia lá pra praça era tudo de terra, a gente ficava brincando ali de pique, de esconde-esconde, de peteca, de bola. Tinha algumas coisas que a gente lembrava-se de pedir aos pais que era uma pipoca, que era um algodão doce. Mas depois foi crescendo e assim como eu fui crescendo, Itaúna também foi crescendo. E eu me lembro bem daquela época que eu era criança os vereadores não ganhavam dinheiro, eles não trabalhavam pra ganhar dinheiro. Nem o prefeito. Não havia isso, sabe? E hoje você vê como é que é.²

Itaúna é uma cidade onde a religião católica, como na maioria das cidades de interior de Minas Gerais, é predominante. Muitas famílias se reuniam nos finais de semana para missas realizadas por padres referências na cidade. Eles eram fontes de conselho, aprovação e/ou reprovação, de incentivo e proteção daquelas famílias. Era comum a presença dos padres nos lares dos itaunenses, numa relação de confiança que reforçava o respeito dos habitantes à igreja católica. A igreja Matriz da cidade periodicamente reunia cidadãos de Itaúna e cidades vizinhas, para manter a tradição religiosa. Itaúna vivia a rotina dos rituais católicos quando, nos anos 1940, um episódio marcou a rotina da cidade.

Em 1945, numa gruta localizada na então chamada Vila Mosart, apareceu para dois homens, a Virgem Maria. Um farmacêutico ateu desafiou a aparição, dizendo que os outros estavam loucos ou mentindo. De repente, ele foi ficando pálido, caiu de joelhos e desmaiou. Depois disto, mandou construir uma igreja no local próximo a gruta com a imagem de Nossa Senhora de Itaúna, criada com a orientação de quem a viu. Muitos milagres foram atribuídos a ela e desde então é um ponto turístico e de fé até hoje dos habitantes da cidade (Macedo, entrevista jul. 2014).

Com valores rígidos e tradicionais, os itaunenses tinham pouca variedade de diversão e uma das principais referências dos jovens durante várias décadas foi a praça central da cidade, onde muitos se encontravam para conversar, trocar ideias e saber das novidades. Segundo a escritora itaunense Vera Lúcia Macedo³,

² Maria Alice Nogueira, 70 anos, irmã de A.G.M.

³ Macedo (2014), 72 anos, professora universitária e escritora. Coautora do livro Itaúna. Pedra de Cetim, 2001.

Itaúna era uma cidade hospitaleira e já pronta para receber o Título de Cidade Educativa do Mundo, fato que veio acontecer muitos anos depois. As escolas primavam por um ensino sério e de qualidade. Era uma cidade do interior, mas atualizada, uma gente feliz e culta.

Itaúna, cidade rural, conforme retrato de 1952.

Figura 2: Vista parcial da praça matriz de Itaúna-MG. 1952.



Fonte: Acervo Particular de Maria Alice Nogueira.

Como determinadas cidades interioranas do estado de Minas Gerais, antes de 1920, Itaúna teve um limitado desenvolvimento econômico que restringiu por décadas seu desenvolvimento político, educacional, cultural e artístico. A ampliação da área cultural da cidade aconteceu principalmente a partir do final dos anos 1920, quando foi inaugurado o Cine Rex e, posteriormente, no início dos anos 1950, quando foi fundada a Rádio Clube de Itaúna. O Cine Rex possibilitou ao público itaunense conhecer a magia do Cinema em 1928, criando novos hábitos e paixões entre seus frequentadores. A Rádio Clube de Itaúna, foi fundada em 1949 e iniciou suas atividades a partir de 1950, trazendo informação, música e revelando novos talentos em seus programas semanais.

Embora mais conservadora, a família itaunense educava seus filhos para o mundo; daí muita gente brilhar no cenário nacional e internacional, tanto na política como nas artes, na literatura e nas ciências, sejam as biológicas sejam as exatas. Os valores éticos, a nobreza de caráter, a honestidade e a fé eram aprendidas no seio da família, na escola. Havia os hábitos saudáveis do esporte, as horas dançantes no Automóvel Clube em que desfilavam orquestras famosas, tudo sob o olhar vigilante dos pais. Havia também shows promovidos pelo Sr. Alexandrino Moreira, em que os artistas renomados no circuito Rio de Janeiro/ São Paulo se apresentavam para o público itaunense. O teatro sempre foi uma característica da cidade que conta, atualmente, com várias casas de espetáculo e grupos teatrais de qualidade (Macedo, entrevista jul. 2014).

Segundo a escritora itaunense Mendes (2001, p. 32)⁴, a cidade tinha seus tipos populares conhecidos por muitos que frequentavam o centro da cidade, especialmente perto da praça central, onde “circulava gente sem pompa, desprovida de tudo, jogada aqui e ali, cuja vida se resumia em dois caminhos: aceitação e humildade”. Quando o autor desta dissertação visitava Itaúna nas férias, gostava de ir para a praça com a família, pois como era uma cidade pequena, havia poucos lugares de grande concentração de pessoas e, como a maioria das crianças, além de ver o movimento dos habitantes, gostava de brincar por ali. Numa referência à Bosi (1995, p. 67), citando Henri Bérghson, “fatos lembrados tendem a conservar o significado que tinham para o sujeito no momento em que os viveram”.

Nas lembranças do autor deste texto quando adolescente, na praça, muitos personagens marcavam presença e provocavam curiosidade pela forma de vestir, andar, se relacionar. Era interessante ver as pessoas se cumprimentarem com respeito e consideração. O padre José Neto, conhecido como Padre Zé Neto, era uma presença constante no centro da cidade, pois a igreja matriz ficava na praça. Sua presença era forte, enigmática e transmitia uma sensação de poder e proteção para os mais devotos. Ele era uma referência religiosa para a maioria e, onde estivesse, era cumprimentado. Nos anos 1940 e 1950, vários personagens itaunenses que ali passaram como meros transeuntes e testemunhas do crescimento da cidade, anos depois, construíram suas trajetórias bem longe dessa bela praça. E entre esses personagens estava Alexandrino Gonçalves Moreira, filho de Alexandre (seu Duca). Em função do apelido do pai, familiares e amigos apelidaram A.G.M. de Duquinha.

A história de A.G.M. começou em uma família que não apresentava uma condição financeira com maior conforto e tranquilidade. A família tinha como referências a força e a personalidade dos pais de A.G.M., Alexandre e Divina. O casal gerou nove filhos. Alexandrino foi o primogênito, nascido em 1932. Por conta da formação religiosa, todos os membros da família apresentaram estes valores como base da sua educação. Com a posterior melhoria da vida financeira, os filhos começaram a frequentar a escola e a participar de atividades religiosas que eram sagradas e tradicionais em Itaúna. A.G.M., quando criança, começou a

⁴ Maria Lúcia Mendes, 74 anos, escritora. Coautora do livro Itaúna. Pedra de Cetim, 2001.

participar de missas e foi coroinha⁵ da paróquia por algum tempo, criando uma forte relação com o Padre José Neto que, durante várias décadas, foi o responsável pela igreja matriz da cidade. Adolescente, priorizou o trabalho, dando menos espaço para a rotina religiosa de missas e cerimônias. A irmã, Maria Alice Nogueira (entrevista fev. 2014), se refere à rotina familiar desse período.

O papai era um senhor assim. Ele veio do bairro pobre Várzea de Olaria e trabalhava na zona rural, e aqui ele arranhou emprego. Ele arranhou emprego na fábrica, na Companhia industrial Itaunense e trabalhava à noite. Minha mãe era muito doente, então, com os filhos todos pequenos, o papai fez muito esforço pra criar a gente no caminho do bem e, por isso, que o Duquinha começou a trabalhar cedo com o papai.

O pai de A.G.M., Alexandre, trabalhava à noite na Companhia Industrial Itaunense e durante o dia comprava lenha, para depois, em carroça, vender. Duquinha ajudava nessa venda. Algum tempo depois, junto com Zito, seu irmão, ele fazia plantão na praça central para engraxar sapatos das pessoas que circulavam por ali e, com isso, acostumou-se a ter sua própria renda. Anos depois, ainda adolescente, foi trabalhar no Cine Rex⁶ como vendedor de bombons, lanterninha e operador cinematográfico.

A gente nessa época ia pra escola era descalço. A mamãe fazia pra gente era bolsa de pano, sacola de pano. A gente ganhava dois, três cadernos, não era o que é hoje. E era tudo muito gostoso. Hoje com essa tecnologia toda eu não trocava pelos anos que eu vivi de criança. E o Duquinha também. Eu tenho certeza que não. Ele gostava muito, muito mesmo, de ter o trocadinho dele. Ele saía de dia, ia pra praça ele com o outro meu irmão, José, engraxar sapatos das pessoas mais simples que sentavam lá, e pegava o dinheirinho dele.

Segundo Maria Alice Nogueira (entrevista fev. 2014), A.G.M. tinha uma personalidade forte e o desejo de ser independente. Tais características auxiliaram na perseverança e construção de sua trajetória. Ele comentava que a sua infância foi muito rica de acontecimentos desde o momento em que começou a entender suas potencialidades e virtudes, procurando iniciativa para fazer e aprender com as situações que surgiam na sua vida. Demonstrando interesse e curiosidade, ele percebeu sua vida modificada a partir do momento em que descobriu o cinema, depois de observar o Cine Rex, da praça onde engraxava sapatos.

⁵ Coroinha, criança ou adolescente que auxilia os sacerdotes durante a celebração de Missas. A.G.M. lembrava com frequência do período em que foi coroinha e costumava cantar algumas canções religiosas que tinha aprendido na época.

⁶ Cine Rex (1928-1981), um dos cinemas mais populares de Itaúna, ponto de cultura e entretenimento da cidade por várias décadas.

Figura 3 - A.G.M. ao lado do cartaz do filme *Pacto Sinistro*, 1951.



Fonte: Acervo Particular de Maria Alice Nogueira.

A cena acima, retratada pela foto, em que A.G.M. registra o cartaz da programação do cine Rex, em 1951, na praça matriz de Itaúna, reitera o envolvimento dele com a sétima arte. Uma cena, entre tantas outras, que o enredaram nas artimanhas da cinefilia quando criança e que, anos depois, o levariam a realizar ações a favor do desenvolvimento da cultura cinematográfica entre cinéfilos.

1.3. Imersão no mundo do cinema: Cine Rex

Papai, um dia eu vou cruzar aquela serra e vou ter um cinema longe daqui. (A.G.M.)⁸

Figura 4 - Frame: Cenas do filme *Cinema Paradiso*.



A descoberta do cinema pelo menino Duquinho, se associa ao filme *Cinema Paradiso* (1988) cujo enredo apresenta um vilarejo do interior da Itália onde, durante a Segunda Guerra Mundial, o garoto Totó tem como principal diversão ficar às tardes na sala de projeção de um

⁸ Palavras de A.G.M. para seu pai, relatadas por sua irmã, Maria Alice Nogueira. Entrevista realizada em fevereiro de 2014.

cinema fazendo companhia ao projetorista Alfredo que, aos poucos, o ensina a amar o cinema, mudando sua vida para sempre. À semelhança do protagonista do filme *Cinema Paradiso*, A.G.M. começou a interagir e a sonhar com o mundo da sétima arte através de uma sala de exibição que chamou atenção de crianças, jovens e adultos e que durante décadas foi uma grande referência de cultura e entretenimento da cidade: o Cine Rex. Fundado em 1928, por Crispim Magalhães, este cinema provocou uma grande alteração no comportamento cultural da cidade. O Cine Rex era localizado no centro da cidade, em um lado da praça matriz, e encantou várias gerações de itaunenses que não conheciam a beleza da sétima arte e que não tinham muitas opções de entretenimento até a inauguração dessa sala.

Em Itaúna, era cinema que a gente tinha que ir e anos depois, para a rádio. Moça não podia entrar em barzinho. Então, não tinha aonde ir. (...) A gente não podia. Tinha até uma casa que chamava Petisqueira, na Rua Silva Jardim, que era uma coisa mais bem montada, onde as pessoas podiam chegar, mas ninguém tinha coragem, porque a moça se fizesse isso ia ficar falada. Então, a gente ia pra praça e ficava andando lá, e os rapazes lá parados, nos olhando. Depois, íamos para o Cine Rex (Neusa Regal)⁹.

A paixão pelo cinema começou efetivamente quando seu pai o levava aos domingos para assistir aos desenhos dos estúdios Disney¹⁰. A.G.M. assistia, além dos desenhos, *trailers* em exibição e sonhava em ver no cinema todos os filmes, mas o pai não permitia. Cada vez mais interessado no cinema, Duquinha, na adolescência, já tinha uma renda própria de pequenos trabalhos como engraxate na praça principal da cidade e, segundo suas declarações, alguns trocados ganhos no trabalho sempre eram destinados para ver filmes no Cine Rex.

⁹ Neusa Regal, 83 anos, professora aposentada. Entrevista realizada em fevereiro de 2014.

¹⁰ Os estúdios Disney foram fundados pelos irmãos Walt Disney e Roy Oliver Disney em 1923. É uma das empresas pioneiras na indústria de animação.

Figura 5 – Fachada do Cine Rex.



Fonte: Acervo Particular de Maria Alice Nogueira.

Aos 12 anos ele começou a trabalhar nesse cinema, inicialmente como vendedor de bombons, lanterninha¹¹, depois assumiu funções importantes como operador cinematográfico¹². A.G.M. lembrava com carinho seu contato inicial com o cinema. Segundo ele, “a primeira vez que entrei numa cabine de projeção foi interessante. Fiquei encantado. Lembro que quando entrei estava sendo exibido o filme *Tempos Modernos* (1935) de Charlie Chaplin”. Ao trabalhar no Cine Rex ele descobriu a importância do cinema vendo os filmes em exibição e tinha interesse especial nos seriados (A.G.M., entrevista O Liberal, 27/08/97).

A irmã de A.G.M., Maria Alice Nogueira, lembra ter ouvido naquela época uma conversa entre ele e seu pai: “Papai, um dia eu vou cruzar aquela serra e vou ter um cinema longe daqui”. Décadas depois, o sonho se realizou. E tudo começou com o Cine Rex¹³ que, entre um trabalho e outro do jovem Duquinha, proporcionou que ele entrasse em contato com o mundo do cinema e o mantivesse para sempre. Um de seus amigos de juventude, Marcos Elísio Chaves Coutinho (entrevista fev. 2014)¹⁴, tem grandes lembranças sobre o Cine Rex, Duquinha e seus hábitos.

¹¹ Lanterninha de cinema, funcionário que ajudava o espectador a entrar no cinema e localizar uma poltrona para assistir ao filme em exibição. No formato atual das salas de exibição, esta função foi extinta.

¹² Operador cinematográfico, profissional que exerce a atividade de projeção de filmes.

¹³ A partir dos anos 1950, o Cine Santana (depois chamado de Cine Bagdá) ganhou destaque na programação cultural local. Esta sala de exibição tinha 1.500 lugares, apresentando mais conforto que o Cine Rex. Além destas salas, o Cine Popular esteve em atividade por muitos anos.

¹⁴ Marcos Elísio Chaves Coutinho, 74 anos, professor universitário aposentado.

Conheci o Duquinha entre as décadas de 1940 e 1950. Ele era muito amigo, principalmente dos meus irmãos e naquela época, a única distração que a criança tinha era o cinema. Quer dizer, não tinha televisão, não tinha nada. Então, a gente era atenta para acompanhar os seriados no cinema e não aguentava esperar a terça-feira e o sábado quando passava os seriados (...). A gente ia pro Cine Rex e tínhamos entrada franca lá. Então nós íamos acompanhar o Duquinha. Então, qual que era o trabalho dele? À noite, no início era de baleiro, vendia amendoim, todo dia fazia o amendoim torrado e as pessoas assistindo filme, compravam aquilo (...). Então, a gente ia pra lá e o Duquinha estava lá sempre para preparar as tabuletas que eram “mostradores” onde os cartazes dos filmes eram colocados.

Esses cartazes, depois, eram colocados na praça matriz, no armazém próximo ao cinema e na porta da Companhia Industrial Itaunense¹⁵ porque eram lugares de grande fluxo de pessoas. A Companhia Itaunense tinha quase mil operários, logo, a maioria poderia ver a tabuleta e saber da programação do cinema, que exibia filmes de várias distribuidoras e produtoras como a *Columbia Pictures*¹⁶. A programação que mais agradava à maioria dos jovens da época eram os seriados. Mas, além de chamar a atenção dos espectadores pelos filmes em exibição, o Cine Rex teve particularidades que ficaram na memória de muitos que o frequentavam.

Figura 6: Interior do Cine Rex. 1950.



Fonte: Acervo Particular de Maria Alice Nogueira.

¹⁵ Companhia Industrial Itaunense foi fundada em 1911 e desempenhou papel importante no contexto sócio-econômico de Itaúna e região. Com sua força produtiva, gerou trabalho, emprego e renda em grandes proporções. Em períodos de estabilidade financeira, empregou mais de 3.000 trabalhadores. Em função de empresas como Cia. Itaunense, Itaúna ganhou fama de cidade com perfil industrial, com destaque para a indústria têxtil e a indústria metal-mecânica. Em 1999, devido a questões financeiras e de mercado, encerrou suas atividades.

¹⁶ Anos depois, a Columbia Pictures foi a principal distribuidora de filmes das salas de exibição criadas e programadas por A.G.M., com uma rara exclusividade no mercado de exibição nacional.

Naquela época, não existiam sanitários nessa sala de exibição. Os homens tinham direito de usar um passeio na lateral do cinema no intervalo, mas um cheiro forte às vezes invadia o cinema. Então, Duquinha lavava essa área e depois ficava no *hall* de entrada fiscalizando os espectadores. Além disso, o Cine Rex tinha um mezanino que era usado pelo público quando a sala estava lotada. Todos ficavam em pé e era nesse local que muitos namoros surgiram, pois era uma área que, por ser mais reservada, permitia mais liberdade no comportamento dos espectadores. Segundo a escritora itaunense Mendes (2001, p. 45), “muitos espectadores, por questão de hábito, assentavam-se sempre nos mesmos lugares, não faltando os pontos estratégicos preferidos pelos casais de namorados”.

Diariamente, Duquinha saía de casa para trabalhar no Cine Rex de carroça e posteriormente, de bicicleta. Com muito trabalho, ganhou a confiança dos donos do cinema e foi promovido. Da portaria, ele foi transferido para trabalhar na sala de projeção para enrolar¹⁷ os filmes e, em seguida, exerceu a função de projetorista cinematográfico. Nesse período, anunciava os filmes em exibição num auto-falante que ficava na frente do cinema, direcionado para a praça central da cidade. Ele inventava várias frases relacionadas aos filmes para chamar o público que tinha o costume de chegar cedo à praça para conversar e namorar, antes das sessões do cinema. Quando chegava a hora da sessão, o público ouvia um tema musical que, quando executado, significava que o filme ia começar no Cine Rex¹⁸.

Segundo Neusa Regal, frequentadora dessa sala de exibição e amiga de Duquinha, era executada a música *O Despertar da Montanha*¹⁹, numa versão musical orquestrada, 15 minutos antes do início do filme. Esse tema se tornou o prefixo do cinema e este era o sinal: estava na hora de deixar a praça, o olhar dos rapazes e moças e ir correndo para o cinema com as colegas (porque nessa época, mulheres não iam sozinhas para o cinema).

Desejando proporcionar aos itaunenses maiores atrações, o Cine Rex teve suas noites de glória. Nomes famosos passaram por aquele palco: Vicente Celestino, Ângela Maria, Nelson Gonçalves e o maior cômico que o cinema brasileiro conheceu: Oscarito. A dupla Oscarito-Grande Otelo fazia vibrar o público, tornando as chanchadas da Atlântida um sucesso à parte (MENDES, 2001, p. 46).

¹⁷ Enrolar era um termo usado pelos projetoristas de cinema para a montagem dos filmes para exibição que chegavam aos cinemas dentro de latas separadas, cada uma com rolos de 20 minutos de filme. O projetorista tinha que enrolar (montar) o filme na máquina de projeção para a exibição ao público.

¹⁸ Cine Rex possuía um alto-falante de grande potência e tamanho posicionado na sua fachada para que todos na praça e redondezas pudessem ouvir o tema musical que anunciava o início da sessão.

¹⁹ Tema musical composto por Eduardo Souto e Francisco Pimentel em 1949.

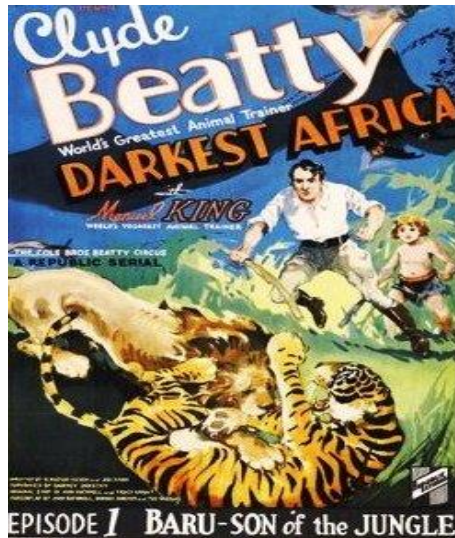
Com a constante exibição de filmes de vários gêneros, essa sala de exibição começou a ter um público cada vez mais cativo e algumas impressões receptivas começaram a dividir os espectadores. A maioria dos homens gostava de ver os filmes de aventura e ação. As mulheres, em grande parte, preferiam os filmes românticos. Segundo Marcos Elísio Chaves Coutinho (entrevista fev. 2014), um dia ele foi ver um filme com seu irmão e na saída ele comentou: “Nunca vi um filme tão ruim, não teve nenhum soco, não teve nem um murro. Pensar que um filme desses é bom não tem cabimento. O que é isso? A gente gostava de ver faroeste e os filmes do domingo eram melodramas, filmes que a gente falava filme de amor. Filmes de amor? Nem morto. Nós gostávamos de seriado. Quando a gente perdia um seriado, o Duquinha contava tudo pra gente”. Os seriados de aventura tinham a preferência da maioria dos rapazes de Itaúna e, entre estes, Duquinha era um dos mais entusiasmados.

A.G.M. conversava muito sobre cinema, em todos os seus gêneros, com amigos mais próximos e familiares. Mas, quando falava sobre os seriados, seu discurso era distinto, referindo-se diversas vezes aos seriados que tinha visto no Cine Rex. Sua memória era singular para os detalhes de cada cena, música, ator, atriz, diretor. Quando foi criado o mercado de locação de filmes em *VHS (Vídeo Home System)* nos anos 1980, perguntava diversas vezes se algum seriado exibido no Cine Rex foi lançado²⁰. Mas poucos títulos chegaram ao mercado brasileiro. Somente com filmes em *DVD (Digital Versatile Disc)*, no final dos anos 1990, muitos seriados, especialmente dos anos 1940 e 1950, chegaram ao mercado nacional e internacional. Ele se referia aos seriados como trabalhos modestos, sem uma grande produção, sem altos orçamentos, mas que conseguiam agradar ao público pelas suas histórias, às vezes ingênuas, às vezes escapistas, que conseguiam encantar especialmente os jovens. Um dos seriados mais conhecidos à época era *A Deusa do Joba* (1936)²¹.

²⁰ Em 1990, A.G.M. administrava três salas de cinema e inaugurou uma locadora de vídeo que repetiu o ideal cineclubista na sua seleção de filmes para locação, contendo, no seu acervo, muitos seriados antigos exibidos nos cinemas.

²¹ *A Deusa do Joba*, seriado realizado em 1936 pela produtora *Republic Pictures* com 15 episódios. Na história central do seriado está o personagem Clyde Beaty, que parte em uma perigosa jornada à cidade perdida de Joba para salvar sua irmã raptada.

Figura 7 - Cartaz do seriado *A Deusa de Joba*.



Fonte: Google Images.

Entre seus seriados preferidos, A.G.M. citava *A Deusa de Joba*, que tinha um lugar especial na sua memória pela emoção e imaginação que foram provocados quando era jovem. Ele insistia que, para entender e gostar de cinema, o cinéfilo deveria assistir aos seriados realizados nesse período, como uma forma de perceber a produção dos filmes, a elaboração de roteiros, a limitação de orçamento e a revelação de vários atores e diretores que iniciaram suas carreiras nessas produções.

Os seriados de cinema marcaram um longo período, vindo da fase muda (*Os Perigos de Pauline*, 1914) e ganhando força nos anos 30/40 com aventuras de personagens saídas dos quadrinhos ou de diversas formas de fantasia. No Brasil, o comum era os filmes serem divididos em séries, cada uma com dois episódios. As séries eram exibidas nos cinemas comerciais entre filmes B, a maioria western. Como eram programas de censura livre, o normal era ganharem sessões vesperais (Pedro Veriano, entrevista set. 2014).

A partir do Cine Rex, suas particularidades, filmes e seriados, o cinema começou a fazer parte da vida de A.G.M. Anos depois, ele deixou de trabalhar nessa sala de exibição graças às novas oportunidades e levou consigo uma paixão definitiva, continuando a exercer a sua cinefilia em outros lugares e de várias formas. Citando o crítico Ebert (2004, p. 11)²², “os filmes são janelas para o mundo e nos permitem desvendar outras mentes – não pela identificação com os personagens, embora seja uma parte muito importante – mas por nos oferecerem a oportunidade de ver o mundo como outras pessoas o vêem”. Essa diversidade

²² Roger Ebert (1942-2013), um dos críticos norte-americanos mais influentes de sua época. Em 1975, tornou-se o primeiro crítico de cinema a vencer o Prêmio *Pulitzer* de Crítica.

de olhares que o cinema proporcionou ao jovem A.G.M. abriu caminhos para outros desafios que sempre foram acompanhados pelo seu amor ao cinema, onde estivesse.

Na época da minha mocidade, o cinema estava no auge. O ano de 1946 teve o maior número de espectadores em todo o mundo já registrado. Era divulgado de tal maneira que fascinava. Era época de Alfred Hitchcock, Frank Capra, John Ford (meu diretor preferido), Raoul Walsh, a nossa Carmem Miranda. Não tínhamos televisão no Brasil, então tinha o cinema que cativava a mocidade (A.G.M., entrevista O Liberal, 27/08/1997).

Ele, imbuído do espírito estético-amoroso pelo cinema, anos depois apresentou um programa de cinema na rádio local, procurou cada vez mais informações sobre o mundo da sétima arte, foi à capital de seu estado para ver filmes que eventualmente não seriam exibidos em Itaúna e participou de um curso de cinema com o padre Guido Logger²³. Como uma forma de aprendizado, adquiriu o hábito de ler e colecionar críticas de cinema de grandes nomes do jornalismo cultural mineiro e posteriormente do Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. O crítico de cinema Moniz Viana²⁴ era uma referência importante, assim como Paulo Perdigão²⁵ (SP) e Hélio Nascimento²⁶ (RS), entre outros. Anos depois, A.G.M. começou a escrever com frequência críticas de cinema e a participar cada vez mais da vida cinematográfica, em outra cidade, mas o Cine Rex sempre estava na sua memória. Em 1981, com a crise no mercado nacional de exibição, a sala de exibição fechou suas portas, criando um vazio irreparável nas gerações que ali se encontraram, sonharam e conheceram a força da sétima arte.

Demoliram o Cine Rex. Seguindo a lei natural de todas as coisas, o nosso mais antigo cinema chega ao fim. Em seu lugar, o progresso elevou um edifício majestoso, modificando assim a paisagem da praça da matriz. (...) O Cine Rex tem seu lugar reservado na lembrança de cada um. Ponto de encontro da juventude que ali se reunia, olhando os cartazes ou discutindo sobre este ou aquele filme, o velho cinema foi cúmplice de muitos sonhos e romances (MENDES, 2001, p. 45).

O fechamento do Cine Rex deixou imenso vazio na maioria dos itaunenses que passaram décadas prestigiando essa sala. Lembranças do cinema lotado, dos assentos escolhidos e cativos em toda a sessão, dos pontos estratégicos para casais de namorados, do escurinho do ambiente, das filas na bilheteria, dos lanterninhas, dos vendedores de

²³ Padre Guido Logger fazia parte da arquidiocese da capital mineira e colaborou na organização de cursos de cinema e na criação de cineclubes em Belo Horizonte.

²⁴ Antonio Moniz Vianna (1925-2009) escreveu críticas de cinema no jornal carioca Correio da Manhã (1901-1974), de 1946 a 1973.

²⁵ Paulo Perdigão (1939-2006) atuou como crítico de cinema por mais de trinta anos em diversos jornais e revistas. Foi responsável pela primeira coluna de cinema de filmes exibidos na TV.

²⁶ Hélio Nascimento, 74 anos, crítico de cinema, começou a escrever Jornal do Comércio de Porto Alegre-RS em 1961.

bombons, dos astros e estrelas protagonistas dos filmes, ficaram na memória de muitos cinéfilos. “Era o ponto de encontro das mocinhas da sociedade e era bastante tradicional. Era um divertimento gostoso e nós já sabíamos das críticas bem fundamentadas de Alexandrino Moreira realizada na rádio”, segundo Macedo (entrevista março 2014).

Na sua simplicidade, sem o conforto dos cinemas da capital do estado, o Cine Rex recebeu espectadores dos mais diversos tipos e classe sociais. Localizado no centro da cidade, próximo à praça central, preços populares nos ingressos, a sala de exibição transformou-se num patrimônio cultural dos habitantes de Itaúna. Dos adeptos dos seriados, às matinais de filmes com Tarzan²⁷, dos faroestes com John Wayne²⁸, das comédias clássicas às chanchadas da Atlântida Cinematográfica²⁹ com Oscarito e Grande Otelo, o Cine Rex proporcionou momentos felizes para aqueles que acompanharam seu funcionamento até 1981. E as lembranças perduram como se o cinema ainda existisse, como relata Ângelo Braz de Matos.

Eu já sonhei com o Cine Rex algumas vezes. Sonhei em chegar, olhar o Cine Rex, o cartaz. Essa cena de entrar para ver os cartazes dos filmes. Ver o que está passando e querer ir ao filme, mas no sonho você fica querendo ir ao filme e não tem jeito de você ir ao filme. É a morte mesmo, eu imagino assim. Você quer ir, mas não tem jeito. E falo: “Mas o cinema está aqui gente, como não tem jeito?”. Eu sonho assim, já sonhei com isso várias vezes. Um sonho parecido com o outro e era no Cine Rex (Ângelo Braz de Matos, entrevista fev. 2014)³⁰.

Enquanto Ângelo Braz de Matos continuou em Itaúna, saudoso das sessões do Cine Rex, A.G.M., assim como o personagem Totó, de *Cinema Paradiso*, cresceu e desejou novos desafios, longe de sua cidade natal, mas o amor pelo cinema já tinha se instalado. O entusiasmo do jovem Duquinha quando entrou no Cine Rex pela primeira vez continuou. Nas matinês, nas sessões vesperais, nos seriados e em todos os filmes vistos nesse cinema, um amor pela sétima arte permaneceu. Ao ver um filme que lhe agradava, muitas vezes ele ficava alterado, enaltecendo o trabalho com entusiasmo. Assim como Totó, ele foi para longe do lugar de origem, mas de alguma forma, voltava ao ritual do Cine Rex, das descobertas, dos sonhos revelados e criados pelo cinema.

²⁷ Tarzan, personagem criado pelo escritor Edgar Rice Burroughs em 1912. A primeira versão do personagem para o cinema foi *Tarzan, O Homem Macaco*, realizado em 1918.

²⁸ John Wayne (1907-1979), ator americano, iniciou sua carreira no cinema em 1930. Ficou famoso por sua parceria com o diretor John Ford, em clássicos do cinema como *No Tempo das Diligências* (1939) e *Rastros de Ódio* (1957).

²⁹ Atlântida Cinematográfica, companhia cinematográfica brasileira fundada em 1941. Produziu 63 filmes até 1962, quando encerrou suas atividades. Revelou artistas importantes como Grande Otelo, Oscarito, Zé Trindade, Cyl Farney, Eliana Macedo e Fada Santoro.

³⁰ Ângelo Braz de Matos, 57 anos, professor. Freqüentador do Cine Rex.

1.4. Nas Ondas do Rádio: Atualidades Cinematográficas com Alex Moreira³¹

Desde a infância, A.G.M. ouvia rádio com frequência. Ele gostava de escutar a narração dos jogos de futebol e noticiários. Nos anos 1940, havia muitos programas cujo alcance do sinal chegava com boa qualidade a Itaúna. Com isso, o interesse por esse veículo foi cada vez maior, até que um episódio marcou a sua vida com relação ao seu futuro profissional. A.G.M. trabalhava com seu pai na lenharia, ajudando no sustento da casa. Um dia, acidentou-se e, em seguida, adoeceu. Um médico foi chamado, mas não achou a razão da febre alta. Ele só piorava e então sua família chamou o padre José Neto que ofereceu a extrema-unção, prevendo seu falecimento. Quando outro médico fez um exame mais detalhado em seu corpo, seu estado de saúde começou a melhorar com o tratamento indicado.

Com a sua recuperação após grave enfermidade, amigos da família chegaram à casa para revê-lo. Segundo Maria Alice Nogueira, um conhecido visitou A.G.M. e lhe falou: “Fica firme aí Duquinha. Nós estamos fundando uma rádio e nessa rádio você vai ser o primeiro locutor”. Quando ele ouviu essa fala, imediatamente sorriu para seu pai. Posteriormente, outra trajetória profissional iniciou na Rádio Clube de Itaúna, que foi fundada em 1949 e iniciou suas atividades em junho de 1950. Um dos responsáveis pela instalação da rádio foi Afonso Cerqueira de Lima³². Seu filho, Afonso Henrique da Silva Lima (entrevista fev. 2014)³³, relata com orgulho uma história que antecedeu a fundação da rádio.

Meu pai nasceu em Itaúna e, depois de algum tempo, foi morar no Rio de Janeiro, por uma questão de doença na família (...). A família mudou-se em 1933, por causa da altitude. Então, o meu pai cresceu lá, estudou lá e ele via, participava da vida como artista, pois ele era um exímio violonista. (...) Muito talentoso, ele conheceu muitos daqueles grandes músicos da época, principalmente sambistas e conviveu com eles. Ele também gostava de música erudita, participando ativamente das apresentações do Teatro Musical, do Teatro Municipal. Mas ele teve um problema sério de saúde (...). Então, ele voltou para Itaúna, de onde ele tinha saído menino. Quando ele voltou, trouxe todas aquelas memórias que ele tinha vivido na Rádio Nacional do Rio.

O rádio era um importante meio de comunicação nesse período. Com o final da Segunda Guerra Mundial, o presidente Eurico Dutra³⁴ acreditava que esse meio de

³¹ Atualidades Cinematográficas, nome do programa de cinema que A.G.M. comandava na rádio. Naquele programa era conhecido como Alex Moreira.

³² Afonso Cerqueira de Lima (1918-2001), graduado em Química Industrial pela antiga Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro e um apaixonado radioamador. Foi um dos fundadores da Rádio Clube de Itaúna.

³³ Afonso Henrique da Silva Lima, 67 anos, diretor da Rádio Clube de Itaúna e filho de Afonso Cerqueira de Lima, um dos fundadores da rádio. Entrevista realizada em fevereiro de 2014.

³⁴ Eurico Gaspar Dutra (1883-1974), décimo sexto Presidente do Brasil, governou o país entre 1946 e 1951.

comunicação deveria ser incentivado. O presidente Getúlio Vargas³⁵ havia pensado nessa função do veículo. O presidente Eurico Dutra ampliou a ideia, criou mecanismos para licenças de operação de rádios no país inteiro. Na década de 1940, surgiram muitas rádios no país e empresários de Itaúna procuraram meios oficiais de incluir a cidade no processo de expansão. Além disso, uma estação de Rádio proporcionava a união de três interesses que agradariam a muitos, de políticos a cidadãos: o interesse técnico, o artístico e o político. A Rádio Clube de Itaúna, organizada como sociedade anônima, teve a colaboração financeira de um grupo de pessoas da cidade para montagem e tecnologia necessária para seu funcionamento.

Figura 8 - Alex Moreira – A.G.M., Duquinha – (sentado) na mesa de som da rádio com irmão Zito.



Fonte: Acervo Particular de Maria Alice Nogueira.

A Rádio Clube de Itaúna iniciou suas atividades com grande entusiasmo de seus proprietários, mas inicialmente, o número de aparelhos receptores era muito pequeno e os habitantes da cidade dividiam seus rádios com amigos e vizinhos. Como ainda não havia televisão, a rádio era um entretenimento constante³⁶ e, aos poucos, foi despertando cada vez mais interesse. No início de suas atividades, já existia um auditório com profissionais que

³⁵ Getúlio Vargas (1882-1954), presidente do Brasil em dois períodos. O primeiro período de 1930 até 1945 e o segundo período de 1951 até 1954.

³⁶ Nos primeiros meses de funcionamento, muitos itaunenses colocavam o rádio na janela de casa e logo apareciam amigos e vizinhos para escutar a programação.

escreviam rádonovelas³⁷. Com maior audiência, programas começaram a ser criados com a execução de músicas e notícias e A.G.M. foi um dos primeiros locutores.

Eu me interessei pela rádio clube porque nessa época não tinha quase serviço, assim, para moça. Então, queria ser locutora porque eu gostava e também o modo de ganhar alguma coisa, porque meu pai ganhava pouco, minha mãe era costureira, então eu interessei por isso (...). Então, eu trabalhei a noite, fiz teste pra locutora. Quando eu entrei pra locutora, eu trabalhava quatro horas, eu me formei e eu não quis ser professora. Preferi ficar na rádio e eu era locutora lá. Trabalhava duas horas de manhã e duas horas à tarde. Acho que eu fui a primeira locutora aqui em Itaúna a fazer parte de um jornal falado, com o Duquinha, o Alex Moreira. E eu fui. Ele chegava lá com as notícias e a gente nem lia antes, já lia da primeira vez no “ar” (Maria do Pilar Pedrosa)³⁸.

As notícias reproduzidas no programa tinham como fonte os jornais de Belo Horizonte que A.G.M. recortava diariamente. Nesse período, ele fazia a programação musical da rádio e foi o discotecário oficial. Chegada a época de carnaval, ele ia para a capital e fazia compras de discos para execução diária aos ouvintes. Segundo Maria do Pilar, “apesar de não ter muita instrução porque não estudou muito, ele tinha um vocabulário muito bom e era muito instruído na parte de disco, aqueles LPs grandões, de música clássica”.

Na programação da rádio, constava o programa de cinema chamado Atualidades Cinematográficas, no qual eram divulgadas informações sobre filmes em exibição e outros que ainda seriam lançados na cidade. Além disso, executava trilhas sonoras de filmes e transmitia notícias gerais sobre o mundo do Cinema. Por orientação do dono da Rádio, todo programa tinha que ter uma música tema para chamar a atenção do ouvinte e a música tema escolhida para o programa de cinema foi Mambo Jambo³⁹. Como relembra Maria do Pilar, uma das funcionárias da rádio. “Então, a gente escolheu cada música, cada locutor tinha a sua música. A hora que ele ia entrar tocava aquela música, tocava a música do que ia sair e tocava um pedaço da música do que ia entrar. Então, a música que o Duquinha escolheu foi Mambo Jambo”.

Com o programa, A.G.M. transformou-se em um formador de opinião com alcance e credibilidade entre os ouvintes. O que ele indicava para ver nos cinemas era muito considerado. Segundo a escritora Vera Lúcia Macedo, ouvinte fiel de seu programa, ele

³⁷ A Rádio Clube de Itaúna foi a primeira emissora do interior de Minas Gerais a produzir novelas radiofônicas em capítulos, fazendo grande sucesso em toda a região Centro-Oeste.

³⁸ Maria do Pilar Pedrosa, 79 anos, trabalhou na Rádio Clube de Itaúna de 1951 a 1954. Entrevista realizada em fevereiro de 2014.

³⁹ Mambo Jambo, autoria do compositor cubano Perez Prado (1916-1989).

também analisava os filmes em cartaz e falava também dos filmes cotados para o *Oscar*⁴⁰. Era versátil e, com o conhecimento que tinha sobre o assunto, conquistava um público que gostava cada vez mais de cinema. Marcos Elísio Chaves Coutinho, ouvinte da rádio, lembra que, quando foi criado o programa, A.G.M. adquiria a sinopse do filme e mostrava para o professor Drummond⁴¹, que ajudava a corrigir possíveis erros do texto. Então, seu comentário era muito avançado para o contexto cultural da cidade. Outra ação realizada no seu programa de rádio era a escolha dos melhores do cinema de cada ano, selecionando os melhores filmes, atores, atrizes, entre outras categorias, a exemplo da lista abaixo.

⁴⁰ *Oscar*, prêmio do cinema norte-americano oferecido anualmente pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, fundada em 1927.

⁴¹ Professor de português e um dos homens mais cultos de Itaúna.

Figura 9 – Lista dos melhores filmes de 1955.

ATUALIDADES CINEMATOGRAFICAS
 PRODUÇÃO DE ALEX MOREIRA
 BALANÇO DO PRIMEIRO SEMESTRE DO ANO DE 1955
 DATA-15-6-55

TOTAL DE FILMES EXIBIDOS : 318
 CINES POPULAR BAGDAD:- 188
 CINE REX:- 130

OS MELHORES FILMES:-
 DENTRE MUITOS BONS, DESTACAMOS OS SEGUINTES COMO OS DEZ
 MELHORES DO PRIMEIRO SEMESTRE:-

- 1- SOMOS TODOS ASSASSINOS-FRANÇA FILMES DO BRASIL 5 PONTOS
- 2- ALEMANHÃ ANO ZERO- ARTE FILMES 4,5
- 3- MULHERES SEM NOME- ARTE FILMES 4,5
- 4- SEM BARREIRA NO CEU- LONDON FILMES 4
- 5- NASCIDA ONTEM- COLUMBIA PICTURES 4
- 6- A REDE- PELMEX 4
- 7- EUGENIA GRANDET- ARTE FILMES 4
- 8- O AMNHÃ É ETERNO- ALIED- 4
- 9- SUA Magestade O SR. CARLONI- ARTE FILMES 3,5
- 10- ACORDES DO CORAÇÃO- WARNER BROS. 3,5

CITAMOS AINDA:-
 AMOR SEMPRE AMOR- MEU AMIGO AMELIA E EU- MALDIÇÃO DE CAIM-
 A DANÇA DO PECADO- A BELA E A FERA- O OUTRO HOMEM- RAPOSA DO
 DESERTO E OUTROS DE MENOR IMPORTANCIA.

A MELHOR COMEDIA DO SEMESTRE:
 CABEÇA DE PÁU- DA PARAMONT.

SEGUEM COM DETALHES, AS OPINIÇÕES SOBRE O MOVIMENTO GERAL

Fonte: Acervo Particular de Alexandrino Gonçalves Moreira.

A relação dos melhores filmes do ano era apreciada pelos ouvintes que, além do conteúdo, gostavam da chamada musical do programa que era executada antes de iniciar a

locução, transformando-se numa grande lembrança de A.G.M. e sua atuação na rádio. Macedo (2001) recorda da música: “Iremos ao cinema, só se mamãe deixar. Cinema tem problemas, que nem é bom falar. Mas se eu for com o meu amor... trá lá lá lá lá”⁴². Com grande audiência, muitos locutores que tinham programa diário e semanal se transformaram em celebridades em Itaúna, possuindo fã-clube, recebendo cartas e elogios, especialmente das moças que se identificaram com os programas de auditório apresentados na época, incluindo A.G.M., que se identificou com esse tipo de evento na rádio.

Figura 10 - Alex Moreira na apresentação de um programa de auditório.



Fonte: Acervo Particular de Alexandrino Gonçalves Moreira.

Com o cinema considerado como uma arte-entretenimento que encantava a grande maioria dos habitantes da cidade, A.G.M. era um dos locutores mais procurados e, com o sucesso cada vez maior da rádio, novas alternativas em busca de audiência foram criadas, como as rádionovelas⁴³ e os programas de auditório. A rádio realizou programas de auditório apresentando cantores famosos como Francisco Carlos, Luiz Gonzaga, Emilinha Borba, Marlene, Cascatinha, Alvarenga e Ranchinho, Nelson Gonçalves, Cauby Peixoto e Ângela Maria.

⁴² Música de autoria desconhecida que revelava os costumes da época quando as moças da cidade não podiam ir ao cinema sozinhas.

⁴³ A.G.M. interpretou um único personagem na rádio novela sobre a vida de Santa Terezinha.

Estes e outros cantores apresentaram-se graças à parceria de A.G.M. com Cosme Caetano da Silva⁴⁴, homem de rara sensibilidade e inteligência que sempre procurou elevar o padrão de qualidade da programação local. Juntos, eles produziram programas de auditório e apresentavam cantores e algumas celebridades do cinema nacional. Um dos nomes artísticos mais famosos a se apresentar na cidade foi o comediante Oscarito⁴⁵. Com o sucesso, ambos se tornaram promotores de eventos ligados ao cinema⁴⁶, bailes e desfiles⁴⁷.

Meu pai foi pioneiro aqui, escrevendo novela de rádio como escreve hoje o novelista Manoel Carlos⁴⁸ na Rede Globo. Ele escrevia muito bem e falava que nos primeiros anos, a Rádio Clube precisava ir para frente, porque os donos viram que a rádio não dava dinheiro e estavam doidos pra fechar porque o faturamento não era aquilo que eles pensaram. Então ele reuniu com outros colegas e começou a escrever novelas de rádio que fizeram um grande sucesso. Ele escrevia a trama toda, ele criava da cabeça dele, a história, os personagens, a fala de cada personagem (Giovanni Vinicius Caetano e Silva)⁴⁹.

A parceria com Cosme Caetano da Silva resultou em amizade duradoura. Com a intenção de melhorar a qualidade da programação, juntos, foram para Rádio Nacional do Rio de Janeiro⁵⁰ para aprender a produção das rádionovelas e sonoplastia⁵¹ e conheceram grandes nomes do rádio brasileiro como Mário Lago⁵² e Brandão Filho⁵³. Segundo o odontólogo Irineu Macedo, testemunha de alguns trabalhos de A.G.M. e Cosme, “muitos se lembram de Alexandrino e Cosme porque eles não apenas contribuíram para a cultura de Itaúna como fizeram, na época, a cultura de Itaúna”⁵⁴. A parceria durou vários anos, até que um convite para trabalhar no setor bancário mudou a vida de A.G.M. As lembranças daquele período na rádio tiveram destaque especial para A.G.M. e a amizade com Cosme Caetano da

⁴⁴ Cosme Caetano da Silva (1928-2003), um dos grandes nomes da Rádio Clube de Itaúna e um dos melhores amigos de A.G.M. Décadas após seu importante trabalho na Rádio, formou-se em Direito e exerceu a profissão, auxiliando muitos habitantes de Itaúna-MG.

⁴⁵ Oscarito (1906-1970), considerado um dos mais populares comédicos do Brasil. Ficou famoso pela dupla com o ator e comediante Grande Otelo (1915-1993).

⁴⁶ Em algumas ocasiões, o palco do Cine Rex foi utilizado para a realização de *shows* com cantores famosos da época.

⁴⁷ A parceria foi tão bem-sucedida que A.G.M. e Cosme Caetano da Silva registraram uma firma chamada COLEX (Cosme e Alex) para promover eventos em diversos lugares da cidade.

⁴⁸ Manoel Carlos, 82 anos, autor de novelas, série e miniséries de televisão.

⁴⁹ Giovanni Vinicius Caetano e Silva, 53 anos, professor na Universidade de Itaúna, é filho de Cosme Caetano da Silva. Entrevista realizada em fevereiro de 2014.

⁵⁰ A Rádio Nacional do Rio de Janeiro, criada em 1936, é reconhecida como uma das maiores referências do rádio brasileiro. Sua programação variada (com músicas, notícias, humor, esporte e rádionovelas) influenciou diversas estações de rádio no Brasil.

⁵¹ Cosme Caetano da Silva começou a escrever a rádionovela e A.G.M. cuidava da sonoplastia.

⁵² Mário Lago (1911-2002), advogado, poeta, radialista, compositor e ator. Autor de vários sambas de sucesso entre os anos 1940 e 1950, atuou em várias radionovelas da Rádio Nacional.

⁵³ Brandão Filho (1910-1988), ator e humorista. Participou da primeira radionovela na Rádio Nacional em 1942.

⁵⁴ Irineu Macedo, 65 anos, odontólogo. Entrevista realizada em fevereiro de 2014.

Silva manteve-se apesar da distância. Décadas depois da parceria na rádio, Cosme Caetano da Silva visitou Belém e conversas sobre a rádio eram prazerosas para ambos.

Figura 11- A.G.M. e Cosme Caetano da Silva.



Fonte: Acervo Particular de Alexandrino Gonçalves Moreira.

A.G.M. falava com orgulho que trabalhou na rádio de Itaúna e que sempre foi um ouvinte fiel desse veículo de comunicação, especialmente em Belém, participando de programas que permitiam a interação do ouvinte ao vivo. Era comum encontrar rádios de diversos modelos na sua residência. Felizmente, no seu último ano de vida, ele teve a oportunidade de voltar a trabalhar com esse veículo num programa de variedades na Rádio Marajoara⁵⁵ onde, como convidado, discorria sobre assuntos econômicos, políticos e culturais. Ele sentia uma enorme satisfação em colaborar neste programa. Foi um dos acontecimentos mais felizes de seus últimos anos de vida, especialmente após o falecimento de sua esposa, Maria de Lourdes, em 2004.

De certo modo, voltar ao mundo do rádio era lembrar-se de tudo que fez na Rádio Clube de Itaúna nos anos 1950. “O tempo da memória, afinal, não é apenas o tempo que já passou, mas o tempo que nos pertence” como diz o protagonista do filme *Reis e Rainha* (2004). Nesse intenso encontro de passado e presente através da rádio, A.G.M. reivindicou seu próprio tempo e memória para ser feliz após tantas realizações. Para Kátia Canton, esse tipo de transformação é uma espécie de poética. “Trata-se de uma poética homenagem à memória, aguçando a presença de um tempo fluido que a abraça e atribui espessura, em vez

⁵⁵ Rádio Marajoara, fundada em 1953, permanece em atividade com programação popular e programas musicais, educativos e culturais com ênfase na prestação de serviços e informações para os ouvintes.

de achatá-la” (CANTON, 2009, p. 35). Nesta poética, A.G.M. reencontrava-se com o mundo do rádio e guardou momentos que fizeram parte de sua vida para sempre.

1.5. Belém do Pará: A.G.M. banhado em Águas Amazônidadas

É preciso buscar, buscar sempre de novo, o caminho, o veio ao longo do qual deve mover-se a arte do cinema (Andrei Tarkovski).

No decorrer de sua vida profissional em Itaúna, um encontro marcou a jornada de A.G.M. Acompanhando o amigo Cosme Caetano da Silva, que eventualmente fazia serenatas nas ruas, ele ficou interessado pela vizinha de uma namorada do amigo: Maria de Lourdes Carvalho⁵⁶. Segundo Giovanni Vinicius Caetano e Silva, filho de Cosme Caetano da Silva, seu pai não fazia serenatas só para a sua namorada. “Ele fazia serenata para quem pedisse e chamava a turma de amigos para acompanhar, entre eles, Duquinha”⁵⁷. E numa dessas serenatas, Cosme Silva comentou com Duquinha sobre Maria de Lourdes, uma bela moça que morava perto da vizinhança. A presença de Maria de Lourdes na vida de A.G.M. foi muito importante. Alexandrino encontrou uma mulher generosa, com história marcada pela perda precoce da mãe, conforme relata sua sobrinha Vera Lúcia Macedo (entrevista fev. 2015).

Foi na Rua Direita, hoje Avenida Getúlio Vargas, que despontou, para a sociedade itaunense, Maria de Lourdes Carvalho. Tinha os traços belos e, no contorno do rosto, cabelos negros emolduravam uma beleza incomum. A pele era alva e macia e uns olhos meio tristes denunciavam a morte prematura da mãe que a deixara assim que ela os abriu para o mundo, olhos estes que não puderam contemplar os de Quinhina (sua mãe) que, durante nove meses, ansiaram por ver os seus. Maria de Lourdes ou Lourdinha do Zé Bernardes era de pequenina, miúda e talvez porque tenha passado e vencido uma febre tifóide, cresceu assim, mais magra, no entanto, elegante e esbelta. Trazia na face um sorriso bonito e ao subir o Beco do Jota para assistir às aulas na Escola Normal, ela o fazia com as lindas pernas que as saias longas ocultavam. As amigas, e eram tantas, isto porque Lourdinha era cativante, a rodeavam e os convites se multiplicavam para os antigos bailes com a orquestra Cassino de Sevilla e outras que tornavam as festas no Automóvel Clube mais bonitas e agradáveis. Mas Lourdes nem sempre atendia à demanda das amigas, porque era criada com tanto zelo que hoje poderíamos chamar de repressão. Paradoxalmente, Lourdinha era uma jovem de um comportamento irrepreensível, recatada, tranquila. Alguns rapazes da alta sociedade itaunense fizeram-lhe a corte, e Lourdinha se encantou mesmo foi com um radialista muito inteligente que se especializava em cinema, o Alexandrino Gonçalves Moreira, com quem se casou.

Segundo Irineu Macedo, que teve sua criação influenciada por Lourdes, junto com sua irmã, Vera Lúcia Macedo, “a tia Lourdes foi muito forte por causa da criação que teve. Era uma mulher inteligente, sabia se comportar muito bem, muito fina, muito educada, que, depois, soube criar seus filhos”. Em janeiro de 1957, Maria de Lourdes e A.G.M. casaram-se

⁵⁶ Maria de Lourdes Carvalho Moreira (1928- 2004) casou com A.G.M. em 1957.

⁵⁷ Entrevista realizada em fevereiro de 2014.

na igreja matriz de Itaúna. Em novembro do mesmo ano, nasceu o primeiro filho, Alex, e em seguida surgiu chance de mudança de Itaúna para Belém, graças à oportunidade profissional de A.G.M. Apesar da intensa relação com sua cidade natal e familiares, Maria de Lourdes, mesmo com dificuldades de adaptação à nova cidade, decidiu permanecer e, por isso, foi fundamental na trajetória de A.G.M. Nesse sentido, cumpriu papel social designado às mulheres naquele período, com raras exceções, como afirma a pesquisadora Luzia Miranda Álvares (2010).

A geração de mulheres da classe média dos anos 1930/1940/1950 teve uma formação tradicional cujas marcas fortaleceram a educação e a sociabilidade das meninas e meninos desse período. Seguindo os padrões da sociedade da época, mantinham-se submetidas/os a um modelo que se expressava desde o comportamento na família, na escola, na vida social, na religião, sendo, os “guardiões” do cumprimento dos costumes e das normas os adultos da geração mais velha, podendo ser os pais, avós, tios e tias, o pároco etc. O modelo era bipolarizado: o preparo das meninas para o casamento e dos meninos para a vida pública, o dever de ser o provedor. Às meninas, ensinava-se a manterem os valores sociais que determinavam o padrão da “boa moça” que deveria conhecer os mais específicos ditames da imagem privada e pública de sua condição de mulher. Ou seja, eram “feitas para o casamento”, deviam conhecer todas as atividades próprias à “carreira doméstica” cujo percurso deveria seguir se quisessem ser “bem vistas” socialmente. Seu valor era reconhecido na procriação e no cuidado com os filhos, com o marido, sendo orientadas para o trabalho doméstico.

Maria de Lourdes manteve o comportamento padrão das mulheres de sua época e construiu, ao lado de A.G.M., uma família. Em 1960, nasceu Sandra Aparecida e quatro anos depois, Marco Antonio. Influenciados pela generosidade e amor da mãe, todos da família tiveram grandes exemplos de vida como base para sua formação e relação com o mundo. Com sabedoria e atenção, ela sempre esteve presente. A.G.M. reconheceu sempre a força e influência da mulher-esposa-mãe em sua vida pessoal e profissional, até o fim de seus dias.

Ao permanecer em Belém, apesar das dificuldades e circunstâncias, Maria de Lourdes Carvalho Moreira foi parceira de Alexandrino Gonçalves Moreira na construção de sua vida profissional, num ato de doação e aceitação típico de sua personalidade generosa e cativante. Como exposto no texto de Alex Moreira Carvalho, seu filho, ela se deixou levar pelo mais forte dos sentimentos.

A alienação feminina é o gesto mais preciso de dizer não à sujeição. Ao alienar-se, uma mulher assim explode as teorias do papel social e anuncia com voz de santa: não sou ninguém. Ninguém é o nome que importa quando tudo que lhe importa é o gesto de fazer o mundo vingar. Uma mulher assim, embebecida de atos pudicos e de um moralismo voraz, parece dura. Mas não. Do centro da sua dureza reluz uma liberdade insuspeitada: porque deixa as coisas acontecerem é que é livre para se fazer morada. Pode ser que uma mulher assim seja apenas bem comportada. Mas esse modo de ser cultiva modos diversos do bem: adota outros povos; incorpora outros costumes; possibilita sonhos. Ao decidir fazer de Belém sua terra, Maria de Lourdes Carvalho Moreira também permitiu que o chão marajoara fosse salpicado com grãos

de cultura. Não se trata de repetir o bordão que coloca uma grande mulher atrás de um homem. Mulher alguma nunca ocupa lugares. Quem ocupa lugares em geral é macho, adulto e branco. Uma mulher assim, como todas, sem lugar, é o próprio significado do vir a ser. Foi assim, deixando-se levar ao ser levada, que Lourdes fez-se parte da cultura paraense. Talvez o nome de todo esse acontecer seja um só: amor (Alex Moreira Carvalho)⁵⁸.

Em poucas palavras, o primogênito Alex resumiu poeticamente a presença da mulher-esposa-mãe-amiga na vida da família. Como boa mãe, a partir de sacrifícios e, principalmente do amor, fio condutor de sua vida pessoal e familiar, Lourdes contagiou os que com ela conviveram. Comportamento reconhecido pela única filha, Sandra Aparecida Moreira Santos.

Quando mais nova, eu ficava furiosa em reconhecer a capacidade com que as mulheres renunciam seus próprios sonhos. E a renúncia sempre vai com um sorriso, mesmo que seja, muitas vezes, atormentado. Lourdes fez renúncias em nome do amor por sua família para realizações de sonhos. Mulher luminosa, se não fosse por sua capacidade de amar, não existiriam os sonhos de Alexandrino. Ela viveu os sonhos dos outros, mas não se deu por vencida, pois seu maior sonho era a família unida e conseguiu. Hoje entendo muito bem sua renúncia. Falar de minha mãe é uma dádiva. Duas palavras para descrevê-la: amor e inesquecível⁵⁹.

Eu, terceiro filho, vivi intensamente próximo à minha mãe. Tive o privilégio de entender sua alegria e entusiasmo a cada vitória de Alexandrino e filhos. A aceitação à nova cidade lhe ofereceu outras oportunidades de crescimento e permitiu que sua vida fosse repleta de grandes momentos com histórias e conquistas da família. Sua dedicação foi base para crescimento pessoal de todos, permitindo a A.G.M. e aos filhos encontrarem seus caminhos, lembrando continuamente de seu exemplo de amor, carinho e atenção.

1.5.1. *Vida bancária*

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, o sistema financeiro brasileiro⁶⁰ iniciou processo de crescimento da rede bancária com a criação de novas instituições financeiras. O número de agências bancárias, no final dos anos 1940, era o dobro do início dessa década, exigindo novos planejamentos e objetivos. A partir de então, já se tratava da evolução de sistema bancário, com processo de concentração simultâneo ao de ampliação da rede nacional de agências. Deste modo, para atender a outras regiões do país com um sistema bancário que auxiliasse as necessidades financeiras de cada estado, foi projetada a instalação de filiais nas principais capitais do norte e nordeste brasileiros (COSTA, 2010).

⁵⁸ Alex Moreira Carvalho, 58 anos, professor, psicólogo e escritor.

⁵⁹ Sandra Aparecida Moreira Santos, 54 anos. Entrevista realizada em abril de 2015.

⁶⁰ A origem dos principais bancos, no Brasil, ocorreu antes de 1945, devido a exigência de menor volume de capital e a acessibilidade da tecnologia bancária.

A partir de 1955, o mercado bancário nacional⁶¹ foi mais bem estruturado, com outros fins e intenção dos banqueiros em incentivar o desenvolvimento do setor em outras regiões. Profissionais do setor bancário de vários estados do país foram convidados para trabalhar nessas regiões. Nesse contexto, Mirócles Carvalho - irmão de Maria de Lourdes - que já atuava no setor, propôs a incursão de A.G.M. no mercado bancário em Belém do Pará. Após período de adaptação da família no novo habitat, a proposta foi aceita e, em 1957, ele iniciou novo desafio profissional, após suas experiências no cinema, rádio e como promotor de eventos.

A.G.M. chegou à capital do Pará e, imediatamente, sentiu uma grande diferença: a alta temperatura da região. Itaúna era uma cidade com baixas temperaturas em grande parte do ano. Ele comentava que, além da alta temperatura, era difícil usar terno o dia inteiro, pois sua função no banco exigia este traje. A.G.M. veio inicialmente sozinho, sem sua esposa, mas depois de quase um ano de trabalho ele se adaptou à cidade, às novas funções, ao clima, e permaneceu.

Alexandrino Gonçalves Moreira comentava com familiares que muitos profissionais da área bancária vieram para Belém no final dos anos 1950 para trabalhar, mas não se adaptaram e retornaram para suas cidades. Ele decidiu permanecer e correr riscos. Um dos amigos mais próximos em Belém lembra sua trajetória na carreira bancária.

O “seo” Moreira (como ele carinhosamente gostava de ser chamado) tinha como características fundamentais a generosidade, a simplicidade, a sinceridade e, sobretudo, após verificar a honestidade e a lealdade das pessoas, depositar nelas (o que não acontecia, evidentemente, de forma aleatória e descuidada) a mais absoluta confiança. Esse feitio de caráter se estendia a todos os setores da atividade do senhor Alexandrino, tanto no campo da administração funcional, como no trato eminentemente pessoal, do dia a dia, mas sempre com a exigência do respeito necessário. (...) A carreira bancária do senhor Alexandrino foi marcada pela confiança que os banqueiros tinham nele e pelo seu trabalho sério e denodado na defesa das instituições financeiras que administrou sempre com a mais absoluta lisura. (...) O “seo” Moreira, na atividade bancária, também exerceu, para os funcionários subordinados a ele, um verdadeiro magistério visando ao desempenho correto da atividade bancária. No tocante a sua adaptação profissional nesta cidade, acredito, pelo que já descrevi acima, que a mesma ocorreu com a mais absoluta facilidade por força das características dele e pelo amor que também depositou (sem perder a ternura efetiva pela sua querida Itaúna) na terra e no povo paraenses – particularmente em relação aos belenenses – e deles desfrutando, em contraprestação, o carinho e a confiança de todos.

⁶¹ Em 1964, o número de bancos reduziu para a 328 e ,em 1974, para 106. Este número se manteve até a abertura neoliberal, quando, entre 1988 e 1994, eram registrados 271 bancos. Mas, com a crise bancária, a privatização, a desnacionalização e a concentração, o setor bancário brasileiro reduziu-se para 167 bancos múltiplos e comerciais, em 2002, e, em 2006, para 161. (COSTA, 2010)

Segundo A.G.M., concordando com Raimundo Barbosa Costa, 70, advogado, as oportunidades na nova cidade eram maiores e um futuro diferente seria construído. Ele permaneceu apesar da descrença de alguns profissionais do setor bancário paraense daquele período e encantou-se com a beleza da cidade que, naquele momento, apresentava possibilidades nunca imaginadas. Belém, enfim, seria sua nova casa, a partir dos anos 1950.

Figura 12 - Belém do Pará. Anos 1950.



Fonte: *Google Images*.

Como novo habitante, precisava conhecer a cidade, pontos turísticos, especificidades locais. Mas A.G.M., como cinéfilo, buscou informações sobre as salas de exibição em funcionamento para manter atualizado seu interesse e conhecer pessoas que, como ele, eram apaixonadas pela sétima arte.

1.5.2. Nos cinemas de Belém

No final dos anos 1950, Belém apresentava três principais salas de cinema: Cinema Palácio⁶², Cinema Olympia⁶³ e Cinema Nazaré⁶⁴. A.G.M. acompanhou a programação de filmes exibidos nestes e em outros cinemas da cidade com frequência, e por uma feliz coincidência, mudou-se com a sua família para o centro da cidade, num perímetro

⁶² Cinema Palácio foi inaugurado em 1959, propriedade do empresário Judah Levy. Posteriormente foi vendido ao Grupo Severiano Ribeiro, que se consolidou como o maior exibidor do país até o final dos anos 1990. Em 1997, foi vendido e no local foi instalada Igreja Universal.

⁶³ Cinema Olympia foi inaugurado em 24/04/1912 pelos empresários Carlos Teixeira e Antonio Martins, donos do Grande Hotel, luxuoso ponto de encontro da alta sociedade paraense.

⁶⁴ Cinema Nazaré (antes chamado Cine Poeira) foi inaugurado nos anos 1920 em área próxima da Basílica de Nazaré, igreja construída em 1852, grande referência dos católicos paraenses.

localizado entre o Cine Palácio e Cinema Olympia, facilitando seu acesso a estas salas, semanalmente.

Quando o Cine Palácio foi inaugurado em 1959, A.G.M. esteve presente na sessão de estreia e comentava a importância da inauguração de espaço tão grandioso⁶⁵ na cidade. O cinema foi inaugurado com o musical *Gigi* (1958). Foi na inauguração desta sala exibidora que ele conheceu Edwaldo Martins⁶⁶, com quem manteve amizade frequente e que, anos depois, contou-lhe histórias de um casal que gostava muito de cinema: Pedro Veriano Direito Álvares e Luzia Miranda Álvares. Anos depois, ele conheceu Pedro Veriano (entrevista jul. 2014).

Meu tio Oswaldo (Vavá) era frequentador de bancos depois que se aposentou da Receita Federal. No Banco Comercial da Produção conheceu A.G.M. E como eu já escrevia sobre cinema, ele desejou me conhecer, sabendo que Vavá era meu tio. A sedução para isso foi dizer que tinha filmes do Carlitos. Não sei se foi invenção do Vavá, mas realmente me impressionou. Fui apresentado ao já cinemaníaco (hoje se diz cinéfilo) e logo o vi nas sessões Cinema de Arte que se programava no Cine Olímpia aos sábados pela manhã. Daí foi um pulo para o Cine Clube da APCC na sede da AABB (Associação Atlética Banco do Brasil) e a presença constante do logo amigo.

Alexandrino Gonçalves Moreira demonstrava, em sua atividade bancária, paixão pelo cinema e foi na gerência do Banco Comercial do Pará que foi apresentado a Arnaldo Corrêa Prado Junior (entrevista março 2015).

Conheci Alexandrino Moreira quando ele era gerente do Banco Comercial da Produção. Meu pai pretendia realizar um empréstimo no banco e me levou com ele por saber que Alexandrino, como eu, era apaixonado por cinema. Trocamos as primeiras ideias sobre a sétima arte e vimos que a paixão era real. E mais, gostávamos do cinema em praticamente todas as suas vertentes. Era um dia dos anos 1960. Alexandrino soube como poucos, associar sua atividade profissional no setor bancário ao investimento na área cultural e artística. Uma atividade profissional, em qualquer que seja a área, pode muito bem, na verdade deve ser conciliada em atividades culturais. No caso de Alexandrino, essa associação se deu de modo muito natural, na verdade de modo especial porque ele aplicou seus conhecimentos profissionais para investir na área cultural e artística do cinema como exibidor. Desse modo, ele abriu em Belém uma vertente artística direcionada ao circuito comercial, que influi diretamente na formação de plateia na cidade.

Como declarado por Arnaldo Corrêa Prado Junior, Alexandrino Moreira ficou conhecido por muitos como um admirador da sétima arte. Pedro Veriano relata que A.G.M. demonstrava seus conhecimentos sobre cinema, revelando informações sobre filmes, astros e estrelas. Uma de suas grandes paixões era o cinema norte-americano clássico,

⁶⁵ Cinema Palácio tinha capacidade aproximada para 1.200 espectadores.

⁶⁶ Edwaldo Martins (1939-2003), jornalista, colunista social, crítico de cinema e um dos fundadores da APCC (Associação Paraense de Críticos de Cinema).

especialmente o gênero *Western*⁶⁷. Muitas vezes, ele comentava que este era um dos gêneros mais importantes para a sua formação cinematográfica, e sempre buscava assistir a produções do gênero na televisão, *VHS (Vídeo Home System)* ou *DVD (Digital Versatile Disc)*.

Entre os títulos admirados, *Os Brutos também Amam* (1956) era um dos mais mencionados. O autor desse texto lembra-se de ter assistido a esse filme pela primeira vez na TV, ao lado de A.G.M. e de sentir sua empolgação em cenas fundamentais com referências à genialidade do diretor na utilização da linguagem cinematográfica. Mas, para Pedro Veriano, além de gostar de cinema, Alexandrino Moreira demonstrava conhecimento sobre a música popular brasileira, muitas vezes lembrando como trouxe a sua terra natal cantores como Orlando Silva⁶⁸ e Ângela Maria⁶⁹, entre outros grandes nomes da música nacional dos anos 1950.

O envolvimento de A.G.M. com cinema era claro, desde o nosso primeiro encontro. Ele se sentia feliz em conversar sobre cinema, especialmente do tempo em que ele tinha programa de rádio em sua terra e até mesmo fazia projeção de filmes no único cinema de lá. Era uma rotina muito querida a nossa com encontros diários sejam no Banco Sul Brasileiro, onde ele trabalhou durante muitos anos, seja no escritório dos seus cinemas (1, 2 e 3). Ele cobrava minha falta se isso acontecesse (Pedro Veriano, entrevista jul. 2014).

A relação com Pedro Veriano deu um incentivo especial para que A.G.M. desenvolvesse a sua paixão pelo cinema depois de algum tempo dedicando-se à nova profissão e outras responsabilidades⁷⁰. Ele possivelmente reconheceu em Pedro Veriano um parceiro, um amigo, como foi Cosme Caetano e Silva. O amor e entusiasmo que ambos sentiam pelo cinema eram impressionantes. Durante anos, o pesquisador deste trabalho foi testemunha de momentos antológicos entre os dois, quando falavam sobre cinema. Ambos demonstravam alegria quando se referiam aos seriados que viram quando jovens. Neste sentido, havia uma conexão forte. Ambos, nas suas memórias, conhecimento e emoção sobre a sétima arte, contagiavam quem estivesse próximo.

Um episódio marcante demonstrou a sintonia que eles tinham sobre o cinema. Em 1977, foi exibido no Cine Guajará⁷¹ o filme japonês *Onibaba: A Mulher Diabo* (1964), inédito

⁶⁷ *Western*, um dos gêneros cinematográficos mais significativos do cinema norte-americano.

⁶⁸ Orlando Silva (1915-1978), um dos mais importantes cantores brasileiros da primeira metade do século XX.

⁶⁹ Ângela Maria, 94 anos, uma das maiores cantoras da música brasileira com mais de cem discos gravados e participação em vários filmes nacionais.

⁷⁰ Em 1960, A.G.M. exercia outras funções no setor bancário, especificadamente no Banco Comercial da Produção.

⁷¹ Cine Guajará ficava localizado na Base Naval de Belém e, desde o início dos anos 1970, teve sua programação feita pelo cineclube da APCC.

em Belém. Em várias cenas, A.G.M. e Pedro Veriano demonstravam entusiasmo único, conversavam várias vezes durante a exibição. Ele, por exemplo, analisando a qualidade da fotografia. “Parece que a fotografia do filme foi feita pelo Gabriel Figueroa”⁷². Incrível. Que cena!” exclamou A.G.M.

Figura 13 - Cartaz do filme *Onibaba: A Mulher Diabo*.



Fonte: *Google Images*.

Esse episódio aconteceu quando este pesquisador era adolescente e começou a se interessar mais profundamente pelo cinema. Ao ver tanto entusiasmo, naturalmente, quis saber mais sobre o filme, sobre o fotógrafo Gabriel Figueroa, sobre o cinema japonês e tudo que envolvia o filme assistido. Desde então, cultiva sua cinefilia, com curiosidade e frequente despertar para apreciar e estudar a sétima arte.

Com tal encantamento, Alexandrino Moreira e Pedro Veriano à semelhança de Charles Chaplin⁷³, em seus memoráveis filmes, despertaram em muitos espectadores, um amor incondicional à sétima arte. É uma referência de harmonia de dois amigos com uma paixão em comum: o cinema. De algum modo, o entusiasmo do autor deste texto pela sétima arte tem constante referência aos vários momentos que testemunhou da amizade fortalecida pelo interesse mútuo. O cineasta Jean-Luc Godard (2001, p. 11)⁷⁴ afirma, em

⁷² Gabriel Figueroa (1907-1997), diretor de fotografia mexicano aclamado pela crítica mundial.

⁷³ Charles Chaplin (1889-1977), ator, diretor, produtor, escritor, comediante, dançarino e compositor. Autor de obras-primas como *Em Busca do Ouro* (1925) e *Luzes da Cidade* (1931).

⁷⁴ Jean-Luc Godard, 84 anos, um dos idealizadores do movimento cinematográfico *Nouvelle Vague*, que realizou importantes contribuições ao desenvolvimento da linguagem cinematográfica.

relação à história do cinema, a necessidade de manter o interesse vivo. “Existo hoje numa estreita solidariedade com o passado. Recuso esquecer porque não quero esmorecer”. Nesse mesmo sentido de solidariedade com o passado, as memórias da parceria de A.G.M. e Pedro Veriano não serão esquecidas. Na trajetória cineclubista de A.G.M., outra amizade importante surgiu com Luzia Miranda Álvares (entrevista fev. 2014).

Com a minha constante parceria com o Pedro Veriano em todas as atividades, informações e o cotidiano do cinema e do cineclube em Belém, certo dia fui apresentada para A.G.M. em seu gabinete no Banco Sul Brasileiro, a partir de um contato do Sr. Oswaldo Direito que convidava Veriano a conhecer o gerente desse banco, seu amigo e que era um grande cinéfilo mineiro. Na primeira visita do PV (Pedro Veriano) ao senhor Alexandrino, eu estive ausente. Mas em sequência, desde 1972, dependendo de meus horários tanto no cursinho vestibular Rui Barbosa e, depois, na UFPA, eu acompanhava nas visitas do PV ao A.G.M. Ficávamos conversando sobre cinema e daí passou o entrosamento com o Cineclube APCC, então dirigido por Pedro Veriano.

A.G.M. intensificou sua frequência aos cinemas da cidade e amizades foram construídas. Na adaptação que passou pelos novos costumes e hábitos de uma cidade grande, ele ficou envolvido com o que acontecia na área de cinema em Belém e começou a acompanhar o movimento da crítica de cinema local, assim como fazia na sua cidade natal, quando lia textos sobre cinema nos jornais da capital, Belo Horizonte.

No final dos anos 1960, Pedro Veriano escrevia no jornal A Província do Pará substituindo o crítico de cinema Acyr Castro⁷⁵. O movimento da crítica cinematográfica local estava em pleno desenvolvimento desde o final dos anos 1950 e teve um grande impulso com a criação do grupo ARTS e depois com a fundação APCC (Associação Paraense dos Críticos de Cinema do Pará). O grupo ARTS foi formado por amigos que gostavam de cinema e que queriam incentivar as exibições do cineclube Os Espectadores, um dos primeiros cineclubes da cidade. O grupo era formado por Acyr Castro (jornalista), Rafael Costa, Amílcar Tupiassu (professor) e Wilson Pena (médico) que passaram a manter uma coluna de cinema no vespertino A Vanguarda, órgão dos Diários Associados de Assis Chateaubriand⁷⁶. Segundo Veriano (1999, p. 42- 43), a criação do ARTS foi muito importante naquele período.

⁷⁵ Acyr Castro Paiva Pereira de Castro, 80 anos, um dos críticos de cinema mais atuantes do Pará. Nos anos 1980 trabalhou na Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo. É um dos fundadores da APCC (Associação Paraense de Críticos Cinematográficos).

⁷⁶ Diários Associados de Assis Chateaubriand, uma das maiores empresas de mídia do Brasil em atividade desde 1924.

O efeito foi, como se costuma dizer, bombástico. Os jovens críticos não perdoavam os filmes medíocres ou mesmo razoáveis. Tanto que um exibidor, o Doutor Victor Mattos Cardoso, sócio da firma Cardoso & Lopes, foi ao jornal com recortes de críticas sulinas elogiosas sobre o filme *Um Homem e Dez Destinos* de Robert Wise, afirmando que só os escribas paraenses discordaram revelando uma predisposição contra a exibidora. Victor não deixou por menos: pediu que o jornal optasse entre os meninos e a matéria paga de anúncios que enviava diariamente.

Este episódio reflete a importância que os críticos de cinema locais adquiriram nesse período, sendo cada vez mais rígidos nas suas avaliações e compartilhando sem receios suas interpretações. Leitores, críticos, exibidores, cada lado buscando sua versão na relação com o cinema e, de alguma forma, a crítica aproximava o leitor do filme, mesmo que fosse para concordar ou discordar da interpretação realizada. A.G.M., como observador, colecionador e leitor de jornais e críticas de cinema, aprimorou sua cinefilia e, posteriormente, escreveu sobre filmes. Afinal, escrever também é uma forma de interação com o cinema. Truffaut (1975, p. 14)⁷⁷ relembra que, ao ser indagado sobre sua relação com o cinema, “sempre me perguntam em que momento da minha cinefilia desejei tornar-me diretor ou crítico e para falar a verdade não sei; sei apenas que queria aproximar-me cada vez mais do cinema”. Para A.G.M., escrever sobre cinema significava estar próximo da arte cinematográfica.

1.5.3. Encontros: APCC (*Associação Paraense de Críticos de Cinema*)

O ato de refletir é a marca específica da cinefilia. Todas as suas práticas visam dar profundidades à visão do filme (Antoine de Baecque).

No início dos anos 1960, alguns jornais locais reservavam espaços para críticas de cinema, revelando interesse dos meios de comunicação impressos em fidelizar o público que prestigiava as salas de exibição. Em 1962, a escolha dos melhores do ano foi feita pelos críticos militantes da cidade: Acyr Castro e Alberto Queiroz (*O Liberal*), Rafael Vieira da Costa (*O Jornal do Dia*), Edwaldo Martins e Sérgio Paulo de Macêdo (*Rádio Marajoara*) e Arnaldo Prado Júnior (suplemento literário de *A Província do Pará*). Em 1963, foram escolhidos os melhores do ano no cinema de acordo com a recém-formada Associação Paraense de Críticos Cinematográficos (APCC). Participaram da escolha: Edwaldo Martins, Acyr Castro, Rafael Vieira da Costa, Arnaldo Corrêa Prado Junior e Alberto Queiroz⁷⁸.

⁷⁷ François Truffaut (1932-1984), crítico de cinema, roteirista, ator, cineasta e um dos fundadores do movimento cinematográfico *Nouvelle Vague*.

⁷⁸ Informações do blog www.arnaldopradojunior.blogspot.com.br. Acesso em dezembro de 2014.

A APCC (Associação Paraense de Críticos de Cinema) foi fundada por Acyr Castro, Edwaldo Martins, Rafael Vieira da Costa, Alberto Queiroz, Paulo Sérgio Paulo de Macedo e Ariosto Pontes. “O primeiro representava o jornal A Folha do Norte, o segundo A Província do Pará, o terceiro O Liberal, o quarto o Jornal do Dia e o quinto, uma emissora de rádio” (VERIANO, 1999, p. 43). A Associação, gradativamente, realizou ações que, direta e indiretamente, colaboraram com a cinefilia paraense no período, como a criação de cineclube com atuação em vários lugares da cidade, organização de cursos de cinema, criação do I Festival de Cinema de Belém⁷⁹ além de fomentar uma nova geração de críticos e espectadores voltados especialmente ao cinema de arte, ou seja, filmes que têm como conceito utilizar o cinema como uma forma de reflexão, além do entretenimento.

Figura 15 - Primeira reunião da APCC. Alberto Queiroz e Ariosto Pontes (de costas), Rafael Costa, Edwaldo Martins e João Paulo Macedo. 1962.



Fonte: Acervo Particular de Pedro Veriano.

A criação da APCC contribuiu para maior produção de críticas de cinema. A atividade de escrever sobre cinema era observada com muita atenção e aprendizado por A.G.M., desde a época de sua atuação como locutor de rádio. Ele comentava a importância de ler críticas fílmicas, além de buscar mais informações sobre diretores, atores, produtores e, especialmente, sobre a interpretação de cada crítico sobre o mesmo filme.

Eu escrevia sobre cinema. Primeiro com informações sobre os filmes depois, seguindo os passos do mestre Guido Logger, em Minas Gerais, desenvolvendo pequenas críticas para orientar o espectador. Acho importante que isso exista, no sentido de educar a platéia, chamando a atenção para o que é realmente a mensagem de determinado filme, dentro do contexto cultural. (...) Lembro que minha primeira crítica foi sobre o filme “O Barco das Ilusões” (1951) (A.G.M., entrevista O Liberal, 27/08/1997).

⁷⁹ I Festival de Cinema de Belém foi realizado em 1974 com o apoio da APCC e Prefeitura Municipal de Belém.

Por isso, durante décadas, adquiriu o hábito de guardar críticas de cinema. Inicialmente, ele recortava críticas dos jornais de Belo Horizonte e manteve seu interesse ampliando sua leitura para os críticos do Rio de Janeiro, São Paulo e outras cidades. Em Belém, cada vez mais envolvido com os cinéfilos e críticos da cidade, A.G.M. começou a participar das ações da APCC quando escrevia no jornal A Folha do Norte⁸⁰ a partir de 1969.

Figura 16 - Página da coluna de A.G.M.

FOLHA DO NORTE 6 1.º Caderno

CINEMA

AGM

“Aladim” e “Sissi” sucessos de bilheteria

A programação do fim de semana não oferece maior novidade ao espectador. O Olímpia continua com seus dois sucessos de bilheteria ALADIM E A LÂMPADA MARAVILHOSA, de J.B. Tanko, um Nacional de público certo e SISSI de Ernest Marischka, que vem enchendo os cinemas todas as vezes que é reprisado.

No Palácio, um policial de Renê Clement, O HOMEM QUE SURTIU DE REPENTE, que traz um bom elenco mas que tem sido malhado pela crítica.

No Nazaré outro Nacional, EXTASE DE SÁDICOS, um policial de Adolpho Chandler, que a julgar pelo trailer é de baixa categoria.

No Iracema, a última exibição de SOB A SOMBRA DA OUTRA, de Lamont Johnson, que talvez seja o programa a se destacar.

Nos cinemas de segunda linha, se pode ver o interessante QUANDO O CARNAVAL CHEGAR de Carlos Diegues (Guarany). No Paraíso E AGORA ME CHAMAM O MAGNÍFICO de E.B. Clucher, uma gozação que diverte sem compromisso.

O melhor programa de hoje, no entanto, é na Faculdade de Odontologia, quando o Cine Clube promoverá às 20 horas a exibição do excelente filme de Mário Monicelli, OS COMPANHEIROS, um dos filmes mais premiados do cinema italiano, com elenco de alta categoria, tendo à frente Marcelo Mastroianni em papel excelente. OS COMPANHEIROS faz parte dos 40 melhores da história do cinema, em votação recente dos associados do Cine Clube. Programa sem dúvida de alta qualidade.

Moviscope

A morte de Samuel Goldwin ocorrida ontem em Hollywood fez desaparecer um dos grandes capitães da indústria cinematográfica americana. Goldwin que nasceu em Varsóvia na Polônia, foi para os Estados Unidos aos 11 anos de idade e depois de trabalhar em uma fábrica de meias e luvas, ingressou na indústria cinematográfica, onde em pouco tempo passou a ser um dos grandes. Foi um dos chefes da Metro e da United e como produtor possui obras consideradas das mais importantes do cinema mundial, como Os Melhores Anos de Nossa Vida, dirigido por William Wyler. Conquistou 8 Oscars da Academia e foi o descobridor de Gary Cooper, Lionel Barrymore, Geraldine Farrar, Irene Rich, Lewis Stone, Constance Bennett, Ronald Colman, Vilma Banky, Joan Blondell, Helen Hayes, Eddie Cantor, Loretha Young, Melvyn Douglas, Merle Oberon e Frederic March. É o primeiro grande nome do cinema que desapareceu em 1974, aos 91 anos, e um de seus últimos êxitos foi ELES E ELAS, excelente musical com Marlon Brando. // O cineasta paulista Luis Sérgio Persson em pleno rush de filmagens do curta-metragem que está fazendo com os SECOS E MOLHADOS. // Marilyn Monroe vai ser lançada em disco, no Brasil, cantando, Lazy, Bye, Bye e When You Got What You Want. // O médico da, Bing Crosby disse ontem que o ator poderá reiniciar quase todas as suas atividades normais dentro de uma semana. Crosby, que deverá deixar o hospital dentro de alguns dias, foi submetido a uma operação para remover parte de seu pulmão esquerdo.

Cotações

1. ALADIM E A LÂMPADA MARAVILHOSA — Dir. J. B. Tanko — Fraco.
2. SISSI — Dir. Ernest Marischka — Razoável
3. QUANDO O CARNAVAL CHEGAR — Dir. Carlos Diegues — Bom
4. E AGORA ME CHAMAM O MAGNÍFICO — Dir. E. B. Clucher — Razoável.
5. ROMA — Dir. Federico Fellini — Muito Bom.



Cena de “E AGORA ME CHAMAM O MAGNÍFICO” que está hoje no Paraíso.

Fonte: Jornal A Folha do Norte, 02/02/1974. Acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

⁸⁰ A Folha do Norte, jornal paraense fundado em 1896, encerrou suas atividades em 1974.

Como crítico de cinema, ele evidenciava informações sobre os filmes em exibição, com ampla visão sobre os gêneros cinematográficos, principais nomes que fizeram a história do cinema e conhecimento sobre novos talentos que eram revelados. A.G.M. dizia que o verdadeiro cinemaníaco deveria assistir a todos os tipos de filmes. Sua definição de cinemaníaco, nos anos 1970, era comentada por ele de forma divertida entre amigos: “Cinemaníaco é aquele que vai ver um filme no Cine Ópera⁸¹ às 14h de uma segunda-feira, para ver algum filme da série *Maciste*⁸²”. Esta sua premissa de sempre informar o leitor era refletida em seus textos semanais no jornal que tinham uma estrutura opinativa e informativa.

A.G.M. normalmente fazia roteiros de lançamentos nas diversas salas (comerciais ou cineclube). E nesses roteiros detalhava a produção desde a vida dos intérpretes e cineastas aos temas apresentados. Como crítico de cinema foi naturalmente guinado para a Associação (...). Ele não se aventurava em temas fechados, sempre pensando no leitor. Seu estilo seguia o que Moniz Vianna fazia no Rio de Janeiro em *Correio da Manhã*, ou críticos veteranos como Pedro Lima e José Amadio (revista “O Cruzeiro”) (Pedro Veriano, entrevista jul. 2014).

A.G.M. adotou e ampliou, como crítico de cinema, método similar realizado no seu programa de rádio. Para ele, o importante era conquistar o leitor com o máximo de informações sobre os filmes em exibição, sempre registrando, em sua coluna semanal, todos os lançamentos e continuações no circuito comercial ou alternativo. Uma das características de sua coluna era uma seção de notícias sobre cinema. Posteriormente, quando teve seu espaço no jornal *O Liberal*, a partir de 1974, ampliou o quadro de cotações (que já era publicado na sua coluna em *A Folha do Norte*) para que o público pudesse avaliar diversas opiniões sobre os filmes. Dessa forma, convidou os críticos Pedro Veriano e Luzia Miranda Álvares para compor esta seção e, anos depois, o jornalista Acyr Castro.

A partir dos anos 1980, o autor deste texto participou do quadro de cotações e entendeu que essa seção era uma das mais lidas da coluna de cinema de A.G.M. porque revelava diferenças de opinião sobre o mesmo filme, e isso era interessante para provocar no público a intenção de ir ao cinema e ver o filme em questão para formar sua própria opinião.

⁸¹ Cine Ópera, inaugurado em 1961. Desde o início dos anos 1980, exibe apenas filmes pornográficos.

⁸² Nos anos 1970, o Cine Ópera não tinha ar-condicionado para o público e assistir um filme nas sessões das 14 h era desconfortável pela alta temperatura dentro da sala. Os filmes da série *Maciste* foram muito criticados pelos especialistas.

Nas colunas de cinema, nos dois jornais paraenses, observa-se que A.G.M. aplicava mais na resenha sobre o filme, na história do cinema e dos filmes, de atores e diretores desses filmes lançados em Belém. Em alguns cursos de cinema e de palestras propostos pela APCC, seu enfoque era mais sobre a história do cinema, ou sobre o perfil de diretores e de características destes, sobre a contribuição destes para o cinema (Luzia Miranda Álvares, entrevista jul. 2014).

O quadro de cotações da coluna de A.G.M. foi uma referência para muitos espectadores paraenses. Inspirado no trabalho de outros jornais, que também tinham sua forma de avaliar os filmes⁸³ com cotações que variavam de Excelente ao Fraco, ele tinha muito respeito por essa seção na sua coluna, pois acreditava que a crítica escrita e argumentada era importante, mas que a cotação fazia com que o leitor-espectador ficasse com curiosidade de ler a opinião do crítico. Muitas polêmicas ocorreram graças às cotações dos críticos e uma das mais famosas foi quando se publicou as cotações do filme *Império dos Sentidos* (1976), filme proibido pela censura brasileira e liberado para exibição em 1980.

Com grande sucesso de público, o filme causou polêmica em grande parte da crítica brasileira. Em Belém, Pedro Veriano, A.G.M. e Luzia Miranda Álvares avaliaram o filme como Excelente, mas Acyr Castro indicou uma cotação diferente, fraco, demonstrando que cada um tinha sua visão e argumentação própria sobre os filmes exibidos. Este episódio divulgou a coluna de cinema de A.G.M., referência para muitos cinéfilos da cidade, como a professora Maria Sylvania Nunes.

A relação de A.G.M. com o cinema saltava à vista, era uma paixão visível no entusiasmo que colocava quando falava no assunto, o calor que havia nas suas palavras, no brilho dos olhos. Essa paixão contrastava com sua atividade muito racional de banqueiro, de quem lida com números, responsabilidades econômicas e financeiras, pesos grandes sobre os ombros de um homem. O cinema era sua outra face. O mundo mais vário, o mundo da arte. As pessoas precisam de muitos habitats, de muitas vidas, daí o amor pelas artes. Uns preferem a literatura, a poesia, o teatro, as artes plásticas ou música. A.G.M. preferia o cinema talvez por conter um pouco de cada uma delas em si. Para ele, cinema era não só prazer, mas objetivo de estudo, de conhecimento. E penso que esse exercício intelectual devia constituir o principal elo que o ligava ao cinema. Não o gozo apenas de assistir, mas o de analisar e partilhar com outros da gênese, da criação, da “fabricação” (poiesis + tekne) do produto: o filme. Daí suas atividades como crítico de cinema, animador de cineclube, programador de cinema de arte. Tendo armazenado informações, organizado essas informações em vasta cultura cinematográfica, dividia esse saber com zelo profissional. Generosamente distribuía o que de mais caro possuía. Generosidade com o seu saber e o seu tempo era uma característica. A.G.M. na sua coluna também informava “as últimas” do cinema nacional e internacional. Não era só o grande teórico, era o cinéfilo atualizado. Anunciava os lançamentos deixando os apreciadores do cinema ansiosos pelos filmes que, às vezes, demoravam meses, ou não chegavam às telas de Belém. Junto com Pedro Veriano e Luzia Álvares, com o entusiasmo de grandes apaixonados e enorme conhecimento do mundo do cinema, conseguiram instalar um clima de festival de cinema na cidade. Havia interesse intenso, falava-se de cinema, discutia-

⁸³ Jornais como O Globo, Jornal do Brasil e O Estado de São Paulo tinham espaço para cotações dos críticos de cinema.

se cinema, ia-se ao cinema, lia-se sobre cinema. Cinema era o “talk of the show”. A.G.M. era o homem prático, o homem da ação nessa associação de sonhadores⁸⁴.

A.G.M., como na citação de Maria Sylvia Nunes, considerava-se um cinéfilo que gostava de buscar informações sobre cinema. Durante os anos de publicação de sua coluna, sempre procurou informar o leitor que demonstrava curiosidade em saber sobre lançamentos e novidades do mundo cinematográfico. De certo modo, A.G.M. escrevia o que queria ler, sob a influência de críticos como Moniz Viana, entre outros.

Figura 17 - Página da coluna de A.G.M.

O LIBERAL/1o. Caderno

Cinema *agm*

LANÇAMENTOS DA SEMANA

UM VERÃO RUSSO

Produção rodada na Rússia baseada em um romance de Michael Lomonov, em coprodução franco-russa. É a história de um russo e uma holandesa de 18 anos, do tempo da revolução de 1917. O papel central foi entregue ao cinema de Maria Sílvia Nunes. Cláudia Cardinale faz o papel (espécie) de sua bela amante. A história conta sobre o amor que se desenvolveu em meio às dificuldades da guerra.

No elenco: John Marley, Carol André e Raymond Lovelock. Música do compositor R.H. Ostrin. Desde ontem em exibição no Palácio.

NO MUNDO DE 2020

No ano 2020 a explosão demográfica elevou a população de Nova York a 20 milhões. Como o sistema não dá conta de alimentar 20 milhões de pessoas, os apartamentos foram transformados em apartamentos coletivos. Uma mulher de Nova York, com o nome de "Linda", encontra um apartamento em um prédio que tem apenas 10 apartamentos. A mulher é considerada privilegiada. A mulher é considerada privilegiada. A mulher é considerada privilegiada. A mulher é considerada privilegiada.

Trata-se de um filme rodado em São Paulo, com o papel principal de Maria Sílvia Nunes. O filme é dirigido por Carlos, O Vingador de Pedro Romário.

Após Michael Caine é um escritor que se encontra para escrever as memórias de um ator de cinema aposentado, papel vivida pelo veterano Mickey Rourke, que está se tornando um estorvo para a indústria. Ao que parece o filme trata de um "gangster".

É o segundo filme de Mike Holston na direção e traz o roteiro de Elizabeth Sauter. O filme tem 115 minutos. No elenco, além dos já citados: Lionel Stander, Nidia Chastel.

A partir de quarta-feira, no Nazaré.

O IMPORTANTE É VENCER

A história de um jovem que depois de passar anos fugindo de polícia, em atividades rebeldes com o contrabando, resolve voltar para a vida normal em direção a alta velocidade, agora, mas por razões diferentes.

O diretor Lamont Johnson, ainda continua no terceiro filme, embora tenha dirigido um filme interessante, O Dueto, uma comédia em sua carreira.

Jeff Bridges, Valerie Perrine e a veterana Geraldine Fitzgerald são os protagonistas.

MEU ÓDIO SERÁ SUA HERANÇA

Depois de ser culpado pela morte de sua mãe, o filho de volta a casa para descobrir a verdade sobre a morte da mãe. O filme é dirigido por George C. Scott, com o elenco de Robert Ryan, Edmund O'Brien, Warren Oates, James Saxon e Emilio Fernández o famoso diretor mexicano. Desde ontem no Nazaré.

OS SINGES DA MORTE

Tenho de mais um filme vindo de Hong Kong, produzido pela indústria dos irmãos Shaw, que foram no mundo do 40 das artes.

O diretor: Pui-cho; Yuen Fung. O elenco: Ching Ping, Cheng Yi, Chao Han Yen, Wu Ma. Desde ontem no Nazaré.

JOANA, A MULHER QUE FOI PAPA

Figura histórica a Portuguesa JOANA nasceu em Alemanha no século IX, entrou como freira no convento e, para poder salvar sua vida, teve de fugir disfarçada de monge. Transformando-se em papa, para escapar de Inácio, o filho de João. Ainda segundo a história, ela foi a primeira mulher a ser papa. O filme é dirigido por George C. Scott, com o elenco de Robert Ryan, Edmund O'Brien, Warren Oates, James Saxon e Emilio Fernández o famoso diretor mexicano. Desde ontem no Nazaré.

Nos papéis principais, duas excelentes atrizes: Ev Ulmer e a atriz de Hollywood, que nos fez lembrar a atriz americana. O filme é dirigido por George C. Scott, com o elenco de Robert Ryan, Edmund O'Brien, Warren Oates, James Saxon e Emilio Fernández o famoso diretor mexicano. Desde ontem no Nazaré.

ESPECIAIS

HOJE - PERSEGUIDOR IMPLACÁVEL

Dirigido por Richard Speight, com Clint Eastwood e Andy Robinson. Vigorosa realização, onde Don Siegel mostra o policial violento e seu cotidiano, perseguindo um criminoso oportunista. Eficiente direção e narrativa brilhante. Cine Clóbio, A.A.R.B. - às 20 horas.

HOJE - MATADOURO CINCO

Dirigido de George Roy Hill. Baseado no fascinante livro (best-seller) de Gary Vornet, sobre que trata do Diretor da Alemanha de Hitler e que conta a trajetória de Billy Pilger, um homem que tem o poder de se transportar no futuro, prevenindo o acontecimento de sua morte.

Narrativa vigorosa. Dirigido excelente de George Roy Hill (O Golpe de Mestre), ótima edição no Grêmio Literário Português, às 20:30 horas.

AMANHÃ - MATADOURO CINCO (Base Naval - Cine Goodwin)

Dirigido de Mark Sandrich. Um clássico de 1935, com Fred Astaire e Ginger Rogers. Musical por excelência. Local: Assembléia Paranaense.




SEXTA-FEIRA - ASSIM PELA O AMOR

Mais um filme de John Cassavetes (o conceito ator de O Bêbado do Retorno), que como diretor já realizou várias vezes (O Bêbado do Retorno), que como diretor já realizou várias vezes (O Bêbado do Retorno), que como diretor já realizou várias vezes (O Bêbado do Retorno).

O filme é um estudo de caracteres a uma ação muito original. No elenco: Sissy Spacek e Gene Hackman (esposa de Cassavetes). Cinema de Arte, no Palácio, às 22:30 horas.

DIA 23 - O CANGACEIRO

A mais gloriosa realização do cinema brasileiro. Produção Vozes Cruz, 1923, com direção de Lima Barreto e prólogo (primeiro filme) para o filme de apresentação em Cinema, 1924. Roteiro obrigatório. Local: Grêmio Literário Português, às 20:30 horas.

UM VERÃO RUSSO — M.G.M. — COLORIDO

O IMPORTANTE É VENCER — FOX — COLORIDO

NO MUNDO DE 2020 — M.G.M. — COLORIDO

FILMES	COTAÇÕES		
	A. G. M.	LUZIA ALVAREZ	PEDRO VERIANO
1. AS LOUCAS AVENTURAS DE RABBI JACOB Direção: Gerard Oury	Razível	—	Razível
2. MEU ÓDIO SERÁ SUA HERANÇA Direção: Phil Teidman	Bom	Bom	Muito Bom
3. UM HOMEM A RESPEITAR Direção: Michele Lupo	Razível	—	—
4. O HOMEM QUE BURLOU A MAFIA Direção: Donald Siegel	Bom	—	Bom
5. UIVOS NO SILÊNCIO DA NOITE Direção: Daniel Petrie	Fraco	—	Fraco
6. A MORTE DO CHEFÃO Direção: Richard Fleischer	Bom	Bom	Bom
7. REGINA E O DRAGÃO DE OURO Direção: Miguel Borges	Fraco	—	Fraco
8. O CANGACEIRO Direção: Lima Barreto	Bom	Bom	Bom
9. MATADOURO CINCO Direção: George Roy Hill	Muito Bom	Muito Bom	Muito Bom
10. PERSEGUIDOR IMPLACÁVEL Direção: Donald Siegel	Bom	Bom	Bom

Fonte: Jornal O Liberal, 16/09/1974. Acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

⁸⁴ Maria Sylvia Nunes, 85 anos, professora, diretora teatral. Em parceria com o marido, Benedito Nunes, fundou a Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará. Entrevista realizada em fevereiro de 2015.

Muitos leitores da coluna de cinema de A.G.M. questionaram sobre essa diferença de opinião entre os críticos e ele respondeu que opiniões diferentes são significativas e devem fazer com que o leitor leia a crítica para entender a avaliação de cada crítico. Dessa forma, Alexandrino Moreira, como crítico de cinema, colaborou com o interesse do público paraense pelos filmes em exibição. Para alguns cinéfilos, havia um claro incentivo ao cinema nos textos do colunista.

Ele demonstrava um interesse natural pela história do cinema. Cultura de espectador que já tinha visto centenas e centenas de filmes. E revisto muitos deles. Era, também, um incentivador da atividade de crítica do cinema. Compromisso com a divulgação do cinema e formação ampliadora de espectadores. Daí sua afinidade e aproximação identificadora com Pedro Veriano e Luzia Álvares (João de Jesus Paes Loureiro)⁸⁵.

O estudo sobre a arte cinematográfica é uma ação que requer muita dedicação e o papel do crítico de cinema é fundamental neste processo. A história do cinema registra exemplos de contribuição da crítica na construção do conhecimento cinematográfico, como no período do Cinema Novo⁸⁶ no Brasil, nos anos 1960, e na atuação da revista *Cahiers du Cinema*⁸⁷, na França, nos anos 1950. Devido à persistência dos críticos paraenses, nos anos 1960 e 1970, o interesse do público foi ampliado. A cinefilia paraense foi incentivada pelos filmes exibidos, textos publicados, polêmicas sobre as obras exibidas no circuito comercial e cineclubista, diferenças de opiniões e experiências dos críticos que atuavam nos jornais neste período⁸⁸, que compartilhavam suas observações sobre os filmes com os leitores-espectadores.

Pois o cinema exige que se fale dele. As palavras que o nomeiam, os relatos que o narram, as discussões que o fazem reviver – tudo isso modela sua existência real. A tela de sua projeção, primeira e única que conta, é mental: ela ocupa a cabeça dos que assistem aos filmes para, em seguida, sonhar com eles, partilhar suas emoções, evocar sua memória, praticar sua discussão, sua escrita (BAECQUE, 2010, p. 32).

Mas na história da crítica cinematográfica paraense, a partir do final dos anos 1960, escrever não foi o suficiente. Era necessário interagir, buscar espaços e outras leituras sobre sétima arte, criar atividades cineclubistas que ampliassem as exibições de filmes para

⁸⁵ João de Jesus Paes Loureiro, 75 anos, escritor, poeta, dramaturgo, professor pesquisador universitário. Escreveu críticas de cinema e foi frequentador assíduo dos cineclubes. Entrevista realizada em junho de 2014.

⁸⁶ Cinema Novo, movimento cinematográfico brasileiro realizado no início dos anos 1960 que teve fluências do cinema italiano (Neo-realismo) e francês (*Nouvelle Vague*).

⁸⁷ *Cahiers du Cinema*, revista sobre cinema editada na França e criada em março de 1951 por Jacques Doniol-Valcroze, André Bazin e Lo Duca.

⁸⁸ Os principais jornais da capital, como O Liberal e A Província do Pará, tinham críticos de cinema em atividade com espaço diário e/ou semanal para publicação de seus textos.

permitir que crítica e público desenvolvessem outros olhares. Nesse contexto, A.G.M. percebeu que poderia contribuir. A paixão pelo cinema e a necessidade de compartilhar sua visão, junto com parceiros importantes, criaram um caminho que originou outros resultados para a crítica e o público paraense.

TAKE DOIS: CINECLUBES – OLHARES REFLEXIVOS SOBRE CINEMA

Reconstruir, resgatar não é possível. O que passou está lá não há como trazer à tona. Trabalhamos com as marcas, os traços, as colunas, os fragmentos que restaram e destes procuramos montar um mosaico o mais fiel possível ao que restou. (Eric Fromm)¹

A admiração pelo cinema e a satisfação de lembrar as ações cineclubistas revelaram depoimentos entusiasmados e reflexivos dos entrevistados selecionados para esta pesquisa, pois, após 1967, ano da inauguração do cineclube da APCC, na maioria, não havia ampla informação sobre o alcance das ações ocorridas no circuito cinematográfico local. O que movia a todos era a vontade de assistir bons filmes, falar sobre cinema e estar atualizado com o melhor da exibição cinematográfica, mas a realidade exibidora era bem diferente e precisava de outras influências. A sustentação das ações cineclubistas foi se fortalecendo, resultando em atividades que foram influenciadas por iniciativas desenvolvidas em outras cidades, mas também pela parceria informal de críticos, intelectuais, acadêmicos e universitários.

É importante reconhecer nas narrativas coletadas o valor da crítica de cinema como elemento disparador de mais pessoas interessadas em cinema. Num período em que o jornal era uma mídia de grande referência em relação ao público, é curioso registrar que a crítica de cinema paraense, em sua maioria, buscava interação com o público-leitor sem perder a complexidade do cinema como arte e sem querer transformar o cinema em uma opção elitizada. O cinema como arte e entretenimento era avaliado com diversas argumentações sob enfoques diferentes sobre a arte cinematográfica.

No processo de recepção, os críticos de cinema aparecem como agentes privilegiados de uma dupla operação: ao mesmo tempo em que são “doadores” de sentidos, suas práticas só podem ser legitimadas nas lutas simbólicas travadas na “teia” social dos sentidos compartilhados. Os significados de um filme são vistos, nos estudos culturais, como produtos de leitura de um público e não como uma propriedade essencial do texto cinematográfico. O público dá sentido aos filmes e não meramente reconhece significados ocultos, sustenta Graeme Turner em “Cinema como Prática Social” (1997). O papel do crítico nesta operação é central, não da perspectiva de que ele faz parte, conforme procuro demonstrar a partir da noção de mediação, do conjunto de valores, estratégias, ideias, aspectos que constituem a identidade da sociedade à qual pertence (LUNARDELLI, 2008, p. 13).

¹ FROMM, Erich. *apud* MARTINS, 1997, p. 08

A citação de Lunardelli² se refere a uma avaliação da crítica cinematográfica realizada na pesquisa desenvolvida por ela sobre o movimento cinematográfico de Porto Alegre, nos anos 1960. A constatação da autora se ajusta ao ocorrido no movimento da crítica paraense, no mesmo período. Os anos 1960 foram uma década de revolução de costumes, da contracultura, de questionamentos e mudanças em várias áreas artísticas. A linguagem cinematográfica clássica foi questionada, entre outros, por adeptos de movimentos como a *Nouvelle Vague* (França), Cinema Novo (Brasil) e o novo cinema alemão que procurava um caminho temático e formal após os traumas da Segunda Guerra Mundial. Nesse processo, o papel da crítica de cinema foi mais abrangente, inquieto, instigante.

Conceitos de cinefilia, cinema de arte e cineclubismo tornaram-se mais discutidos com experimentações de realizadores em diálogo com outras áreas artísticas. O termo cinefilia teve maior abrangência a partir do movimento de grande parte da crítica francesa dos anos 1950, especialmente com André Bazin³, quando se questionou os caminhos do cinema francês realizado neste período, a partir da valorização do diretor como o autor da obra cinematográfica. Mais do que questionar, o foco principal era debater, estudar, entender as potencialidades do cinema. O resultado desta imersão gerou um movimento cinematográfico sem precedentes: a *Nouvelle Vague*.

O conceito de cinema de arte foi revisto. No início de suas produções, o cinema começou como uma opção popular para entretenimento, não considerada como campo de conhecimento artístico por alguns intelectuais. Contudo, ainda na primeira década de sua existência, cineastas experimentaram outros caminhos de realização, desenvolvendo novas maneiras de fazer cinema com inovações estéticas que levaram o espectador a reflexões e não apenas à diversão. Entretanto, como discutir conceitos de cinema de arte sem a oportunidade de assistir às diversas estéticas cinematográficas elaboradas por artistas-cineastas?

O cineclubismo foi desenvolvido a partir dos anos 1910, como estratégia para a criação de espaços de exibição para filmes alternativos, ou seja, filmes para além do mero entretenimento. Atualmente e no período pesquisado, seu conceito foi revisto. Cinema é para ser apreciado, assistido, debatido e veiculado em sala de exibição num ritual de

² Fátimarlei Lunardelli, 53 anos, jornalista, escritora, professora e crítica de cinema.

³ André Bazin (1918-1958), um dos mais influentes críticos de cinema. Começou a escrever sobre cinema em 1943 e foi cofundador da revista *Cahiers du Cinéma* em 1951.

interação das imagens e temáticas com a visão de cada espectador. Porém, como ampliar conceitos do público senão abrindo espaços de exibição? No período em que conceitos de cineclubes eram discutidos, o cinema estava num de seus principais processos de evolução, ainda numa fase de descobertas, e os anos 1910 e 1920 foram fundamentais no processo da evolução estética cinematográfica.

É nos anos 1910 e 1920, depois de uma breve fase de “primitivismo”, que o cinema toma realmente forma: um “primeiro” cinema mudo depois falado, procurando em várias vias seus próprios meios de expressão. Ora, do futurismo ao surrealismo, é precisamente a época daquilo que atualmente só chamamos de as vanguardas históricas. As vanguardas cinematográficas sejam elas pictóricas (Eggeling, Richter, Léger, Fischinger, o primeiro Ruttman), ideológicas (Dziga Vertov, o segundo Ruttman, Jori Ivens, Paul Strand, Pare Lorentz), cinegráficas (Dulac, Epstein, Chomette, Kirsanov, Ralph Steiner), cenográficas (Caligari, Watson e Webber, Robert Florey) ou outras (omiti outros nomes), não são evidentemente, a margem do cinema (ou então no sentido godardiano, o que sustenta o resto). Elas são o sintoma maciço da adaptação, brutal e caótica às condições da modernidade (AUMONT, 2003, p. 27-28).

O crítico de cinema, de arte, deve provocar inquietação. Senão, como seria constituída a cinefilia de A.G.M. e outros que, a partir do cinema, buscaram novos entendimentos dessa e outras manifestações artísticas? Por isso, a necessidade de pesquisar e compreender a trajetória e o envolvimento de A.G.M. com o cinema é relevante para entender contextos, conceitos e reflexões que, aparentemente, estão no passado, mas que podem e devem ser observados e interpretados para interação com o momento atual. É necessário, pois, “burilar, lapidar, trabalhar o tempo e nele recriá-lo constituindo-o nosso tempo” (BOSI, 1995, p. 20-22).

A partir das narrativas de vida registradas por entrevistados, revê-se a trajetória que levou Alexandrino Gonçalves Moreira a realizar o sonho de criar salas de exibição – Cinemas 1 e 2 – que, seguindo o ideal cineclubista, colaboraram para o desenvolvimento da cultura cinematográfica local. A captação das narrativas de vida que envolve as ações cineclubistas do período da pesquisa revelou-se oportuna para que histórias pouco conhecidas fossem reveladas.

No momento que afirmo que a arte de contar não morreu, lembro-me da importância de encontros para falar-ouvir, pois se estes não forem proporcionados, a velha prática do contar acabará. Quando afirmo que ainda há espaço, hoje, para contar, denuncio que não há, no entanto, tempo suficiente para troca e assimilação de experiências. No momento em que ressalto a importância da memória do indivíduo, lembro que é imprescindível o repasse dessa memória para que ela não morra junto com ele e, venha a tornar-se, então, patrimônio coletivo. Apesar de vivermos um tempo pobre de experiências intercambiáveis, ainda se conta e há muito que narrar, é necessário, no entanto, encontros entre locutores e audiência para que se efetive o repasse e a recriação da tradição (MARTINS, 1997, p. 13).

A importância da memória existe não apenas no sentido de reconstruir um tempo que passou, mas no de demonstrar que esse tempo, por mais longínquo que esteja em nosso cotidiano, não está anulado. Na pesquisa realizada, interpretar estas histórias é atualizá-las como meio de conhecimento sobre o que foi feito na área cineclubista paraense e projetá-las para o que pode ser feito, quando outras ações e conceitos serão necessários para o surgimento de agentes culturais como A.G.M. e outros que merecem ser objetos de pesquisa.

2.1. Cineclubismo: Olhares além da magia fílmica

Cineclubes é a casa do cinema, lugar onde se exhibe filmes, se estuda, se forma espectadores e mão-de-obra especializada para o cinema e para a ação cultural militante e voluntária. É o lugar onde é possível ver e rever novos e antigos filmes e amigos. É o lugar onde a magia da sala escura permanece inalterada, com luz na tela e no coração das pessoas. Cineclubes é o ponto de encontro, é o oxigênio da atividade cinematográfica, o lugar de troca de experiências (Carta de cineclubistas em Brasília)⁴.

A primeira exibição de um filme na capital paraense aconteceu em 29 de dezembro de 1896, no Teatro da Paz⁵ e, em 1903, já aconteciam exibições para os romeiros do Círio de Nazaré. No início da segunda década do século XX, a capital paraense tinha 12 cinemas em funcionamento graças ao forte momento de crescimento da economia do estado. O cinema Olympia⁶, fundado em 1912, surgiu dentro de um contexto econômico que indicava ser um bom negócio investir numa sala de exibição. Durante muitos anos, vários cinemas foram construídos e tiveram grandes lucros e prestígio do público. Entre os anos 1920 e 1960, a cidade chegou a ter salas de exibição em diversos bairros. Anúncios de jornal⁷ deste período apresentavam destaque aos atores que eram adorados pelo público e que, muitas vezes, se tornavam uma grande referência para alguns que se reconheciam em certos personagens reproduzidos na tela do cinema. No período do cinema mudo⁸, ídolos como Douglas

⁴ Carta da XXIV Jornada Nacional de Cineclubes de Brasília em 24 de novembro de 2003.

⁵ Teatro da Paz foi fundado em 15 de fevereiro de 1878.

⁶ Cinema Olympia foi fundado em 1912 por Antonio Martins e Carlos Augusto Teixeira, proprietários do Grande Hotel, um dos grandes empreendimentos do empresariado paraense deste período.

⁷ Anúncios de jornal destacavam o ator ou atriz principal do filme.

⁸ O cinema mudo ou silencioso durou até o final dos anos 1920. Alguns cinemas de Belém tiveram o recurso sonoro para reprodução de filmes nas salas de exibição em 1930.

Fairbanks⁹, Theda Bara¹⁰ e Rodolfo Valentino¹¹, atraíram grande público que fazia de seus filmes sucessos de bilheteria.

Cinema era uma festa. Filme era assunto. As discussões em torno do colete de Fairbanks ou da coleira do “*auau*” animavam os saraus e as matinês de uma classe média que se mantinha com poucos réis. Parecia papo democrático, embora a patroa visse as “fitas” no cine Olympia e a empregada no cine Poeira. Vale dizer, as estrelas, não apenas o sol, nasciam para todos (VERIANO. 1999, p. 08).

A quantidade de salas de cinema na capital e de filmes exibidos não era suficiente para um tipo de público que queria ver outras formas de fazer-pensar cinema. Devido ao sistema de distribuição de filmes, basicamente dominado pelas produtoras norte-americanas, a maioria dos filmes exibidos nas salas de Belém (como em outras cidades do Brasil) era de origem norte-americana, deixando pouco espaço para exibição de outras cinematografias. Essa tendência foi questionada mais intensamente por cinemaníacos e críticos de cinema, a partir dos anos 1950¹².

A necessidade de ampliar o horizonte de perspectiva que o cinema podia proporcionar provocou inúmeras reações entre artistas e intelectuais, logo na primeira década do século XX. O cinema, inicialmente visto como meio de diversão, era um produto a ser consumido, mas não debatido, entendido. Por essas razões, mecanismos de pensar e dimensionar o cinema foram elaborados.

Em 14 de Abril de 1907, Edmond Benoit-Lévy, diretor da revista “*Phono-Ciné-Gazette*”, anuncia a fundação do primeiro *Ciné-club*, instalado nº 5, *Boulevard Montmartre*, em Paris, na sede de um cinema *Pathé* e da futura sociedade *Omnia*. Este cineclubes oferecia aos seus membros, um lugar de reunião, uma sala de projeção, uma biblioteca, um Boletim Oficial do Cineclubes. Tinha por finalidade “trabalhar no desenvolvimento e no progresso do cinematógrafo de todos os pontos de vista”, mas “interditando toda discussão religiosa ou política”. Esta primeira tentativa desaparece rapidamente. É preciso esperar o ano de 1920 para ver reaparecer, na imprensa, a palavra cineclubes (Mannoni, 2008).

O termo cineclubes reaparece com Louis Delluc¹³ e Charles de Vesme, que lançam *Le Journal du Ciné-Club* em 14 de janeiro de 1920. Em seguida, criaram o Cineclubes da França, com a finalidade de agrupar profissionais e apreciadores do cinematógrafo, na capital e no

⁹ Douglas Fairbanks (1883-1939), ator de cinema norte-americano que teve grande sucesso de público nos anos 1920 e 1930.

¹⁰ Theda Bara (1885-1955), uma das atrizes de sucesso do cinema mudo, considerada como um dos primeiros símbolos sexuais do cinema.

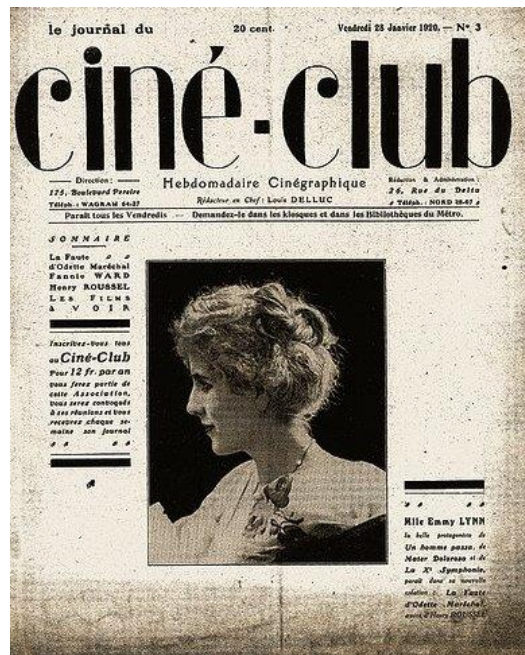
¹¹ Rodolfo Valentino (1895-1926), ator italiano radicado nos Estados Unidos que fez sucesso principalmente com o público feminino.

¹² Theodoro Brazão e Silva, um dos pioneiros da crítica paraense. A partir de 1934, escreveu uma coluna sobre cinema e teatro chamada Palcos e Telas.

¹³ Louis Delluc (1890 -1924), cineasta, roteirista e crítico de cinema francês.

interior, de maneira a permitir uma reunião. O jornal do *Ciné-club* agrupou diversos frequentadores de cinema. A partir dessas iniciativas, conceitos sobre cineclubes demandaram outros espaços de exibição, suporte de formação de grupos de discussão sobre a estética e teorias cinematográficas. O jornal chamou a atenção de estudiosos e artistas, gerando interesse no seu conteúdo.

Figura 18: Capa do jornal *Ciné-club*. 1920.



Fonte: <http://preservacaoaudiovisual.blogspot.com.br/2008/12/cineclubes-e-clubes.html>.

A publicação do *Ciné-club* atraiu novos leitores. Com a oportunidade de apreciar outras cinematografias exibidas nos cineclubes, o público presente às diversas sessões começou a desenvolver outras perspectivas e a atividade cineclubista atuou como propulsora da cinefilia¹⁴, mais desenvolvida, agora, pela reflexão estética, após ver os filmes programados. O cineclubismo ofereceu, a partir de sua concepção inicial, uma contribuição fundamental na ampliação do significado do cinema diante do público. E, felizmente, este conceito se espalhou por todo mundo.

No Brasil, atividades cineclubistas surgem a partir do final da década de 1910. Em 1917, na cidade do Rio de Janeiro, um grupo composto por Adhemar Gonzaga, Álvaro Rocha, Paulo Vanderley, Luis Aranha, Hercolino Cascardo e Pedro Lima experimentava práticas

¹⁴ O escritor e teórico italiano Ricciotto Canudo (1877-1923) foi o primeiro a usar o termo cinefilia para designar a paixão que se nutria pelo Cinema.

cineclubistas. O grupo frequentava as sessões dos cinemas Íris e Pátria e, em seguida, promovia debates entre os integrantes. Entretanto, os primeiros registros oficiais da atividade cineclubista no Brasil datam de 1928, com o *Chaplin-Club*¹⁵, no Rio de Janeiro, fundado pelos jovens universitários Otávio de Faria, Plínio Sussekind Rocha, Almir Castro e Cláudio Mello. Nos anos 1940, em Belo Horizonte, registros oficiais comprovam atividades cineclubistas (SOUZA, 2012). Nos anos 1950 e 1960, cidades como Rio de Janeiro e São Paulo tiveram cineclubes que, além de formar cinéfilos, contribuíram para o despertar de novos cineastas num período importante do cinema brasileiro, como afirma o cineasta Carlos Diegues (Entrevista, abr. 2015)¹⁶.

O cineclubismo formou uma geração inteira de futuros cineastas, críticos, ensaístas, cinéfilos em geral. Estamos falando de uma época em que não havia cinemas de arte, os filmes não passavam na televisão, não havia vídeo doméstico. O cineclubista era o único meio de ver os filmes que não passavam nos circuitos comerciais. E ainda tinha o debate depois da sessão, o que era tão importante quanto o filme que havíamos acabado de ver.

O surgimento de cinéfilos e cineastas, a partir dos cineclubes, contribuiu para uma cinefilia baseada no ato coletivo de assistir a filmes e desenvolver interpretações com debates entre os espectadores, numa ação conjunta que evidenciou a importância do ritual de imersão nos estudos da imagem fílmica.

2.2. Cineclubes em Belém do Pará

Em Belém, o crítico Pedro Veriano exibia filmes na garagem de sua casa, um espaço alternativo de exibição chamado Cine Bandeirante¹⁷. Todos os gêneros de filmes foram exibidos para convidados, amigos, críticos, estudiosos. Mas, seguindo tendência de outras capitais, em 11 de fevereiro de 1955 foi criado, oficialmente, o primeiro cineclubista paraense, Os Espectadores.

O primeiro cineclubista local chamou-se “Os Espectadores” e foi fundado em 1955 por Orlando Teixeira Costa, advogado e professor que faria brilhante carreira jurídica. (...). Apaixonado por cinema, carregou nas costas um velho projetor alugado, o ônus de mandar buscar filmes da Fundação Cinemateca Brasileira e das distribuidoras comerciais como a Art Filmes e a programação periódica no auditório da Sociedade Artística Internacional (SAI), entidade até então mais ligada à música (VERIANO, 1999, p. 43).

¹⁵ A programação do cineclubista era constituída principalmente de filmes da vanguarda francesa dos anos 1920.

¹⁶ Carlos Diegues, 74 anos, cineasta, um dos líderes do movimento Cinema Novo, ao lado de Glauber Rocha, Leon Hirzman e Joaquim Pedro de Andrade. Em 1969, período da ditadura militar, exilou-se na Itália e França. No retorno ao Brasil, realizou *Quando o Carnaval Chegar* (1972) e *Joana, A Francesa* (1973). *Chuvas de Verão* (1977) e *Bye Bye Brasil* (1980) representam seus maiores sucessos de bilheteria e de crítica.

¹⁷ Cine Bandeirante teve exibições de filmes entre 1950 e 1984.

O cineclube Os Espectadores teve suas atividades acompanhadas por importantes nomes da intelectualidade paraense da época como Benedito Nunes¹⁸, Maria Sylvia Nunes, Angelita Silva e Francisco Paulo Mendes¹⁹, provocando o interesse dos cinemaníacos belenenses em ver filmes que não tinham chance de exibição no circuito comercial. Filmes como *Arroz Amargo* (1949), exemplar da escola neorrealista, foram exibidos com destaque para debate após sua exibição.

Figura 19 - Publicidade do cineclube Os Espectadores.



Fonte: Jornal A Província do Pará, 05/08/1955. Acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

A exibição de um filme europeu revelava a importância de entender o mecanismo de exibição de filmes e a importância dos cineclubes. O sistema de distribuição e exibição de filmes em Belém era semelhante ao de outras capitais. Nesse período, em Belo Horizonte, A.G.M. assistia a filmes não exibidos na sua cidade natal, com predominância dos filmes norte-americanos. Estes ocupavam grande parte dos espaços de exibição pela força da sua distribuição e pelo grande número de produções realizadas anualmente. Foi nessa época que confirmou sua admiração pelo cinema norte-americano, bem representado por cineastas como John Ford²⁰, Raoul Walsh²¹ e Howard Hawks²².

¹⁸ Benedito Nunes (1929-2011), filósofo, professor, crítico de arte, escritor e um dos fundadores da Faculdade de Filosofia do Pará.

¹⁹ Francisco Paulo Mendes (1910-1999), professor paraense dedicado à arte e à literatura e um dos fundadores dos cursos de Filosofia e Letras e Artes da UFPA.

²⁰ John Ford (1894-1973), um dos mais conhecidos diretores norte-americanos. Realizou 133 filmes em vários gêneros cinematográficos, especializando-se no gênero *Western*.

²¹ Raoul Walsh (1887-1980), cineasta americano. Iniciou sua carreira no cinema a partir dos anos 1920. Seu último filme foi produzido em 1964.

²² Howard Hawks (1896-1977), conhecido pela sua versatilidade como realizador em diversos gêneros cinematográficos.

“Os Espectadores” veio de um contato e proposta da cinemateca de São Paulo feita ao Orlando Costa. Tratava-se de restauro de clássicos do cinema para exibição em cineclubes mediante contrato. Orlando, Benedito Nunes, Angelita, Maria de Belém Marques, Max, Chico Mendes, eu e outros juntamos a quantia necessária (Orlando deu a maior parte) para fazer o convênio. Benedito e eu fomos a São Paulo falar com o Paulo Emilio Gomes Salles e o Ruda Andrade e “Os Espectadores” foi fundado (Maria Sylvia Nunes, entrevista fev. 2015).

Entre filmes e produções de nível artístico questionável, a discussão em torno da distribuição de filmes não era contra o cinema norte-americano, especialmente sobre a produção feita em *Hollywood*²³, mas sim sobre a forma predominante como essas produções ocupavam o circuito exibidor nacional. Neste sentido, era fundamental o desenvolvimento do movimento cineclubista e, na capital mineira, nos anos 1950, os cineclubes já tinham importante atuação²⁴. Nessa época, em Belo Horizonte, A.G.M. entrou em contato com o ideal cineclubista e seus mecanismos de programação/exibição/debate. Em Belém, o cineclubes Os Espectadores teve uma atuação importante, deixando um legado após seu curto período de funcionamento.

Em 1955 surgiu o primeiro cineclubes local, “Os Espectadores”, dirigido por Orlando Costa. Os filmes em 16 mm²⁵ vinham do Museu de Arte Moderna e da filial da Art Filmes em Recife. As sessões prévias para os apresentadores eram realizadas em minha casa (Cine Bandeirante, tipo de cineclubes sem sócios que durou de 1950 a 1984). As sessões normais de “Os Espectadores” aconteceram no auditório da Sociedade Artística Internacional (SAI) onde fica a Academia de Letras. Depois surgiram outros cineclubes, todos menores e com pouco tempo de vida. O fim de “Os Espectadores” foi apressado pelas dificuldades de contratação de filmes em cópias de 16 mm, que era o formato de projeção usado naquela época (Pedro Veriano, entrevista jul. 2014).

A ação cineclubista desenvolvida por Orlando Costa deixou evidente a necessidade de criar espaços alternativos de cinema em Belém. Sobre esse cineclubes, Arnaldo Corrêa Prado Junior²⁶ escreveu:

²³ *Hollywood*, desde os anos 1910, concentra diversas produtoras de cinema norte-americanas criando um reconhecido e questionado padrão de produção industrial cinematográfico.

²⁴ Nos anos 1940 e 1950, diversos cineclubes foram criados em algumas cidades brasileiras, resultando na organização do 1º Congresso de Clubes de Cinema, em 1950, em São Paulo. Nesta década, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) criou um centro de orientação cinematográfica e estimulou a interiorização dos cineclubes em escolas, paróquias e universidades.

²⁵ Cópias 16 mm de produções filmadas em 35 mm eram distribuídas no circuito alternativo (cineclubes, escolas, sindicatos). Como os “rolos” dos filmes eram menores, custos de transporte e aluguel eram menores. Com a chegada dos filmes em VHS (*Vide Home System*), nos anos 1980, este formato foi extinto, desaparecendo definitivamente nos anos 1990.

²⁶ Arnaldo Corrêa Prado Junior, 75 anos, engenheiro civil, professor aposentado da UFPA, crítico de cinema e quadrinhos, um dos fundadores do cineclubes Juventude. Artigo publicado no jornal O Liberal em 1961

Figura 20: Cineclubes.

página artística

FOLHA DO NORTE

Domingo, 27/8/61

CINEMA

CINE CLUBES

Arnaldo Prado Junior

A cultura cinematográfica do espectador é um dos pontos de valorização do espetáculo fílmico. O esclarecimento de determinados aspectos e conceitos relativos ao Cinema é indispensável a uma melhor compreensão da obra áudio-visual que se nos apresenta. O conhecimento da Cines-tética, dos vastos recursos inerentes à Sétima Arte constitui ponto pacífico para quem se interessa verdadeiramente em desenvolver uma cultura cinematográfica. A História do Cinema é também de grande interesse pois uma visão geral do que aconteceu ao invento dos irmãos Lumière desde a primeira sessão pública levada a efeito em Paris nos fins do século passado até os nossos dias é construtiva e necessária bem como ter uma noção da pré-história da arte das imagens luminosas em movimento. Acompanhar o nascimento, a evolução técnica e formal do Cinema é compreendê-lo em sua essência, é reconhecer-lhe o valor. Aceitá-lo como pura e simples diversão é já conceito de há muito ultrapassado. A atitude esclarecida é a única a ser adotada e para conseguí-la inúmeros são os meios que se sintetizam na criação de cine clubes, entidades que se propõem precipuamente a estudar Cinema. O alcance das atividades de um cine clube bem orientado é dos mais vastos. A organização de cursos teóricos de orientação cinematográfica, realizando-se paralelamente a exibição de filmes, apresentados antes da projeção e debatidos no final, são atribuições das mais produtivas de um cine clube. A formação de uma biblioteca e assinatura de revistas de cinema dignas de crédito constituem outras tarefas a serem abordadas. O intercâmbio com associações congêneres alarga as possibilidades de êxito favorecendo o desenvolvimento de uma mentalidade cinematográfica mais larga, sem mesquinhez, que aceita troca de idéias muitas vezes antagônicas, com finalidade

esclarecedora. Evidentemente para se conseguir tudo isso é necessário que os dirigentes do cine clube tenham espírito de organização, persistência, capacidade de trabalho e contem com a colaboração ativa dos associados. E como não podia deixar de ser, para uma entidade dessa natureza progredir é preciso dinheiro, conseguido na forma mais elementar e própria por intermédio das mensaídades. É importante frisar que apenas idealismo não constrói um cine clube. É também de se acentuar: um cine clube não deve formar grupinhos herméticos, de mentalidade estreita, apegando-se a idéias rígidas num único sentido e esquecendo a vastidão do campo abrangido pelo Cinema.

Aqui em Belém, o cine clube "Os Espectadores", me parece, foi o pioneiro do movimento cineclubístico com um programa de realizações dos mais produtivos. Muita gente foi despertada para a Sétima Arte pelo "Os Espectadores", inclusive, de certo modo, quem lhes escreve esta crônica. Infelizmente o cine clube os espectadores interrompeu suas atividades mas tenho certeza de que a semente lançada frutificou no espírito de muitos dos seus associados.

Com atuação mais modesta e agora em vida latente, temos o Cine Clube Juventude, criado para difundir a cultura cinematográfica no meio estudantil.

Atualmente, em função da difusão e alcance do Cinema, associados ao valor artístico-cultural que encerra, a criação e manutenção de clubes de cinema constituem um ponto a ser considerado por todos os cinéfilos como algo realizável e necessário. Como já frisei anteriormente, o Cinema não é uma diversão inconsequente. É muito mais do que isso e esse muito mais precisa ser esclarecido. Para tal devem existir os Cine Clubes autênticos.

Fonte: A Folha do Norte, 27/08/1961. Acervo Particular de Arnaldo Corrêa Prado Junior.

O cineclube Os Espectadores constituiu-se, sem dúvida alguma, em um veículo de cultura cinematográfica dos mais eficazes durante o tempo que se manteve ativo em nossa cidade. O programa de difusão que foi cumprido pela diretoria merece destaque especial com que foi elaborado mantendo sempre uma linha das mais interessantes e produtivas. Entre os filmes exibidos neste cineclube, encontram-se títulos importantes para a cinefilia como *A Paixão de Joana D'Arc* (1928) de Carl Theodor Dreyer, *O Direito de Matar* (1950) de

Andre Cayatte, *O Vento* (1928) de Victor Sjöström, *Brinquedo Proibido* (1952) de René Clement e *O Anjo Azul* (1930) de Josef Von Sternberg. Destacando a importância do cineclubes Os Espectadores, Prado Júnior (1961) escreveu:

A cultura cinematográfica do espectador é um dos pontos de valorização do espetáculo fílmico. O esclarecimento de determinados aspectos e conceitos relativos ao cinema é indispensável a uma melhor compreensão da obra audiovisual que se nos apresenta. O conhecimento da cinestética, dos vastos recursos inerentes à sétima arte constitui ponto pacífico para quem se interessa verdadeiramente em desenvolver uma cultura cinematográfica. (...) Acompanhar o nascimento, a evolução técnica e formal do cinema é compreendê-lo em sua essência, é reconhecer-lhe o valor. Aceitá-lo como pura e simples diversão é já conceito de há muito ultrapassado. A atitude esclarecida é a única a ser adotada e para consegui-la inúmeros são os meios que se sintetizam na criação de cineclubes, entidades que se propõem de orientação cinematográfica realizando-se paralelamente exposições de filmes apresentados antes da projeção e debatidos no final, são atribuições das mais produtivas de um cineclubes. (...) Aqui em Belém, o cineclubes “Os Espectadores”, me parece, foi o pioneiro do movimento cineclubístico com um programa de realizações das mais produtivas. Muita gente foi despertada para a sétima arte pelo “Os Espectadores”, inclusive, de certo modo, quem lhes escreve esta crônica. Infelizmente, o cineclubes “Os Espectadores” interrompeu suas atividades, mas tenho certeza de que a semente lançada frutificou no espírito de muitos dos seus associados.

Nas regiões brasileiras sul e sudeste, surgiram mais cineclubes que procuravam alternativas na exibição cinematográfica como forma de ampliar o conhecimento da sétima arte. Na capital paraense, dois cineclubes foram criados no final da década de 1950 e início dos anos 1960: Os Neófitos, com Ildelfonso Guimarães, Maiolino de Castro Miranda²⁷, Francisco Fabiano Araújo, Surelle Moreira Alves de Souza, Luzemira Araújo e Letícia Paiva Vieira (que criou um estatuto interno) e o Cineclubes Juventude, com Arnaldo Corrêa Prado Junior, Habib Fraiha Neto, Guilherme Sicsú e Pedro Roumié. Estes espaços reforçaram o ideal cineclubista.

Em 1957, um grupo de estudantes, em sua maioria do Colégio Nazaré, fundou o Cineclubes Juventude ligado à Casa da Juventude, àquela altura situada à Avenida São Jerônimo (atual Governador José Malcher). Um grupo que curti e amava muito o cinema decidiu criar um cineclubes para que se pudesse estudar cinema, debater sobre filmes, enfim ampliar a cultura cinematográfica de seus membros e de quem mais participasse das atividades. Quando surgiu a oportunidade de escrevermos para o grande público, quatro membros se intitularam de Equipe CCJ (Cinema Clube Juventude) e começaram a escrever uma coluna intitulada “Cinema” no dia 05 de junho de 1959, no jornal católico A Palavra, de Belém, publicada aos domingos até o dia 02 de agosto do mesmo ano. No dia 11 de janeiro de 1960, no Liberal Tablóide, suplemento do jornal O Liberal, o grupo apresentou a lista dos 10 melhores filmes do ano de 1959 e os melhores em diversas categorias; o primeiro foi “A Estrada da Vida”²⁸ de

²⁷ Maiolino de Castro Miranda, 79 anos, médico, sociólogo e crítico de cinema.

²⁸ *Estrada da Vida*, 1954. Direção: Federico Fellini.

Federico Fellini e o segundo “Aquele que deve Morrer”²⁹ de Dino Risi (Arnaldo Corrêa Prado Junior)³⁰.

Com a fundação da APCC (Associação dos Críticos de Cinema do Pará), críticos de cinema em atividade fortaleceram seus espaços nos jornais e rádio. Em 1962, Edwaldo Martins mantinha uma página semanal de cinema no jornal A Província do Pará e, com a criação da associação, todos que escreviam sobre cinema na época passaram a fazer parte da APCC, como Acyr Castro (fundador), Edwaldo Martins (fundador), Rafael Costa, Alberto Queiroz (fundador), Paulo Sérgio Macêdo e Ariosto Pontes. Neste período, A.G.M. era um espectador que acompanhava o circuito de cinema local e colecionava registros de críticas publicadas nos jornais do Rio e São Paulo. Na mesma época, dentro da faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Pará, foi criado o Centro de Estudos Cinematográficos (CEC) por Orlando Costa, Benedito Nunes e Francisco Paulo Mendes (da equipe de Os Espectadores) que funcionava na sede da Escola de Teatro da UFPA com direção de Marbo Giannacini³¹.

O Centro de Estudos Cinematográficos (CEC) aproximou cinemaníacos e críticos de cinema nas suas sessões de cinema num período em que bons filmes ficaram à disposição dos circuitos cineclubistas em várias capitais. Houve poucas exhibições e a mais notável foi um programa de filmes japoneses no auditório da Faculdade de Odontologia da UFPA, com cópias em 16 mm, som original, sem legendas com tradução simultânea. O público era formado basicamente por alunos da Escola de Teatro e fãs de cinema, além de críticos que realizavam os debates. Uma das sessões mais comentadas aconteceu com a exibição do filme *Vampiros de Almas* (1956), que resultou num debate caloroso entre Vicente Cecim³², Arnaldo Corrêa Prado Junior, Francisco Paulo Mendes, entre outros.

No período de 1962 a 1977, com a criação, em 1962, do Serviço de Teatro Universitário foi criado também o Centro de Estudos Cinematográficos (CEC) onde passaram a ser exibidos filmes que o antigo grupo de “Os Espectadores” alugava. O reitor era o Prof. José da Silveira Netto. Um dos sub-reitores (aquela época eram assim chamados) era o Prof. Antonio Viseu da Costa Lima que tinha muita sensibilidade para o cinema e contactou com Pedro Veriano para solicitar recursos para alugar os filmes a serem exibidos no CEC que funcionava na Escola de Teatro onde havia um auditório que era chamado Teatro Martins Pena. Era nesse auditório, aos sábados à tarde, que passaram a ser exibidos os filmes que Veriano alugava em Recife com

²⁹ *Aquele que sabe Viver*, 1962. Direção: Dino Risi.

³⁰ Entrevista realizada em fevereiro de 2014. Arnaldo Prado Júnior e Guilherme Sicsú, do cineclube Juventude, mantiveram a coluna Cinema no jornal O Liberal de 27/01 a 25/02/61. Arnaldo, em seguida, escreveu na página artística do jornal A Folha do Norte (18/06/1961 a 27/08/1961) e no suplemento literário de A Província do Pará e em A Província do Pará (26/11/1961 e 07/06/1964).

³¹ Marbo Giannacini participou da coordenação do Centro de Estudos Cinematográficos (CEC).

³² Vicente Cecim, 68 anos, crítico de cinema, cineasta e escritor com premiações nacionais e internacionais.

uma verba da pró-reitoria de extensão da UFPA dirigida pelo Vizeu (Luzia Miranda Álvares, entrevista nov. 2014).

Em 1963, o CEC foi representado, na reunião Norte-Nordeste de Cineclubes em Fortaleza, pelo cinéfilo Isidoro Alves³³. Neste encontro, foi criada a Federação Norte-Nordeste de Cineclubes, com a presença de Cosme Alves Neto³⁴ que, depois, dirigiu a Cinemateca do Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro. A criação de uma federação de cineclubes reforçou a importância da crescente atividade que teve um grande impulso com o surgimento da *Nouvelle Vague*³⁵, na França, e do Cinema Novo, no Brasil. Assistir e debater filmes realizados por cineastas destes movimentos, que procuravam outras estéticas cinematográficas, era uma forma de estudar o cinema e os cineclubes proporcionaram espaços de exibição para estes trabalhos.

Os filmes não são concebidos como meros divertimentos, mas procuram levar ao público uma informação, quer seja a respeito do assunto que tratam, quer pela linguagem a que recorrem que tende a se diferenciar nitidamente do espetáculo tradicional (...). No entanto, não se procura agradar indiferentemente qualquer público, mas se procuram públicos suscetíveis de se interessar pelas informações que o filme traz ou pelo seu comportamento lingüístico. Muitas obras apresentam-se até como “difíceis”, exigindo um esforço de compreensão por parte do espectador (BERNADET, 1980, p. 109).

Com o crescimento da atividade cineclubista em Belém, o Centro de Estudos Cinematográficos fazia exibições com o apoio da crítica local e impulsionou o aparecimento de novos apreciadores. Os críticos associados da APCC (Associação dos Críticos de Cinema do Pará) atuavam com textos sobre cinema, interagindo com a programação geral do circuito exibidor de Belém e grande parte prestigiava frequentemente as sessões de cineclube do CEC, colaborando no debate e na programação do crítico Pedro Veriano. O CEC exibia filmes aos sábados à tarde, com uma apresentação antes da sessão e, no final, os frequentadores participavam de um debate.

Segundo Luzia Miranda Álvares (entrevista nov. 2014), “nessa ocasião, os jornais, no caso, A Província do Pará (cujo crítico era Pedro Veriano) já havia exposto a opinião sobre o filme. Assim, o debate era bastante rico”. Os frequentadores eram da Escola de Teatro, mais o público de fora, além de críticos de cinema. Todos participavam. Lamentavelmente, esse

³³ Isidoro Alves, 72 anos, sociólogo, escreveu críticas de cinema no jornal A Folha do Norte no final dos anos 1960.

³⁴ Cosme Alves Netto (1937-1996), estudioso de cinema brasileiro. Contribuiu no incentivo ao movimento cineclubista em vários estados.

³⁵ *Nouvelle Vague*, movimento cinematográfico criado na França no final dos anos 1950 por cineastas que queriam resgatar o cinema de autor, valorizando o diretor de um filme como autor da obra cinematográfica.

espaço pegou fogo, provocando perdas materiais, incluindo os projetores em 16 mm do próprio CEC. Mas um fato provocou outra forma de interação da associação com a cultura cinematográfica local.

O coordenador da Escola de Teatro e logicamente do Teatro Martins Pena (onde eram exibidos os filmes do CEC), era o professor de dança Marbo Gianaccini e ele tinha uma preocupação com a qualidade dos filmes a serem exibidos: só poderiam ser clássicos. Enquanto isso ocorreu, tudo bem. Mas em certo momento ele radicalizou e não deixou exibir um filme já alugado. Saímos de lá nessa tarde e fomos para a casa da jornalista Elanyr Gomes da Silva (que agregava toda a crítica e amigos de cinema em sessões em sua casa) e fomos conversar sobre a situação. Quem estava por lá, aquela altura além do Isidoro Alves era o jornalista Lúcio Flávio Pinto³⁶ que deu a idéia de ser criado um cineclube pela APCC, com sócios que pagassem mensalidade. E foi assim que se fez e foi criado o CC-APCC (Cineclube da APCC). Os frequentadores do CEC foram contatados e aceitavam ser sócios e pagar uma mensalidade com direito a frequentar todas as sessões de cinema. Aos não sócios era cobrado um ingresso na porta. E todo mundo aceitava pagar essa contribuição, valor muito menor que um ingresso de cinema comercial (Luzia Miranda Álvares, entrevista jun. 2014).

Com a criação do cineclube da APCC, em novembro de 1967, outras ações começaram a ser elaboradas com a programação e exibição de filmes selecionados. Outros olhares, novas parcerias. A.G.M. percebeu a oportunidade de interagir com a Associação. Com o Cineclube da APCC e programação do crítico Pedro Veriano, a cultura cinematográfica local seria mais incentivada, colocando os críticos locais em uma nova frente de interação com o público paraense, contribuindo significativamente na formação de outros olhares sobre a sétima arte.

Antes de participar como membro efetivo da APCC (Associação Paraense de Críticos Cinematográficos), ou seja, mantendo-se na norma que definia um crítico que era “escrever sobre cinema na imprensa”, A.G.M. agia como um membro ativo nas várias frentes em que a APCC se apresentava com serviços culturais de exibição de filmes, identificando os locais onde os filmes de arte se achavam, contatando com distribuidores, produtores e outros atores sociais dessa linha. Então é possível caracterizar a sua presença na APCC, desde o momento em que se manteve o cineclube em permanente atividade. Ele não só se aplicava a esses serviços culturais subjacentes aos eventos de exibição, mas mantinha presença nas sessões de cinema em todos os locais dessa exibição (Luzia Miranda Álvares, entrevista jun. 2014).

A participação de A.G.M. na elaboração das ações cineclubistas realizadas pela APCC foi intensificada no encontro com agentes culturais que, naquele momento, buscavam alternativas. Esse encontro resultou no desenvolvimento de novos cinéfilos e, posteriormente, numa ação de maior porte vinculada com um sonho: ter salas de cinema.

³⁶ Lúcio Flávio Pinto, 65 anos, jornalista, sociólogo e diretor do Jornal Pessoal, publicação independente criada em 1987.

2.3. Espaços de exibição

Os anos da APCC formaram platéia na cidade. Muitos cursos foram administrados, muitas sessões especiais realizadas, muitos ciclos de diretores, gêneros e países produtores; um universo de cinema tratado de forma artesanal. (Pedro Veriano)

Fundado em 1967, o Cineclube da APCC teve apoio de todos os críticos de cinema associados. Jornais como O Liberal, A Província do Pará e A Folha do Norte incluíram páginas para a divulgação da programação local e críticas dos filmes em exibição. Logo tiveram um espaço exclusivo para a escrita sobre filmes exibidos no cineclube da APCC. A ideia de cineclube vinculada a uma associação de críticos cresceu entre público, jornalistas, acadêmicos, em função de que muitas produções de qualidade, premiadas em festivais e elogiadas pela crítica nacional e internacional, não tinham sido exibidas em Belém. Havia um panorama de ineditismo no circuito exibidor local sobre as inovações cinematográficas desenvolvidas em outros países, além de não haver oportunidades de se assistir, estudar e debater sobre o cinema com outros filmes, de novos realizadores e obras elogiadas de mestres do cinema que não chegaram à capital paraense.

Desde o período do primeiro cineclube paraense, era evidente que muitos filmes importantes da história do cinema não foram exibidos na cidade. Entre outras razões, por ser uma cidade do norte do Brasil, Belém era considerada distante do eixo Rio-São Paulo para que os distribuidores se preocupassem com o que se exibia por aqui.

Por muitos anos, eu programei filmes para cineclubes. Contratava distribuidores de diversos estados e ouvia quase sempre, demonstrações de espanto, traduzindo o preconceito com o norte do país. “O senhor quer o filme para exibir em Belém do Pará? Tem certeza que vai ter público para isso?”. Secava a goela explicando que aqui, nas “brenhas”, tinha, bem ou mal, uma tradição de crítica cinematográfica. Uma crítica ciosa de sua posição na sociedade, ganhando salário para escrever nos jornais sobre filmes em exibição. E mais: uma crítica que decolou para um ramo da prática, constituindo cineclubes e até filmando alguma coisa (VERIANO, 1999, p. 42).

Os grupos de exibição atuantes nos anos 1950 e 1960 priorizavam espaço para os filmes de maior apelo de bilheteria, ou seja, a visão cinematográfica de parte do público paraense estava limitada. A presença reduzida de outras cinematografias nos cinemas intensificava essa limitação, fato não exclusivo da capital paraense. O grupo Severiano Ribeiro, com salas de cinema em várias cidades do país, tinha como *slogan* de publicidade a frase “Cinema é a maior diversão”, evidenciando um conceito de programação. Mas boa parte dos críticos em Belém sabia que o panorama cinematográfico local poderia ser mais

abrangente, diverso, democrático, amplo. O ideal cineclubista norteava críticos como Pedro Veriano e Luzia Miranda Álvares, entre outros. A.G.M. percebeu o desejo destes de assistirem outros tipos de filmes, em Belém, exibidos no cineclube recentemente criado. Antes, era frequentador assíduo das sessões especiais de cinema de arte exibidas no cinema Olympia.

As sessões chamadas Cinema de Arte começaram no Cinema Olympia, em 1967. Antes, houve sessão de arte em 1955, do Cineclube “Os Espectadores”, às 22 h no Cine Olympia com uma versão de “Os Irmãos Karamazov”³⁷. As sessões de arte exibidas a partir de 1967 eram programadas pela empresa Severiano Ribeiro. Claro que a crítica (APCC) influenciou através de Adalberto Affonso³⁸. Mas não programava. O primeiro filme foi “Viridiana”³⁹. Funcionava aos sábados pela manhã (10 h). Depois o programa passou para o Cine Palácio às 22 h de 6ª Feira. E terminou no Cine Independência também às sextas às 22 h (Pedro Veriano, entrevista nov. 2014).

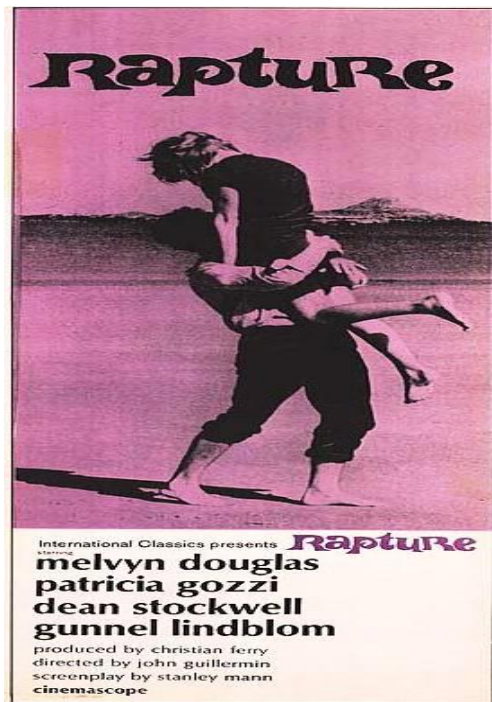
A programação das sessões de arte foi uma grande novidade para o público local, pelo horário e pelos filmes inéditos e eventuais reprises que eram colocados em destaque pela crítica. A.G.M. e Pedro Veriano ficaram mais próximos graças às sessões, pois ambos prestigiavam os filmes exibidos, considerados como uma alternativa importante na programação, sempre carente de novas opções. No dia 04 de novembro de 1967, iniciaram-se as matinais de arte no cinema Olympia, aos sábados de manhã. No dia 01 de novembro do mesmo ano, o cineclube da APCC iniciava oficialmente suas atividades, com a exibição do filme *Nasce uma Mulher* (1965), no auditório Martins Penna da Escola de Teatro da UFPA. Era o começo de uma programação que chamou a atenção de público variado, prestigiada e apoiada pela crítica local, cujo papel era fundamental na divulgação dos filmes exibidos e no debate das obras em seus espaços nos jornais.

³⁷ A versão cinematográfica mais conhecida da obra literária de Fyodor Dostoyevsky foi dirigida por Richard Brooks em 1956.

³⁸ Adalberto Affonso atuou como gerente local do grupo Severiano Ribeiro durante muitos anos.

³⁹ *Viridiana*, 1962. Direção: Luís Buñuel.

Figura 21 - Cartaz do filme *Nasce uma Mulher*.



Fonte: Google Images.

A exibição de *Nasce um Mulher* iniciou uma longa trajetória de ações cineclubistas incentivadas pela crítica paraense. A.G.M. começou a escrever regularmente no jornal *A Folha do Norte* em 1969, com destaque especial para os filmes programados para o cineclube da APCC desenvolvendo, no jornal, o que fazia no seu programa de rádio na sua cidade natal; ele divulgava o panorama geral da programação da cidade, indicando filmes que mereciam atenção do espectador. A grande diferença em relação às suas primeiras críticas, ainda em Itaúna, é que sua formação cinematográfica não era a mesma. A influência cineclubista mudou seu olhar sobre o cinema.

Em contato com novas cinematografias, sua paixão pelo cinema, iniciada e revelada através do Cine Rex, se tornou mais ampla. Por isso, colaborou com as ações da associação de críticos, especialmente com as atividades do cineclube, que rapidamente foram se expandindo, criando mecanismos de funcionamento.

O Cineclube da APCC buscou filmes de diversas distribuidoras comerciais e consulados, chegando a exibir mostras de países como a Finlândia. Chegou a receber o adido cultural da Polônia, Sr. Eugenio Zadurski, que apresentou um programa de seu país. Alugava primeiramente filmes em 16 mm de distribuidoras com filial em Recife Depois se chegou a São Paulo (distribuidoras Polifilmes e CIDEF). O preço do aluguel era acrescido do frete aéreo que muitas vezes era mais caro do que o próprio aluguel. Eu tentava tirar esse preço com a venda de ingressos, mas era fatal pagar alguma coisa de meu salário. Não havia mensalidades desde o primeiro mês de fundação do cineclube, concluindo que não dava certo (poucos pagavam). A reação do público era ótima. Houve casos como a colaboração da Aliança Francesa e sessão

que contou com o embaixador da França no Brasil. E casos de cineastas brasileiros que iam prestigiar sessões e cursos realizados como o cineasta Joaquim Pedro de Andrade⁴⁰ (Pedro Veriano, entrevista nov. 2014).

Pouco tempo depois de iniciar suas atividades na sede da Escola de Teatro, o cineclube da APCC começou a exibição de filmes no auditório da sede social da AABB⁴¹ (Associação Atlética Banco do Brasil). Era um auditório de pequenas dimensões e tinha uma boa média de público⁴². Em 1971, surgiu a possibilidade de programar o Cine Guajará⁴³ e o auditório do curso de Odontologia da UFPA⁴⁴, por causa do Centro de Estudos Cinematográficos da UFPA que se aliou ao Cineclube da APCC. Ao mesmo tempo, surgiu o convite para programar filmes no auditório da sede social do clube Grêmio Literário Português⁴⁵ (com projeção de filmes 35 mm⁴⁶). No início, a intenção era que sócios sustentassem os custos da programação e não sócios poderiam pagar ingresso na bilheteria. Mas esta iniciativa não funcionou e a cobrança de ingressos nas bilheterias dos auditórios era a única fonte de renda regular para pagar o aluguel dos filmes. Em alguns espaços de exibição, quem projetava os filmes era Pedro Veriano e Luzia Miranda Álvares ficava na bilheteria para venda de ingressos.

⁴⁰ Joaquim Pedro de Andrade (1932-1988), cineasta. Seu maior sucesso de crítica e público foi *Macunaíma*, baseado na obra homônima de Mário de Andrade, realizado em 1969.

⁴¹ AABB (Associação Atlética Banco do Brasil) exibia filmes em 16 mm com a máquina de projeção instalada próxima das cadeiras dos espectadores.

⁴² Um dos sucessos exibidos na AABB foi *Jesus Cristo Superstar* (1974) de Norman Jewison.

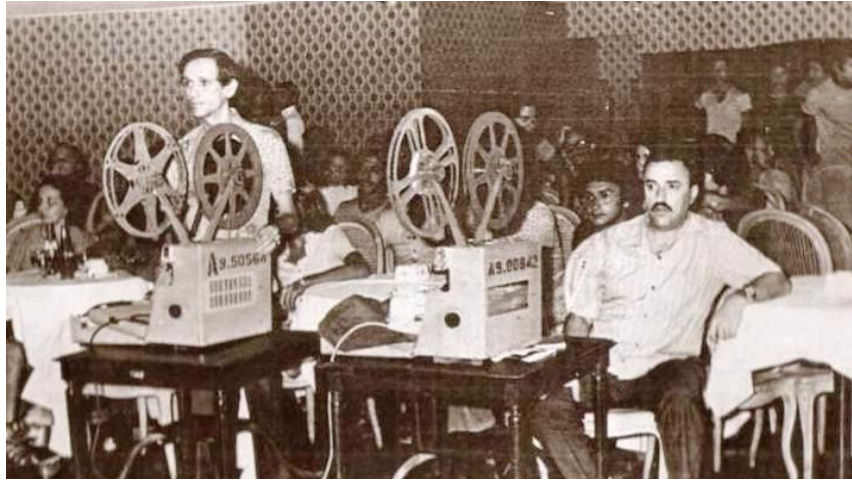
⁴³ Cine Guajará, localizado na Base Área de Belém, teve sua programação de filmes realizada pelo cineclube da APCC até o início dos anos 1980.

⁴⁴ Auditório do Curso de Odontologia da UFPA exibia filmes em 16 mm, além de ser local de vários cursos de cinema promovidos pela APCC.

⁴⁵ Grêmio Literário Português, um dos clubes mais tradicionais do estado do Pará e um dos espaços com maior frequência de público do cineclube da APCC.

⁴⁶ O filme de 35 mm era o formato mais utilizado pelas salas de cinema do mundo inteiro. Nos cineclubes, o formato mais usado era o filme de 16 mm. Programar filmes em 35 mm provocou um aumento significativo na quantidade de filmes exibidos. No Cine Guajará e o auditório do Grêmio Literário Português, filmes em 35 mm foram programados, e por essa razão, sua programação era mais abrangente e constante. Atualmente, o filme em 35 mm está em extinção, sendo substituído por filmes em formato digital.

Figura 22 - Pedro Veriano e A.G.M. numa sessão do Cineclube da APCC em 1974.



Fonte: Acervo Particular de Alexandrino Gonçalves Moreira.

Com mais espaços de exibição, como a sede social do clube Assembleia Paraense, onde A.G.M. e Pedro Veriano projetaram filmes como *O Mágico de Oz* (1939), a APCC aumentou o número de filmes programados. Além dos críticos de cinema, a programação era prestigiada pelos estudantes, jornalistas, escritores e professores, criando interesse na diversidade de filmes exibidos. Segundo João de Jesus Paes Loureiro (entrevista, jun. 2014), o Cineclube da APCC provocou “amor ao cinema como arte, interesse pela leitura de críticas e análises de filmes e leitura de livros sobre cinema”.

O Cine Guajará pertencia à Base Naval e funcionou desde o imediato pós-guerra só que em um barracão no outro lado da rua onde depois se situou. Os filmes eram do circuito Severiano Ribeiro. Com a APCC é que ele passou a ter uma programação regular com filmes alugados de Recife. Eu só sabia do Guajará quando passava de carro, vindo do Aeroporto ou de Icoaraci e via que estavam projetando no barracão, pois havia um pequeno espaço entre a parede lateral e a tela. O Cine Catalina pertencia à Base Aérea e sempre exibiu filmes do grupo Severiano Ribeiro. Era incômodo, pois, durante o governo militar havia sentinela caminhando no meio dos espectadores dentro do salão. O Grêmio Português tinha um projetor 35 mm portátil doado pelo governo Salazar. Mas não era usado. A diretoria convidou o Cineclube da APCC para programar filmes ali por volta de 1971 (Pedro Veriano, entrevista dez. 2014).

O Cineclube da APCC, com os parceiros que abriram espaço para sua atuação, alterou o panorama de exibição da cidade. Segundo Luzia Miranda Álvares, (entrevista jul. 2014) nos anos anteriores da criação do cineclube da associação de críticos, “havia um bombardeio de produção comercial de empresas distribuidoras do Nordeste, do Sul e Sudeste do Brasil. Os filmes eram os do cinemão norte-americano e havia necessidade de mudança neste quadro exibidor”. Esse esquema de ocupação das salas de cinema continuaria por muito tempo. A diferença é que, agora, o espectador paraense teria mais opções, filmes para assistir-debater-estudar cinema. É importante destacar que nesse

período as salas de exibição eram a principal referência do cinéfilo. A foto histórica reuniu coordenadores do cineclube da APCC.

Figura 23 - Da esquerda para direita, Luzia Álvares, Pedro Veriano, A.G.M. e Acyr Castro. 1974.



Fonte: Acervo Particular de Alexandrino Gonçalves Moreira.

Os encontros entre cineclubistas eram frequentes, nos quais planejavam ações do cineclube, cujas funções eram as de formar outro tipo de público para além dos frequentadores dos cinemas comerciais. O circuito comercial, neste sentido, não deve ser colocado como inimigo do processo de distribuição e exibição. O cinema como negócio exige outras demandas e o cinema norte-americano planejava seus altos investimentos na indústria cinematográfica, que dependia de um sistema de distribuição e exibição adequado à sua política de produção de filmes. Independentemente disso, o cinema norte-americano produzia filmes que marcaram a história do cinema e que mereciam ser vistos.

Ao movimento cineclubista coube alterar esse processo, ou seja, deixar de admirar o cinema apenas como diversão para pensar o cinema, estudar possibilidades, explorar reflexões outras. Nesta trajetória, o crítico de cinema é um elemento mediador entre o filme e o público, argumentando sobre o cinema como uma arte em desenvolvimento que não pode ser vista com limitações. Segundo André Bazin, “a função do crítico não é trazer uma bandeja de prata, a verdade que não existe, mas prolongar o máximo possível, na inteligência e na sensibilidade dos que o lêem, o impacto da obra de arte” (BAZIN, 1985, p. 07). Dessa forma, ter críticos que atuavam com textos e ações cineclubistas, incluindo a programação de um cineclube, foi um privilégio para o público.

O Cineclube da APCC atuou no auditório do curso de Odontologia da UFPA, no Grêmio Literário Português e no Cine Guajará. Nos dois últimos espaços, usou películas de 35 mm, ganhando ares de cinema profissional na sala militar, atuando ali no tempo da ditadura, fato que impressionou por diversos motivos. Um deles por conseguir exibir filmes sem o visto de censura, brecha que deu margem às projeções de cópias com certificado vencido, um papel que acompanhava as cópias dos filmes e era obrigatoriamente levado à Polícia Federal para liberar a exibição, mesmo de caráter cultural sem fim lucrativo (VERIANO, 2006, p. 76).

Com a responsabilidade de programar tantos espaços, a Associação teve Pedro Veriano e Luzia Miranda Álvares com uma atuação destacada, marcando presença nas sessões do cineclube. A.G.M. colaborou na divulgação dos filmes programados através de sua coluna de cinema. Posteriormente, comprou e cedeu para o cineclube *O Encouraçado Potemkin* (1925) e *Aurora* (1929) em cópias de 16 mm. Depois, auxiliou no contato com as distribuidoras de filmes e com seu conhecimento cinematográfico⁴⁷. Com a programação do cineclube sendo prestigiada, ocorreram sessões com grande público nos espaços programados. No Cine Guajará, várias exibições foram bem-sucedidas. Pedro Veriano relata:

O campeão absoluto de público no cineclube foi “E O Vento Levou”⁴⁸ no Guajará. A sala ficou lotada e espectadores que sobraram viram o filme de seus carros com as portas laterais do cinema abertas. Virou *drive-in*. Depois eu me lembro de “Morangos Silvestres”⁴⁹ na AABB, com as cadeiras excedentes vindas da sala de jantar do clube e espectadores dependurados nas bordas do pátio. O filme era inédito em Belém (Pedro Veriano, entrevista dez. 2014).

Outro sucesso de público ocorreu no Cine Guajará com *O Fantasma da Liberdade* (1974), dirigido pelo cineasta espanhol Luís Buñuel, polêmico cineasta, realizador de filmes importantes para a história do cinema como *Um Cão Andaluz* (1929) e *A Idade do Ouro* (1930).

⁴⁷ Em 1972, A.G.M. patrocinou a exibição na televisão local da cerimônia de entrega do *Oscar*.

⁴⁸ *E O Vento Levou*, 1939. Direção: Victor Fleming.

⁴⁹ *Morangos Silvestres*, 1957. Direção: Ingmar Bergman.

Figura 24: Cine Guajará. Base Naval de Belém, 2010.



Fonte: Acervo Particular de Marco Antonio Moreira Carvalho.

No Cine Guajará⁵⁰, exhibições cineclubistas tinham particularidades. O cinema era localizado na Base Naval de Belém, sob responsabilidade da Marinha do Brasil. Longe do centro da cidade, o Cine Guajará não era frequentado por muitos cinéfilos, até o início dos anos 1970, fato que ocorreu com mais assiduidade quando foi incluído na programação do cineclube da APCC. No período da ditadura militar, certos filmes exibidos causaram tensão por apresentarem temas políticos, polêmicos e atraírem muitos espectadores. Essa e outras histórias são relatadas por Pedro Veriano.

O Guajará foi um episódio marcante na história do cineclube, até porque foi o primeiro “cinema de arte” de Belém. Era uma ginástica exibir filmes numa base militar em plena ditadura. A Marinha dava uma pequena verba para o aluguel dos filmes. (...) O comandante da Base Naval só pedia para não exibir “O Encouraçado Potemkin”. Valia tudo o mais. E realmente exibi um filme do Ballet Bolshoi num encerramento de ano homenageando o comandante da base. Ele agradeceu e achou irônico eu ter escolhido um filme russo, mas se confessou fã do cinema soviético. Na verdade, eu não pensei na “provocação”, e exibia filmes da CIDEF, uma distribuidora independente de um velho distribuidor (já com 90 anos na época) conhecido por Borghert. Eram clássicos e de aluguel acessível (tudo em cópias de 35 mm). Para as sessões do Guajará não era preciso liberação de certificado de censura na Polícia Federal. Óbvio. E por isso eu passava filmes do MAM (Museu de Arte Moderna) que não tinham disso (eram de arquivo). O maior sucesso de público, nos 10 anos de Guajará (mais ou menos isso), foi “..E O Vento Levou” com sala lotada e muita gente vendo o filme do lado de fora nos carros estacionados (uma espécie de *drive-in*). Para se ter uma ideia de como o público prestigiava, “Jonas que Terá 25 Anos no ano 2000”⁵¹, filme de festival, ficou mais de uma semana em cartaz com plateia expressiva. Alguns filmes estreavam no Grêmio Português e, depois, iam para o Guajará. Outros (a maioria) eram exclusivos. (Pedro Veriano, entrevista fev. 2015).

⁵⁰ Cine Catalina, sob a responsabilidade da Base Aérea, próximo do cine Guajará, exibia filmes comerciais e encerrou suas atividades nos anos 1980.

⁵¹ *Jonas que terá 25 anos no ano 2000*, 1976. Direção: Alain Tanner.

Com a inclusão do Cine Guajará no circuito de exibico cineclubista, com mais opoes de filmes, aumentou o número de espectadores às sessoes programadas. Segundo Luzia Miranda lvares (entrevista, set. 2014), o público que prestigiava com frequência a programaco “era geralmente de intelectuais, críticos, jornalistas, nomes da elite acadmica, jovens universitários e também qualquer pessoa que pudesse pagar o ingresso, que era irrisório, além dos sócios quites com sua mensalidade”. O professor Ernani Chaves se reporta  época.

Tornei-me um frequentador do cineclube muito cedo. Lembro-me de ter visto, em 1974, no Grmio Literário Português, “A Bela da Tarde”⁵² de Buuel. Eu só tinha 16 anos, mas pegava o ônibus e ia até o centro, até o Grmio Literário, para ver os filmes. Um ano e pouco depois, reconheci o rosto de uma das pessoas que havia sentado próximo de mim nessa sessão: era o Prof. Benedito Nunes. Assisti filmes em especial na AABB, onde também assisti o primeiro curso sobre linguagem cinematográfica, ministrado pelo Pedro Veriano. (...) Gostava de ir ao Guajará, na Base Naval, uma longa viagem de ônibus para se chegar lá. Lembro de um filme em especial no Guajará, em 1976: “Nosso Amor de Ontem”⁵³ com Barbra Streisand e Robert Redford. Um clássico do cinema romântico-político, com sua mensagem anti-Vietnã e a música tema inesquecvel⁵⁴.

Desse modo, o público tinha mais oportunidade de refletir sobre o cinema por meio das aces cineclubistas do período, e o significado da palavra cinefilia ficou mais presente pelo estímulo que a programaco, os críticos de cinema e outras aces disponibilizaram. A adesão de grande parte do público paraense da primeira metade dos anos 1970 permitiu que outras iniciativas fossem elaboradas.

2.4. Outras Aces

Para durarmos,  preciso que confiemos em ritmos, ou seja, em sistemas de instantes. Os acontecimentos excepcionais devem encontrar ressonâncias em nós para marcar-nos profundamente. (Gaston Bachelard)

Com o aumento do interesse do cinéfilo paraense na programaco do cineclube, outras aces foram executadas. O primeiro curso de cinema da APCC foi realizado no auditório da AABB, com Pedro Veriano, Isidoro Alves e João de Jesus Paes Loureiro como instrutores. Com o sucesso desta iniciativa, outros cursos foram planejados, um deles exibindo filmes de diversos períodos para debates referentes a escolas, tendências e

⁵² *A Bela da Tarde*, 1967. Direco: Luis Buuel.

⁵³ *Nosso Amor de Ontem*, 1973. Direco: Sidney Pollack.

⁵⁴ Ernani Chaves, 57 anos, professor universitário. Entrevista realizada em julho de 2014.

técnicas cinematográficas. Neste curso, A.G.M. participou como instrutor ao lado de Pedro Veriano e Luzia Miranda Álvares, no auditório do curso de Odontologia da UFPA.

Figura 25: A.G.M. com Pedro Veriano, ministrando curso de cinema. 1974.



Fonte: Acervo Particular de Alexandrino Gonçalves Moreira.

Havia um incentivo ao público local para a discussão sobre o cinema, enriquecida com os cursos, exhibições de filmes e a variedade de pontos de programação. Em muitas sessões vinculadas aos cursos de cinema, foi distribuído um informativo com os dados dos filmes exibidos no dia de cada aula. Entre tantas atividades, surgiu a oportunidade de idealizar e colaborar com o I Festival de Cinema Brasileiro de Belém, em 1974, numa parceria com a prefeitura de Belém.

Em Outubro de 1974, realizou-se no Pará o I Festival de Cinema Brasileiro de Belém. A comissão organizadora nomeada pelo prefeito Otávio Cascaes era composta, além de membros do setor cultural da Prefeitura Municipal de Belém, de Pedro Veriano, Luzia Miranda Álvares e Alexandrino Moreira, que tinham coluna de críticas de filmes em jornais como *A Província do Pará* e *O Liberal*. As atribuições de cada comissão foram responsabilizadas por várias atividades de preparação do festival e a incumbência dos membros da crítica ficou na elaboração e divulgação do edital para a competição dos filmes brasileiros e o contato com pessoas de outras regiões do país para participarem do evento. Foi organizado um seminário sobre um tema importante: "A linguagem cinematográfica amazônica existe?". O outro compromisso era o convite às pessoas da área cinematográfica para integrarem o júri oficial responsável pela escolha dos melhores filmes, atores, técnicos em competição. E foi nesta missão que encontramos Paulo Emílio Salles Gomes⁵⁵ (Depoimento de Pedro Veriano e Luzia Miranda Álvares) (CAETANO, 2012, p. 58).

O I Festival de Cinema Brasileiro de Belém⁵⁶ ocorreu no período do Círio de Nazaré, a maior festa religiosa do Pará, e teve como jurados nomes importantes do cinema brasileiro

⁵⁵ Paulo Emílio Salles Gomes (1916-1977), crítico de cinema, um dos maiores defensores do cinema brasileiro. Em 1965, criou o primeiro curso superior de cinema, em Brasília.

⁵⁶ *A Noite do Espantalho* (1973) de Sérgio Ricardo ganhou o prêmio de melhor filme do festival pelo júri oficial.

como Jean-Claude Bernadet⁵⁷. No mesmo período, foi realizado um seminário sobre linguagem cinematográfica que teve a presença de Paulo Emilio Salles Gomes, Jean-Claude Bernadet, atores e diretores que participavam do festival, como Arthur Omar⁵⁸ (que apresentou seu filme *Triste Trópico*) e a atriz Sandra Barsotti⁵⁹, além dos críticos e intelectuais paraenses. A.G.M. comentava que a realização do festival foi importante para chamar a atenção dos jornalistas brasileiros para Belém, mas o festival não gerou um resultado prático para as atividades cineclubistas locais. Segundo Pedro Veriano (entrevista dez. 2014), “o que ficou de bom foi o contato direto com produtores e atores, especialmente com gente ligada à Cinemateca Brasileira, como Lucilla e Jean Claude Bernadet, e com críticos de outros estados, como Pernambuco”. Outros festivais foram realizados em Belém nesse período, como o festival de filmes amadores que teve a coordenação de Luzia Miranda Álvares, no período que dirigia a filial da EMBRAFILME⁶⁰, em Belém.

Em 1974, numa iniciativa inédita, A.G.M. e o cineclube da APCC colaboraram na produção de *Manosolfa*, curta-metragem em desenho animado. Houve uma sessão especial para arrecadar renda para a produção. Dirigido por Sandra Coelho de Sousa e com roteiro de Maria Sylvia Nunes, o curta-metragem foi exibido no Cine Palácio, nas sessões de arte exibidas às sextas-feiras. O filme tem “uma personagem central que, ao materializar as notas musicais, exerce um poder que dá origem a devaneios”⁶¹. Na equipe técnica do curta-metragem, Mair Tavares⁶², um dos maiores montadores do cinema brasileiro. *Manosolfa* teve apenas uma cópia para exibição e não existem registros de outras projeções, após seu ano de produção, transformando-se num filme a ser redescoberto para a história do cinema paraense. A importância de ações como programação de filmes e colaboração em outras atividades de cinema em Belém ratificava a valorização do trabalho da APCC. Em 1977, quando se comemoraram os dez anos de atividades do cineclube da associação, vários

⁵⁷ Jean-Claude Bernadet, 78 anos, um dos críticos de cinema mais influentes do jornalismo brasileiro com trabalhos como cineasta e escritor.

⁵⁸ Arthur Omar, 67 anos, artista com atuação em várias áreas da produção (cinema, vídeo, fotografia, música, poesia). Realizou mais de trinta filmes e vídeos.

⁵⁹ Sandra Barsotti, 64 anos, atriz com atuação no cinema e televisão, uma das estrelas da pornochanchada nos anos 1970.

⁶⁰ EMBRAFILME (Empresa Brasileira de Filmes) foi empresa estatal produtora e distribuidora que fomentou a produção e distribuição de filmes brasileiros. Criada por decreto-lei em 1969, foi extinta em 1990.

⁶¹ Texto do site da Cinemateca Brasileira: <http://cinemateca.gov.br/>. Acesso em dezembro de 2014.

⁶² Mair Tavares, 69 anos, trabalhou como assistente de montagem em *Terra em Transe* (1967) de Glauber Rocha e *Macunaíma* (1969) de Joaquim Pedro de Andrade. Foi montador de filmes como *Chuvvas de Verão* (1978) e *Bye Bye Brasil* (1980) de Carlos Diegues e *Ópera do Malandro* (1986) de Ruy Guerra.

jornalistas fizeram menção à importância do trabalho realizado, dentre os quais, Lúcio Flávio Pinto (1977).

É indiscutível que a criação do cineclube representou um grande avanço no setor cinematográfico de Belém. Talvez se possa marcar o setor antes e depois do cineclube: filmes de melhor qualidade era uma raridade no circuito comercial e por isso o público belenense tinha pouco acesso ao que de melhor se fez no cinema mundial. O cineclube ofereceu uma alternativa, inicialmente precária, hoje ainda não excelente mas que já é muito melhor. É claro que se pode fazer objeção a certo tipo de programação e apresentar algumas opções (como por exemplo, um ciclo sobre o esquecido Cinema Novo que envolva “Deus e o Diabo na Terra do Sol”⁶³ e “Terra em Transe”⁶⁴ de Glauber Rocha, “Amor e Desamor”⁶⁵. “O Bravo Guerreiro”⁶⁶, etc.) mas seria injusto esquecer o esforço e os critérios dos que dirigem o cineclube, especialmente Pedro Veriano. Provavelmente, o projeto inicial será complementado agora com o Cinema Um que trará os “filmes de arte” do circuito “amador” para o comercial. Essa mudança, aliás, é coerente com as próprias transformações da cidade: não é mais um pequeno número de fanáticos apaixonados pelo cinema que podem consumir estes filmes. Agora é um segmento maior da classe média⁶⁷.

O reconhecimento dos frequentadores mais assíduos incentivou a expansão de outras atividades. Em 1980, a APCC, numa iniciativa inovadora, promoveu a exibição do filme *Don Giovanni* (1979) no Teatro da Paz. Versão cinematográfica da ópera de Wolfgang Amadeus Mozart, inédito em Belém, exibida no Teatro da Paz, representou momento histórico de conexão entre o cinema e a ópera. Foi uma sessão inesquecível para os admiradores das artes cênicas e cinematográficas. Com longa duração, a exibição do filme exigiu uma logística diferenciada, pois o teatro não possuía equipamentos adequados. O projetor de 35 mm do Grêmio Literário Português foi emprestado para o evento.

⁶³ *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, 1964. Direção: Glauber Rocha.

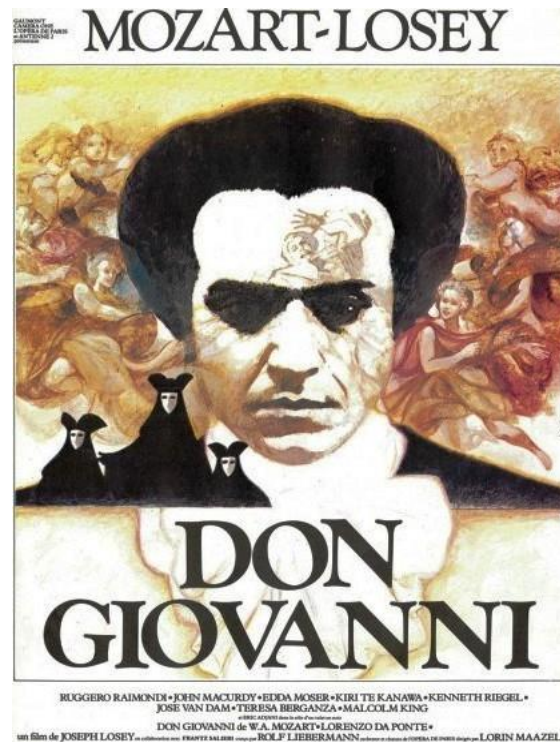
⁶⁴ *Terra em Transe*, 1967. Direção Glauber Rocha.

⁶⁵ *Amor e Desamor*, 1966. Direção: Gerson Tavares.

⁶⁶ *O Bravo Guerreiro*, 1969. Direção: Gustavo Dahl.

⁶⁷ Texto do jornalista Lúcio Flávio Pinto publicado no jornal O Liberal em 01/11/1977.

Figura 26 - Cartaz do filme *Don Giovanni*.



Fonte: Google Images.

As sessões do cineclube da APCC agregaram novos cinéfilos e a sessão especial de *Don Giovanni* teve ótima repercussão. É interessante destacar a quantidade de filmes programados. Em 1975, mais de cento e quarenta filmes foram exibidos pelo cineclube em seus diversos espaços, entre inéditos e reprises. A exibição de filmes inéditos incluía elogiadas produções de outras décadas, por não existir um circuito alternativo além do exibidor comercial. Essa situação era compreendida pelo cinéfilo paraense, especialmente quando a APCC reunia os críticos associados para escolher os melhores do ano. Na relação final, a maioria dos filmes escolhidos foi exibida no cineclube da associação, e muitos realizados em anos anteriores. Como exemplo, em 1976, o melhor filme do ano para os críticos da associação foi *Dodeskaden: O Caminho da Vida* (1970) do diretor Akira Kurosawa, produzido em 1970. Este panorama de exibição originou a valorização do trabalho realizado no cineclube da APCC, motivando a todos os envolvidos a continuar essa trajetória cineclubista.

Entendo que a principal razão da criação do cineclube da APCC foi necessidade de criar espaços de exibição de filmes que normalmente não estariam nos circuitos comerciais e a possibilidade de fazer debates, que propiciassem a formação e informação sobre o cinema, numa ação paralela ao exercício da crítica, em geral nos jornais de maior circulação em Belém. Havia uma carência do que se considerava essencial para uma boa cultura cinematográfica. O cineclube teve um papel fundamental com a possibilidade de exibição dos clássicos e a discussão do cinema como uma arte do nosso tempo (Isidoro Alves, entrevista, set. 2014).

A.G.M. tinha grande satisfação em contribuir com a trajetória do cineclube da APCC. O autor deste texto lembra-se de suas conversas com Pedro Veriano sobre filmes que poderiam ser exibidos, como alguns clássicos que tinha visto na sua cidade natal. Como bom cinéfilo, ele procurava estar em todas as sessões do cineclube e também nos cinemas do circuito comercial. Muitas vezes, levava ao cinema seu filho mais velho, Alex, incentivando-o a gostar de cinema e, cinéfilo de filiação, o autor deste texto pensava quando iria acompanhá-los nas sessões da APCC, pois nos cinemas comerciais, essa rotina existia. Afinal, o programa favorito da família era cinema.

A partir do final de 1976, instigado pelo interesse e paixão de A.G.M., comecei a frequentar com ele e meu irmão, as sessões do cineclube da APCC. O hábito de frequentar os espaços programados pela associação de críticos, como Cine Guajará e o auditório do Grêmio Português, abrangia não somente ver os filmes, mas o encontro com cinéfilos e troca de opiniões e informações sobre cinema.

Após assistir, pela primeira vez, ao filme *2001: Uma Odisseia no Espaço* (1968), numa sessão de cineclube no auditório do Grêmio Português, impressionado, perguntava tudo ao meu pai e meu irmão sobre esse filme enigmático e ambos ajudaram a entender a obra de Stanley Kubrick⁶⁸. De certo modo, A.G.M. agia dessa forma, e compartilhava seu entendimento sobre os filmes. Tal prática serviu de estímulo para os que tiveram contato com ele. Momentos importantes marcaram a trajetória do cineclube da APCC, e certamente um dos mais significativos foi a exibição do filme *Carlitos: O Genial Vagabundo* (1976).

A sessão marcante do Cineclube da APCC foi em 1977, quando morreu Charles Chaplin e se exibiu o documentário “Carlitos: O Genial Vagabundo” que havia sido contratado antes de se saber do fato. Foi uma ginástica prender o filme aqui, pois a distribuidora queria muito a cópia para cinemas do Sudeste. No fim da projeção, com Chaplin acenando, a plateia se levantou (o salão estava lotado) e aplaudiu em lágrimas (Pedro Veriano, entrevista nov. 2014)

⁶⁸ Stanley Kubrick (1928-1999), fotógrafo, cineasta, roteirista, produtor. Um dos mais importantes diretores do cinema com obras significativas como *O Grande Golpe* (1955), *Glória Feita de Sangue* (1957), *Dr. Fantástico* (1964), *2001: Uma Odisseia no Espaço* (1968), *Laranja Mecânica* (1971), *Barry Lyndon* (1975) e *O Iluminado* (1980).

Este momento foi especial para todos que estavam na sessão. Charles Chaplin era uma referência e representava uma das mais belas histórias do Cinema. Pode-se entender essa sessão como símbolo da paixão que muitos cinéfilos paraenses têm pela sétima arte. Momentos como aqueles empolgavam A.G.M. que, testemunha de tantas ações e pessoas frequentando os espaços de exibição alternativos, entendeu que poderia contribuir mais, resgatando um sonho, uma ideia que teve ainda jovem: ter salas de cinema. Essa nova fase mudou sua vida pessoal e profissional e ajudou na formação cinematográfica belenense, cidade que o acolheu.

TAKETRÊS: CIRCUITO CINEARTE: CINEMA DE ARTE DO PARÁ

Alexandrino foi um pioneiro
(Alberto Shatovsky)

Nos anos 1970, exibidores brasileiros vivenciaram momentos distintos. Inicialmente, essa década começou com um alto percentual de ocupação das salas de cinema com o público mantendo um nível de frequência satisfatório para os exibidores. O grupo Severiano Ribeiro possuía salas de exibição em vários estados. Sucessos como *Operação França* (1971) de William Friedkin, *Nosso Amor de Ontem* (1973), de Sidney Pollack, *Tubarão* (1975) de Steven Spielberg, *Terremoto* (1974) de Mark Robson e desenhos animados produzidos pelos estúdios Disney eram responsáveis pelo otimismo no mercado exibidor¹. Na cinematografia brasileira, filmes do gênero Pornochanchada e produções direcionadas ao público infantil do grupo Os Trapalhões, atraíram bom público. Mas, a partir da segunda metade dessa década, problemas econômicos causados pela crescente audiência da televisão, crise mundial do petróleo², relação das distribuidoras com exibidores³ e o esgotamento das fórmulas de sucesso comercial que o cinema norte-americano vivenciou, a partir do final dos anos 1960, causaram retração no mercado exibidor mundial. Esta realidade fez com que exibidores fechassem salas de cinema, diminuindo o circuito de exibição brasileiro,

Em Belém, o mercado de exibição local teve suas primeiras salas de exibição a partir da iniciativa do empresário espanhol Joaquin Llopis, que inaugurou o cine *Politheama* e o Cine Odeon, nos primeiros anos do século XX.

¹ A estruturação do mercado exibidor brasileiro iniciou a partir de 1907, quando o fornecimento de energia elétrica no Rio e São Paulo foi desenvolvido após a inauguração da Usina de Ribeirão das Lajes. No Rio de Janeiro, em 1908, 20 salas de cinema funcionavam regularmente exibindo filmes de diversas companhias como *Pathé* e *Gaumont* (França), *Nordisk* (Dinamarca) e *Cines* (Itália), além de documentários locais.

² A crise mundial do petróleo ocorreu na década de 1970, quando foi descoberto que o petróleo era um recurso natural não renovável. Em decorrência disto, o preço do petróleo sofreu muitas variações, provocando instabilidades financeiras na economia de vários países.

³ A relação comercial entre distribuidor e exibidor é regida pelo percentual de bilheteria de cada filme. O maior percentual é do distribuidor do filme com variações entre 50 e 60% da renda.

Llopis era um industrial da borracha. Inteligente ao ponto de acreditar no potencial do invento dos irmãos Lumière, ou de Thomas Edison, foi buscar em sua terra natal o cinegrafista Ramon de Baños⁴, com a missão de supervisionar a parte técnica das novas casas e filmar um documentário sobre a extração do látex da seringueira e seu beneficiamento até chegar a borracha. Tudo, naturalmente, evidenciando a fábrica Llopis, que inauguraria na cidade o filme de matéria paga ou documentários de propaganda (VERIANO, 1999, p. 15).

Nos anos 1910, a cidade de Belém tinha doze cinemas de rua em funcionamento. Entre salas de bairro e projeções “volantes” que aconteciam no Arraial de Nazaré, durante o Círio de Nazaré, um cinema de alto investimento foi inaugurado próximo ao Teatro da Paz e ao Grande Hotel⁵, Cinema Olympia. Considerada a primeira casa de exibição de luxo da cidade, o Cinema Olympia chamou a atenção do público de diversas classes com a exibição regular de filmes de sucesso. Nos anos 1920⁶, foi inaugurado o Cine Iracema⁷ pelo empresário cearense Raimundo Sargento que por muitos anos dividiu a atenção do público e distribuidores de filmes com o Cinema Olympia.

Figura 27 - Cinema Olympia. 1912.



Fonte: Facebook CineOlympiaOficial.

⁴ Ramon de Baños (1890-1986), cineasta espanhol que morou em Belém entre 1911 e 1913. Foi um dos pioneiros do cinema na Amazônia. Primeiro cineasta a produzir, filmar, montar e exibir filmes em Belém, fundou com Joaquin Llopis, o primeiro empresário de cinema de Belém, a primeira produtora da cidade chamada Pará Films, produzindo importantes filmes da história do cinema regional.

⁵ Grande Hotel foi um marco da hotelaria paraense. Inaugurado em 1913, tinha como proprietário Teixeira Martins, dono do cinema Olympia. Nos anos 1980, foi vendido e na sua área foi construído outro hotel.

⁶ Sobre os cinemas de Belém nos anos 1920, consultar o texto de Eva Dayana Felix Carneiro, O Espectador Cinematográfico na Belém dos anos 1920 publicado no livro de artigos Desdobramentos das Linguagens Artísticas: Diálogos Interartes na Contemporaneidade, organizado por Bene Martins e Joel Cardoso.

⁷ Cine Iracema tem esse nome como homenagem à personagem da obra de José Alencar, Iracema, lembrança da terra natal do proprietário do cinema.

Nos anos 1930 e 1940, as empresas Teixeira & Martins e Cardoso & Lopes eram as principais proprietárias de salas de exibição da capital como os Cines Guarani, Iris, São João, Popular, Poeira, Moderno, Independência, Universal e Rex. Em 1959, foi inaugurado o Cine Palácio, um dos maiores cinemas da cidade com grande capacidade de público, e dois anos depois, o Cine Ópera. Após período de abertura e fechamento de cinemas, a capital paraense⁸ ficou quase duas décadas sem a inauguração de novas salas de exibição. Fato semelhante ocorreu em diversas cidades brasileiras.

(...) Depois dos anos 70, os fechamentos foram acontecendo rotineiramente, fazendo com que o mercado exibidor de todo o Brasil entrasse numa situação de perdas constantes (agora perdas tanto de público, quanto de salas), as quais assombraram toda a década de 1980 e, da mesma forma, toda a década de 1990. Nos anos 70 também se inicia o fenômeno do fechamento de tradicionais salas de exibição, isto em função da queda de público, do baixo preço dos ingressos e da especulação imobiliária que ocorreu nos grandes centros urbanos brasileiros. (...) A queda do número de salas de cinema também foi acompanhada pela queda do público freqüentador das salas, pois em três anos (1979-1981), o público total diminuiu 34% de 192 milhões para 139 milhões, em números redondos. Na década de 80, os números referentes ao cinema de um modo geral entraram em queda livre. (...) Com as quedas dos números de salas e de ingressos vendidos, os exibidores partiram para uma política de reajustes graduais nos preços dos ingressos acima dos índices inflacionários. Nesta fase, além de uma série de tributos, os cinemas estavam obrigados a recolher 3,5% da renda bruta a título de pagamento de direitos autorais sobre a trilha sonora de filmes. Esses custos foram repassados diretamente aos consumidores. Presencia-se assim um sucateamento sem precedentes do parque exibidor cinematográfico brasileiro (RAMOS e MIRANDA, 2000, p. 223).

O mercado brasileiro de exibição diminuiu num processo que atingiu números preocupantes por longo período. Em 1975, o parque exibidor nacional possuía 3.200 cinemas. Em 1985, apenas 1.400 cinemas estavam em atividade no Brasil, numa crise que afetou principalmente o cinema brasileiro, que ficou com menos espaços para exibição⁹. Felizmente, o circuito cineclubista paraense cresceu neste período, sendo uma referência para o público paraense, como revelado no texto de Rafael Costa, publicado na coluna Panorama de Luzia Miranda Álvares.

⁸ Icoaraci e Mosqueiro, vilas balneárias do município de Belém, possuíram cinemas. Em Icoaraci, com os cines Ipiranga e Guanabara, e em Mosqueiro, o cine Guajarino que funcionou até 1976.

⁹ O mercado de exibição no Brasil voltou a crescer a partir da segunda metade dos anos 1990 quando grupos de exibidores estrangeiros investiram na abertura de várias salas de cinema, em *shoppings centers*, no sul do país.

Figura 28 - Coluna Panorama.

Belém, sexta-feira, 13 de janeiro de 1978 — Página 6

Panorama

RAFAEL COSTA

O negócio é apelar para o Cineclube



Vejam o que elas fazem quando estão de cima!

Fora de brincadeira! Tá chegando aí um filme cujo título é "Violento Duelo das Fêmeas", apelação vernacula para render bilheteria.

Na versão americana ganhou frontispício mais digno: "Battle of the Amazons", ou seja "A Batalha das Amazonas". Nada sei a respeito do original italiano, exceto que foi produzido por Al Bradley para a Roma Filmes, em technicolor e cinemascope. Encabeçando o elenco, gente desconhecida da gente: Lincoln Tate e Robert Vidmark, além de um grupo chamado as "Karatê Amazonas". Nessa história de duelo de fêmeas parece que os homens levam a pior. Vejam só a situação do mocinho aí da foto...

Não há outro jeito. Quem quiser cinema melhorado vai ter que apelar para o Cineclube. No circuito comercial a situação anda mais para abelha do que para colibri. Vejamos: no Olímpia, até o dia 17, 3a. feira, ficará "Excitação", com o qual o cinema tupiniquim envereda pelo terrorífico-pornô ou pornô-terrorífico, gênero híbrido agora inaugurado com muita técnica e pouca criatividade. Apenas uma curiosidade para registro — a mulher bonita, para delícia dos aficionados. "Marília e Marina" uma investida poética no terreno do homossexualismo feminino (com base em poema de Vinícius de Moraes) teve a sua estréia adiada. Até quando?

No Palácio, "O Trapalhão nas Minas do Rei Salomão" continua atendendo o numeroso público de TV e provando que J. B. Tanko descobriu que é mesmo no fim do arco-íris que está a tina de ouro. Ficará pelo menos até o dia 18, mas talvez dobre semana. No sábado e no domingo as sessões continuam começando às 08:30 horas. Providência de Empresa para atender ao público numeroso.

No Nazaré entrou ontem "Porque Agrado aos Homens" (La Marge). Isso significa que "O Julgamento de Billy Jack" foi jogado para escanteio por algum tempo. Sylvia Kristel é o ponto de referência e a atração. Um melodrama em que ela entra como "a outra" num triângulo amoroso cujo desfecho é trágico. Quem quiser arriscar, que vá...

No Iracema, "Maciste Contra os Monstros" continua com as suas proezas de heterofilismo em mundo de isopor. Isso até amanhã. No domingo estará estreando qualquer coisa com o título de "O Violento Duelo das Fêmeas" (na versão americana: "Battle of the Amazons"), que é estrelado por um grupo de meninas chamadas as "Karatê Amazonas". Sa-be lá o que é isso? Esse duelo de fêmeas vai terminar atraindo muita gente do TV-Catel.

No Ópera, o último dos cinemas lançadores, continua até sábado o nosso "Emmanuelle Tropical", com Monique Lafond. E estamos falados.

Portanto, para quem gosta do melhor, só restam as sessões exibidoras de APOC: no Guajará (Base Naval de Val-de-Cães) hoje ainda "Andrei Roublev, o Artista Maldito", de Andrei Tarkovskí. Amanhã, um policial: "O Vidente Misterioso". Para quem gosta de enigmas essa será um boa pedida.

No auditório de Odontologia (Praça Batista Campos) uma obra prima de todos os tempos: "Em busca de Ouro" (The Golden Rush), de Charles Chaplin. Amanhã, "O Homem que Burlou a Máfia", de Don Siegel. Nova oportunidade para quem não viu no circuito comercial. Don Siegel é aquele mesmo de "Vampiros de Almas". Lembra-se?

No Grêmio Português (Mandacaru, 477), amanhã, "Onde Começa o Inferno", de Howard Hawks, excelente realizador americano recentemente falecido. Essa exibição do Cineclube é "in memoriam".

Panorâmica

"A Noite dos Assassinos" é o próximo filme de Jece Valadão para os circuitos aqui da praça. Na cinta, além do próprio Jece, também trabalha Vera Gimenez, marcando mais uma etapa na sua vertiginosa carreira cinematográfica. Ela estreou no cinema em 1971.

"Lua de Mel & Amendoim" marcou esse começo, no 2o. episódio, que Pedro Carlos Rovai dirigiu. No mesmo ano filmou "Tô na Tua, Ô Bicho", de Raul Araújo. Logo no ano seguinte já trabalhava com Jece Valadão em "A Difícil Vida Fácil", de Alberto Pieralisi. Em 1973 participou de 3 filmes: "A Filha de Madame Bertrine", "Obsessão" e "O Descarte", de Anselmo Duarte, com Glória Meneses e Ronnie Von. Dentre muitos filmes es-

Especiais

GUAJARÁ (Base Naval de Val-de-Cães) — Só Hoje às 20:30 — **ANDREI ROUBLEV, O ARTISTA MALDITO** — o filme de Andrei Tarkovskí. Uma obra prima do cinema russo feita pelo mesmo autor de "Solaris".

AMANHÃ — **O VIDENTE MISTERIOSO**.

AUDITÓRIO DE ODONTOLOGIA (Praça Batista Campos) — HOJE às 20:30 — **A Busca do Ouro** (The Golden Rush) de Charles Chaplin. O melhor Carlitos.

AMANHÃ — **O HOMEM QUE BURLOU A MÁFIA** de Don Siegel.



Vidente misterioso torna-se um caso de Polícia

Estamos na era de curtir essas coisas: parapsicologia, paranormidade, fenômenos extra-terrenos, transmissões telepáticas, sonhos premonitórios, e assim por diante. Assuntos muito bons para romances de mistérios ou daqueles policiais descomprometidos mas deliciosos que a gente lê à noite, de uma vez só. Como não poderia deixar de ser, é assunto também para cinema, arte nova, porém com forte tradição nessa área. Daí, para os aficionados do sobrenatural, são plenamente justificáveis as melhores expectativas em torno do filme de Frank Perry (com roteiro de David Zeigler Goodman) "O Vidente Misterioso" (Man on a Swing). Trata-se de história de envolvimento de polícia com um suposto vidente como única fórmula de descobrir o misterioso homicídio de um jovem professor, que não tinha inimigo e era muito querido na localidade onde morava.

Diff Robertson é o esforçado policial, descrente do sobrenatural, que vive o dilema de estranha associação. Joel Grey, o cantor e mestre de cerimônias do filme "Cabaret", é o vidente misterioso. Amanhã no Guajará.

Em Belém, o movimento do público nos cineclubes animou A.G.M. a reaver antiga aspiração: ter salas de cinema. Independentemente da crise do setor, ele percebeu que a cidade merecia novos cinemas e desde o início pensou numa programação de filmes conforme ideal cineclubista que tanto lhe empolgava nos últimos anos como cinéfilo, crítico e colaborador do cineclube da APCC. A ideia, inicialmente compartilhada entre a família e amigos da associação, foi incentivada por muitos frequentadores dos cineclubes, jornalistas e gerentes de distribuidoras que conheciam o trabalho do cineclube local.

Na minha adolescência, eu era operador de cinema. Carreguei muitos rolos de filmes das diversas distribuidoras como a Metro Goldwyn Mayer, Warner Brothers, RKO¹⁰, etc. Este gosto pelo cinema veio se integrar a equipe do cineclube de Belém, acompanhando o movimento cultural exercido pelos entusiastas da sétima arte cidade durante os anos 1970. Foi em decorrência disso que me veio a ideia de entrar no ramo cinematográfico (A.G.M.)¹¹

A necessidade de mais salas de cinema em Belém era evidente para aqueles que frequentavam o cineclube da APCC, quando auditórios como do Grêmio Literário Português e cinemas como Guajará tinham boa frequência. Sessões lotadas de *Cenas de um Casamento* (1973) de Ingmar Bergman, *Carlitos: O Genial Vagabundo* (1976) e *Godspell: A Esperança* (1973) revelavam a insuficiência de salas de cinema na cidade. Além disso, a quantidade de filmes inéditos era significativa, evidenciada pela atuação do cineclube da APCC que exibiu mais de 100 filmes a cada ano, em sessões realizadas entre 1973 e 1977. A presença massiva do público nos cinemas comerciais também reforçou demanda reprimida de espectadores que precisava de uma atitude empreendedora na área de exibição. A.G.M., como agente cultural, não tinha completo mapeamento de informações sobre esse panorama na época em que decidiu investir na área de exibição; posteriormente, entendeu como era o cenário cinematográfico exibidor de Belém¹². Neste período, a situação das salas de exibição foi discutida na imprensa, como na matéria do crítico de cinema Rafael Costa¹³, publicada na coluna Panorama.

¹⁰ *RKO Radio Pictures*, produtora e distribuidora de filmes criada em 1928. Os primeiros anos da empresa foram investidos na produção de musicais e comédias. Em crise no final dos anos 1930, investiu na produção de filmes de menor orçamento conquistando grande bilheteria com *King Kong* (1933). Nos anos 1940, produziu filmes de sucesso de crítica como *Cidadão Kane* (1941) de Orson Welles, investindo em produções independentes e seriados.

¹¹ Entrevista publicada no jornal *O Liberal*, 15/11/1996.

¹² Nos anos 1960, a empresa Cinemas & Teatros (depois vendida ao grupo Severiano Ribeiro) projetou a construção do Cine Palácio Cinelândia, em área próxima ao Largo de Nazaré. A distribuidora *Art Filmes* manteve por alguns anos o Cine *Art* na Praça Brasil com uma distribuidora de filmes (incluindo as cópias em 16 mm) no local. Exibia os filmes desta empresa e da *Allied Artists*.

¹³ Rafael Vieira da Costa, crítico de cinema, participou do grupo de críticos ARTS nos anos 1950.

Figura 29: Coluna Panorama.

O LIBERAL/2o. Caderno Belém, domingo, 8 de janeiro de 1978 — Página 13

Panorama

RAFAEL COSTA

Por que morrem os Cinemas em Belém?

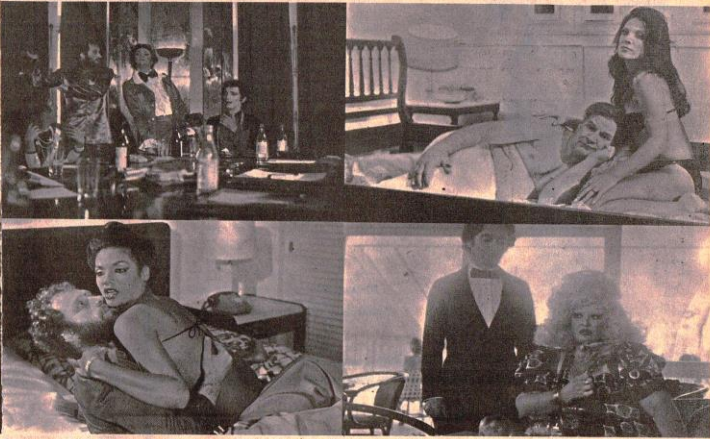
Não há motivo para alarme.
O mercado exibidor continua firme.

Vários cinemas "morreram" em Belém. O fenômeno pareceu justificar alguma preocupação quando, num lapso de tempo relativamente curto, fecharam — e mudaram de rimo — o Moderno, o Independência, o São João (que se chamava ART; quando fechou). Nelas, muitas obras-primas foram projetadas. Suas paredes testemunharam, durante gerações, as emoções do público frequentador — as risos e as lágrimas, os gritos de aplauso e de protestos. Por ali passava tudo, desde Flash Gordon ao Cidadão Kane, desde os filmes-cin-scéris ingênuos aos lacrimogênicos melodramas a morosos, desde os sofisticados musicais da MGM ao pauperismo melodramático dos filmes de Libertad Lamarque; desde o humor popular de Cantinflas ao humor genial de Carito. Contudo, esses cinemas fecharam, foram arrancadas suas telas de nylon, e a aparelhagem de som. Máquinas projetoras foram encostadas às paredes, entregues às telas de aranha ou vendidas pelo melhor preço. Os prédios foram dedicados a fins menos nobres: estacionamento de carros, depósito, supermercado...

Antes desses que fecharam mais recentemente outros já haviam tido igual sorte: o Universal, na Cidade Velha (que agora é depósito); o Popular na antiga Avenida Independência (no seu lugar ergue-se agora um conjunto residencial); o Iris, no Reduto (no local há uma indústria); o Vitória, na Pedreira... Isso para citar só os que me ocorrem à memória.

O fenômeno nada tem de assustador, nem de inquietante. São mudanças naturais. Como diz o sr. Adalberto Afonso: "são opções mais tentadoras que surgem". O comércio exibidor é um comércio como outro qualquer, sujeito a altos e baixos; sujeito às mudanças de comportamento da clientela; sujeito às variações das fontes produtoras.

Enquanto fecham uns, surgem outros. Os que sobrevivem transformaram-se para melhor e tudo se ajusta aos tempos que passam. Neste ano, por exemplo, teremos mais dois cinemas em Belém, concebidos segundo padrões adequados ao nosso tempo: pequenos, confortáveis e conversíveis — também servem para espetáculos teatrais. Cinemas assim dificilmente darão motivo de queixa contra o espaço ocioso. E o custo de manutenção é muito mais reduzido. (Rafael Costa)



Pornochanchada é a salvação. Tanto da indústria cinematográfica como do mercado exibidor. Com ela os cinemas terão menos possibilidades de fechar.

"Isso impressiona o observador que desconhece os bastidores do mercado exibidor — retruca mestre Afonso. "Gente Fina..." já esgotou, já deu o que tinha que dar. Só está em exibição ainda porque a Embrafilme obriga... Já deveria ter cedido lugar a outro filme..."

"Pelo que eu pude constatar — esclarece — os bordões de "Gente Fina..." registram faturamento de quase sete mil cruzeiros no penúltimo dia de programação..."

"Isso não é nada — responde ele imediatamente. Este total representa a frequência de pouco mais de mil espectadores. Isso é prejuízo. Numa programação que rende pouco — mais de sete mil cruzeiros a capacidade ociosa do cinema chega 60 por cento durante o dia. Veja bem: uma programação, no cinema Nazaré, colocamos cinco mil lugares à disposição do público. Apenas vinte por cento dessas lugares são ocupados. As

"O espaço ocioso dos Cinemas é o grande problema. Cerca de oitenta por cento dos lugares ficam sem utilização. As despesas são enormes e tendentes a crescer de mês a mês."

despesas, contudo, permanecem as mesmas, com tendência sempre a aumentar: pessoal, energia, manutenção, etc. Agora, por exemplo, com a autorização presidencial de aumento do custo de energia elétrica, o acréscimo das nossas despesas vai ser astronômico. Para você fazer uma idéia, basta informar que a despesa mensal de energia no Nazaré é da ordem de vinte mil cruzeiros. Isso — repito — só em termos de consumo de energia elétrica. Adicione agora os gastos no Olímpia, no Palácio, no Itacama... Quanto não vai aumentar?"

"Mas... interrompo — voltando ao início, sobre o motivo da morte dos cinemas. Que outros fatores o sr. aponta como causadores de fechamento de cinemas como o Moderno, o Independência, o Universal, o Art, etc.?"

"Cada um quase que tem uma explicação individual — responde ele. Não podemos generalizar. Em alguns casos os proprietários são colocados diante de opções mais lucrativas. O arrendamento do prédio, como foi o caso, por exemplo, dos cinemas Moderno e Independência, certamente foi uma opção mais tentadora para os proprietários. Com o arrendamento eles se eximiram dos trabalhos encargos de manutenção das casas exibidoras e, provavelmente, estarão auferindo maiores rendas. O cinema Art, que se especializou em exibição de filmes italianos e franceses — então considerados "malditos", — certamente não teve condições de sobrevivência pois o público exige programação diversificada. Outros cinemas, como o Universal — que funcionou muitos anos no Lago de São João, fecharam principalmente em consequência de contratos de arrendamento vencidos somado ao desinteresse no prosseguimento do negócio. No caso do Popular, que funcionou na antiga Avenida Independência, o prédio teve que ser entregue à Bratma. Talvez o cinema Art seja o único em que, a rigor, verificou-se a falência do negócio. Na época do fechamento da maioria dessas casas ainda estávamos na "idade de ouro" da exibição cinematográfica."

Faz uma pausa e prossegue: "Eu fui gerente do cinema Guarany. Naquele tempo era comum a casa lotada, com duas sessões. Hoje em dia o Guarany vive quase às moscas."

"Como ele não é um cinema lançador — sugeri — talvez a população do bairro da Cidade Velha se antecipe. Talvez prefira ver logo os filmes nos cinemas lançadores: no Olímpia, no Palácio, no Nazaré..."

"A meu ver — responde ele — o fator predominante ainda é o crescente desinteresse do público pelo cinema. Ir a cinema é uma questão de hábito. O público está perdendo esse hábito."

"A televisão é a culpada?"

"Em parte. Não muito".

"Omita à noite, quando eu cheguei em casa, assisti "Shame" tranquilamente, sentado na minha poltrona. O Canal 7 de vez em quando lança um clássico..."

"Isso e mais outros programas de gosto popular prendem o espectador de cinema em casa. Antigamente não havia TV e os filmes contavam com a atração dos grandes estrelas e astros — Clark Gable, Tyrone Power... Ninguém resistia. Todo mundo ia ver. Hoje em dia o público jovem pouco está ligando para esses no-

mes que marcaram época na história do cinema-espetáculo. Nunca nem ouviu falar deles. Para você ter uma idéia de como o público muda: aqueles super-espetáculos da MGM despertam qualquer interesse nos jovens de hoje".

"Cinema é uma questão de hábito. O público está perdendo o hábito de ir ao Cinema. Agora que todo mundo tem carro, as Piscinas, os clubes e os balneários gozam da preferência..."

"Mas o recente festival de re-exibições foi um sucesso" — protesta.

"Isso é relativo. O filme que mais faturou foi "Pacote" de Hitchcock. Ele ainda é um nome para o público jovem. Os saudistas não constituem um público apreciável em termos de renda de um cinema".

"Quer dizer que a única saída é o porno..."

"Considero a pornochanchada um mal necessário. A indústria cinematográfica nacional está doente. Precisa dessa injeção que está recebendo agora, graças aos filmes de pornochanchada. Antigamente a chanchada de Atlântida teve sua importância, garantiu a sobrevivência do nosso cinema num momento de crise. Agora a pornochanchada assume esse papel de salvadora da pátria".

Mestre Afonso faz uma pausa calculada e me olha com um sorriso:

"Você, crítico de cinema, que me perdona, mas o cinema brasileiro que você põem lá nas nuvens, o tal de cinema-novo, quase leva a nossa indústria à bancarrota. Não acertaram com o que o público quer..."

Por falta de tempo o papo não pôde prosseguir. Além já havia fugido ao tempo principal. Depois das despedidas afastei-me pensando no sucesso de "O Pagador de Promessas"; exemplar típico do cinema-novo que garantiu boas rendas às bilheterias de todo o Brasil. Enfim, o exibidor é, antes de tudo, um comerciante.

Fonte: Jornal O Liberal, 08/01/78. Acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Sem experiência no setor de exibição, A.G.M. consultou exibidores e profissionais de distribuidoras de filmes, mas foi com Pedro Veriano que a ideia tomou forma, pois, além de ser um grande parceiro, Veriano era experiente na atividade de programação de filmes.

A.G.M. inspirou-se no sucesso das exposições do cineclubes quando chegavam a faltar cadeiras para tantos espectadores. Nessa época, eu e ele fomos procurar um lugar para construir um cinema. A primeira ideia foi usar uma casa onde morou o maestro Carlos Gomes, na travessa Quintino Bocaiúva. Haveria, se fosse o caso, ajuda de entidade ligada a música. Mas era um prédio em ruínas e tombado. Como ele já tinha comprado um terreno na Travessa São Pedro, então um espaço sem pavimentação, normalmente cheio de lama, resolveu fazer o cinema ali. Nessa época, a gente vivia mantendo contato com exibidores do sul e nordeste para manter a programação do cineclubes. Foi quando um exibidor carioca alertou que seria melhor fazer duas salas posto que existisse séria concorrência do grupo Severiano Ribeiro, majoritário na cidade. Por causa disso, os cinemas passaram a se chamar Um e Dois, como os do Rio de Janeiro, de propriedade de Alberto Shatovsky¹⁴. Depois chegaria o cine Três. A construção levou à vitalização da rua, com asfalto e chegada de casas comerciais na vizinhança (Pedro Veriano, entrevista jun. 2014).

A.G.M. buscou financiamentos em instituições financeiras e abriu empresa para o início da construção dos Cinemas 1 e 2, em setembro de 1977. O nome da empresa evidenciava a intenção da programação das salas: Cinema de Arte do Pará Ltda. O Cine Guajará serviu de referência para o projeto arquitetônico. Após nove meses, a construção estava pronta. Nesse período, um dos mais importantes incentivadores do projeto, junto com Pedro Veriano, foi o gerente da distribuidora Columbia Pictures na região Norte e Nordeste, Antonio Silva¹⁵. Experiente profissional, em atividade desde o final dos anos 1940, Silva compartilhou muitas informações sobre o funcionamento das salas de exibição e mecanismos de distribuição de filmes. Antonio Silva teve um papel importante durante todo o período de funcionamento da empresa apoiando a sua programação, numa relação de exclusividade rara no mercado exibidor brasileiro¹⁶.

¹⁴ Alberto Shatovsky, 82 anos, crítico de cinema, foi um dos pioneiros na programação de cinemas de arte no Brasil, com atuação marcante no Cinema 1 de Copacabana, uma das salas mais importantes do panorama cultural do Rio de Janeiro nos anos 1960. O Cinema 1 de A.G.M. herdou o nome da sala de Shatovsky que distribuía filmes premiados em festivais, concorrendo com a distribuidora Franco Brasileira que exibiu filmes da *Nouvelle Vague*.

¹⁵ Antonio Silva (1924-2013), programador cinematográfico, trabalhou durante sessenta e oito anos no mercado de cinema. Trabalhou durante 37 anos na distribuidora *Columbia Pictures* (um de seus filmes preferidos era *Gilda*, realizado em 1946). Ex-combatente pela FAB (Força Área Brasileira), Silva passou um ano na Itália durante a Segunda Guerra. De volta ao Brasil, iniciou no cinema pela distribuidora *United Artists*.

¹⁶ Os cinemas do grupo Severiano Ribeiro não exibiram filmes da *Columbia Pictures* por um longo período. O grupo exibiu filmes dessa distribuidora, nos anos 1940 e 1950, voltando a exibir temporariamente no final dos anos 1970.

Figura 30 - A.G.M. com Antonio Silva e Pedro Veriano. 1977.



Fonte: Acervo Particular de Alexandrino Gonçalves Moreira.

A foto acima retrata A.G.M e Pedro Veriano divulgando o projeto de construção dos cinemas para Antonio Silva. No início do projeto, quando se pensava em construir apenas uma sala de cinema, foi divulgado na imprensa que o nome da sala seria Studio 1. Outra ideia efetivada na construção do prédio foi de que pelo menos uma sala seria um cine-teatro para exibição de filmes, peças de teatro e show musicais. O Cinema 1 foi inaugurado com um palco próximo à tela de projeção, mas a programação seguiu o rígido sistema de distribuição de filmes vigente, ocupando todos os horários de exibição das salas¹⁷. Para a montagem das cabines de projeção dos cinemas, foi contratado o técnico italiano Gianni Gallazi¹⁸, profissional que, posteriormente, foi responsável pela instalação de outras cabines de projeção a convite de A.G.M.

Pedro Veriano foi responsável pela programação dos cinemas (além de fazer os anúncios para os jornais), ao lado de A.G.M., e tinha experiência graças aos anos programando o cineclube da APCC. A.G.M. decidiu que uma sala seria inaugurada com um filme brasileiro, como homenagem ao cinema nacional que, naquele momento, estava numa fase de mudanças graças às transformações do mercado de produção e distribuição de filmes.

¹⁷ O palco do Cinema 1 nunca foi utilizado para teatro, mas em diversas ocasiões foi usado para realização de debates, como na sessão do documentário *Jango* de Silvio Tendler, em 1984. No debate, presença de jornalistas e escritores como Benedito Monteiro além de professores e estudantes universitários. Como ainda era época da ditadura militar, houve presença de agentes da polícia federal para a fiscalização da sessão.

¹⁸ Gianni Gallazi, técnico de projeção italiano radicado no Brasil onde exerceu a função de importador de filmes através da distribuidora Europa Filmes Ltda. Entre importantes títulos lançados, *Solaris* de Andrei Tarkovski, produzido em 1972.

Figura 31 - Da esquerda para a direita: A.G.M., Gerson Silva (engenheiro), Maria de Lourdes Carvalho Moreira, José Augusto Affonso II (crítico de cinema), Luzia Miranda Álvares, Ofir Silva (engenheiro), Edwaldo Martins e Pedro Veriano no lançamento da pedra fundamental da construção dos Cinemas 1 e 2. (01.09.1977).



Fonte: Acervo Particular de Alexandrino Gonçalves Moreira.

Segundo Veriano (entrevista fev. 2015), “a ideia era fazer dos novos cinemas um prolongamento do Cineclube da APCC ou de circuitos do sudeste como da Cia. Franco-Brasileira. Tanto que a firma se chamou Cinema de Arte do Pará Ltda. Um sonho”. Com o lançamento da pedra fundamental da construção, em 01/09/1977, as obras começaram mudando o panorama da pouco conhecida Travessa São Pedro, que, meses depois, seria o endereço das novas salas de cinema de Belém. A partir de 29 de junho de 1978, com a inauguração dos cinemas, deu-se o início a quase três décadas de exibição.

Figura 32 - Coluna Jornal do Cinema.

Ano IV Nº 193

Jornal do Cinema

Pedro Veriano



A assinatura do contrato da firma "Cinema de Arte do Pará Ltda." Assina o diretor-presidente Alexandrino Moreira.

Alexandrino, António Silva da "Columbia Pictures" e o colunista

Belém ganha dois novos cinemas

Garoto ainda, o Alexandrino Gonçalves Moreira era desses moleques levados que fazia gazeta pra ir ao cinema. O pai, fazendeiro que não brincava em serviço, mandou o moleque trabalhar. E o trabalho foi variado. Tinha os ossos do afleito como tudo na vida. Mas tinha o mel como alguma coisa da vida. E na qualidade de mel o Alexandrino operava o aparelho projetor do cinema da Luiza (MG), sua terra natal.

Conta o hoje diretor regional do Banco Sul Brasileiro que foi no cinema que namorou (mais) a garota que seria a sua esposa e que, para ele, era a cara de uma artista muito solicitada na época. Donna Reed. De rinha parte, eu só lamento que Donna Reed, digo, D. Lourdes, não estivesse presente num dia em que Alexandrino passou apenas oito das 14 partes de "A Felicidade Não Se Compra", o meu filme "de cabeceira".

Mas essas deliciosas histórias de cinema contadas por quem gosta de cinema apenas abrem o pano de um "show" fora de série que o belenense verá esta semana, quando, desafiando diversos tabus, contará com dois novos cinemas, inaugurados "num tapa", em local acessível a todos, bem no centro da Grande Belém, com o conforto que pede o espectador que não é lá muito cinemático (ar condicionado, poltronas estofadas, etc. etc.).

Uma velha idéia

Vendo a coisa como num filme, dou uma fusão diante do Cinema I e vejo uma sessão domingueira da AAB, quando o Cine Clube da APOC (Associação Paraense de Críticos Cinematográficos) Paraense de Críticos Cinematográficos via Nunes conversavam com Alexandrino, eu, Luiza e outros cinemáticos convicidos, sobre a possibilidade de fazermos um barracão para abrigar o próprio Cine Clube.

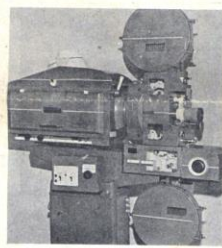
"A gente pode comprar cadeiras, como no estádio de futebol".
"A gente pode fazer um livro-de-ouro".
Cada um dava uma idéia, cheia de entusiasmo.

E foi envolvido nessa onda que o Alexandrino pensou em transformar a casa onde morou o maestro Carlos Gomes num Centro de Cultura, com uma sala de cinema e outras dependências para outros tipos de expressão artística.

A coisa caiu no esquecimento. A Luiza foi uma das pessoas que aconselhou marcha a ré ao Alexandrino. Fiz ver a ele que, em termos de comércio, não funcionaria. Naturalmente que o objetivo não era comercial. Mas ninguém aplica milhões num negócio só pra satisfazer um capricho. Quer pelo menos, que o capricho se torne auto-suficiente. E o Projeto Carlos Gomes não tinha perspectiva nem para isto.

O mercado

Quem conhece o Alexandrino sabe de como ele pesquisou o nosso mercado. Todos os dias correu as casas exibidoras vendo o público. Testou que filme dava tal numero de espectadores. Que tipo de



A aparelhagem Gaumont-Kalee da "Rank Organization" que serve, em número de 5, os cinemas Um e Dois.

"zebra" influa na renda, que lançamento era bem ou mal feito, como é que era o parasse diante das casas exibidoras de sua capital.

Claro que a vontade de sair para os Cines I e II não foi um profuro, apenas de pesquisa (ou um teste de "marketing"). Muitos outros fatores entraram na jogada. Mas vocês devem acreditar que o amor ao cinema esteve no jogo. Não pensem que se fez duas casas num projeto caro só para "sugar" a platéia com mercadoria de baixa classe como os "kung fus" ou "pornos consentidos". Por outro lado, não pensem que se fez cinemas por se ter "muito dinheiro". O projeto foi estudado para agradar e pagar. Naturalmente que o termo "pagar" não quer dizer "pagar a pena", mas pagar empréstimos, pagar dinheiro pessoal jogado na planta. O negócio de cinema, mesmo feito por quem sabe o que é cinema do bom e do ruim, não deixa de ser um negócio. E a vantagem que surge agora é que o exibidor não é um neofita, não é passível de cair em armadilhas como tantos outros pequenos exibidores. Além disso, o tirocínio jornalístico na especialidade (cinema), leva a direção do Um e Dois ao que se diz sem medo de chavão, "know-how".

Outra coisa que se precisa esclarecer: não se quis novas casas para guerrear com os concorrentes. No Brasil de hoje, com o mercado exibidor cada vez mais lido por uma série de circunstâncias (as casas cada vez mais são menos de seus donos), os exibidores devem formar uma grande família. Eles sabem que muitos filmes estão esperando "vez". Nacionais, inclusive. E sabe que a mesa dá pra todos. A antropofagia, no caso, é plenamente dispensável. Deixemo-la para o "Saló" de Pasolini, que um dia chegará ao Brasil. Por enquanto, a ciência de que os novos cinemas são casas do povo, feitas com muito carinho por quem gosta de cinema, e só se manterão se o povo prestigiar a iniciativa. Obvio: cinema nenhum vive sem renda.

Programação

Eu e o Cine Clube seremos os responsáveis mais diretos pela programação dos novos cinemas da cidade. As estréias serão, normalmente, às 4ª e domingos. Um velho costume da terra.

Mas haverá às 8ª e sábados sessões extras às 23.00 h com filmes selecionados que não estão no circuito (podem ser pré-estréias, como podem, daí em diante, se passar no Guajará da Base Naval). Por outro lado, aos sábados e domingos haverá sessão matinal. As 10.00 h, também dentro do costume local. No caso dos sábados os filmes podem ser novos como reprises. E não serão necessariamente de linha "livre". O que não acontecerá no domingo, quando a criança deverá ter vez em todas as duas casas.

Aparelhagem

Os projetores do Cines I e II são "Gaumont Kalee" da Rank Organization (Inglaterra). Poucos existem no País. As lentes são em sua maioria "zeiss" e os amplificadores transistorizados com 50 w de saída para cada circuito. Num tipo de salão pequeno, quem entende um pouquinho da coisa pode avaliar como será clara e audível projeção e som, respectivamente.

Mais: uma central de ar condicionado alimentará os 2 cinemas e tem capacidade para uma área maior - o que dá margem a um clima mais do que satisfatório "contra" o nosso.

E o resto é sentar e ver o filme. Calmo, na santa paz, pois a molecagem será afastada por uma guarda própria e, quem tiver carro, poderá utilizar estacionamento do próprio cinema, com proteção também de guarda própria.

O resto é uma banca de revistas à frente e uma lançanete moderna ao lado, com cadeiras assinadas de forma a lembrar os grandes cineastas e mesas com os nomes das firmas que distribuem filmes no Brasil.

Ah sim: o AGM holou um cimento fresco para os convidados deixarem suas impressões (mãos e assinatura). E no "hall" do Cinema I há um livro de sugestões e críticas. Como deverá existir um programa-jornal, muito didático e informativo sobre o cinema como arte e diversão.

Ufa, acho que basta. E para bastar mesmo, tomem lá alguns títulos de filmes a serem vistos nos gêneses I e II: "O Último Magnata" (Ella Kazan, com Jeanne Moreau e Robert de Niro), "Na Onda do Surf" (lançamento nacional de férias), "A Flauta Mágica" (Bergman segundo a música de Mozart), "Nos Que Nos Amávamos Tanto" (homagem ao cinema italiano), "Cidadão Klein" (de Joseph Losey com Alain Delon), "Busby" ("Madore" ou "Quêdo as Metralhadoras Cosper" (gangster com exações), "Fai Patrão" (Palma de Ouro em Cannes e atual sucesso no Rio e S. Paulo), Festival de Carritos, Festival de Hitchcock, Festival dos Irmãos Marx, Festival Tom & Jerry, e uns 300 e tantos títulos em fila só para este ano.

E isso aí: a mania cristalizada. Uma vitória toda nossa!



Momento histórico: a pedra fundamental dos cines I e II em agosto de 1977



Os técnicos italianos que vieram instalar os equipamentos de som e projeção dos cines I e II com AGM e o colunista.

3.1. Cinemas 1 e 2. Das programações iniciais

O filme escolhido para a inauguração do Cinema 1 foi *Chuvas de Verão* (1977)¹⁹ do cineasta Carlos Diegues. Premiado no festival de Brasília e elogiado pelos críticos do sul do país, a exibição do filme criou a oportunidade da presença do diretor na inauguração dos cinemas. Carlos Diegues era reconhecido como um dos mais importantes diretores do cinema brasileiro e, para a inauguração dos cinemas, veio para Belém acompanhado pelo roteirista do filme, Leopoldo Serran²⁰.

A obra-prima de Akira Kurosawa, *Derzu Uzala* (1975)²¹, inaugurou o Cinema 2, um dos filmes mais importantes da Sul Distribuidora. Aclamado pela crítica mundial, o filme de Kurosawa, de 1975, chegou tardiamente ao circuito brasileiro. Com a intenção de seguir o ideal cineclubista nos novos cinemas, inaugurar uma sala de exibição com um filme tão prestigiado, dirigido por um dos maiores cineastas do cinema, foi início promissor.

¹⁹ *Chuvas de Verão*, 1977. Direção: Carlos Diegues. O filme recebeu o Troféu Candango nas categorias de melhor montagem, melhor atriz coadjuvante (Miriam Pires), melhor cenografia e melhor ator coadjuvante (Paulo César Pereio) no festival de Brasília de 1978, o prêmio São Saruê de melhor filme da Federação de cineclubes do Rio de Janeiro e Troféu APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) para Gracinda Freire na categoria de melhor atriz coadjuvante.

²⁰ Leopoldo Serran (1942-2008), um dos mais importantes roteiristas do cinema brasileiro, com trabalhos elogiados em *Tudo Bem* (1978) de Arnaldo Jabor, *Dona Flor e seus Dois Maridos* (1976) de Bruno Barreto e *Bye Bye Brasil* (1980) de Carlos Diegues, entre outros títulos.

²¹ *Derzu Uzala*, 1975. Direção: Akira Kurosawa. Vencedor do Oscar de melhor filme em 1976, Prêmio Di Donatello (Itália) na categoria de melhor diretor de filme estrangeiro e Festival de Moscou 1975 (Rússia) com o prêmio FIPRESCI e o prêmio de Ouro.

Figura 33: Anúncio dos Cinemas 1 e 2.

O LIBERAL/2o. Caderno

um filme de
AKIRA KUROSAWA

**DERSU
UZALA**

com
YOULI SOLOMINE
MAXIME MOUNZOUK

"OSCAR"
DE MELHOR
FILME
ESTRANGEIRO
de 1976

MEDALHA
DE OURO DO
FESTIVAL DE
MOSCOU

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL
CINEMA I

APRESENTAÇÃO
ZOOM/FLICK

LIVRE

HOJE

CINEMA I
14,30—17,15—20,00 horas.

PAI PATRÃO
PADRE PADRONE

HOJE
Às
23,00 hs.

Trav. São Pedro, próximo a Tamarandé

AMANHÃ MATINAL - 10,00 horas - "A CASA MALUCA" c/Irmãos Marx (Livre)

CINEMA II As 16,00—18,00—20,00—(18 anos)

PREPARE O SEU CORAÇÃO:

Chuvas de Verão

UM FILME DE
CARLOS DIEGUES

com JOFRE SOARES, MIRIAM PIRES
e GRANDE ELENCO

★★★★ JB

AMANHÃ às 23,00hs - "LUA DE PAPEL" com Ryan O'Neal e Tatum O'Neal. Direção de Peter Bogdanovich. (14 anos) AMANHÃ - Matinal às 10,00 hs. - "AS AVENTURAS DE UM LOUCO LINDO" com Louis de Funès - Direção de Edouard Molinaro. Panavision - Colorido.




Figura 34: Coluna Panorama.

“Chuvras de Verão” nos cinemas I e II

Uma vez eu disse que ‘Xica da Silva’ estava para o samba-enredo, assim como ‘CHUVAS DE VERÃO’ está para o chorinho. Acho que tenho muito pouco a acrescentar. Talvez porque seja este o mais sincero de meus filmes, o que menos vontade tenho de explicar. Talvez porque não exista explicação a dar.

Estou convencido de que a matéria-prima do cinema é a afetividade, movendo-se dentro do universo cinematográfico por excelência — o imaginário. Foi por aí que os grandes mestres iluminaram as suas obras-primas. Em vez de dogmas, esperança; em vez de programas, as grandes utopias.

Chega, portanto, de discutir as formas aparentes da vida, vamos direto ao assunto. Não pretendo mais ser ouvido, quero apenas ser amado.

Dediquei ‘CHUVAS DE VERÃO’ a Isabel e Francisco, meus filhos pequenos. Um filme sobre pessoas que não souberam viver suas vidas, que as sacrificaram aos preconceitos, à sujeição e à impotência organizada, só podia ser dedicado aos que estão começando as suas.

CARLOS DIEGUES, janeiro 78.

Sadi Cabral
é um dos personagens
que “vê a vida
passar” em “Chuvras de Verão”





É hoje a inauguração dos Cinemas I e II. Um acontecimento dos maiores para, não só os aficionados do cinema, mas para toda a comunidade belenense. Para os que amam o cinema como um motivo de cultura e para aqueles que vêm no filme “uma simples diversão”. A opção, é o público quem faz. Porque, mesmo tido como “diversão”, o cinema não deixa de ser arte desde que foi criado pelos irmãos Lumière.

“Chuvras de Verão” foi o filme escolhido para a sessão inaugural dos dois cinemas. E Cacá Diegues, seu realizador, estará presente para, não só ser homenageado em nome da cinematografia nacional, mas para agradecer com sua presença, entre nós, o alto conceito que foi dado ao cinema pátrio, pelos proprietários das duas casas de espetáculos, inaugurando seus cinemas com filmes brasileiros, fato que normalmente não acontece nestes brasís, onde, muitas vezes o produto brasileiro é dado como sub-produto e nem sempre é tratado no mesmo nível de qualidade de um produto estrangeiro. Aliás, as Resoluções baixadas pelos órgãos competentes (CONCINE/EMBRAFILME) exigem que tanto o filme nacional quanto o estrangeiro sejam tratados nas mesmas condições, mas, as vezes, isso não acontece.

O “que é “Chuvras de Verão”? Diz Cacá: “... é um filme sobre a infelicidade que é a pessoa não viver sua vida real”.

E continua: — “Ou por causa das relações de trabalho, dos preconceitos morais, tolices absurdas na sua formação familiar, geralmente você reprimindo a sua personalidade ou deixando de fazer muitas coisas que gostaria. É como o seu Afonso do filme, que vive a vida oficial — funcionário público, vai todos os dias ao Minis-
tério, volta para casa, come, dorme — e a outra, vivida secretamente em sua fantasia ou nostalgia. E eu tenho a impressão que os “personagens positivos” (o filme não tem personagens positivos ou negativos, mas é uma tentativa de ser generoso com os outros) ou os momentos positivos de “Chuvras de Verão” são exatamente aquelas do amor e do trabalho. Duas coisas que fazem com que você se integre de uma maneira mais harmônica com você mesmo e com os outros. O amor numa forma individualista e o trabalho como uma forma coletiva. Se você quiser, os heróis do filme são o amor e o trabalho”.

As sessões de inauguração dos cinemas são em benefício das obras assistenciais do Lions Belém-Cidade Velha e estão previstas para o horário das 20,30 (Cinema I) e 21,00 (Cinema II). Vamos lá, pessoal, e boa sorte para o Alexandrino Moreira.

Fonte: Jornal O Liberal, 29/06/1978. Acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Figura 35 - Coluna Cinema.



O Cine Clube da APCC vai continuar ativo mesmo com o advento de cinemas que ele, indiretamente, programa. Desta forma, hoje e amanhã ainda tem, no Guajará, O Grande Duelo (foto). E o Grêmio Português leva amanhã Uma Lágrima Um Amor, enquanto no Auditório de Odontologia "Dossiê de Odessa" terá hora e vez. Quanto mais cinema, melhor.

Cines I e II: A Estréia do Dia de S. Pedro

Há 18 anos que não se inaugura um cinema em Belém do Pará. O último a ser inaugurado foi o Cine Ópera, em 1960. Dai pra cá, o que se viu foi fechamento de casas até mesmo tradicionais como o "Moderno", o "Independência", o "Vitória" (ex-"Rex"), o "Popular", o "Paramazon" e, um pouco antes, o "Iris".

Na próxima 5ª feira a cidade ganhará dois novos cinemas. O fato é histórico não só pelo que eu citei, como por ser a primeira vez na história da exibição em Belém do Pará que se dá ao público duas casas exibidoras de uma só vez.

Os Cines I e II estão situados na Travessa São Pedro, bem atrás do prédio da Mesbla e do mesmo lado da secção de tratores também da Mesbla, às proximidades da nova Praça Agostinho Monteiro na Av. Almirante Tamandaré.

Como já foi amplamente noticiado, o Cinema I tem 306 lugares e o Cinema II tem 396. Ambos possuem os requisitos indispensáveis ao conforto do novo espectador (este que não deixa facilmente o conforto de um teleprograma, em sua casa): ar condicionado, poltronas estofadas, estacionamento fácil, transporte coletivo muito fácil, e, até mesmo, certas bossas inteiramente novas como uma moderna lanchonete ligada às coisas de cinema (cadeiras com nomes de artistas, mesas com nomes de distribuidoras, cardápio ligado a nomes de filmes), uma banca de revistas, boxes para venda de livros sobre cinema e guarda formada por pessoas ligadas ao cinema, impedindo a molecagem que é de praxe nas sessões de muitas casas exibidoras.

Mas o que me parece indispensável fazer notar aqui e agora é a programação.

Ninguém pense que os novos cinemas vão passar apenas filmes do gosto dos críticos.

O Cinema I terá filmes certamente elogiados pela crítica mundial, mas nem por isso inacessíveis ao grande público. Já o Cinema II pode ser dito como um "cinema

do povão". Basta dizer que a primeira matinal infantil será com um filme de Louis de Funès: "As Aventuras de Um Louco Lindo". E terá para lançamento nacional, com uma cobertura publicitária intensa, o documentário "Na Onda do Surf", produzido por Lívio Bruni objetivando as férias de julho e mostrando o "surf" (ou seja, o nosso "jacaré", o "pescar onda" em tábuas) no mundo, acompanhado de música jovem.

Aliás, é bom que se diga que os dois novos cinemas olham para um público em crescendo que é o público jovem. Uma série de filmes sobre "música pop" já está marcada, assim como certas reprises que muita gente pede, como o "Harold e Maudie" (Ensina-me a Viver).

Antes de se ver de perto os Cines Um e Dois é, preciso que o nosso público entenda que se trata de um empreendimento local. Um sonho de Alexandrino Moreira, que praticamente se criou num cinema, e meu próprio, cujo amor pela cinematografia ninguém desconhece.

Dia 29, portanto, o Dia de S. Pedro, o dia do santo que leva, ou dá, nome à rua, vocês poderão testar as novas casas exibidoras, tomando conhecimento, em paralelo, de como vai ser bolada a programação, o horário, etc e tal.

Estejam certos do seguinte: o objetivo é agradar. O objetivo é diversificar o mercado. Numa conjugação de esforços com os exibidores já estabelecidos, para que todos os filmes que levam no sul cheguem até aqui.

A chegada dos Cines I e II representa muito para Belém. Até mesmo porque o Cine I é também o Teatro I. E já em setembro provará a que veio neste setor especializado.

A alegria não é só minha e do AGM. É de vocês, pacientes leitores de uma coluna diária de cinema que funciona ininterruptamente desde 1966 sob meus cuidados, depois de um período com Acyr Castro na batuta. Ao cinema, portanto.

Fotogramas

"Paí Patrão", o famoso filme dos irmãos Tovani que pegou a Palma de Ouro de Cannes ano passado e que agora entusiasma Rio e S. Paulo, inaugurará as sessões especiais das 23,00 hs no Cinema Um. Leva no dia 1º, para só ser lançado normalmente no mês de agosto. • Uma bossa que vai pegar: os jornais do sul do mesmo dia a serem vendidos à noite na banca de revistas do Cinema Um. Não vai mais ser preciso correr ao aeroporto para pegar um exemplar do jornal carioca ou paulista. Fato que certamente somará às atrações do verdadeiro "centro" a se formar na Tv. São Pedro. • Edilson Abreu passando para o Centro de Estudos Cinematográficos- & APCC o filme "Dossiê de Odessa" amanhã e domingo no auditório de Odontologia. O filme está muito atual com a prisão do ex-soldado nazista Wagner. Trata do assunto, e tem um ritmo conveniente ao filme de aventuras, com uma atração extra: a presença dos irmãos Schell; Maximilliam e Maria. A primeira vez juntos, ao que me consta. • Em futebol, ganhamos batalhas e perdemos a Copa. É o que se chama "cair de pé".

Circuito

Extra

■ Guajará — Hoje às 20,30 — Toshiro Mifune em "O Grande Duelo" de Hiroshi Inagaki.

■ Grêmio Português — Sábado — 20,30 — "Uma Lágrima... Um Amor" de Nina Compagnez com Isabel Adjani. A pedidos.

Figura 36 - Coluna Cinema.

CINEMA

Na semana de inauguração dos Cinemas I e II, a programação melhora sensivelmente com filmes de Kurosawa, irmãos Taviani e Marx, Carlos Diegues, o Gordo e o Magro e Steven Spielberg Além do último Visconti.

VICENTE CECIM

Na semana dos cinemas I e II

Os lançamentos que merecem atenção são muitos. E isso se deve, em grande parte, à inauguração dos Cinemas I e II na próxima quinta-feira.

No Palácio, amanhã, volta "O Inocente", de Luchino Visconti, que já foi exibido na sessão especial de sexta-feira. Trata-se, como se sabe, do último Visconti, realizado em seguida à "Violência e Paixão", que pegou lugar entre os dez melhores do ano passado. Visconti não chegou a montar o filme, cujo argumento extraiu de um romance escrito por Gabrielle D'Annunzio em fins do século passado.

No Olímpia, dia 29 estréia "Contatos Imediatos do Terceiro Grau", que Steven Spielberg realizou sobre discos voadores. Ray Bradbury, um mestre da literatura de ficção científica, considera o filme um marco. Há críticos que descobriram na coisa uma visão excessivamente americanizada dos destinos do mundo. Também é o caso de ver, para tirar a limpo. O gênero em que se inscreve o filme de Spielberg é muito importante para o cinema para

passar em branco.

Domingo, em matinal, o Palácio exhibe "Paixonite Aguda", que nos devolve as figuras sempre bem vindas de Stan Laurel, o gordo e Oliver Reed, o magro. O programa está anunciado como infantil, mas vale para todas as idades.

Inaugurando os Cinemas I e II, "Chuvvas de Verão" vai mostrar o estágio atual do cinema de Carlos Diegues, uma das personalidades mais ativas surgidas com o Cinema Novo, que, inclusive, estará em Belém para o lançamento do filme. O bonequinho do "Globo" aplaudiu sentado, e o JB deu quatro estrelas, recomendando amplamente o filme que, segundo críticos é uma realização muito sensível de Cacá.

Também na inauguração dos Cinemas I e II teremos, enfim, o lançamento entre nós de "Dersu Uzala", a última realização de Akira Kurosawa, um dos maiores cineastas de qualquer tempo. "Dersu", segundo a crítica de todo o mundo, é uma obra definitiva de Kurosawa, aqui

talvez ainda mais maduro do que nos seus belos filmes anteriores - "Viver", "Dodeskaden", "O Idiota", "Ralé", "Rashomon".

Outro lançamento dos Cinemas I e II será "Pai Patrão", dos irmãos Taviani, vencedor da Palma de Ouro de Cannes, no ano passado. Elogiado internacionalmente, "Pai Patrão" é uma visão severa e lúcida pelos comentários de quem já viu, das relações entre um filho e seu pai - o segundo, um déspota brutal, o primeiro, um revoltado que age em silêncio tramando sua libertação.

Coincidindo com "Paixonite Aguda", os Irmãos Marx estarão em matinal, domingo, no Cinema I, com "A Casa Maluca", uma de suas comédias muito elogiadas, realizada em 41. Trata-se de uma reprise com sabor de estréia para as novas gerações, que praticamente desconhecem o grande cinema dos Marx, introdutores de um nonsense marcante da história do cinema.



Visconti/"O Inocente": Feito em cadeira de rodas, com Giancarlo Giannini e Laura Antonelli, a partir de um romance de Gabrielle D'Annunzio. Estréia amanhã.

Cinema extra

Guajará - Hoje, às 20:30, "A Noite Americana" de François Truffaut.

AABB - Hoje, às 20:30, "O Dossê de Odessa" de Ronald Neame.

Guia de Filmes

★ ★ ★ Marco no cinema

★ ★ ★ Veja sem falta

★ ★ Veja

★ Veja se quiser

● Esqueça

	Otávio Pinto	Vicente Cecim	
	●	●	Siddhartha
	●	●	A Praia do Pecado
	●	●	A Noite Americana
	●	●	O Inocente
	●	●	Marcelino Pão e Vinho
	●	●	Manicuresa a Domicílio

Fonte: Jornal O Estado do Pará, 29/06/1978. Acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

A programação dos Cinemas 1 e 2 foi realizada com filmes disponíveis no mercado de distribuição. Em seguida, buscavam-se referências sobre películas importantes exibidas em outras praças que deveriam ser exibidas em Belém. Depois, acontecia o contato com as distribuidoras, para negociações de acordo com regras comerciais de exibição. Mas a programação dos cinemas teve dificuldades. Exibidores autônomos como A.G.M., seguiram

a linha de exibição de filmes de arte²² e distribuidoras independentes²³, como a Franco-Brasileira²⁴, Sul e Art Filmes, eram os principais fornecedores de filmes, mas diversas vezes não havia cópias suficientes para exibição simultânea em vários estados²⁵. Além disso, era necessário cumprir a obrigatoriedade de exibição de filme nacional através da EMBRAFILME. A empresa, à época, encontrava dificuldades de enviar cópias para as salas de exibição em atividade. Os cinemas foram obrigados a exibir qualquer título nacional para fugir das penalidades, multas, pelo não cumprimento da cota de obrigatoriedade. Com essa realidade, a exibição de alguns filmes brasileiros comprometeu a qualidade da programação cujo início tinha como foco o ideal cineclubista.

Nos primeiros meses de funcionamento, a programação dos cinemas 1 e 2 incluiu matinais aos domingos de manhã. Paralelamente à programação de filmes adultos, exibiram-se filmes infantis como *Branca de Neve e os Sete Anões* (1939) e clássicos da comédia como *Uma Noite na Ópera* (1935) com os irmãos Marx²⁶. O Cinema Olympia foi modelo dessas sessões, pois exibia filmes em matinais (os demais cinemas geralmente privilegiavam filme infantil). Segundo Pedro Veriano, os distribuidores estranhavam o horário das sessões programadas, pois no Rio de Janeiro as matinais eram infantis com desenhos como *Tom & Jerry*²⁷. Estas sessões ajudaram a popularizar os novos cinemas. Outra opção que chamou a atenção dos cinéfilos da época foram sessões às 22h30minh²⁸ com filmes premiados em festivais como *Pai Patrão* (1976) e *O Homem de Mármore* (1977). Essas opções e a inauguração de novas salas de cinema em Belém, desde o Cine Ópera em 1961, atraíram o interesse das distribuidoras cinematográficas.

²² Filmes de arte, trabalhos que buscam temáticas reflexivas e experimentações estéticas.

²³ As distribuidoras independentes contribuíram culturalmente com a formação de críticos, cinéfilos, artistas e técnicos que tiveram a chance de assistir filmes de diversos países como Japão, França, Argentina, México, Suécia e Alemanha.

²⁴ A distribuidora Franco Brasileira lançou no circuito exibidor nacional, entre outros títulos, produções da *Nouvelle Vague* e filmes japoneses das produtoras *Toho*, *Tohei* e *Shoshiku*.

²⁵ As distribuidoras cinematográficas investem no número de cópias de cada filme, de acordo com seu potencial comercial, avaliado pelo sucesso de bilheteria em outros países. Privilegiando praças com maior rentabilidade, cópias produzidas eram agendadas para os cinemas da região sul e sudeste. Dessa forma, as salas de exibição de outras regiões só exibiam os filmes de forma simultânea se o filme lançado fosse um grande sucesso. Caso contrário, estes cinemas exibiriam estes filmes após exibição nas regiões principais. No caso dos filmes considerados de arte, pelo custo de cada cópia, poucas cópias eram produzidas, fazendo com que certos títulos chegassem às regiões norte e nordeste meses depois da sua estreia em território nacional.

²⁶ Irmãos Marx, grupo de irmãos comediantes que trabalharam no teatro, cinema e televisão. No cinema, realizaram sucessos de bilheteria nos anos 1930 e 1940 com *Uma Noite na Ópera* (1935) e *Um Dia nas Corridas* (1937).

²⁷ Tom e Jerry, personagens infantis criados em 1949 por William Hanna e Joseph Barbera para *Metro Goldwyn Mayer*.

²⁸ O cinema Iracema (a partir de 1997, conhecido como Cine Nazaré 2) fazia sessão de meia-noite na primeira década de seu funcionamento. No início dos anos 1970, sessões de cinema de arte ocupavam o horário das 22h30min no cinema Palácio.

Neste período, muitos representantes das filiais de Recife vieram à Belém. No tempo do cineclube da APCC vieram todos os distribuidores de filiais, até o decano do grupo que comandava a *Art Filmes*²⁹ (que administrava o Cine *Art* do Recife). Para conhecer os cinemas Um e Dois, veio o representante da distribuidora UIP (United International Pictures)³⁰, Antonio Barbosa, seguindo-se Antonio Silva (que era campeão de vinda ao Pará, desde o tempo da Cardoso & Lopes), representante da Columbia Pictures nas regiões norte e nordeste (Pedro Veriano, entrevista jan. 2015).

A visita comercial dos representantes das distribuidoras revelou-se pelo aumento do circuito exibidor paraense que, há tempos, aguardava a abertura de salas de exibição. Nos anos 1970, representantes da *Art Filmes* iniciaram tratativas sobre a abertura de salas. Jornais da época noticiaram essa possibilidade bem recebida pelos cinéfilos, mas nada se efetivou até a inauguração dos Cinemas 1 e 2 em 1978. Como diferencial na programação dessas duas salas, realizaram-se festivais de filmes de diretores como Charlie Chaplin, Ingmar Bergman³¹ e Stanley Kubrick. Filmes de Charlie Chaplin fizeram parte do primeiro festival. Foi um dos primeiros sucessos de público das novas salas. Nessa época, os filmes de Chaplin foram reexibidos em diversos cinemas do Brasil pela distribuidora de Alberto Shatovsky. Admiradores da obra de Chaplin tiveram a oportunidade de rever seus filmes nos cinemas, como Arnaldo Corrêa Prado Junior.

Como assíduo frequentador dos Cinemas 1 e 2 não poderia deixar de assistir ao festival Charles Chaplin. Admiro Chaplin praticamente em tudo o que fez no cinema. Ele é um gênio como criador de personagens, de histórias, de roteiros, como diretor e ator e também compositor de músicas. Quando revi “Tempos Modernos”, no Cine 1, decidi: é o melhor filme de todos os tempos. “O Grande Ditador” é outro filme que tem reserva cativa entre os meus melhores. Imagino, agora, quantas pessoas tiveram a oportunidade de admirar Chaplin nesse festival, algumas talvez pela primeira vez e outras consolidando a admiração pelo grande cineasta. Uma ocasião excelente oferecida em um circuito que se destacou pela qualidade dos filmes que apresentou, fruto da perspectiva cultural avançada de seu idealizador, Alexandrino Gonçalves Moreira, e que, até hoje, reflete-se no ambiente artístico cinematográfico de Belém (Arnaldo Corrêa Prado Junior, entrevista mar. 2014).

²⁹ *Art Filmes*, fundada em 1931, pioneira na importação de filmes europeus. Iniciou no mercado exibidor em 1945. Foi um dos mais importantes grupos do país, com 44 salas. A partir da associação com a Empresa Cinematográfica Sul Paulista de Cinema, nos anos 1970, promoveu a expansão do grupo. Como produtora, a *Art Filmes* participou de 19 títulos. Em 2007, foi criada a distribuidora Serendip Filmes, para lançamento de documentários e filmes alternativos.

³⁰ *UIP (United International Pictures)*, distribuidora que reunia a produção de filmes dos estúdios da *Paramount Pictures*, *Universal* e *Metro Goldwyn Mayer*.

³¹ Ingmar Bergman (1918-2007), dramaturgo, diretor de teatro, roteirista e cineasta. Realizou 54 filmes, 126 produções teatrais e 39 peças de rádio, além de programas para TV. Sua obra foi marcada por questões existenciais. Entre inúmeras obras-primas de sua carreira, filmes como *O Sétimo Selo* (1956), *Morangos Silvestres* (1957), *Persona* (1966) e *Gritos e Sussurros* (1972).

Posteriormente, foi exibido um festival de filmes de Ingmar Bergman, com filmes adquiridos na Sul Distribuidora (Condor). Com o apoio da crítica local, a exibição de filmes de arte e festivais de diretores renomados atraiu público interessado nesse tipo de filme.

Os membros da crítica participavam das sessões não só dos filmes de arte, mas da programação geral que o cinema apresentava. Quanto à divulgação da programação nos dois jornais locais, que eram assinados por dois membros da crítica, eram substanciais para os leitores que se interessavam por cinema. Esses jornais sempre deram espaço significativo para a divulgação dos filmes. É interessante lembrar que a programação inicial foi de grande sucesso, mas como todo o mercado, os compradores às vezes buscam outros produtos. E havia outros cinemas cujos filmes seduziam o grande público. Assim, foi caindo a presença dos espectadores. A “sessão de arte” nas manhãs de domingo nesses cinemas canalizou esse espectador, mas, com o tempo, também houve um esvaziamento (Luzia Miranda Álvares, entrevista jun. 2014).

Estes festivais³², com o apoio da crítica, permitiram que uma geração de cinéfilos tivesse oportunidade de assistir aos clássicos do cinema numa sala de exibição. Muitos títulos exibidos eram raros, inclusive na televisão, outro meio de assistir a filmes numa época anterior às inovações tecnológicas. Posteriormente, os espaços para exibição de clássicos e outros filmes de qualidade ficaram limitados às sessões especiais, especificamente nas matinais de domingo, que durante anos teve uma alta frequência de público³³.

³² Festival de filmes da distribuidora Franco Brasileira mereceu destaque pela exibição de clássicos do cinema como *Aquele que sabe Viver* (1962) e *Monsieur Vincent: O Capelão das Galeras* (1947). Em 1985, um festival em homenagem ao cineasta Glauber Rocha permitiu a exibição de títulos importantes de sua filmografia.

³³ Na segunda metade dos anos 1990, as matinais perderam o público suficiente para gerar prejuízos à empresa e após inúmeras insistências, foram excluídas da programação a partir de 1997.

Figura 37: Anúncio do festival de Charlie Chaplin e Alfred Hitchcock.

CHARLES CHAPLIN E ALFRED HITCHCOCK: DOIS GÊNIOS DO CINEMA EM DOIS FESTIVAIS QUE VÃO MOVIMENTAR A CIDADE.



FESTIVAL CHARLES CHAPLIN

Dia 6 - O GAROTO e, complementando, OS OCIOSOS
Às 15,30-17,30-19,30 e 21,30 horas

Dia 7 - EM BUSCA DO OURO e, complementando, VIDA DE CACHORRO
Às 15,30-17,30-19,30 e 21,30 horas

Dia 8 - LUZES DA CIDADE
Às 14,10-16-17,30-19,40 e 21,30 horas

Dia 9 - TEMPOS MODERNOS
Às 15,30-17,30-19,30 horas

Dia 10 - O GRANDE DITADOR
Às 14,30-16,50-19,10-21,30 horas

Dia 11 - O MESTRE E AS SUAS COMÉDIAS
Às 14,00-16,00-18,00-20,00 horas

Dia 12 - O GENIAL VAGABUNDO
Às 14,00-15,40-17,20-19,00-20,40 horas

FESTIVAL HITCHCOCK

Domingo 6 - "LADRÃO DE CASACA"
Segunda 7 - "INTRIGA INTERNACIONAL"
Terça 8 - "PSICOSE"
Quarta 9 - "OS PÁSSAROS"
Quinta 10 - "TRAMA MACABRA".



CINEMA I

TRAV. S. PEDRO, 498 - FONE 223-9498
Atrás da MESBLA - Próximo à Almirante Tamandaré.

CINEMA II

Fonte: Jornal O Liberal, 03.08.1978. Acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

A exibição de filmes de renomados diretores em festivais foi uma ação cineclubista que oportunizou ao público conhecer a obra de cineastas com exposições diárias de sua obra. Estes festivais foram importantes, pois provocaram a curiosidade de muitos cinéfilos num período em que raramente se exibiam clássicos do cinema nas salas de exibição. Os filmes programados eram de diversas distribuidoras como a *United Artists*³⁴, *Columbia Pictures* e *Warner Brothers*³⁵.

A inauguração destas salas despertou a divulgação da programação com melhor conteúdo sobre o tema e a narrativa dos filmes, evidenciando sua visão de mercado para o grande público e a visão mais integrada a cultura cinematográfica. Enfim, houve, com certeza, um aprimoramento de conhecimentos dessa cultura cinematográfica para as escolhas de filmes, não só da programação dos cinemas da cidade, mas dos filmes exibidos de um modo geral, nas tvs, por exemplo. Sentia-se que a o interesse do espectador não era só para ver o filme, mas para "beber" conhecimentos como cinema (Luzia Miranda Álvares, entrevista jun. 2014).

Outro momento importante da programação, no final de 1978, foi a exibição do Festival de 80 anos de Cinema Brasileiro, promovido pela EMBRAFILME, com clássicos pouco conhecidos das novas gerações como *Vidas Secas* (1957), *Assalto ao Trem Pagador*

³⁴ *United Artists*, companhia de cinema fundada em 1919 por Charlie Chaplin (diretor/ator), Douglas Fairbanks (ator), Mary Pickford (atriz) e D. W. Griffith (produtor e diretor), importantes artistas de *Hollywood*. O objetivo da companhia era enfrentar grandes corporações cinematográficas da época viabilizando novos projetos.

³⁵ *Warner Brothers*, produtora de cinema fundada em 1923.

(1964) e *Pagador de Promessas* (1962)³⁶. Os cinemas lotados, especialmente pelo público jovem, revelaram interesse pelos filmes nacionais de várias épocas que mereciam ser conhecidos pela sua importância temática e histórica.

3.2. Mudanças necessárias

Depois de três meses de funcionamento, A.G.M. percebeu que a programação focada no ideal cineclubista não trazia público suficiente para a manutenção das salas. A programação dos cinemas teria que mudar ou, em breve, a empresa seria fechada. Nesse período, A.G.M. lembrou-se de uma proposta feita no círculo cineclubista quando foi comentado que haveria cadeiras cativas nos cinemas, pagas antecipadamente por frequentadores do cineclube como forma de incentivar a programação, mas nada foi efetivado e a programação foi alterada. Os Cinemas 1 e 2 teriam que exibir outros tipos de filmes.

O cinema Um programou no seu primeiro ano, clássicos que iam de “Derzu Uzala” de Kurosawa a festivais como um de Charles Chaplin. Quando deixou de exibir títulos com gente famosa e passou a exibir os emergentes talentos como Robert Altman³⁷ (“Três Mulheres”)³⁸, fez água. Alexandrino Moreira compreendeu que se quisesse manter o negócio, que jamais funcionaria apenas como um ideal teria de abrir espaço para títulos mais rentáveis (VERIANO, 1999, p. 45).

Neste período de transição, filmes da distribuidora *Columbia Pictures* ocuparam parte da programação, posteriormente, a empresa criou um esquema de exibição exclusiva com os Cinemas 1 e 2. Outras distribuidoras demonstraram interesse em exibir filmes inéditos com títulos que não interessavam ao grupo Severiano Ribeiro. Entre títulos apresentados à A.G.M. disponíveis no mercado de exibição, naquele momento, houve o lançamento de uma produção com atores pouco conhecidos do público. Este filme desprezioso quanto à bilheteria, por parte dos produtores e exibidores, foi *Os Embalos de Sábado à Noite* (1977).

³⁶ *O Pagador de Promessas*, 1962. Direção: Anselmo Duarte. Vencedor da Palma de Ouro no Festival de Cannes.

³⁷ Robert Altman (1925-2006), cineasta com visão crítica da sociedade norte-americana, realizador de filmes como *M.A.S.H.* (1970), *Nashville* (1976) e *Cerimônia de Casamento* (1980).

³⁸ *Três Mulheres*, 1977. Direção: Robert Altman.

Figura 38 - Anúncio do filme *Os Embalos de Sábado à Noite*.

A FEBRE ESTA' SE ESPALHANDO! A ONDA E'
TRAVOLTA... BEE GEES E ...

**OS EMBALOS DE SÁBADO
 À NOITE**

...Entre nessa

PARAMOUNT PICTURES apresenta uma PRODUÇÃO ROBERT STIGWOOD

JOHN TRAVOLTA

KAREN LYNN GORNEY "SATURDAY NIGHT FEVER"
 roteiro de NORMAN WEXLER direção de JOHN BADHAM
 produtor executivo KEVIN McCORMICK produção de ROBERT STIGWOOD
 música original escrita e cantada por BEE GEES Panavision a cores

HOJE
CINEMA I
CINEMA II

SIMULTANEAMENTE
 Às 10,00 - 14,30 - 16,50 - 19,10 e 21,30
 Às 9,30 - 13,00 - 15,15 - 17,30 - 19,45 e 22,00' (Imp. 16 anos).

Ingressos especiais: Cr\$ 22,00 e Cr\$ 11,00
 Para sua comodidade prefira as primeiras sessões.

Fonte: Jornal O Liberal, 03/09/1977. Acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Esse filme foi negociado com A.G.M. pelo responsável pela distribuidora *UIP* na região norte e nordeste, Antonio Barbosa, que enviou todo seu material³⁹ de lançamento para sua estreia em setembro de 1978. Com poucas possibilidades comerciais, o grupo Severiano Ribeiro não se interessou em lançar o filme em várias capitais. Logo, confirmou-se a sua estreia nos Cinemas 1 e 2. Mas *Os Embalos de Sábado à Noite* fez enorme sucesso de bilheteria nos EUA e em outros países, lotou cinemas e transformou-se, em pouco tempo, num fenômeno de bilheteria mundial⁴⁰.

³⁹ As distribuidoras cinematográficas enviavam material de divulgação e publicidade dos filmes para os exibidores, como cartazes, fotos para exposição nos cinemas e *trailers* para exibição com fotos e sinopses para entrega à imprensa em geral, especificadamente para os críticos de cinema.

⁴⁰ *Os Embalos de Sábado à Noite* teve um público estimado em mais de seis milhões de pessoas nos cinemas brasileiros e está incluído entre as maiores bilheterias do país.

Com tal repercussão, o grupo Severiano Ribeiro, como exibidor majoritário no Brasil, exigiu a exibição do filme em suas salas, incluindo Belém. A.G.M., inconformado com a mudança exigida, acionou uma consultoria jurídica e conseguiu que o filme fosse exibido pelas novas salas, apesar da pressão da distribuidora. “O filme já estava anunciado para os Cinemas 1 e 2 quando a distribuidora alegou que era do Ribeiro. A.G.M. chegou a se comunicar com a matriz em Nova York reclamando. Foi uma batalha. Mas deu certo” relata Pedro Veriano (entrevista fev. 2015).

Este episódio revelou mecanismos de exibição e distribuição não conhecidos, na prática, por A.G.M. e, desde então percebeu, por todo o período de funcionamento dos cinemas, as dificuldades de um exibidor independente, particularmente na região norte do Brasil. Esse foi um dos primeiros sinais de que trabalhar no setor de exibição era mais complexo que o sistema de exibição cineclubista. Mas o período inicial de funcionamento das salas foi importante para A.G.M. e Pedro Veriano. Ambos levaram a concepção cineclubista ao limite máximo de suas intenções.

Inicialmente o circuito Cinearte seguiu uma linha de alto padrão de qualidade de arte dos filmes exibidos. Do tipo “filme de arte”. Contudo, esses cinemas viviam em um mercado em que o produto teria que ser diversificado ou então não permanecia na cadeia da exibição. Então, as distribuidoras passaram a cobrar a circulação de todo e qualquer filme que importassem para o mercado brasileiro. E para se manter no mercado exibidor houve uma diversidade de produtos, embora houvesse, da parte do proprietário, A.G.M., exigência de que estes mantivessem um certo padrão de qualidade. Havia também a sessão “Cinema de Arte”, nas manhãs de domingo, mas com o tempo a baixa frequência de público dissolveu a boa ideia do exibidor (Luzia Miranda Álvares, entrevista jun. 2014).

O sucesso de *Os Embalos de Sábado à Noite* contribuiu para que o público paraense de outros bairros conhecesse os cinemas. Mas as diferenças de administração e funcionamento de um cineclube e uma sala de cinema ficaram mais evidentes. Além dos custos operacionais e impostos, a lei de obrigatoriedade de exibição de filmes brasileiros⁴¹ orientava os exibidores a incluir produções nacionais na sua programação, com a finalidade de garantir espaço para produções nacionais. A.G.M. não questionou a lei, mas na época da inauguração dos cinemas (e por muitos anos), o grupo Severiano Ribeiro selecionava os filmes de maior valor comercial da distribuidora EMBRAFILME, exigindo exclusividade,

⁴¹ Leis de obrigatoriedade de exibição de filmes brasileiros existem desde 1932 (para cinejornais) e 1939 (para longas-metragens). A partir de 1956, o Instituto Nacional de Cinema (INC) se preocupou em estimular a produção e exibição de filmes brasileiros. Com a criação da Empresa Brasileira de Filmes (EMBRASILFILME) em 1969, o governo passou a financiar a produção, enquanto o Conselho Nacional de Cinema (CONCINE) se preocupou com a legislação, obrigando os exibidores a cumprir cotas de filmes nacionais a cada trimestre, como forma de garantir espaço para a produção brasileira.

deixando poucas alternativas para outros exibidores que, muitas vezes, foram obrigados a exibir filmes brasileiros de menor expressão⁴².

No final dos anos 1970, a produção de pornochanchadas⁴³ foi intensa e muitos cinemas exibiram este gênero para cumprir a obrigatoriedade imposta pela lei e atender à alta frequência de espectadores que transformaram alguns filmes do gênero em sucessos de bilheteria. As pornochanchadas, filmes baseados na obra de Nelson Rodrigues⁴⁴ e produções do grupo cômico Os Trapalhães⁴⁵ eram sucesso, num período em que o público prestigiava mais o cinema nacional do que os filmes norte-americanos⁴⁶. Desse modo os Cinemas 1 e 2 abriram espaço para a exibição de filmes nacionais de vários gêneros.

Apesar da limitação de mercado de filmes brasileiros, encontraram-se boas alternativas para cumprir a lei de obrigatoriedade com a exibição de filmes elogiados pela crítica como *Se Segura Malandro* (1978) de Hugo Carvana, *Lúcio Flávio: O Passageiro da Agonia* (1977) de Hector Babenco, *A Lira do Delírio* (1977) de Walter Lima Jr., *Barra Pesada* (1976) de Reginaldo Farias, *Uma Lição de Amor* (1975) de Eduardo Escorel, *A Intrusa* (1979) de Carlos Hugo Christensen, *Iracema - Uma Transa Amazônica* (1974) entre outros títulos. A disponibilidade de alguns filmes brasileiros inéditos no circuito local contribuiu para uma programação que revelasse o trabalho de outros cineastas. *Iracema - Uma Transa Amazônica* foi exibido no Cinema 1, em 1980, depois de censurado por seis anos e ter construído uma carreira internacional com ótima repercussão da crítica especializada.

“Iracema” havia sido vetado pela censura da época por ser considerado “subversivo”. O filme quando liberado foi logo para o Cinema 1. O grupo Severiano Ribeiro não se manifestou (afinal era considerado “filme de arte”). A estreia foi sensacional com a presença de Bodanzky. Mas Edna de Cássia, a interprete, não foi, e um radialista gritava por ela na plateia. Foi um sucesso de público. Paraenses estavam na produção como o “Mou” Carneiro, que se tornou cineasta em Moçambique (Pedro Veriano, entrevista fev. 2015).

⁴² Em outubro de 1982, exibidores (assessorados pelos distribuidores estrangeiros) começam uma batalha judicial contra a lei da obrigatoriedade, e em muitas salas, não houve exibição de filmes brasileiros.

⁴³ Pornochanchada, gênero do cinema brasileiro que surgiu em São Paulo na década de 1970. Sucesso de público que misturava comédia com erotismo teve sua produção interrompida a partir de 1984, com o fim da censura imposta pela ditadura militar e o surgimento de filmes pornográficos.

⁴⁴ Nelson Rodrigues (1912-1980), jornalista e escritor, um dos mais influentes dramaturgos brasileiros. Suas obras teatrais, adaptadas para o cinema, fizeram sucesso nas bilheterias como *Toda Nudez será Castigada* (1973) de Arnaldo Jabor, *A Dama do Lotação* (1978) de Neville de Almeida e *Os Sete Gatinhos* de Neville de Almeida.

⁴⁵ Os Trapalhães, grupo cômico que, depois de conquistar grande audiência na televisão nos anos 1970, produziu filmes para o cinema que conquistaram recordes de bilheteria com mais de cento e vinte milhões de ingressos vendidos.

⁴⁶ Enquanto em vários países, filmes como *Tubarão* (1975) estavam em primeiro lugar nas bilheterias, no Brasil, filmes dos Trapalhães eram recordistas de público.

O relacionamento com o diretor Carlos Diegues, iniciado com *Chuvas de Verão*, gerou a exibição do maior sucesso nacional dos Cinemas 1 e 2, *Bye Bye Brasil* (1980), uma das maiores bilheterias do cinema brasileiro daquele período e um dos projetos mais importantes da carreira de Diegues. Com alto custo de produção, o filme cruzou o sertão nordestino chegando até a floresta amazônica para mostrar as transformações culturais do Brasil, país em desenvolvimento naquele momento, visando seu futuro rumo ao século XXI.

Figura 39 - Anúncio do filme *Bye Bye Brasil*.

Fonte: Jornal O Liberal, 09/03/1980. Acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Bye Bye Brasil, filmado parcialmente no estado do Pará, com locações em Belém, teve colaboração de A.G.M. ao permitir a prévia exibição no Cinema 1, dos primeiros *takes* filmados, pela equipe técnica do filme, produzido por Luiz Carlos Barreto⁴⁷.

Conheci Alexandrino por causa da inauguração de sua sala com "Chuvas de verão" e ficamos amigos para sempre. Quando filmei "Bye Bye Brasil" no Pará, ele foi de extrema importância, não só na estratégia de produção local, como também na própria seleção do elenco e técnicos locais. Alexandrino nos apresentou também grupo de cinéfilos de Belém de quem ficamos

⁴⁷ Luiz Carlos Barreto, 87, fotógrafo e um dos mais importantes produtores do cinema brasileiro. Foi diretor de fotografia em *Vidas Secas* (1957) de Nelson Pereira dos Santos e *Terra em Transe* (1967) de Glauber Rocha. Barreto, ao lado de sua esposa Lucy Barreto, produziu mais de 70 filmes brasileiros de curta e longa-metragem incluindo sucessos como *Dona Flor e seus Dois Maridos* (1976) de Bruno Barreto, *Bye, Bye Brasil* (1980) de Carlos Diegues e *O Quatrilho* (1997) de Fábio Barreto.

bastante amigos, com os quais me correspondo de vez em quando até hoje (Carlos Diegues, entrevista abr. 2014).

Pela proximidade com Belém, Carlos Diegues anunciou que o filme seria exibido nos Cinemas 1 e 2, prestigiando o exibidor local. Apesar de toda a pressão do grupo Severiano Ribeiro, que pretendia exibir o filme em todas as capitais do país, o filme estreou nas salas de A.G.M., ficou em exibição por várias semanas e obteve um dos maiores faturamentos do filme⁴⁸. A foto a seguir, mostra um encontro de A.G.M. com o diretor e com o produtor de *Bye Bye Brasil*, antes das filmagens, próximo do Cinema 1.

Figura 40 - Da esquerda para a direita, Bruno Barreto (diretor), Carlos Diegues (diretor), Luiz Carlos Barreto (produtor) e A.G.M.



Fonte: Jornal O Liberal, 09/03/1980. Acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

O sucesso de *Bye Bye Brasil* e a contribuição de Carlos Diegues a um exibidor local demonstraram para A.G.M. que era possível apoiar o cinema brasileiro e acreditar na participação do espectador, que incentivaria futuras exhibições da cinematografia nacional.

Apesar da modificação do foco cineclubista, os cinemas 1 e 2 mantiveram por mais tempo as sessões especiais às 23:00h nas sextas-feiras. Depois, o horário foi alterado para 22:00h com o objetivo de conquistar mais espectadores. As sessões tinham o apoio da associação de críticos. Outras formas de manter a qualidade da programação foram a manutenção das matinais de domingo e a criação da sessão Cineclube⁴⁹ aos sábados de manhã. Mas, apesar da insistência, tais iniciativas não tiveram frequência suficiente de

⁴⁸ Belém foi a segunda capital do país a lançar o filme graças à influência do diretor Carlos Diegues. A pré-estreia do filme foi realizada com renda destinada a APCC (Associação Paraense de Críticos de Cinema). O filme vendeu mais de um milhão e meio de ingressos em todo o Brasil.

⁴⁹ O primeiro filme exibido na sessão Cineclube foi *Cantando na Chuva* (1952) de Stanley Donen.

público, perdurando apenas as matinais de domingo, com sessões às 10h, com filmes programados de acordo com o ideal cineclubista e filmes infantis.

Figura 41 - Anúncio de filme da sessão cineclube.

“Cantando na chuva” abre, hoje, no dois, a “Sessão Cine-Clube”

Todo mundo sabe que os Cinemas I e II são filhos diletos do Cine-Clube da APCC. De musa a mãe, o Cine-Clube (ou “a” (Cine-Clube), acabou parindo as duas casas através da boa vontade de um cine-maniaco que, no bom entender da coisa, foi criado numa cabine de projeção: Alexandrino.)

Pois bem, a partir de agora, uma das salas novas servirá ao Cine-Clube (quer dizer, filho tomará a benção da mãe), exibindo semanalmente (aos sábados, às 10:30) um programa de inteira responsabilidade cineclubina, com filmes que por muitos motivos só o cineclubismo pode manusear, trazendo a Belém o exemplo do “Novo Pax” e do “Cinema II” (para ficar em 2 exemplos) da cariocolândia.

“Cantando na Chuva” inaugurará as sessões cineclubinas numa das salas da Tv. S. Pedro, já neste sábado. Uma ironia, pois com as chuvas que chegaram, só falta mesmo o povão cantar à porta do cinema, imitando o Gene Kelly.

E depois? Bem, imediatamente depois-vamos ver “O Encouraçado Potem- kim”, exibido em má situação no auditório de Odontologia, e agora com a cópia titulada em português e vista semana passada pelos cariocas.

Mais “depois”? “Brinquedo Proibido” de René Clement está na pauta. O filme não pega cinema do centro desde 1954, quando a “França Filmes” fazia ponto no Olímpia.

E tem muita bagagem. Clássicos para os antologistas, queiram ou não queiram os críticos como o Cecim, que não suportam musicais e qualquer coisa que resvale por um sentiment(alismo) que eles não acham bom.

Mas vamos (eu e vocês) botar os pingos nos ii: as sessões não vão ser medidas por predileções de críticos. A meta — ou a finalidade é passar o que está nos livros de cinema como “coisa marcante”. E é claro que o objetivo é saciar a curiosidade dos novos cinemeiros e deixar com um processo crítico dos mais abençoados. A idéia é boa e merece palminhas de guiné. Vamos lá. (PEDRO VERIANO).

Fonte: Fonte: Jornal O Liberal, 20/01/1979. Acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Neste período, a crítica especializada demonstrou sua influência através da divulgação de muitos filmes de arte exibidos nas matinais, sessões especiais e pré-estreias. Alguns episódios merecem citação, como a exibição do filme *Nós que nos Amávamos Tanto* (1974), que impressionou positivamente a maioria dos críticos locais, mas foi um fracasso de público. Porém, com a publicação de críticas positivas, houve um relançamento que permitiu a redescoberta do filme pelos espectadores. Caso semelhante ocorre quando o filme *Mamãe faz 100 anos* (1979) foi exibido e não teve uma frequência mínima⁵⁰ para permanecer em exibição. Mais uma vez a crítica local e estudiosos de cinema fizeram forte campanha de divulgação do filme que voltou a ser exibido nas matinais de domingo e lotou a sala de exibição. Nos anos 1980, filmes inéditos da distribuidora francesa *Gaumont* foram

⁵⁰ Todas as salas de exibição têm uma média de público verificada pela venda de ingressos semanal. Caso a média de público auferida seja ultrapassada pelo filme em exibição, por contrato, este filme deve continuar em cartaz.

exibidos nos Cinemas 1 e 2 e, graças ao apoio da crítica, houve boa frequência de público na apresentação de filmes como *E La Nave Va* (1983) de Federico Fellini e *Ran* (1985) de Akira Kurosawa.

Nos anos 1990, outro exemplo de influência da crítica local aconteceu com a exibição do filme *Antes do Amanhecer* (1995). Produção independente distribuída pela Columbia Pictures, o filme não estava entre os principais títulos da distribuidora e foi lançado sem maior divulgação. Com baixa frequência de público na sua semana de exibição, o filme conseguiu o apoio da crítica que colaborou na divulgação aos espectadores paraenses. Para surpresa da própria distribuidora, *Antes do Amanhecer* teve boa frequência no relançamento, fato que não aconteceu em algumas capitais.

Figura 42 - Coluna Panorama.

Belém, quarta-feira, 2 de agosto de 1978 — Página 6

Panorama

LUZIA MIRANDA ALVARES



Nino Manfredi e Stefania Sandrelli numa cena de **NÓS QUE NOS AMÁVAMOS TANTO**. A comédia de Ettore Scola vai ter mais uma exibição entre nós, mais precisamente na 6ª feira, às 22,30, no Cinema I.

Nós Que Nos Amávamos Tanto, no Cinema I

Ettore Scola ficou na minha lista de bons diretores, desde o primeiro filme que assisti dele no Olimpia: "Ciúme é Italiana" com Marcello Mastroianni e Monica Vitti. A história de uma paixão de dois amigos por uma mulher. Paixão que transforma os dois amigos em dois inimigos e a amada em vítima de um assassinato. A construção do filme é tão perfeita que Barthélemy Amengual cita por diversas vezes em seu livro "As Chaves do Cinema".

Outro filme de Scola: "Chicago Story" que não assisti, mas, segundo os entendidos, foi um bom filme. Recentemente foi lançado na Europa (e visto pelo amigo Edwaldo Martins) "Uma Jornada Particular", também um filme muito importante para o Cinema.

"Nós Que Nos Amávamos Tanto", exibido por 4 dias no Cinema I, é o penúltimo filme de Ettore Scola. Nele, o diretor esvazia um tema dos mais importantes: a amizade. Que já foi abordado por muita gente de cinema. Que já deu coisa admirável como "Os Boas Vidas" de Fellini, "Vicente, Francisco, Paulo e os outros..." de Claude Sautet, etc. Por ter sido lançado num período em que a maioria do pessoal belenense estava em férias, os proprietários dos Cinemas I e II farão exibir ainda uma vez, o filme de Ettore Scola. Será na próxima sexta-feira às 22,30 horas no Cinema I.

Tudo o que já se falou sobre "Nós Que Nos Amávamos Tanto", é pouco, diante do que realmente Scola conseguiu dizer. O filme deve ser visto por todos. Não percam. É a última chance.

Notícias do cinema brasileiro

OS NOIVOS — Já entrou em fase de montagem o longa-metragem Os Noivos. Produção de Adnor Pitanga. Direção de Afrânio Vital. Fotografia de Edson Santos. Música de Luiz Melodia. Elenco: Neia Tavares, Reinaldo Gonzaga, Maria Lucia Dahl, Sonia Otizica, Norma Sueli e Julia Miranda.

PARAISO NO INFERNO — É esse o título do longa metragem que marca a estréia do ator Joel Barcelos atrás das câmeras. No elenco, além do próprio cineasta, estão Ney Santana, Ana Maria Nascimento Silva e Manoel Colasanti.

TUNISIA VÊ FILMES BRASILEIROS — Uma comissão oficial da Tunísia esteve no Rio examinando filmes brasileiros para o mercado do seu país durante a segunda quinzena de julho. É a segunda comissão africana a nos visitar este semestre com o mesmo objetivo. A primeira foi da Guiné-Bissau.

COOPERATIVA DE CINEASTAS — Aproximadamente 40 cineastas, entre eles Nelson Pereira dos Santos, Geraldo Sarno, Leon Hirszman, Mircea Fariás e Otto Engel, organizaram recentemente a "Cooperativa de Cinema Ltda". Entre as atribuições desta sociedade está a de colocar à disposição dos associados todo material técnico possível, além de produzir filmes.

A MOSTRA 80 ANOS VAI AO NORTE — Dado o sucesso obtido no Rio, São Paulo e Porto Alegre, a Mostra 80 Anos de Cinema Brasileiro (que reúne desde clássicos do cinema muito até filmes do Cinema Novo) será em breve levada aos estados do Norte e Nordeste.

"Bugsy Malone"

O tipo de brincadeira que o filme "Quando as Metralhadoras Cospem" ou no original "Bugsy Malone" apresenta, não é pra meu gosto. Mas, Deus me livre de dizer isso na frente das crianças. Elas ficarão furiosas comigo. Porque estão gostando do filme. Do tipo de papel que os mini-artistas representam. Talvez uma projeção do mundo fantasioso em que vivem. É como se eles (as crianças) estivessem brincando de "comadres". Elas se sentem adultas. Daí a sua admiração pelo trabalho de Allan Parker.

Pessoalmente achei o filme, de uma "chatice" terrível. Não conseguí ver mais do que isso. Se a intenção de Allan Parker foi mostrar a violência no mundo infantil, acho que não conseguiu o seu intento. Os adultos acharam o filme "chato", nem se preocuparam em ver outras coisas mais. E a criança, ficou tão embevecida em ver outras crianças fazendo o papel de adultos, que não levou adiante a descoberta de seu (deles) mundo violento.

"Bugsy Malone" peca pela falta de criatividade de seu diretor. Só tem um atenuante: é a raridade de ser um filme livre, num momento em que só se vê filmes impróprios, ficando a criança sem vez no cinema.

PANORÂMICA

"Tudo Bem" de Arnaldo Jabor, o filme vencedor do Festival de Brasília, será exibido em circuito nacional no dia 30 de setembro, incluindo Belém. Entre nós o lançamento está planejado para o Cinema II. xxx A grande reclamação do Festival de Brasília foi com relação aos filmes em 16mm. A representante da equipe que foi à Capital Federal representar os produtores da bitola, desabafou ao receber seu prêmio, reclamando o fato dos produtores de 35mm terem ganho passagem de avião, e os 16mm passarem de ônibus. Segundo ela, neste raciocínio, "o pessoal de Super 8 deve ter vindo de bicicleta". xxx O parense Leandro Tocantins representou a Embrafilme na entrega dos prêmios do Festival de Brasília. Leandro, que chefiou o Departamento de Atividades Não Comerciais da Empresa, viu com satisfação 2 curtos feitos em sua terra serem premiados no certame: "Landi" e "Waldemar Henrique", ambos produzidos pela amiga Mirca Gomes. xxx O Festival de Filmes Romanos e a Cinemática do MAM enviou para o Cine Clube e que está sendo apresentado no Cine Guajará, tem agradado ao público reduzido que tem por lá aparecido. O primeiro filme, "A Corrida", foi uma espécie de "O Salário do Meno" de Romania. Muito bem feito. Amanhã será a vez de uma produção das mais discutidas, chamada "Além da Ponte". xxx As sessões extras dos novos cinemas da cidade (o Um e o Dois) vêm obtendo grande aceitação por estarem sendo programadas de acordo com o gosto do público. É assim que esta semana voltam "Nós Que Nos Amávamos Tanto" e "Solaris" e, na próxima, "Cidadão Klein". Para breve, por sinal, tem "O Embrião", que trata do palpitante assunto que é o "bebê de proveta".

CINE GUAJARÁ (Base Naval de Val de Cães)

HOJE às 20,30 hs: NINHO DE COBRAS de Joseph L. Mankiewicz com Kirk Douglas e Henry Fonda.

AMANHÃ às 20,30 hs: ALÉM DA PONTE de Mircea Viersiu. Um novo filme da Mostra Romaná, premiado em Cannes. Técnicoior.

Apesar da mudança da programação inicialmente desejada, A.G.M. não desistiu de seu ideal de cinema de arte e manteve seu apoio ao cineclube da APCC incluindo informações da programação do cineclube no anúncio diário de jornal dos Cinemas 1 e 2. O Cineclube da APCC continuou suas ações de exibição nos anos 1980, até que novas regras do mercado de exibição⁵¹ inibiram o circuito cineclubista, posteriormente, fechando parte dos cineclubes em todo o Brasil. Com a inauguração do Cine Líbero Luxardo⁵², o Cineclube da APCC teve um espaço exclusivo de exibição, contando com o apoio dos críticos e do público e com a programação de Pedro Veriano.

O Cineclube da APCC manteve suas atividades no Cine Líbero Luxardo, notadamente com a seleção de filmes realizada por Pedro Veriano. Outros espaços do cineclube, como o Cine Guajará e o auditório do Grêmio Português, encerraram suas exibições, em parte, pelas transformações do mercado de distribuição de filmes. Mas a contribuição do ideal cineclubista aos cinéfilos paraenses teve continuidade.

3.3. Das distribuidoras e mercado de exibição

Após o aprendizado dos primeiros anos de funcionamento dos cinemas, Alexandrino Gonçalves Moreira percebeu a necessidade de investir na empresa e acompanhar as transformações do mercado distribuidor e exibidor. A manutenção da programação dos cinemas das regiões norte e nordeste era realizada por filiais das distribuidoras localizadas em Recife-PE. Neste período, com diversas salas em operação nessas regiões, distribuidoras mantinham escritórios que agendavam a marcação de filmes das produtoras *Columbia Pictures*, *Warner Bros.*, *Universal*, *Paramount*, entre outras.

Com a exclusividade de lançamentos da *Columbia Pictures*, os Cinemas 1 e 2⁵³ lançaram filmes que colaboraram na criação de novos hábitos do público paraense, até então acostumado com salas de cinema de maior porte, como o Cine Palácio (1.200 lugares) e Cine Nazaré (1.600 lugares). Conforme tendência dos anos 1970, salas menores

⁵¹ A partir dos anos 1980, muitas distribuidoras iniciaram cobranças de aluguel fixo para a exibição de seus filmes, dificultando financeiramente o funcionamento dos cineclubes. Além disso, a distribuição de filmes em 16 mm, usados nas exibições cineclubistas especialmente em cidades do interior dos estados, ficou com altos custos de transporte das cópias. No final dos anos 1980, filmes em 16 mm foram definitivamente excluídos do mercado de distribuição com a chegada do VHS (*Video Home System*).

⁵² Cine Líbero Luxardo foi fundado em 1986. Pedro Veriano foi o primeiro programador do cinema. O nome do cinema é uma homenagem ao cineasta paulista que contribuiu com a produção cinematográfica paraense.

⁵³ O Cinema 1 disponibilizava 305 poltronas enquanto o Cinema 2 tinha 405 poltronas.

representavam custos menores e esta questão contribuiu para que A.G.M. equilibrasse financeiramente a manutenção de suas salas. Entre inúmeros filmes da parceria exclusiva com a *Columbia Pictures*, encontram-se produções como *Kramer Vs. Kramer* (1979), *O Reencontro* (1983), *Gandhi* (1982), *Tootsie* (1982), *Rambo 2* (1985) e *Os Caça-Fantasmas* (1984).

O sucesso destes e de outros filmes fez com que A.G.M. iniciasse o projeto de construir o Cinema 3, em área próxima dos cinemas 1 e 2⁵⁴. Tal projeto de expansão, porém, aguardou alguns anos para ser concretizado. A crise econômica no Brasil, ocorrida no início dos anos 1980, criou instabilidade no mercado exibidor e na produção de filmes brasileiros que perderam espaço nos cinemas⁵⁵, especialmente para as produções pornográficas, inicialmente estrangeiras. A censura federal, criada no período da ditadura militar, proibiu a exibição de filmes importantes de diversas nacionalidades, provocando reações de intelectuais, cinéfilos e cineastas.

A partir do final dos anos 1970, a censura federal iniciou a liberação de títulos proibidos no Brasil como *Último Tango em Paris* (1971), *Z* (1969) *Sacco e Vanzetti* (1971), *1900* (1976) e *Laranja Mecânica* (1971). Neste processo de abertura política e artística, filmes pornográficos começaram a ocupar diversas salas de cinema em todo o Brasil. Com a repercussão do primeiro filme pornô brasileiro, *Coisas Eróticas*⁵⁶, produtoras investiram no gênero⁵⁷ presente em diversos setores de exibição durante anos⁵⁸.

A.G.M. preferia exibir outros títulos brasileiros, mas com poucas opções no mercado distribuidor para exibição; era necessário cumprir a cota de obrigatoriedade com filmes deste gênero, que alcançaram alta frequência em todas as salas⁵⁹. Como crítico de cinema, A.G.M. adaptou-se à realidade do mercado, mas a crítica paraense não se omitiu sobre essa tendência, como revelam artigos dos críticos Rafael Costa e Pedro Veriano.

⁵⁴ Na área próxima dos cinemas, funcionou durante vários anos a Lanchonete Um, que tinha divulgação com temas de filmes, tornando-se num ponto de encontro de cinemaníacos.

⁵⁵ Apesar das dificuldades do mercado cinematográfico, nos anos 1980, o cinema brasileiro manteve qualidade através de cineastas como Nelson Pereira dos Santos, Murilo Salles, Arnaldo Jabor, Sérgio Toledo, Carlos Reichenbach, Leon Hirzman, Hector Babenco, Walter Lima Jr., Silvio Tendler e Eduardo Coutinho.

⁵⁶ *Coisas Eróticas*, 1984. Direção: Rafaelle Rossi. Filme que vendeu mais de quatro milhões de ingressos no Brasil.

⁵⁷ Em 1984, dos cento e vinte e cinco filmes nacionais produzidos, sessenta e nove eram pornográficos.

⁵⁸ O sucesso dos filmes pornográficos permaneceu nos cinemas brasileiros até a chegada do mercado de locação de filmes em *VHS*, no final dos anos 1980. Apesar de uma produção limitada, ainda existem salas de exibição especializadas em filmes pornôs.

⁵⁹ Exibido no Cine Palácio, o filme pornô *Garganta Profunda* (1971), proibido no início dos anos 1970, foi uma das maiores bilheterias deste cinema no início dos anos 1980.

Figura 43: Coluna Panorama.

Pornôs, semipornôs e pornochanchadas: agora é a moda

Pois é, pessoal, estamos navegando em plena maré de pornochanchadas, pornôs e semi-pornôs. Prato cheio, com muita pimenta malagueta, para os hedonistas do sexo. E olhem lá que essa ávida clientela ainda permanece surpreendentemente numerosa. Santo Deus! Como a moçada adora segredos de alcovas e de outras quatro paredes. (Com as tendências atuais as paredes estão sendo eliminadas — é ao ar livre mesmo).

Anteontem, na estréia de "Meus Homens, Meus Amores" (cinema Olímpia) todas as sessões ficaram lotadas e ontem repetiu-se o que já não é mais fenômeno, porém rotina. No Iracema outro grupo delirava com cenas de violento sadomasoquismo de um desses internatos de mulheres — virgens ou violentadas — agora muito em moda. Coisa "made in São

Paulo" O pornô carioca pelo menos busca apoiar-se também no humor e deixa o Marquês de lado.

Saindo do terreno da chanchada pornô entramos virtualmente na área do pornô puro, ou semipornô se quiserem, uma vez que a tesoura da censura teve que funcionar intensamente. Trata-se desse (bem feito) "O Salão Kitty" que está lá no Cinema II causando delírio na moçada. E tanto tem sido o sucesso que o Pedro Veriano (já estou seguramente informado disso) vai ter que reprogramá-lo, talvez para dobrar semana. O filme, é claro, tem suas virtudes formais, porém é menos por isso do que pela audácia erótica que a bilheteria está sendo tão movimentada. Basta dizer que, segundo o certificado de censura, dos sete rolos de que

se compõe a metragem do filme, pelo menos quinze cenas ou simples seqüências tiveram que ser cortadas. E como a censura, descrevendo os trechos a serem eliminados nas cópias, nunca usa meias palavras — porém aquelas, exatas, exatíngas — posso lhes assegurar que esse "Salão" em cópia integral poderia tranquilamente jogar para escanteio qualquer daqueles clandestinos suecos destinados só a exhibições particulares. E olhem que o que sobrou, antigamente só poderia ser assistido em sessões privadas. Não é evidente, pois, que o sucesso do filme está aí? Para quem curte mesmo pouquinho coisa de inglês é fácil verificar o quanto as legendas foram atenuadas numa tradução obrigada a apelar para os eufemismos. Mas, contudo, contudo, está acima do medíocre. (Rafael Costa).

Fonte: Jornal O Liberal, 05/01/79. Acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Figura 44 - Coluna Cinema.

Cinema

PEDRO VERIANO

Reserva para pornôs

A reserva de mercado para filme nacional seria cômica se não fosse trágica. Vejam o que está acontecendo no Cinema II: exhibe-se um pornô em 3 sessões para que se possa exibir "Ironweed", em duas. O pornô cumpre reserva de mercado, para filme brasileiro. E ocupa espaço num cinema não especializado no gênero porque não tem produção nacional inédita para ficar em seu lugar.

As empresas exibidoras quando reclamam da falta de filmes nacionais ao Concine, recebem um "dossiê" com uma lista enorme de títulos de filmes "disponíveis" para cumprimento da reserva de mercado (é obrigatório um filme brasileiro para cerca de 21 dias por trimestre em cada cinema). Desta lista, quase 50% dos títulos é de pornôs. Os demais estão entre reprises na praça. Até os filmes semi-amadorísticos, que antes existiam nas prateleiras e que não eram exibidos porque os exibidores não queriam, até eles não existem mais. É pornô ou é reprise. Reprise, é claro, no circuito concorrente do que exibiu o filme em

estréia. Quem exhibe pela primeira vez é lançador, mesmo que o filme já seja conhecido na cidade.

A produção cinematográfica nacional caiu bastante com a crise econômica. O que está sendo produzido, apesar de poucos filmes, tem um padrão de qualidade artesanal apreciável. Os filmes são altamente profissionais. Mas não conseguem suprir a reserva de mercado em praças com mais de um exibidor. Exceto se os pornôs aparecerem. Pornô tem demais e é feito a toque de caixa. Só que os realizadores de pornôs não recebem incentivo nenhum da estatal de cinema (Embrafilme). São feitos na marra. E se estão cumprindo lei, mesmo acusados de "marginais", lembram o que acontece com o jogo do bicho: é ilegal mas existe e funciona.

O bom acabamento do filme nacional de hoje pode mergulhar tranqüilo na lei da oferta e da procura. Não quer dizer que a reserva seja nociva. Tem exibidor que implica com o filme

brasileiro. Burrice total. Burrice e antipatriotismo. Mas é preciso que a reserva seja proporcional à produção. Quanto mais filme no mercado, maior a reserva. E a quantidade de filmes teria garantida a sua distribuição para que nenhum ficasse "engatado" ou subestimado. O controle, no caso, seria no registro no filme no Concine. A carreira comercial seria assegurada. Pelo menos o início da carreira. Como está é que não dá pé.

"Hitler,, Uma Carreira" está de volta ao Líbero Luxardo, do Centur. Um bom documentário. Tem professores que estão mandando alunos verem o filme. Ótimo. É um trabalho didático que dá uma noção correta do que foi a ditadura de Hitler e a 2ª Guerra Mundial. O filme vai ficar até sábado.

Extra

Líbero Luxardo (Centur) — 18:30 — "Hitler, Uma Carreira". 20:30: "Sacrifício" de Andrei Tarkovski (em despedida). Centro Cultural Brasil Estados Unidos — 19:00 — "Jornada nas Estrelas, O Filme", de Robert Wise.



Antônio Fagundes como aparece em "A Dama do Cine Shangai", um dos bons filmes brasileiros da atualidade.

Fonte: Jornal A Província do Pará, 08/11/89. Acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Os filmes pornôs e pornochanchadas, além de ocuparem parte da programação das salas de exibição, indiretamente causaram o ineditismo de muitos filmes brasileiros, criando impressão para o espectador, de que o cinema nacional produzia somente esse gênero de filme. Felizmente, outras produções nacionais tiveram oportunidade de exibição, indicando especialmente para a crítica especializada que, apesar de toda dificuldade, o cinema brasileiro buscava seu caminho e que precisava da parceria de exibidores, independentes ou não, para chegar ao público.

3.4. Cinema 3: Ampliação e Adequação ao mercado exibidor

Em 1986, A.G.M. decidiu efetivar o projeto de uma nova sala de cinema, o Cinema 3⁶⁰, incentivado pelas distribuidoras que indicaram fortalecimento do circuito local com a existência de mais salas de exibição. O exibidor majoritário do circuito brasileiro, Grupo Severiano Ribeiro, manipulava informalmente o processo de distribuição de filmes, exigindo exclusividade e deixando poucas opções para os exibidores locais e independentes. Mesmo assim, acreditando no apoio da crítica local, público e distribuidores, especialmente a *Columbia Pictures*, A.G.M. iniciou o planejamento de sua terceira sala, inaugurada em 29 de agosto de 1987.

O filme escolhido para a inauguração teve como referência o ideal do cinema de arte. Apesar da dificuldade de encontrar filmes de qualidade disponíveis no mercado distribuidor, naquele período, o Cinema 3 foi inaugurado com a exibição do filme *Ginger e Fred* (1985), do mestre do cinema italiano, Federico Fellini⁶¹, um dos cineastas mais estudados e respeitados por cinéfilos e cineclubistas. Ao inaugurar a nova sala com filme de um diretor renomado, A.G.M. indicou que o ideal de empreendedor cultural era influência presente na sua trajetória, apesar das adaptações inevitáveis ao mercado exibidor.

⁶⁰ Cinema 3, com 190 poltronas, teve seu equipamento de projeção instalado pelo técnico Gianni Gallazi com a tecnologia de som *Dolby Stereo*.

⁶¹ Federico Fellini (1920-1993), um dos mais importantes cineastas do cinema, autor de filmes reconhecidos pela crítica mundial como *A Estrada da Vida* (1955), *Noites de Cabiria* (1957), *A Doce Vida* (1960) e *Fellini Oito e Meio* (1963).

Figura 45: Coluna Panorama.

A inauguração, logo mais, do Cinema III prossegue um trabalho de amor ao cinema que teve início com a criação do Cine Clube da AFCC, em 1º de novembro de 1967. Nos anos 70, Alexandrino Moreira surgiu não só como um espectador assíduo das sessões cineclubinas na AABB e Faculdade de Odontologia, como um incentivador do movimento, ora dando filmes para o acervo cineclubino deixando que o telefone de sua mesa de trabalho servisse de ponte para que se conseguisse a programação capaz de cativar uma plateia como aconteceu nos verdes anos do movimento.

Os Cinemas I e II surgiram no espírito das sessões "extras", que já em 1978 estendiam-se ao Cine Guajará da Base Naval e ao Grêmio Português, ambos utilizando a bitola profissional de filme (35 mm).

O III veio do sucesso dos "irmãos I e II". Por mais que se fale em crise, em fechamento de cinemas, em novas opções da manifestação visual (ou audio-visual) como o vídeo-cassete, Alexandrino nunca levou essas coisas ao ponto negativo de embolar a ideia de novos empreendimentos no ramo. O "III" tinha tudo para nascer. O espaço parecia resguardado, com o terreno suficientemente grande para se cogitar em mais de uma casa. E o fato de se dizer que "um é pouco, dois é bom" estava alinhando a cabeça, já que as distribuidoras queriam mais campo e a oferta de filmes foi se tornando maior, a situação acabou como disse o Marco Antônio: "3 é totalmente demais".

Panorama

LUZIA MIRANDA ALVAREZ

A chegada do Cinema III

Para marcar a chegada dos I e II, em 28 de junho de 1978, jogou-se "Chuvas de Verão", de Cacá Diegues e "Der-su Uzala", de Kurosawa. A sessão inaugural do complexo, com a presença do diretor do filme (Cacá), foi no "I". A chance deu a Cacá o cenário ideal para seu filme seguinte: "Bye, Bye, Brasil". E aquela altura, providenciou-se até mesmo cimento fresco para os "astros" gravarem suas mãos, tudo no estilo sonhador de um "Chinese Theatre". Agora, Fellini abre o "III". O filme, que eu já vi, é excelente. "Ginger e Fred" retoma o Fellini de "Noites de Cabiria" e "La Strada". Tudo muito claro, muito ao alcance do público, na comovente estória de dois artistas que imitavam, nos anos 40, Fred Astaire e Ginger Rogers, e que hoje se encontram para um programa de televisão. Um filme sobre o pretérito humano, mesmo na sua crítica impiedosa ao vídeo.

Mas "Ginger e Fred" de hoje é para convidados da casa. O grande público só vai conhecer o "III" amanhã, quando será exibido o policial de Richard Pearce "No Mercy"/Sem Perdão, com Richard Gere (o ator de "Cotton Club"). Também já vi (só que em vídeo). Há muita opção, muito ritmo, e a escolha da estreia ficou por conta da gravação da cópia em "dolby stereo", sistema que o "III" está apto a reproduzir.

Claro que "Ginger e Fred" retomará cartaz dentro de mais alguns dias. E no horizonte já apontam "Conta Comigo" (Stand by Me), sensível de Rob Reiner, e o nacional "A Cor do Seu Destino", brilhante ensaio sobre os refugiados chilenos no Brasil.

Mais um cinema para uma cidade como Belém, numa época como a que se está atravessando, é, de fato, uma notícia de vulto. Todas as homenagens possíveis devem-se atribuir à nova casa exibidora. Uma festa que é de todos. Especialmente dos que aprenderam a amar o cinema, seja como uma fonte cultural, seja como diversão, seja como refúgio contra os malefícios do cotidiano (Pedro Veriano).



Marcello Mastroianni e Giulietta Massina, em "Ginger e Fred", de Federico Fellini, inaugurando, hoje, o Cinema III.

Fonte: Jornal O Liberal, 29/08/87. Acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

A programação desta sala conservou a configuração de exhibições elaboradas para os Cinemas 1 e 2 com matinais aos domingos, sessões especiais e lançamentos de filmes de distribuidoras como a *Look Filmes*⁶². Mas no final dos anos 1980, a crise econômica do país ocasionou uma perda de público nas salas de cinema. Como decorrência, A.G.M. programou reprises para o equilíbrio financeiro da empresa. Até o final dessa década, vários exibidores recorreram à reprise de filmes de boa bilheteria, dado o momento precário em que principais distribuidores não tinham produções inéditas de sucesso para exibição. Além disso, sucessos dos cinemas chegavam à programação das redes de televisão somente após cinco anos da estreia nos cinemas. Essa reserva de mercado para os cinemas cooperava para que o público pudesse ver ou rever determinados títulos, somente nas salas de cinema.

Com o desenvolvimento do mercado de locação de filmes em *VHS*⁶³, exibidores experientes ansiavam por mudanças no mercado de exibição. Com a crescente presença

⁶² *Look Filmes*, importante distribuidora de vídeo, fundada em 1985. Nos anos 1990, tornou-se uma distribuidora de filmes para cinema e vídeo, além de ser proprietária de um pequeno circuito de cinemas na cidade de São Paulo.

⁶³ O mercado de locação de filmes em *VHS* começou a ser desenvolvido no início dos anos 1980. Nesta época, os filmes chegavam ao Brasil através das lojas e videoclubes estrangeiros. No Brasil, uma legislação obrigou

dos Videoclubes, novos hábitos de assistir a um filme foram adquiridos pelos espectadores. Preço do ingresso, crise econômica, diminuição de investimentos em produção e publicidade das distribuidoras e produtoras, entre outras razões, ocasionaram o enfraquecimento do mercado exibidor. O cinema brasileiro foi afetado pela crise da economia e também por decisões políticas, como a que extinguiu a EMBRAFILME, em 1990, sem a criação de uma distribuidora que administrasse novos lançamentos⁶⁴. Como crítico de cinema e exibidor, A.G.M. preocupou-se com os problemas do cinema brasileiro.

Apesar da tentativa de ressurgir das cinzas, o cinema nacional tem que ir na direção do público, como tem feito o produtor Luiz Carlos Barreto, um dos pioneiros do cinema Novo e que depois enveredou por um cinema que cativasse o público. Fez “Dona Flor e seus Dois Maridos”⁶⁵, “A Dama do Lotação”, recentemente “O Quatrilho”⁶⁶ e “O Que é isso, Companheiro?”⁶⁷ que já atingiu a marca de trezentos mil espectadores no Brasil. Não paga ainda o filme e está bem longe dos milhões espectadores que assistiram a “Dona Flor e seus Dois Maridos” mas já é um bom começo (A.G.M., entrevista O Liberal, 27/08/1997).

Com a diminuição de filmes brasileiros no mercado, as opções de exibição se tornaram ainda mais difíceis para os exibidores pequenos, regionais ou independentes. Naquele período, existiam circuitos de exibição tradicionais como o Grupo Severiano Ribeiro, mas ainda era frequente o funcionamento de salas de cinema regionais que não estavam vinculadas com as redes nacionais. Para estas salas, o mercado sempre foi rigoroso em termos de distribuição e cópias de filmes. Na dúvida, distribuidores sempre priorizavam as redes nacionais de exibição, deixando diversos exibidores em situação desconfortável.

Alexandrino Gonçalves Moreira, com três salas para administrar e programar buscou alternativas em distribuidoras independentes, além de ampliar espaço para os títulos da *Columbia Pictures*, que mantinha catálogo de lançamentos com boas possibilidades artísticas e comerciais. A obrigatoriedade de exibição de filmes brasileiros causava preocupação pela insuficiência de títulos disponíveis. Um episódio demonstrou dificuldades

os videoclubes e distribuidoras a comercializarem somente filmes legalizados pelo Conselho Nacional de Cinema (CONCINE).

⁶⁴ Em março de 1990, o primeiro governo eleito pelo voto popular tomou medidas drásticas na economia confiscando contas-poupança. Na área de cinema, foram extintos a EMBRAFILME, CONCINE, a Fundação do Cinema Brasileiro entre outros órgãos relacionados à produção e distribuição cinematográfica. Em 1992, somente uma produção nacional chega ao circuito nacional exibidor: *A Grande Arte* (1991) de Walter Salles Jr. O cinema brasileiro ocupava apenas 1% do mercado de exibição.

⁶⁵ *Dona Flor e seus Dois Maridos*, 1976. Direção: Bruno Barreto. Um dos recordistas de público do cinema brasileiro com mais de 11 milhões de ingressos vendidos desde sua estreia.

⁶⁶ *O Quatrilho*, 1995. Direção: Fábio Barreto. Filme indicado ao Oscar de melhor filme estrangeiro.

⁶⁷ *O Que é isso, Companheiro?*, 1997. Direção: Bruno Barreto. Filme baseado no livro homônimo de Fernando Gabeira escrito em 1979.

na programação de filmes nacionais. Em 1999, o lançamento do documentário *Senta a Pua* (1999), sobre a atuação do 1º grupo de aviação de Caça da Força Aérea Brasileira, teve destaque em jornais do sul do país. Como um dos programadores dos cinemas, entrei em contato com a distribuidora do filme e solicitei cópia para exibir em Belém. O responsável pela distribuição, ao contrário, não aprovou a projeção do filme alegando custos altos para enviar material de divulgação e cópia de 35 mm para cidade distante do Rio de Janeiro. Apesar da insistência, *Senta a Pua* não foi exibido, em parte por responsabilidade da distribuidora que demonstrou mais um preconceito com relação à região norte.

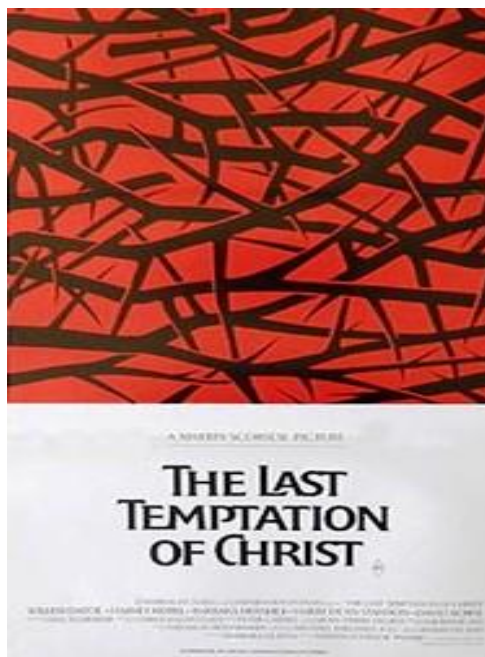
Num período de instabilidades de produção na indústria cinematográfica norte-americana, principal fornecedora de filmes, em 1988, o mercado cinematográfico mundial vivenciou uma polêmica, a exemplo do lançamento de *A Última Tentação de Cristo* (1988). Baseado no romance homônimo de Níkos Kazantzákis⁶⁸, publicado em 1951, o filme gerou polêmica entre jornalistas, católicos e a igreja católica que não aprovaram a forma como a vida de Jesus Cristo é interpretada⁶⁹. Ao fazer diferentes leituras da tradicional visão católica sobre Cristo, o filme sofreu boicote de vários exibidores em diversos países, em parte pelo receio de represálias do público⁷⁰.

⁶⁸ Níkos Kazantzákis(1883-1957), poeta, novelista, dramaturgo e filósofo, autor de romances com temas universais como o amor, a solidão, o pecado e a hipocrisia. Na sua filmografia, destaque para *Zorba, O Grego* (1943) que teve uma elogiada adaptação cinematográfica em 1964.

⁶⁹ O filme faz uma leitura da vida de Jesus Cristo, enfatizando conflitos entre sua missão divina e seus desejos como homem comum que quer constituir família e viver no anonimato.

⁷⁰ Salas de exibição nos EUA sofreram represálias, ameaças e boicotes por parte do público católico. O filme foi proibido em diversos países como Chile, onde ficou censurado por quinze anos.

Figura 46: Cartaz do filme *A Última Tentação de Cristo*.



Fonte: Google Imagens.

No Brasil, o filme teve a distribuição da *UIP (United International Pictures)* que exibia seus lançamentos prioritariamente com o Grupo Severiano Ribeiro. Este grupo empresarial não teve interesse em exhibir o filme por razões religiosas. A distribuidora buscou espaço nos exibidores independentes como A.G.M. que, conhecedor da filmografia do diretor Martin Scorsese⁷¹, agendou datas para o seu lançamento em Belém, no Cinema 3. Antes da sua estreia, realizou-se uma sessão exclusiva para a imprensa, convidados e representantes da Arquidiocese de Belém, como forma de qualificar o debate sobre o polêmico trabalho de Scorsese.

A Universidade Federal do Pará também foi convidada para essa sessão especial de “A Última Tentação de Cristo”. Todo mundo conversava, incomum em uma sessão normal, mas ali era especial, era também uma festa. Tanta gente falava que o som resultante se configurou num murmúrio de uma multidão. E me lembrei das sessões no Cinema Moderno durante a semana santa, no final dos anos 1940 e início dos anos 1950, quando era exibido o filme “A Vida de Cristo”. O cinema era dividido ao meio no sentido longitudinal por um alto painel de madeira; à esquerda os assentos eram cadeiras e à direita bancos corridos. As exibições eram sempre acompanhadas por muita conversa muita gritaria e no momento em que Jesus era pregado na crua a molecada se voltava em fúria contra os carrascos; a cada martelada uma chuva de palavrões se dirigia à tela, alguns pequenos objetos também eram atirados. Foi uma lembrança fugaz, mas forte o suficiente para que, em seguida, eu me concentrasse na

⁷¹ Martin Scorsese, 73 anos, cineasta, roteirista, produtor e ator, um dos grandes nomes do cinema americano. Realizador com estilo próprio possui uma filmografia de qualidade com filmes reconhecidos pela crítica e público como *Taxi Driver* (1976), *Touro Indomável* (1980), *Os Bons Companheiros* (1991), *A Época da Inocência* (1993) e *Cassino* (1995). Ganhou o *Oscar* de melhor diretor em 2007 pelo filme *Os Infiltrados* (2006).

exibição. Então a platéia ficou toda em silêncio. Um belo filme, mais uma iniciativa do empreendedor cultural Alexandrino Gonçalves Moreira em prol do bom cinema e da abertura artística (Arnaldo Corrêa Prado Junior, entrevista jan. 2015)

De acordo com o depoimento de Arnaldo Prado Junior, a estratégia de lançamento do filme foi positiva, com participação de membros da Arquidiocese que, em sua maioria, gostaram do filme e apoiaram sua exibição. Apesar de ameaças recebidas de fontes anônimas para que não fosse exibido em Belém, *A Última Tentação de Cristo* foi lançado com sucesso entre críticos locais que o elegeram um dos melhores filmes do ano. Este lançamento revelou a importância dos exibidores independentes no Brasil, aqui representados por A.G.M. Tal atitude inibiu censuras ou qualquer manifestação negativa que impedissem sua exibição no país, fato que diretamente lembra a importância de um circuito cinematográfico culturalmente aberto para exibir filmes, independentemente de ideologias, crenças, estéticas. Mas A.G.M. manifestava sua preocupação com o futuro deste tipo de exibidor.

Os exibidores independentes estão se extinguindo. No Brasil, existe quase um cartel nesse setor de exibição. Os independentes ainda são muitos, mas se queixam de certa discriminação pelas distribuidoras. Em Belém, sempre que possível, procuro programar filmes do ideal antigo de uma programação selecionada, mas o público não prestigia. Vai aos cinemas pelos anúncios da televisão (A.G.M. entrevista O Liberal, 27/08/1997)

Como exibidor independente, A.G.M. teve que se adequar às regras comerciais do mercado de exibição brasileiro e compreendeu que trabalhar com cinema, além de prazeroso, era atividade que gerava lucro e investimentos. Mas manteve sessões na programação da nova sala, para a exibição de filmes de qualidade artística⁷². Ao contrário do início da década de 1980, o começo dos anos 1990 indicou necessidade de outras ações no ramo cinematográfico para manter o público.

As tradicionais matinais de domingo, por exemplo, foram mantidas, apesar da crescente perda de público. Além da baixa frequência de espectadores, as condições comerciais de exibição de filmes estavam mais rígidas, com altos valores comerciais. Mas acreditava-se que as matinais dos cinemas representavam um ideal de exibição que, frequentemente, era lembrado por todos aqueles que vivenciaram o período cineclubista paraense, anos antes. Um público cativo prestigiava as matinais que, para muitos, tornaram-

⁷² Em 1989, a *Columbia Pictures* relançou exclusivamente nos cinemas cópia restaurada do clássico *Lawrence da Arábia* de David Lean, produzido em 1962. Em Belém, o filme foi exibido no Cinema 3.

se um aprendizado constante sobre cinema, a partir dos filmes criteriosamente selecionados, conforme explica o crítico de cinema José Augusto Pacheco.

Era o fim dos anos 80, uma década que impôs outra forma de assistir filmes com a facilidade dos serviços de home vídeo, que, no conforto da recepção programada, disputava a atenção, o olhar dos cinéfilos de uma cidade que contava ainda com o circuito Severiano Ribeiro, o cine Líbero Luxardo e a as salas do circuito Cinearte, que, além das sessões regulares, programava as matinais de domingo. Uma parcela segmentada, mais exigente no que diz respeito à opção diferenciada aos padrões da programação comercial, prestigiava a iniciativa de exibição de outras cinematografias, outras formas de representação imagética em movimento, outras paisagens, outros enquadramentos que pudessem desviar a mesmice do olhar, driblar as armadilhas da repetição previsível, que tanto embotam a nossa persistência retiniana. (...) As matinais de domingo do Circuito Cinearte cumpriram um papel didático (por que não dizer militante/diletante?) pouco observado nas iniciativas de direito privado que operavam e operam no Estado. Como parte do calendário cultural da cidade, as matinais proporcionaram um hábito, um procedimento administrativo na última ponta da cadeia econômica que tem início na produção e passa pela distribuição: a exibição e o desafio de cutucar o frágil equilíbrio nas relações sempre tensas de arte & indústria. Toda uma geração de cinemaníacos, loucos por cinema, cinéfilos e novos críticos (muita vezes sem dar o devido crédito) se formou frequentando as sessões domingueiras da Trav. São Pedro. Mesmo com o aquecimento também oscilante do mercado de home vídeo e o aceno inevitável da onda da pirataria (com base na falta de regulamentos e fiscalização eficazes), as matinais traziam para a tela grande a certeza de que havia outra forma de iluminar, enquadrar e dirigir atores em um set de filmagem. Não melhor, não pior do que as lições da continuidade clássica e hegemonia do cinema americano, mas para compreender melhor o caos da realidade, o mundo em que vivemos, com a certeza da máxima propalada por Glauber Rocha, em que esta forma de narrar deve ser vista como a mais importante de todas as artes (José Augusto Pachêco)⁷³.

As matinais dos cinemas 1 e 2, como reitera o cinéfilo José Augusto Pacheco, foram opção imprescindível para os frequentadores, num período em que a programação das salas de cinema não apresentava opções para filmes de arte. Estas sessões foram importantes para manter o interesse do público em outros conceitos de cinema, com a exibição de filmes como *O Enigma de Kaspar Hauser*⁷⁴, *A Infância de Ivan*⁷⁵, *Nostalgia*⁷⁶, *Madre Joana dos Anjos*⁷⁷, *Música e Fantasia*⁷⁸, *O Corcunda de Notre Dame* (1939), *Daniel*⁷⁹, *Metrópolis* (1925), *Um Corpo que Cai* (1958) e *La Luna*⁸⁰. Por essa razão, apesar da frequência insuficiente de

⁷³ José Augusto Pachêco, 42 anos, formado em Comunicação Social, crítico de cinema, gerente e programador do Cine Líbero Luxardo (2007-2010), programador e assessor de imprensa do Cine Estação desde 2003.

⁷⁴ *O Enigma de Kaspar Hauser*, 1974. Direção: Werner Herzog. Vencedor do Prêmio do Júri no Festival de Cannes.

⁷⁵ *A Infância de Ivan*, 1962. Direção: Andrei Tarkovski. Vencedor do Leão de Ouro no Festival de Veneza.

⁷⁶ *Nostalgia*, 1982. Direção: Andrei Tarkovski. Prêmio de melhor diretor no Festival de Cannes.

⁷⁷ *Madre Joana dos Anjos*, 1961. Direção: Jerzy Kawalerowicz. Vencedor do Prêmio de Júri no Festival de Cannes.

⁷⁸ *Música e Fantasia*, 1976. Direção: Bruno Bozzeto. Eleito um dos melhores filmes do ano.

⁷⁹ *Daniel*, 1983. Direção: Sidney Lumet. Baseado no romance de E.L. Doctorow.

⁸⁰ *La Luna*, 1979. Direção: Bernardo Bertolucci. Indicado ao Globo de Ouro de melhor atriz.

público para sua manutenção, A.G.M. e sua equipe de trabalho, antes de perceber a exclusão das matinais, consideraram alternativas para mantê-las.

Os filmes programados nas matinais de domingo foram exibidos em sessões noturnas, no Cinema 3, lembrando as sessões especiais dos Cinemas 1 e 2, no período de sua inauguração. A intenção era atrair público com mais sessões, na expectativa de renda suficiente para pagar valores do aluguel dos filmes. No início, tal iniciativa teve ótima repercussão, com apoio do Banco do Estado do Pará, mas espectadores não mantiveram a frequência necessária para continuidade e a alternativa foi excluída da programação geral, meses depois⁸¹, apesar do apoio da crítica local, como revela a matéria de Pedro Veriano.

⁸¹ As matinais de domingo foram extintas em 1997, mas, eventualmente, filmes eram exibidos nas matinais como *Gritos e Sussurros* (1972) de Ingmar Bergman, na comemoração dos 20 anos do Circuito Cinearte e *O Grande Ditador* (1941) de Charles Chaplin, no aniversário de 25 anos dos Cinemas 1 e 2.

Figura 47 - Texto A Volta do Cinema de Arte.

A volta do Cinema de Arte

Pedro Veriano

Quem se queixava que não podia ver um bom filme no domingo de manhã por ter compromissos com a família, agora tem programa nas noites de sexta. E quem se queixava que o filme da matinal de domingo repetia-se em cartaz pelos quatro domingos do mês, agora tem mais opções.

A volta do "cinema de arte" apegou-se, confiante, na inteligência de nosso público. Não é nada sacal, nada que faça de um programinha de cinema uma reunião de escola. A idéia é enterrar o preconceito com o gênero e mostrar que o bom cinema não é elitista.

O dia 4 de novembro de 1967 o cinema Olímpia fez uma sessão diferente: exibiu, às 10 da manhã (era um sábado), o filme (mérito então) "Viridiana", do cineasta espanhol Luis Buñuel. No anúncio do programa, uma qualificação que era novidade em termos de Belém: "cinema de arte". Os 680 lugares da sala foram ocupados por um público acima de tudo curioso. "Filme de arte" era moda, ver filme de arte significava cultura, inteligência. E a mídia da época estava atenta: anotava opiniões com nomes de espectadores, fazia-se um rebulção nos jornais, rádio e TV em torno de um acontecimento que promovia a cidade ao nível de metrópole.

Três dias antes havia sido criado o Cine Clube da Associação Paraense de Críticos Cinematográficos. Todos os caminhos levavam ao cinema de compromisso intelectual, ao que se passou a ver com mais dificuldade no País depois da rígida censura instalada em 1964.

Por mais de um ano o Olímpia manteve o "cinema de arte". Reclamamos de que o horário era impróprio para muita gente que trabalhava ou estudava aos sábados fizeram com que a mesma empresa exibidora, programasse a sessão para o cinema Palácio às 22:30 das sextas-feiras.

Hoje pode parecer estranho, mas um cinema gigante como o Palácio, com perto de 1.300 lugares, abrigava um público expressivo, às vezes casas cheias, nesse tipo de programa, tão tarde da noite!

Mais um ou dois anos. Surge uma sessão do mesmo tipo no cinema Independência, onde hoje é um posto da Caixa Econômica, na Avenida Magalhães Barata. O exibidor tinha contrato com muitos filmes interessantes para esse tipo de sessão.

Em paralelo às "sessões cinema de arte", o Cine Clube cumpria a sua missão com filmes em 16mm, começando na antiga sede da Escola de Teatro da UPPA, no Quintino Bocaiuva, depois na AAB (Av. Governador José Malcher), depois no auditório da Faculdade de Odontologia na Praça Batista Campos.

Nos anos 70, o Cine Clube passou a atuar, também, com filmes na bitola profissional, 35 mm, na sede social do Grêmio Literário Português, na Rua Manoel Barata, e, diariamente, no Cine Guajará, da Base Naval de Val-de-Cans.

Em 1978 os Cinemas I e II foram inaugurados. A idéia era consagrar pelo menos um desses cinemas ao "filme de arte". Tanto que o nome da empresa foi (e é, ainda hoje) Cinema de Arte do Pará Ltda.

Pode-se dizer que até a chegada dos 80, o gênero alcançou expressivo público em Belém. Curioso é que, naquela época, as experiências cinemavistas preocupavam os donos de cinema por quebrarem com a linguagem tradicional inviabilizando comercialmente certos filmes. Era o "filme de arte" cerebral, coisa que a platéia mediana via e não entendia. Mas via.

Os 80 esvaziaram o movimento. Com a criação do Ciné Líbero Luxardo do Cen-

tur, em 1986, houve um certo impulso pela novidade - em forma de reprise. Infelizmente os maus projetores não seguraram a moda. Os exigentes pediam a projeção exemplar que não havia.

Com a chegada do vídeo, quem frequentava "cinema de arte" acomodou-se em casa, achando que era (é) a mesma coisa. Restou a matinal dos domingos do Cinema I. Nem sempre frequentada ao ponto de pagar despesas. Uma espécie de relicário do ideal cineclubino de um tempo.

A VOLTA

Esta semana o tipo de programa está de volta. Com apoio cultural do Banco do Estado do Pará serão feitas duas sessões semanais com o rótulo "cinema de arte": uma às 6^{as} feiras, às 21:30, outra aos domingos às 10 horas (a primeira no Cinema III, a segunda no Cinema I). Conjugue-se, assim, os marcos históricos: cinema de noite e de manhã com filmes que dificilmente chegariam aos cinemas comerciais em outros horários.

"A Igualdade é Branca" iniciou 6^a feira a programação. O filme será representado hoje de manhã no Cinema I. Para os próximos dias (e meses) deverão chegar: "A Fraternidade é Vermelha",



"A Igualdade é Branca", Prêmio de Melhor Diretor no Festival de Berlim-1994.

"Caro Diário", "O Jardim das Oliveiras", "O Leopardo (de Visconti)", "Tempo de Viver", "A História de Qi Ju", "Antes da Chuva", "Fia Danielle", "Mãe é de Morte", "A Marca da Maldade", "O Gênio e Excêntrico Glenn Gould Em 32 Curtas" e muitos outros filmes que já foram vistos, entre aplausos, por espectadores de outros Estados.

ONTEM E HOJE

O chamado "filme de arte" mudou. Há quem tenha preconceitos com o gênero. São pessoas que acham que o que os críticos gostam é o que é indecifrável para o público. A idéia que virou slogan, ou seja, que cinema é diversão, implica num fundamento básico: filme não é para ser pensado, é para ser visto, ou "consumido". Mas os tempos mudaram e este raciocínio, vindo como reação aos "cinemas novos" dos anos 60, é, no mínimo anacrônico. Para se ter uma idéia, observem o filme mais elogiado pelos críticos na atual programação comercial: "Um Sonho de Liberdade" Completou 6 semanas num só cinema com todo mundo aplaudindo.

O melhor filme do ano passado para os

críticos do Sul do País foi "A Fraternidade é Vermelha". Candidato ao Oscar em algumas categorias, como fotografia, esteve por muitas semanas em cartaz no Rio e em São Paulo com aplausos, também, do grande público.

A forma de um filme, a linguagem - ou o modo de se "contar a história" - passou do pretense vanguardismo para uma posição alicerçada pela própria história do cinema. Hoje se vê um filme chinês, como "Tempo de Viver" de Zhang Yimou, com uma empatia antes só exemplificada com um título de Hollywood.

Não há mais motivo de se desprezar o "filme de arte" com medo de ser qualquer coisa "chata". Se alguns títulos são mais densos, "falam" para uma bagagem cultural acima da média, isto não quer dizer que não possam ser vistos por quem não chegue tão longe. Há sempre uma possibilidade de apreciar o trabalho na sua superfície. E não é demérito algum sair do cinema com uma visão limitada de uma obra tão vasta. É, sim, o caminho para se enriquecer o espírito sem abdicar da "diversão".

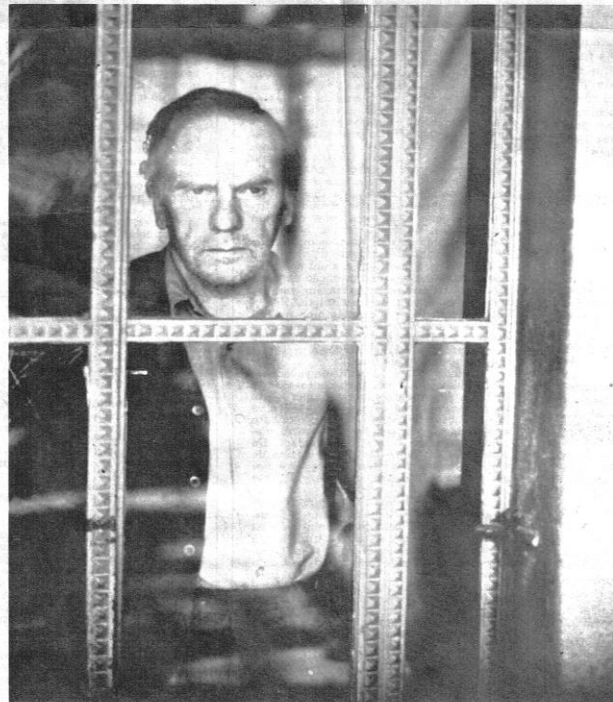
E tem mais: hoje em dia é impossível ignorar o cinema como expressão criadora. O cinema está presente nas outras artes, como as outras artes se fizeram presente em anos de cinema. Um programa dedicado ao bom filme é uma oportunidade rara de conhecimento geral. E quase uma obrigação do homem moderno.

TRILOGIA

"A Igualdade é Branca" é o segundo filme de uma trilogia que o diretor polonês Krzysztof Kieslowski fez em homenagem às cores da bandeira francesa. Ele viu o azul como a liberdade ("A Liberdade é Azul", filme já exibido em Belém), o branco como a igualdade ("A Igualdade é Branca", ora em exibição) e o vermelho como a fraternidade ("A Fraternidade é Vermelha", a programar). Todos os filmes foram premiados e elogiados por público e crítica. No caso de "A Igualdade..." focaliza-se um casal em crise, ela pedindo divórcio por achar que ele não consumou o casamento, ele vingando-se pela honra ferida. Tudo contado de modo muito simples e bem humorado. Uma história que tem Paris e Varsóvia como cenário e que apresenta dois grandes intérpretes dos cinemas polonês e francês: Zbigniew Znachowski, ator que se inspirou em Charles Chaplin para fazer o seu personagem em "A Igualdade é Branca", e Julie Delpy, vista, antes, em "Filhos da Guerra", "O Viajante", "Escrito nas Estrelas" e na versão Disney de "Os 3 Mosqueteiros".

O público tem várias surpresas e motivos para rir do marido impotente e pobreto que vira a mesa para mostrar à mulher um outro tipo de igualdade.

A idéia de renovar o programa "cinema de arte" é válida. Outras cidades brasileiras não tiveram o hiato de Belém, programando os filmes de bom nível mas sem o aval de Hollywood por muitos anos sem solução de continuidade. É ridículo ficar marcando passo quando crescemos em tudo o mais. E a chance é agora, com duas salas comerciais abrindo espaço para desfazer a impressão de que somos a terra "do já teve".



"A Fraternidade é Vermelha", um dos próximos programas

A tentativa de incentivar a exibição de filmes de arte, como na matéria de Pedro Veriano, trouxe de volta discussões sobre conceitos de cinema de arte. Com tantas mudanças ocorridas na estética cinematográfica, o filme de arte, ou seja, aquele que procura ir além da diversão para imergir o espectador em reflexões sobre o tema abordado, não pode ser visto como um tipo de cinema elitizado, para poucos. O mercado de locação permitiu o acesso do público a todos os filmes e, provavelmente, novos cinéfilos surgiram com interesse em outros conceitos sobre filmes e gêneros. Ao ampliar espaços nos cinemas para exibir filmes como *A Liberdade é Azul* (1994), *A Igualdade é Branca* (1995), *A Fraternidade é Vermelha* (1995) e *Amor e Restos Humanos* (1993), A.G.M. contribuiu para o alcance maior de público num período em que a exibição de filmes de arte era necessária devido às novas mídias, VHS e TV por assinatura, que ratificavam na sua programação, com maior evidência, o cinema como diversão.

3.5. Cinema 4 Videolocadora. Extensão Cineclubista

A década de 1990 iniciou com uma transformação que revolucionou o mercado de filmes, exigindo a sistematização e a profissionalização do mercado de VHS (*Vídeo Home System*)⁸². Depois de lançado, no início dos anos 1980, nos EUA e instalado no Brasil em locadoras de filmes com ausência de leis comerciais regulamentadas⁸³, o mercado VHS apresentou uma organização estratégica que incluiu investimentos das distribuidoras de filmes para que o público tivesse acesso a esta tecnologia. Com crescente número de locadoras de vídeo⁸⁴, as salas de exibição sofreram perda de público.

Inicialmente, na primeira metade dos anos 1990, a queda de frequência dos espectadores nos cinemas não era expressiva devido ao alto valor dos aparelhos de vídeo. Mas, com a redução dos preços dos equipamentos, do valor de locação dos filmes em VHS⁸⁵

⁸² A primeira empresa a ter sucesso de vendas ao lançar um aparelho de videocassete foi a Sony. A Sony criou o formato chamado *Betamax* lançando-o no mercado dos EUA em novembro de 1975, sem as vendas esperadas. Em 1976, a companhia JVC lança outro formato chamado *Video Home System* (VHS) que fez sucesso e gerou o mercado de locação de filmes. Com a tecnologia da japonesa *Mitsubishi*, a empresa *Sharp* lançou o primeiro modelo brasileiro de videocassete, VC-8510, no primeiro semestre de 1982.

⁸³ Até o final dos 1980, não havia regulamentação jurídica no mercado de vídeo brasileiro.

⁸⁴ Em 1982, existia cerca de 150 mil aparelhos domésticos em circulação no país, com o funcionamento de 200 videolocadoras e videoclubes no Brasil (concentrados especialmente no estado de São Paulo). Em 1983, 550 videolocadoras estavam em atividade e no ano seguinte, mais de 1.300. Em 1987, foi registrada mais de 4.500 videolocadoras no Brasil (BUENO, 2009)

⁸⁵ Em meados da década de 1980, o valor da locação de um filme em VHS era aproximadamente 50% mais barato que o valor do ingresso da sala de cinema.

e com o desenvolvimento do mercado de locação e venda de filmes, a exibição de filmes em vídeo em casa ganhou espaço entre os cinéfilos.

O vídeo é atraente, sobretudo porque seu aluguel custa geralmente o mesmo ou menos que uma entrada de cinema. Além disso, cada vídeo costuma ser usado por várias pessoas, e, ao assistir ao filme em casa, alguns inconvenientes são evitados: insegurança urbana, filas, gastos complementares (transporte, comidas) e outros incômodos. Ainda que os espectadores de maior idade, acostumados às salas, lamentem a perda do espetáculo e da qualidade do filme na tela da TV, muitos usuários de vídeo celebram a possibilidade de eles mesmos manejarem a projeção, congelando ou repetindo cenas, mas, principalmente, não sofrendo cortes comerciais. É lógico que amplos setores preferem a projeção em casa a terem que atravessar a cidade. Mas o fato do cinema – tradicional estímulo para sair de casa e usar a cidade, lugar de tematização do urbano – se converter num impulso de recolhimento na privacidade doméstica indica uma mudança radical nas relações entre cinema e vida pública (CANCLINI, 1997, p.178).

A.G.M. acreditava que as salas de cinema sofreriam fortes impactos graças ao mercado de locação, mas entendia que o mercado de exibição, ao lado das distribuidoras e produtoras, encontraria soluções para os exibidores. Na expectativa de diferentes tendências no mercado, outro investimento foi delineado na área de locação de filmes em *VHS*. Com um mercado de *VHS* em crescimento e a experiência na área de cinema, investir numa locadora de vídeo tornou-se uma ação adequada. Este investimento abrangia uma atividade diretamente conectada ao cinema, com possibilidades de boa renda. Avaliando o contexto econômico e as perspectivas positivas do mercado de locação, a Cinema 4 Videolocadora⁸⁶ foi fundada em 10 de maio de 1990, na galeria de acesso do Cinema 3.

⁸⁶ Cinema 4 Videolocadora foi inaugurada com mais de 1.500 títulos.

Figura 48 - Coluna Panorama.



Fonte: Jornal O Liberal, 10/05/1998. Acervo da Biblioteca Arthur Vianna.

A inauguração dessa locadora viabilizou continuidade de ações relacionadas ao cinema. O ideal do cinema de arte, presente na formação de A.G.M., continuou na seleção de filmes disponíveis aos clientes. Com vários gêneros de filmes, seguindo a configuração do mercado de locação em expansão, desde o início, a Cinema 4 Videolocadora disponibilizou aos seus clientes/espectadores desde clássicos do cinema até filmes de arte. A proposta era contribuir com a formação de plateia em outra tecnologia. Como identificação do seu envolvimento com o cinema, a locadora teve o nome de uma sala de exibição e atraiu a atenção do público, cinéfilos, críticos e frequentadores do Circuito Cinearte, como o professor Arnaldo Corrêa Prado Junior.

Para mim, o Cinema 4 não foi uma simples locadora de vídeo. Além de lá se encontrar filmes de qualidade artística reconhecida, ainda se tinha a possibilidade de conversar com o Alexandrino Moreira, cinéfilo dos melhores da terra, sempre disposto a trocar ideias sobre cinema em suas variadas vertentes. Além do atendimento especial, gentil, cordial. E era uma locadora de família. Lembro-me que, certo dia, loquei “Tempos Modernos”, do genial Charles Chaplin, em fita, e ao exibi-lo em casa a fita se desenrolou do rolo. Fiz o que pude para arrumá-la, mas acho que deixei a desejar. Quando fui devolver o filme, quem me atendeu foi a Dona Lourdes e com tanta gentileza que beirou o carinho, aceitando o dano que causei. O Alexandrino era o apaixonado por cinema que vibrava quando se procurava algum filme dos seus preferidos e a conversa então se expandia. No meu caso, as nossas conversas tinham também uma intimidade que permitia análises e críticas que só podiam ser ventiladas entre amigos e não poderiam ser divulgadas. Aliás, além da paixão inquestionável por cinema, tínhamos um ponto em comum. Sempre achávamos alguma coisa de bom nos filmes, nem que fosse uma tomada, uma cena, uma frase. E disso nos gabávamos. Na verdade, o Cinema 4 foi um complemento ao Circuito Cinearte do Alexandrino, um circuito que foi um verdadeiro Cineclube que se espalhou por toda a cidade (Arnaldo Prado Júnior, entrevista abr. 2015).

As locadoras de vídeo tiveram uma função cultural importante neste período. Filmes inéditos, sucessos de bilheteria e clássicos do cinema ficaram à disposição dos espectadores, criando oportunidades de assistir a filmes que não foram exibidos nos cinemas e produções elogiadas pela crítica. Com as locadoras de vídeo, não havia a dependência das salas de exibição para ver um filme⁸⁷ e a cinefilia desenvolveu-se pelos inúmeros lançamentos que progressivamente chegavam às locadoras. No Cinema 4 Videolocadora, a finalidade era que o cliente soubesse da diversidade de filmes de todos os gêneros, particularmente filmes de arte, evidenciados pela crítica nacional e internacional.

O Cinema 4 surgiu depois de existirem os 1, 2 e 3. Acompanharia a evolução do modo de ver filmes com o sistema VHS (fita) e em seguida o DVD. Como foi criada por cinéfilos, procurou comprar títulos substanciais, endereçados a quem gosta mesmo de cinema. Com isso muito do que se exibiu no cineclube passou a estar ao alcance do fã. Uma contribuição para a evolução da arte cinematográfica em Belém, servindo nos seus estertores a projeções em datashow (Pedro Veriano, entrevista mar. 2015).

Como declarado nas palavras de Pedro Veriano, a Cinema 4 motivou cinéfilos e contribuiu para o desenvolvimento de outros olhares a respeito da apreciação de filmes, em outro veículo, a televisão. Apesar do sucesso, diversos críticos especializados debateram nos jornais e TV sobre o ato de assistir a filmes em *VHS*, indicando que, ao ver um filme na televisão, o espectador não teria pleno entendimento de diversas obras clássicas do cinema. Como se sabe, o fazer cinematográfico revolucionou a forma de filmar com múltiplos enquadramentos, posicionamentos de câmera, diversas lentes, entre outras escolhas técnicas e estéticas. Assistir a filmes sem a imersão proporcionada pela configuração de

⁸⁷ A partir dos anos 1950, uma das maiores atrações da televisão era a exibição de filmes. Desde então, os cinemas não tiveram mais a exclusividade da exibição de produções cinematográficas.

uma sala de exibição comprometia a visão do trabalho do diretor. Em fevereiro de 1996, no período em que foram comemorados os 100 anos de cinema, a escritora Susan Sontag publicou um artigo que lamentava o suposto fim da cinefilia.

A experiência de 'ir ao cinema' era parte disso. Assistir a um grande filme apenas na televisão não é realmente ter assistido ao filme. Não é somente uma questão de dimensões de imagem: a disparidade entre uma imagem-maior-que-você no cinema e a pequena imagem encaixotada em casa. As condições de prestar atenção em um espaço doméstico são radicalmente desrespeitosas para com o filme. Agora que um filme não possui um tamanho padrão, telas em casa podem ser tão grandes quanto à sala de estar ou as paredes do quarto. Mas você ainda está em uma sala de estar ou em um quarto. Para ser raptado, você tem de estar em uma sala de cinema, sentado no escuro em meio a estranhos anônimos (SONTAG, 1996).

Apesar do avanço da tecnologia em todas as áreas de conhecimento e, principalmente, na arte cinematográfica, a citação de Susan Sontag é tão atual quanto à época. Não há como negar a sedução da ambiência do escurinho do cinema para o deleite-entendimento de um belo filme. A.G.M., como muitos estudiosos de cinema, questionou tais avanços, mas entendeu sua importância e necessidade dentro da crise do setor de exibição mundial. O mercado de *home vídeo* possibilitou acesso a obras fundamentais da história do cinema disponibilizando filmes do período do cinema mudo e, particularmente, títulos inéditos, conhecidos, até então, pelos livros sobre cinema.

3.6 Cinemas de Shopping. Novas tendências

Em 1993, a inauguração de dois *shoppings centers*⁸⁸, Iguatemi e Castanheira, teve destaque em Belém. A capital do Pará era uma das poucas capitais do Brasil que não tinha esse centro de lojas, sucesso em diversas cidades do mundo⁸⁹. Um dos nichos comerciais mais importantes eram as salas de cinema. Ao agregar lazer, segurança e concentração de público benéfica ao funcionamento do centro comercial, as salas de cinema em *shopping centers*, representavam uma solução para a crise do mercado exibidor. A alternativa de construir e programar cinemas nesta diferente configuração comercial entusiasmou exibidores, depois de enfrentarem crise política e econômica⁹⁰, queda de público após o

⁸⁸ Centro comercial que reúne lojas, restaurantes, prestadores de serviço, lanchonetes, salas de cinema e estacionamento.

⁸⁹ No Brasil, os primeiros *shoppings* foram inaugurados na década de 1960 no Rio de Janeiro (*Shopping do Méier*) e São Paulo (*Shopping Iguatemi*).

⁹⁰ A partir de 1992, o país viveu uma crise política que resultou no *impeachment* do primeiro presidente eleito pelo voto popular, desde a ditadura militar, e uma crise econômica com a mudança da moeda nacional que culminou com a criação do Plano Real em 1994.

crescimento do mercado de locação de filmes e da chegada da televisão por assinatura⁹¹ que ofereceu como produto principal, canais com exibição de filmes.

Inicialmente, os futuros cinemas do *Shopping Castanheira*⁹² originaram interesse em grupos exibidores do sul do país, mas o alto nível de investimento e a baixa média de público dos cinemas de Belém, nos últimos anos, influenciaram para que contratos não fossem concluídos. Além disso, o *Shopping Castanheira* era considerado distante do centro de Belém por parte da população economicamente mais ativa⁹³. Como exibidor local, atuando no setor de exibição desde 1978, A.G.M. recebeu proposta de investimento nas duas salas com cautela, pois havia poucas distribuidoras que pudessem oferecer filmes para exibição de cinco salas (Cinemas 1, 2 e 3 e futuras salas do *shopping*).

Apesar das dificuldades do mercado e prováveis limites na sua programação, A.G.M. investiu no projeto e, em 10 de agosto de 1994, inaugurou Castanheira 1 e 2⁹⁴, primeiras salas de cinema de *shopping center* da cidade, com títulos da *Art Filmes* e *Columbia Pictures*, *Os Cinco Rapazes de Liverpool* (1994) e *O Guarda-Costas e a Primeira Dama* (1994). A partir da inauguração destas salas, o grupo exibidor de A.G.M. era constituído por cinco salas de exibição e utilizou em suas mídias o nome Circuito Cinearte, nome escolhido para evidenciar a identificação de que cinema é arte.

⁹¹ No Brasil, a televisão por assinatura surgiu com o Serviço Especial de Televisão por Assinatura, em 1989 com o Canal+ que transmitia a programação da ESPN em São Paulo, posteriormente também com as retransmissões da italiana RAI e da norte-americana CNN, além da nacional TVM.

⁹² *Shopping Castanheira* foi inaugurado em 29 de novembro de 1993.

⁹³ *Shopping Castanheira* fica localizado na saída da cidade de Belém próximo de Ananindeua, uma das maiores cidades da região metropolitana da capital.

⁹⁴ Cines Castanheira 1 e 2 tinham capacidade, cada sala, para 240 pessoas.

Figura 49 - Coluna Panorama.

PANORAMA

Belém inaugura novos cinemas

LUZIA MIRANDA ÁLVARES

Hoje é um dia histórico para Belém (PA): inauguração dos Cinesmas Castanheira I e II. São duas salas com 240 lugares cada uma, instaladas no 3º piso do Shopping Castanheira, aparelhadas com projetores de última geração, som dolby stéreo, propiciando alta qualidade nas imagens e sons que reproduz dos filmes em exibição.

A história das novas salas não é diferente de tantas outras. Projetado o shopping, os empresários do grupo Líder de supermercados previram, na área de lazer, um espaço para os cinemas. A Empresa Cinesmas de Arte do Pará, sondada naquele momento, percebeu os altos custos a serem gastos obrigando Alexandrino Moreira a identificar entre os grupos concorrentes do Rio e de São Paulo, qual o que se interessava pelo empreendimento. O dilema dos cariocas e paulistas era prever com possibilidades satisfatórias, o retorno do investimento a ser implantado numa área onde a provável clientela dificilmente iria propiciar a demanda esperada. Os riscos eram grandes. O tempo era de fechar cinemas e não de abri-los. A decisão do grupo local certamente veio após o incremento à comercialização naquele espaço, além das negociações com os donos do shopping. Entre as contrapartidas possivelmente ninguém deve ter saído no prejuízo. E a clientela do shopping já está hoje mais definida, esperando-se, entretanto, que invista em novos hábitos, tão comuns nas grandes cidades. Quem quer ver nesse empreendimento de AGM e Marco Moreira apenas

um entre muitos negócios lucrativos, deve lembrar também que ambos fazem parte da Associação de Críticos Cinematográficos uma entidade cultural que tem obrigação de estimular os espaços onde os bons filmes possam ser exibidos.

Fazendo uma inauguração sem grandes comemorações mas investindo de imediato no plano da exibição, os novos arrendatários dos Cinesmas Castanheira I e II deverão estreiar por lá, logo mais em sessões iniciadas à tarde, os filmes "O Guarda-Costas e a Primeira Dama" e "Os Cinco Rapazes de Liverpool".

O primeiro, é uma comédia dirigida por Hugh Wilson, estrelado por Shirley MacLaine e Nicholas Cage, em que este ator interpreta um agente encarregado de acompanhar a Primeira Dama dos EEUU (MacLaine) uma mulher excêntrica e autoritária que tem prazer em enervar os que com ela convivem. Já aposentada, a mulher não aceita seguir as regras impostas à sua livre circulação. Entre o seu comportamento de procurar quebrar as determinações do guarda-costas e as atitudes deste em seguir firme na proteção devida à cliente especial, transita uma amizade calcada em um conflito hilariante. Diz Nicolas Cage sobre seu personagem: "Doug é correto, muito dedicado, muito direto, mas é também um daqueles caras que entra para o Serviço Secreto em busca de adrenalina das missões cheias de ação. O problema é que, a serviço da sra. Carlisle, ele se transforma basicamente num garçom ou num mordomo".



Cena de "Os Cinco Rapazes de Liverpool", inaugurando o Cine Castanheira.

A personagem de Shirley MacLaine vive fugindo da quebra de sua privacidade, pois está sempre cercada de pessoas, quando preferiu estar só: "Acho que o que a aborrece é o fato de os contribuintes estarem pagando por uma proteção que ela de fato não quer", diz a atriz.

Quanto a "Os Cinco Rapazes de Liverpool", é dirigido por Ian Softley com o elenco composto por Sheryl Lee, Stephen Dorf e Ian Hart entre outros. Tem produção inglesa e trata do começo da carreira dos Beatles em Liverpool quando estes ainda não haviam se constituído nos "pequenos notáveis" que sacudiram o

mundo da década de 60. O filme procura revelar os meandros que dispersou alguns dos primeiros elementos do grupo, como Klaus Voormann, Cynthia Powell e Pete Best e que uniu os quatro grandes, Ringo, George Harrison, Paul McCartney e John Lennon.

O interesse de Ian Softley pelo tema surgiu em 1983, quando o cineasta viu algumas fotografias dos Beatles tiradas nos anos sessenta por Astrid Kirchherr, uma fotógrafa alemã. Diz o cineasta: "A princípio vi o autorretrato de Astrid e algumas fotos espetaculares que ela havia tirado de Stuart Sutcliffe. Havia uma certa dose

de sofisticação, equilíbrio, carisma e estilo naquelas duas talentosas pessoas. Revendo Staurt, ficou claro para mim que seu relacionamento com John Lennon e sua paixão por Astrid nunca haviam sido profundamente examinadas. Era um triângulo amoroso. E percebi o quanto intensa e trágica poderia ter sido aquela inacreditável história de amor".

Em 1987, Softley iniciou o roteiro, formalizando o acordo com Astrid e em abril de 1993 iniciaram-se as filmagens em Liverpool. Estas terminaram em Hamburgo em junho desse ano. As locações utilizaram as praias de North Wales até St-Pauli, zona de prostituição de Hamburgo. Foram recriados, para o filme, os bares em que se apresentavam os Beatles como o Kaiserkeller, o Top Tem, o Star e o Cavern Club.

A trilha sonora do filme muito importante para resgatar a história inicial do grupo, ficou sob a responsabilidade do produtor musical Don Was, que logo procurou Ringo Star e foi alertado para não recriar a música do grupo visto não corresponder aquela dos tempos de Hamburgo. A pesquisa daquela fase resultou na formação de uma banda de alto nível composta de Thurston Moore (Sonic Youth), Dave Grohl (Nirvana), Greg Dulli (Afgan Whigs) Don Fleming Gumball e outros. O disco foi gravado ao vivo com as músicas seguindo uma única interpretação, conforme se vê nos primeiros trabalhos do grupo.

Bem, esta história pode ser concluída quando o leitor for assistir aos filmes. Por hora, só os parabéns devidos à Empresa Cinesmas de Arte do Pará, na pessoa de Alexandrino Marco Antônio e Lourdes Moreira. E ao Grupo Castanheira pelo empreendimento!

Figura 50 - Coluna Cinema e Vídeo. Novos Cinemas.

Cinema & vídeo

PEDRO VERIANO

Novos cinemas

Mais uma resposta aos que pensam que o cinema morreu ou agoniza: hoje, em Belém do Pará, inaugura-se duas salas de exibições cinematográficas, as primeiras, no Estado, dentro de um Shopping Center (no caso, o Castanheira).

Não se inaugura cinema, em Belém, desde agosto (que coincidência, também agosto) de 1987. Foi a vez do Cinema 3. Antes dele, caminhando para trás, os cinemas 1 e 2, e, nos anos 60 o Opera e nos 50 o Palácio.

Persistem marcos históricos: o Olímpia, inaugurado em 1912, e o Iracema, inaugurado em 1920. O Poeira, depois Nazaré, vem dos anos 30 e foi reformado - e rebatizado - nos anos 50.

Com os Castanheira I e II a cidade fica servida por 10 cinemas. Conta-se o "Líbbero Luxardo", do Centur, sala especial dedicada a filme de arte, criada em 1986. É a metade do que se tinha em 1912, quando Artaxerxes Teixeira e Antônio Martins abriram as por-

tas do Olympia, no Largo da Polvora.

E cinema nos primeiros tempos era muito improvisação. Um lençol esticado no fim de um baracão, e um aparelho que podia ser até mesmo um Pathé-Baby (o projetor dos amadores) faziam a festa. Era o suficiente para exibir Tom Mix, Buck Jones, Chaplin, Buster Keaton, Theda Bara, Valentino, Douglas Fairbanks, Mary Pickford e outros ídolos. Adiante da tela, invariavelmente, um piano dedilhado por um heróico pianista que procurava encaixar as notas musicais nas imagens trêmulas. Nas salas mais sofisticadas, outros instrumentos e outros instrumentistas. A fase da "cena muda", cambiada em 1930, quando, ainda no Olympia, Maurice Chevalier e Jeanette MacDonald surgiram cantando a "Alvorada do Amor".

Foram muitos dias a lembrar de inaugurações e fins. Para a alegria de ver o cinemascopo no Independência, o fim do próprio Independência. Para a sofisticação do

som estereofônico, o fechamento do Moderno, do Guarani, do Popular, do Iris, do S.João, do Rex (ou Vitória), do Paramazon, do Universal, do Paraíso.

Os Castanheira não chegam com a pompa que marcou, por exemplo, os 1 e 2, quando Carlos (Cacá) Diegues e Leopoldo Serran, diretor e roteirista, vieram para apresentar o filme deles "Chuva de Verão". Talvez nem ganhe um discurso do amigo Alexandrino Moreira, como da primeira sessão do Cinema 3. Hoje, os dois cinemas cumprem horários de rotina, dando ao público mais alternativas de programa. É muito bom que assim seja. Eu lembro o Cine Clube no Guajará da Base Naval, amadorismo que inspirou um tipo de profissionalismo. Tudo é história e ela continua sendo escrita. E a vida, é a certeza de que a arte das imagens em movimento prossegue, agora lado a lado com as irmãs eletrônicas (tv e vídeo).

A coluna saúda as novas salas. Com o entusiasmo que o fato merece.

Todas as telas

• "Os 5 Rapazes de Liverpool" e "O Guarda Costas da Primeira Dama" são os filmes que vão inaugurar, hoje, os cinemas Castanheira I e II.

"Os 5 Rapazes..." trata dos Beatles antes da fama. Um filme inglês recente que ainda não foi exibido no sul. "O Guarda Costas..." é uma comédia com Nicholas Cage e a veterana Shirley MacLine. Ela é a viúva de um ex-presidente americano a quem o sobrinho de Coppola tem que ajudar não só livrando-a de terroristas de plantão.

As sessões começam às duas ou três da tarde (consultem anúncio). Não haverá qualquer formalidade de abertura.

• O colunista esteve nos Castanheira com Luzia Alvares, Alexandrino e Lourdes Moreira e, encontrando lá, Marco Antônio Moreira. As salas são muito confortáveis, com poltronas macias e grandes, dispostas à uma distância prudente (para os que gostam de botar os pés sobre as poltronas da frente) da fila adiante, som dolby, e projeção muito luminosa de modernos Simplex com lâmpadas xenon. A cabine, com dois projetores em cada lado, tal a disposição das salas, é das mais modernas que existe, inclusive com recurso para manter as luzes do salão acesas quando faltar energia (graças a um conjunto de baterias).

Para quem acompanha a história dos cinemas da cidade, foi uma agradável sensação de sentir o futuro chegando.

• "Lobo" levou mais de 4 mil pessoas ao cinema no último fim de semana. "O Rei Leão", "Minha Vida", "4 Casamentos, e 1 Funeral" e "Uma Babá Quase Perfeita" também receberam muitos espectadores. O público está indo ao cinema. Uma grata satisfação para quem trata do assunto.

VÍDEO

Valentino, o Águia

Poucos mitos do cinema marcaram a história desta arte de quase cem anos como Rudolph Valentino. Rudy, para os íntimos, veio de baixo, italiano de origem, tentando a sorte nos Estados Unidos do fim dos anos 10. Morou em hotel de segunda, dançou tango em cabaré, aceitou qualquer papel na indústria emergente, chegou a ser colega de quarto do paraense Synésio Mariano de Aguiar, que também chegaria à indústria do filme, com o nome de Syn de Conde.

Contam que a "descoberta" de Valentino deu-se por conta de um romance que ele manteve com a mulher de um produtor. Certo ou errado, ele apareceu em alto astral. Logo era ídolo, logo atraía multidões, logo exemplificou o "latin lover".

Chega, em vídeo, "O Águia", um dos últimos filmes do ator. Feito em 1925, tem a classe do diretor Clarence Brown, que faria muitos filmes falados. Rudy é uma espécie



Rodolfo Valentino: galá dos anos 20

de Zorro das estepes russas. Ataca os poderosos em nome dos explorados. Usa máscara, luta com espada ou pistola. É amado por pelo menos duas mulheres: uma jovem de grande beleza e a bem mais velha czarina, que lhe empresta favores mesmo sabendo não ser dona de seu coração...

Filme típico de um tempo, é outra preciosidade histórica que o vídeo traz. A música que acompanha é mais feliz do que as tantas que vêm seguindo filmes mudos em fita magnética. E a cópia, se não é excelente, não furta o espectador moderno de conhecer o famoso galá.

Valentino morreu em 1926 de peritonite. Foi um dos maiores funerais da história americana.

O ÁGUIA (The Eagle) Estados Unidos, 1925. Direção de Clarence Brown. Com Rodolfo (Rudolph) Valentino, Louise Dresser e Vilma Banky. Paramount/IC Internacional, 70 minutos.

Figura 51 - Anúncio Circuito Cinearte.

CIRCUITO CINEARTE APRESENTA:
 Preço promocional de 2a à 5a feira (exceto feriados) POR TEMPO LIMITADO.

CINEMA 1 **O SUCESSO DO MOMENTO - 15:00 - 17:05 - 19:10 - 21:15**

A MELHOR COMÉDIA ROMÂNTICA DOS ANOS 90

QUATRO CASAMENTOS & UM FUNERAL

UMA DELÍCIA DE COMÉDIA

MATINAL DOMINGO AS 10:00 Hs!
Um filme de Roman Polanski

LUA DE FEL
Bitter Moon

18 ANOS

CINEMA 2 **LANÇAMENTO NACIONAL - 14:30 - 16:45 - 19:00 - 21:15**

NICHOLSON PFEIFFER

ANIMAL À SOLTA

Um filme de Mike Nichols

LOBO
(WOLF)

12 ANOS

MATINAL DOMINGO 10HS
DUBLADO EM PORTUGUÊS
LIVRE-TRAGA SUA FAMÍLIA

Chega às telas uma história de coragem, aventura e capotado.

A INCRÍVEL JORNADA

CINEMA 3 **NAO PERCA ATÉ 5ª FEIRA - 14:30 - 16:40 - 18:50 - 21:00**

"O FILME ARRANCA RISOS, LÁGRIMAS E MILHOES DAS BILHETERIAS."
- Ely Azeredo - O Globo

"UMA BABÁ CHEGA PARA ARRASAR."
- Caderno 2 - O Estado de S. Paulo

UMA BABÁ QUASE PERFEITA

LIVRE

5ª SEMANA

Trav. São Pedro, 498. Fone: 250-5175

CINEMA 1 **VENHA CONHECER - 14:30 - 16:30 - 18:30 - 20:30**

SHIRLEY MACLAINE NICOLAS CAGE

A MISSÃO: PROTEGER A ESPOSA DO EX-PRESIDENTE
O PERIGO: A ESPOSA DO EX-PRESIDENTE

O GUARDA-COSTAS E A PRIMEIRA DAMA
(GIARDING TESS)

UMA COMÉDIA ACIMA DO DEVER

CINEMA 2 **VENHA CONHECER - 15:00 - 17:00 - 19:00 - 21:00**

John. Paul. George. Ringo...
Você sabia? Eles eram e Stu?

OS 5 RAPAZES DE LIVERPOOL

12 ANOS

B. 11a. Rua 01. Fone: 250-4105

Desde o início do investimento, A.G.M. entendeu que a programação destas salas não seria direcionada segundo ideal cineclubista. Os cinemas, localizados numa área sem registros de salas de exibição em funcionamento, com público que necessitava adquirir o hábito de ir ao cinema, adaptaram sua programação com filmes que contribuíssem com boa frequência de espectadores, principalmente pela categoria comercial dos cinemas vista como loja âncora, ou seja, ponto comercial com objetivo de atrair mais consumidores para o *shopping center*.

A *Columbia Pictures*, novamente, era a principal parceira, apesar das tentativas de exibir filmes de outras distribuidoras importantes. A imposição do grupo Severiano Ribeiro diante do mercado de exibição evitou que as novas salas trabalhassem com mais distribuidoras. A.G.M. fortaleceu suas relações com distribuidoras independentes, como a Mundial Filmes⁹⁵, *Top Tape Filmes*⁹⁶, *Lumière Filmes*⁸⁹ e Look Filmes, e programou filmes importantes que atraíram a atenção da crítica e público como *A Excêntrica Família de Antonia* (1995), *Tão Longe Tão Perto*⁹⁰ e *Carlota Joaquina: A Princesa do Brasil*⁹¹.

Com as alterações no mercado de exibição e com a chegada de novas redes de cinema ao Brasil, os Cines Castanheira puderam exibir lançamentos da *Fox*, *Warner*, *Universal*, *Paramount*, entre outras produtoras e distribuidoras, cinco anos após a sua inauguração. A limitação imposta por um mercado restrito, em que poucos exibidores eram atendidos na maioria das suas solicitações comerciais, provocava insatisfação em A.G.M. que, diversas vezes, manifestou a amigos e familiares a intenção de deixar o ramo cinematográfico, apesar dos investimentos realizados.

Os cinemas de *shopping* apresentavam-se como uma alternativa imprescindível ao mercado de distribuição cinematográfica, diante da concorrência das locadoras de vídeo,

⁹⁵ A empresa Mundial Filmes surgiu como distribuidora de filmes em vídeo e, posteriormente, comercializou seus títulos para exibição nos cinemas. Nos anos 1990, algumas distribuidoras especializadas no mercado de VHS perceberam que as salas de exibição eram fundamentais veículos de divulgação de seus produtos, investindo em lançamentos no circuito exibidor nacional.

⁹⁶ *Top Tape Filmes*, distribuidora fundada em 1995.

⁸⁹ *Lumière Filmes*, distribuidora fundada em 1994.

⁹⁰ *Tão Longe tão Perto*, 1993. Direção: Win Wenders. Sequência de *Asas do Desejo* (1987), premiado internacionalmente, realizado em 1987.

⁹¹ *Carlota Joaquina: Princesa do Brasil*, 1995. Direção: Carla Camuratti. Considerado o primeiro sucesso de público da retomada de produções do cinema brasileiro após a extinção da EMBRAFILME. O filme foi exibido em Belém através do contato direto com a diretora Carla Camuratti que optou por distribuir seu trabalho de forma autônoma.

segurança ao frequentador, TV por assinatura e pirataria de filmes⁹². Por essas razões, empresários do ramo exibidor investiram nessa nova configuração e outro hábito instalou-se perante o público.

O painel da exibição nacional foi invadido com força por outras janelas de comercialização do audiovisual, tais como a TV a cabo, os videocassetes, o DVD etc. A sedimentação dos grandes *multiplex*⁹³ em shopping centers também foi um dado importante nesse jogo de forças entre os agentes cinematográficos. Apesar de serem salas de cinema, os cinemas *multiplex* reúnem elementos que reelaboram alguns aspectos da expectativa cinematográfica, ocasionando, de certa maneira, diferentes hábitos, posturas e condições de acesso dos usuários aos espaços de exibição e aos filmes. No início da década de 2000 mais salas exibidoras foram abertas no país, mas já em formatos e estruturas bem diferentes dos cinemas tradicionais, moldando-se ao perfil multiplex. (FERRAZ, 2009)⁹⁴.

Com o funcionamento de novas salas de exibição em *shopping centers*, o cenário de exibição apresentou mudanças estruturais de programação e nenhum grupo de exibição teria exclusividade no mercado que contava com outros exibidores, inclusive estrangeiros, como a *Cinemark*⁹⁵. Deste modo, ampliou-se a distribuição de filmes, permitindo que A.G.M., entre outros exibidores, recebesse investimentos na área de exibição, especificamente em áreas localizadas em centros comerciais, dentro dos parâmetros de segurança, conforto e variedade que o público se acostumou a encontrar nestas salas de cinema, aumentando a média de frequência dos filmes exibidos.

Os cinemas de shopping, todos com poltronas colocadas no que se chama de stadium (uma por degrau de uma longa escada), mudaram radicalmente o modo de ver filme fora de casa. As sessões passaram a ser fechadas, com poltronas numeradas, todas com ar condicionado central, e hoje com projetores digitais que livram os exibidores da despesa com frete aéreo, um terror na época da película de 35 mm quando o transporte, às vezes, suplantava a base de um contrato de exibição (Pedro Veriano, entrevista dez. 2014).

⁹² A ausência de fiscalização constante contra a pirataria aliada ao desenvolvimento de novas tecnologias ocasionaram perda de público nos cinemas e, posteriormente, a decadência das videolocadoras. Os filmes piratas, ou seja, cópias ilegais de filmes eram encontradas por preços mais baratos que o ingresso de cinema.

⁹³ O conceito *Multiplex* de cinemas surgiu nos anos 1990 nos EUA e chegou ao Brasil no final dessa década, gerando aumento de receita para exibidores com crescimento de público e oferta de serviços, conforto e segurança.

⁹⁴ <http://lumina.ufjf.emnuvens.com.br/lumina/article/viewFile/257/2520>. O Cinema sai da rua para o último piso: sociabilidade, exibição e expectativa cinematográficas no espaço urbano da Tijuca. Talitha Gomes Ferraz.

⁹⁵ *Cinemark*, rede de cinemas americana em funcionamento no Brasil desde 1997. Grupo exibidor com maior número de salas do país opera quinhentas e quarenta salas em trinta e sete cidades brasileiras. É a segunda maior cadeia exibidora do mundo, presente em outros doze países, como Chile e Argentina.

Em 1998, o empreendimento *Doca Boulevard*⁹⁶ foi inaugurado. Este centro comercial tinha uma proposta diferenciada de outros *shoppings centers*, com ênfase em áreas de lazer e alimentação. Os cinemas, por atrair grande público, eram uma das principais lojas e pelas condições do mercado exibidor, a prioridade de exploração comercial das salas atraiu atenção de grupos exibidores do sul do país. O grupo Severiano Ribeiro interessou-se em construir quatro salas no empreendimento, mas, após discordâncias comerciais, A.G.M. recebeu a proposta de comercialização dos cinemas e decidiu investir em duas salas modernas com o melhor equipamento de projeção e som disponíveis.

Figura 52 - Nasce um Cinema.

CINEMA

PEDRO VERIANO

Nasce um cinema

Desde que eu me entendo, muito antes de ter acesso ao Apocalipse de S. João e às profecias de Nostradamus, ouço falar que um dos sinais do fim do mundo é as mulheres deixarem de parir. Pode ser que as previsões assemelhem-se às proferidas pelas bruxas a Macbeth, e no caso as crianças comecem a chegar diretamente das provetas, dispensando o útero, como escreveu Stanislaw Lem em "A Cadeia das Sete". Não interessa agora. Interessante é que hoje, aqui em Belém, nasce um cinema. Isto num tempo em que as falas e os atos registram, muito mais, o fechamento de casas exibidoras de filmes. É como uma resposta otimista do Oráculo-Cinéfilo, à afirmação de que o cinema, como se conhece, não vai morrer tão cedo.

Inaugura-se, logo mais, o Cine Doca I. Um gêmeo apressado. Ainda este ano deverá abrir o Doca II. As novas salas de shopping, em Belém, assumem a moda dos centros de comércio e entretenimento concentrados. Uma novidade interessante, apesar de surgir na medida em que desaparecem os cinemas de rua, começando com os dos bairros e hoje ameaçando os centrais na proporção de suas dimensões, demasiadamente grandes para os novos hábitos.

O Doca I, do shopping Doca Boulevard, tem 180 lugares, está vestido de azul como o



Lembro que no dia da inauguração do Olympia, o jornalista Paulo Maranhão, em "A Folha do Norte", citava as qualidades operacionais do cinema e pedia que a programação não "ofendesse" as senhorinhas, fazendo-as "corar com cenas indecorosas". Hoje a gente pede que um novo cinema não faça o espectador "amarelar" com filmes ruins. Que nos core a todos com as indiscrições de câmeras inteligentes. E que nos soque o estômago com obras que traduzam realidades capazes de instigar, mesmo quando a proposta é a poesia do fantástico, gênese da própria arte cinematográfica, ou o maravilhoso truque da persistência retiniana.

Na hora em que eu saúdo o Doquinha, peço aos céus que ele resista às manhas da distribuição na medida do possível, que não se prostitua passando o já visto insistentemente e que seja procurado. Muito procurado. É o público, obviamente, quem "faz" um cinema. É a ele, público, que se dedica um programa na esperança da retribuição pela frequência. O cinema, queiram ou não queiram, é uma fonte de informação/educação e a produção de filmes comerciais está mudando. Há todo um processo de cambio no ar, mais ou menos como Jean Luc Godard disse em recente entrevista colocando o cinema como uma arte do século XIX só agora adentrando o século XX. As mudanças estão e serão cada vez mais forçadas pelo desgaste de temas e tratamentos dados a diversos gêneros. O que há 10 anos era moderno, hoje é caduco. As coisas correm cada vez mais rápidas, e pode ser que o muito velho seja o muito novo dentro de algum tempo, como na teoria de que o universo encolherá quando chegar a um limite de expansão.

Uma nova sala num tempo instável é uma festa interior de quem ama o cinema. Daqui, os meus parabéns aos realizadores da tarefa. Do pessoal do Doca Boulevard aos amigos Alexandrino e Marco Moreira. Eles provam o amor, que também é o meu, o seu, o nosso, pelas imagens em movimento.

Nas Profundezas do Mar sem Fim: filme de estréia no Doca I

planeta, e possui um projetor (o primeiro cinema novo da cidade com um só projetor) que "engole" um filme inteiro (em um só carretel), exibindo-o com as qualidades técnicas que se exige do mais moderno, como a projeção de grande brilho e o som digital (este "mais moderno" pode ser jurássico daqui a mais uns meses - a tecnologia dos audiovisuais salta mais do que um canguru australiano). É, até agora, o menor (salão/poltronas) da cidade, ajustando-se à demanda nesta época de opções diversas na área (o caso do vídeo, em fita e disco e das TVs aberta e fechada). E o mais confortável sem dúvida alguma.

Fonte: Jornal A Província do Pará, 03/06/99. Acervo Particular de Alexandrino Gonçalves Moreira.

⁹⁶ *Doca Boulevard*, localizado no centro de Belém, iniciou suas atividades em 1998. Problemas comerciais e administrativos levaram os empreendedores deste centro comercial a encerrar atividades em 2004, apesar do sucesso dos Cines Doca 1 e 2.

Figura 53: Belém ganha novo cinema.

Belém ganha novo cinema

O Cinema de Arte do Pará inaugura hoje mais um cinema em Belém, a partir das 14h45, com a exibição do filme "Nas Profundezas do Mar Sem Fim", do diretor Ulu Grosbard, com Michelle Pfeifer no papel principal.

A nova sala, Cine Doca Boulevard 1, é a primeira a ser inaugurada das duas que o grupo Cinearte vem preparando há mais de um ano no shopping Doca Boulevard. A não-inauguração das salas em sincronia com a abertura do shopping no ano passado foi reflexo da crise econômica e, apesar dela, o grupo exibidor paraense manteve-se firme no investimento. A primeira sala, com 180 lugares e um equipamento automático de ponta (Christie P.35 GPL/AT) está pronta e é entregue ao público hoje. Na terça-feira foi "apresentada" a alguns críticos de cinema e convidados (veja a coluna Panorama, na página 6 deste caderno). Já a segunda sala, geminada à Cine Doca1, não tem previsão para ser inaugurada. O circuito Cinearte promete para "breve".

Se há cerca de 20 anos o Cinearte inaugurava seu primeiro cinema (Cinema1) com a exibição de "Chuvas de Verão", do diretor brasileiro Cacá Diegues, dessa vez a empresa abre sua sexta sala na cidade com um drama familiar hollywoodiano.

"Nas Profundezas do Mar Sem Fim" é inspirado no romance best seller de mesmo nome da escritora norte-americana Jacquelyn Mitchard. Trata-se de um projeto da produtora Via Rosa, de Kate Guinzburg e da própria Michelle Pfeifer, que começou a ser planejado antes mesmo de o livro chegar às estantes das livrarias e estourar em vendas nos Estados Unidos. O romance chegou à mesa de Guinzburg, que convenceu Pfeifer a lê-lo. Envolvidas pela ideia de realizar o filme, compraram os direitos para a filmagem e começaram a reunir a equipe.

A história do filme fala de uma família

FOTOS DIVULGAÇÃO



▲ NA ESTREIA - Cena de "Nas Profundezas do Mar sem Fim": no Doca Boulevard

que se desestrutura após o desaparecimento de um dos três filhos. O garoto se perde no hall de um hotel quando a mãe Beth (Pfeifer) se descuida. Inicia-se uma busca desesperada pelo garoto e o casal Beth e Pat Cappadora (- Treat Williams) tenta sobreviver à tragédia pessoal com seus outros dois filhos e reerguer a sua relação.

Nove anos depois, o garoto ressurgue na porta da família Cappadora numa dessas coincidências inacreditáveis e aí começa outro drama para o casal e as crianças (agora adolescentes). Além da família, a personagem Candy Bliss, uma detetive envolvida na busca pelo garoto (Whoopi Goldberg) é determinante nos rumos da história.

O roteiro foi adaptado do romance por Stephen Schiff, que tem outra experiência de adaptação literária para as telas com "Lolita". A direção é de Ulu Grosbard, que iniciou sua carreira no teatro off-broadway e assinou, no cinema, trabalhos como "True Confessions" e "Georgia".

SERVIÇO

"Nas Profundezas do Mar Sem Fim", hoje, no Cine Doca 1 (Shopping Doca Boulevard, rua Aristides Lobo, entre Quintino Bocaiuva e Visconde de Souza Franco, nº 776), a partir das 14h45 em sessões normais. Ingresso, R\$ 7.

Fonte: Jornal O Liberal, 03/06/99. Acervo Particular de Alexandrino Gonçalves Moreira.

Em junho de 1999, foi inaugurado o Cine Doca 1 e em outubro do mesmo ano, o Cine Doca 2⁹⁷. *Nas Profundezas do Mar sem Fim*⁹⁸ e *13º Andar*⁹⁹, filmes da *Columbia Pictures*, constante parceira do Circuito Cinearte, foram selecionados para a estreia das salas. Alexandrino Gonçalves Moreira manteve programação similar de outras salas com filmes de qualidade e sucessos de bilheteria de todas as distribuidoras. Entre títulos importantes exibidos, títulos incluídos na lista dos melhores do ano de críticos locais como *Dogville* (1992), *Celebridades* (1998), *Dançando no Escuro* (2000), *Fahrenheit 11/09* (2004) além de relançamentos especiais como *Janela Indiscreta* (1954) e *Apocalypse Now Redux*¹⁰⁰.

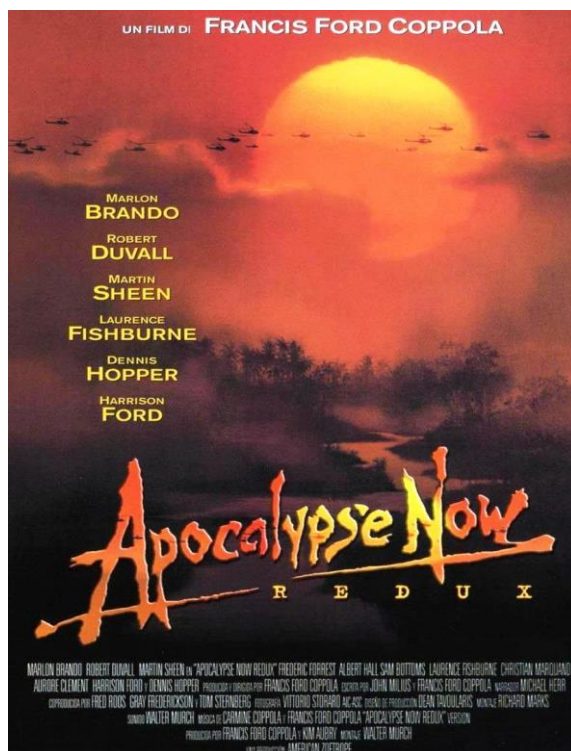
⁹⁷ Os Cines Doca 1 e 2 tinham, cada sala, capacidade para 180 espectadores.

⁹⁸ *Nas Profundezas do Mar sem Fim*, 1999. Direção: Ulu Grosbard.

⁹⁹ *13º Andar*, 1999. Direção: Josef Rusnak.

¹⁰⁰ *Apocalypse Now Redux*, 1979-2001. Direção: Francis Coppola. Versão estendida lançada nos cinemas em 2001 do filme *Apocalypse Now*, originalmente lançado em 1979.

Figura 54 - Cartaz do filme *Apocalypse Now Redux*.



Fonte: Google Images.

A exibição de *Apocalypse Now Redux*, como muitas outras, foi realizada numa atitude cinéfila. O filme, de longa duração¹⁰¹, foi lançado no Brasil em poucas praças, sem causar interesse na maioria dos exibidores e com fracos resultados de bilheteria e público. Mas o compromisso de exibir bons filmes várias vezes foi mais forte que o olhar prático, financeiro, burocrático de empresário. Essa atitude era comum na trajetória de A.G.M. como exibidor quando, sempre que possível, esquivou-se das necessidades comerciais de seus empreendimentos, programando melhores títulos disponíveis para exibição.

Caso semelhante ocorreu com filmes do diretor norte-americano Woody Allen¹⁰² que, durante décadas, teve seu trabalho exibido pelo grupo Severiano Ribeiro, mas que, a partir do fracasso de público de *A Rosa Púrpura do Cairo* (1985), não teve mais filmes programados por essa rede de cinemas. A.G.M. prontificou-se a exibir todos os filmes de Allen, anualmente, permitindo que o cinéfilo paraense acompanhasse sua brilhante obra.

Em 1999, ano da inauguração dos Cines Doca 1 e 2, curtas-metragens paraenses foram produzidos graças ao edital realizado pela prefeitura local, depois de anos sem

¹⁰¹ *Apocalypse Now Redux* tem 203 minutos de duração.

¹⁰² Woody Allen, 79 anos, cineasta, roteirista, escritor, ator, músico norte-americano. Realizador premiado com o Oscar e aclamado pela crítica pelos filmes *Noivo Neurótico, Noiva Nervosa* (1977), *Manhattan* (1979), *Zelig* (1983), *Hannah e suas Irmãs* (1986) entre outros títulos.

incentivo do poder público ao segmento audiovisual paraense. Com salas exibidoras recém-inauguradas, diversos curtas foram exibidos na programação normal, permitindo acesso do público às recentes produções, fato que contribuiu para a divulgação local e nacional do trabalho de cineastas do estado.

A época em que os curtas paraenses foram exibidos nos Cines Doca 1 e 2 foi muito boa, não somente pelo fato de poder lançar os filmes nos cinemas, em sessões concorridas para público e convidados, mas também pela exibição dos mesmos antes dos longas-metragens, espaço hoje praticamente impossível. Não somente "Dias" (filme que dirigi em 1999), mas todos os filmes dessa safra foram exibidos como "Açaí com Jabá" e "Chama Verequete". Talvez umas das últimas atividades desse formato que aconteceram no Brasil. A exibição dos curtas nestas salas foi fundamental porque era um bom retorno que oferecemos também aos patrocinadores, apoiadores, e enfim à sociedade local que podia ver os filmes no cinema. Hoje, por exemplo, só mesmo no cine Olympia para a exibição das produções locais, que é ótimo, mas que é um cinema público. Exibição de trabalhos do audiovisual paraense no circuito comercial, somente nessa época, infelizmente (Fernando Segtowick)¹⁰³.

O audiovisual paraense continuamente precisou de colaboradores para atingir o público e, como exibidor local, o Circuito Cinearte abriu sua programação para estas produções. A receptividade do público foi muito significativa e os curtas permaneceram em exibição por extenso período. Infelizmente, não houve sequência na elaboração de novos editais de incentivo à produção audiovisual paraense e outros projetos não foram realizados¹⁰⁴.

O Circuito Cinearte, com sete salas, apresentou-se ao mercado de distribuição de filmes como maior circuito de exibição local, atraindo distribuidores com mais títulos disponíveis, sem exclusividades ou limites comerciais, como antigamente. A.G.M. comentava que jamais imaginou que sua relação com o cinema o levaria a ter circuito exibidor. Mas sua visão empresarial sobre o futuro do cinema não era otimista.

Em 1994, Alexandrino ampliou a sua rede de cinemas com os primeiros de shopping em Belém: os Castanheira 1 e 2 (no shopping Castanheira, naturalmente). Em 1998, o plano é inaugurar mais duas salas de shopping: Doca 1 e Doca 2. Mas a visão empresarial mostra-se temerosa com o futuro. Num debate, em 1992, quando eu ainda programava o cine Líbero Luxardo, Alexandrino Moreira, o exibidor que também assina coluna de cinema aos domingos, no jornal O Liberal, mostrou-se pessimista com relação ao mercado cinematográfico. Viu o fantasma das novas tecnologias afastarem cada vez mais os espectadores. E não chegou a prever mudanças salvadoras, algumas ainda a desafiar a imaginação. Naturalmente que a opinião foi embasada no comportamento racional em um tempo. Hoje, talvez especificasse o Norte, ou

¹⁰³ Fernando Segtowick, 43 anos, roteirista e cineasta paraense. Dirigiu comerciais, vídeos institucionais, documentários e curtas-metragens de ficção. Seus filmes têm como tema os moradores da Amazônia, suas histórias e lugares.

¹⁰⁴ A falta de incentivo municipal e estadual é um dos maiores problemas do audiovisual paraense que, apesar das circunstâncias adversas, tem projetos em planejamento e produção.

mudasse algum conceito. Simplesmente porque os fãs de cinema não morrem (VERIANO, 1999, p. 65).

A.G.M. tinha visão realista do cinema como negócio. Investir na construção de quatro salas de cinema, num período de dez anos, era acreditar nas possibilidades de crescimento e faturamento do Circuito Cinearte. Mas o mercado exibidor estava à mercê de regras de distribuição que dificultavam o funcionamento de uma sala de exibição. Além disso, a crescente pirataria de filmes e o hábito de ver filmes em casa, graças ao aumento do número de locadoras de vídeo e canais de TV por assinatura, inevitavelmente trariam consequências para o exibidor, especialmente local ou regional, que não teria como enfrentar tal leque de concorrências.

3.7. Configurações adversas

O cenário do mercado de cinema no início do novo século era incerto. Para manter o interesse do público, outras mídias foram elaboradas e, como novidade, foi lançado o *DVD* (*Digital Versatile Disc*). As locadoras de vídeo trabalharam com este formato digital que, entre outras vantagens, trazia mais informações sobre o filme (*extras*, *making of*, entrevistas etc.) e qualidade de imagem superior. O *DVD*¹⁰⁵ chegou ao mercado brasileiro de locação e venda, conquistou o público, restaurou o alcance comercial das locadoras de vídeo que, naquele período, apresentavam diminuição de público, devido, entre outras razões, ao aumento de clientes das TVs por assinatura e aos altos preços de locação de filmes.

Entre 2000 e 2004, muitas salas de exibição foram inauguradas no país, em formato *Multiplex*, diferentes dos tradicionais cinemas de rua em processo de extinção em várias cidades do Brasil e do mundo¹⁰⁶. Além da *Cinemark*, outras redes de cinema estrangeiras¹⁰⁷ instalaram-se no Brasil, aumentando a competitividade no mercado, diminuindo a importância comercial de exibidores. Devido a investimentos com pouco retorno financeiro, em cinema ou *VHS*, distribuidoras independentes encerraram suas atividades. Desse modo, houve restrição de títulos disponíveis para o segmento exibidor.

¹⁰⁵ *Era Uma Vez na América* (1984) de Sergio Leone foi o primeiro *DVD* de filme lançado no Brasil, em 1998, pela distribuidora *Flashstar*.

¹⁰⁶ O fechamento de cinemas de rua foi intensificado no final dos anos 1990. Segundo a ANCINE (Agência Nacional de Cinema), em 2010, havia em funcionamento no Brasil 2.206 salas de cinema, sendo 83% (1.822) instaladas em shoppings e 17% (384) em ruas. Em 2012, das 97 salas de cinema com previsão de inauguração em todo o país, apenas duas não foram instaladas em shoppings. Apesar da tendência de enfraquecimento dos cinemas de rua, os cinemas 1 e 2 foram reformados em 2000.

¹⁰⁷ *UCI* (Reino Unido) e *Cinepólis* (México) são redes estrangeiras de exibição em atividade no Brasil.

Os custos operacionais das salas de exibição sujeitavam exibidores a manter uma programação comercial vinculada às principais produtoras de *Hollywood*. Essa configuração comercial era antiga e constante, mas, a partir desse novo século, a sobrevivência dos exibidores estava relacionada diretamente com *blockbusters*, ou seja, filmes de alta bilheteria. A principal distribuidora do Circuito Cinearte, *Columbia Pictures*, continuou sua parceria exclusiva de exibição, cujo acervo não foi suficiente para manter sete salas com frequentes lançamentos comerciais capazes de equilibrar investimentos em equipamentos e tecnologia.

Neste panorama, A.G.M. manteve o circuito de exibição em atividade, apesar das distorções causadas pelo mercado exibidor, concentrado em cinemas de *shopping center*, com ingressos a preços altos e pouco competitivos em relação à população de menor renda. O distanciamento do público em relação aos filmes de arte era comprovado pela escassa frequência aos filmes selecionados. Estes fatores afetaram exibidores que, como A.G.M., acreditavam numa programação comercial e, ao mesmo tempo, comprometida com o cinema de arte¹⁰⁸.

Com o desenvolvimento tecnológico e com a facilidade de acesso à internet, o aumento da pirataria de filmes era evidente. Muitos filmes não lançados nos cinemas apresentavam-se disponíveis para *download*¹⁰⁹ afetando também o mercado de locação de filmes, que apresentou queda de investimentos. As distribuidoras de filmes apostavam na venda direta ao consumidor como alternativa rentável e imediata. O segmento de televisão por assinatura estava acessível a um número maior de pessoas, alterando o hábito de ir ao cinema e às locadoras.

Havia opções variadas no aspecto das tecnologias e mídias que passaram a concorrer com o cinema. A televisão, o vídeo, o DVD estavam concorrendo para deslocar o espectador das salas grandes ou os “cinemas de rua” para o cinema caseiro. Além disso, a situação da violência urbana também concorreu para esse infausto evento. É possível, também, que tenha havido o impacto do mercado ao exibidor local que concorria com a empresa nacional (Luzia Miranda Álvares, entrevista jun. 2014).

¹⁰⁸ Em 1997, as tradicionais matinais de domingo, que colaboraram com a cinefilia de críticos e espectadores, foram encerradas devido à fraca frequência de público. Estas matinais raramente foram lucrativas, mas representavam o ideal cineclubista que, desde o início, se pretendia efetivar na programação diária dos cinemas. Por esta razão, estas sessões foram mantidas durante anos, sem levar em consideração seu faturamento, lucro ou prejuízo.

¹⁰⁹ *Download* é a transferência de um ou mais arquivos (textos, imagens, vídeos, programas etc.) que são disponibilizados na *internet*.

Com concorrência intensa, dificuldades operacionais e futuro ambíguo no mercado de cinema e vídeo, A.G.M. não vislumbrou alternativa em curto prazo para que as salas de exibição voltassem a ter poder de negociação, diálogo, liberdade de programação e independência mercadológica para funcionar. Nos anos 1980 e 1990, por exemplo, a campanha de divulgação de um filme era realizada pelas distribuidoras com autonomia aos exibidores para, localmente, promover o filme, a partir de características publicitárias próprias de cada região. Devido às parcerias de *marketing* e *merchandising* que as distribuidoras realizavam em seus principais lançamentos, a partir dos anos 2000, ações promocionais de divulgação estavam vinculadas à autorização dos distribuidores. Com essa limitação, exibidores tinham pouca autonomia no processo de lançamento de um filme. Este controle por parte das distribuidoras preocupou A.G.M. que, cético, não esperava soluções que melhorassem a participação dos grupos exibidores locais e/ou regionais¹¹⁰.

Em 2004, o empreendimento Doca *Boulevard*, por questões empresariais e comerciais, anunciou o encerramento das suas atividades. Os Cines Doca 1 e 2 foram as últimas lojas a fechar, em novembro daquele ano¹¹¹. Estas salas apresentaram, durante o período de funcionamento, boa média de público, causando decepção no público, nos críticos e nas distribuidoras, habituados com sua programação. Matérias sobre o fechamento desses cinemas foram publicadas nos jornais locais.

¹¹⁰ Em 2003, o grupo *Moviecom* Cinemas inaugurou quatro salas na ampliação do *Shopping Castanheira*. No ano seguinte, foram inauguradas mais três salas.

¹¹¹ Na última semana de funcionamento, os Cines Doca 1 e Dois exibiram os filmes *A Dona da História* (2004), *De Repente 30* (2004), *Cazuza: O Tempo não Para* (2004) e *Resident Evil 3* (2004).

Figura 55 - Menos Dois Cinemas em Belém.

Menos dois cinemas em Belém

EDUARDO ROCHA

Da Editoria de Cartaz

No Dia do Cinema Brasileiro, que transcorre hoje, a notícia não é nada animadora para os cinéfilos: os cines Doca 1 e 2, no Doca Boulevard, fecharam as portas ontem, inclusive com um filme nacional em cartaz, "Cazuza - O Tempo Não Pára". Por mais irônica que possa parecer a situação, Alexandrino Moreira, proprietário do grupo Cinearte, que reúne os dois cinemas no Doca Boulevard, pretende aproveitar os equipamentos em um novo empreendimento em Belém.

"O fechamento das duas salas de cinema se deu porque o nosso contrato no local terminou e o imóvel (Doca Boulevard) foi vendido", informa Ale-

xandrino Moreira, destacando que está em negociação um novo empreendimento para a área na Doca. Alexandrino estuda propostas para instalação de cinemas em Marabá, Ananindeua, Castanhal e Tucuruí. No caso de Belém, Alexandrino diz que é possível instalar uma sala exibidora na lateral dos cinemas 1, 2 e 3, do Cinearte, na Travessa São Pedro, mas essa idéia ainda está sendo analisada.

Os cines Doca 1 e 2 funcionaram por seis anos, mas, como destaca Alexandrino, por conta da explosão de preços do setor imobiliário, imóveis em pontos estratégicos acabam valendo mais do que o negócio.

Ainda ontem à tarde, nos dois cinemas, havia pouca gente. O público, embora pequeno, diz que não abre mão do

cinema nacional. "Gostei dos atores e, além disso, Cazuza foi o maior poeta do tempo dele", disse Eurico Veras, 63 anos, militar da reserva, que assistiu ao filme seis vezes.

Conquista - Assistir a um filme nacional passou a ser, nos últimos anos, um hábito para muita gente no Brasil. Hábito que traduz um momento de transição do cinema brasileiro, que também ganha espaço no mercado internacional. O próprio filme "Cazuza" é uma prova disso. A produção de Sandra Werneck e Walter Carvalho foi vista em Belém por cerca de 20 mil espectadores em quatro meses de exibição. Nas últimas semanas, cinco filmes brasileiros podiam ser vistos em Belém. Além dos três já citados, "A Dona da História" e "Redentor", to-

dos no Circuito Cinearte. Apesar da boa frequência de público, esse fato não pode ser considerado relevante quando se discute a nova safra do cinema nacional. Essa é a opinião do crítico Pedro Veriano, para quem a exibição da produção brasileira nos cinemas ainda depende, necessariamente, da obrigatoriedade imposta às empresas exibidoras.

Pedro afirma que um grave problema para os filmes nacionais é a quantidade reduzida de cópias, que acabam sendo exibidas prioritariamente nos cinemas do eixo Sul-Sudeste. Para o Norte do País chegam somente filmes com um grande número de cópias, já que para muitos distribuidores, Belém não é um mercado forte para o cinema brasileiro.

Fonte: Jornal O Liberal, 09/11/2004. Acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

A.G.M. considerou que o fechamento das salas, naquelas circunstâncias, principiou processo de reflexão e decisão da necessidade de sair do mercado exibidor, depois de quase três décadas de atividades. Após anos de trabalho no setor cinematográfico, testemunha de tantas mudanças, a preocupação com o futuro das salas exibidoras ficou maior que a satisfação de exibir filme. Como cinéfilo, ele percebeu que seus cinemas teriam menos espaços no circuito exibidor comercial. Como empresário, entendeu que a frequência do público estava concentrada nas salas de *shoppings centers* que, com lançamentos *blockbuster*, acostumou-se a ver o cinema numa configuração a demandar maiores investimentos, incluindo projeção digital em 3D, tecnologia a ser implementada em curto prazo. O conceito dos cinemas *Multiplex* instalou-se de forma irreversível.

Os multiplex tornaram-se uma alternativa às salas de cinema comuns, que, com o passar dos anos, praticamente deixaram de proporcionar novidades ao público. No Brasil, desde 1991 cerca de 430 salas de cinema de rua já encerraram suas atividades. O objetivo do multiplex é fazer com que o público não vá somente assistir a um filme e, logo após, ir embora. A finalidade primordial é fazer com que as pessoas desfrutem do cinema o máximo possível, pois lá são oferecidas várias alternativas de filmes, serviços e entretenimento. Dentre os serviços oferecidos pelos multiplex, destacam-se pistas de boliche, estacionamento, salas de jogos eletrônicos e praças de alimentação, que podem ser visitadas durante os intervalos entre um filme e outro, ou, simplesmente, no aguardo de um filme cuja procura é intensa e que, por isso

mesmo, pode vir a demandar um tempo demasiado de espera para assisti-lo (SAAB e RIBEIRO, 2009).

Com o crescimento de bilheteria e público nos cinemas *multiplex*, era improvável que exibidores locais reunissem condições competitivas de se estabelecer comercial ou culturalmente. Segundo Pedro Veriano (entrevista fev. 2014), “o fechamento de salas de cinema tem a ver com o domínio de grandes circuitos. Os menores seguiram o que aconteceu com as farmácias: não suportaram o mercado. É como tubarões em mar de tralhos”. Neste processo, A.G.M. observou dificuldades na operação de exibidores locais e regionais em diversas capitais, avaliando negativamente o fluxo do mercado cinematográfico para esse segmento.

Em 2003, no projeto de expansão comercial do *Shopping Castanheira*, o grupo de cinemas *Moviecom*¹¹² ocupou o espaço destinado à área dos cinemas com sete salas de exibição. A.G.M. não tinha intenção de investir no projeto, prevendo futuras dificuldades com a distribuição de filmes, entre outros fatores. Neste caso, a concorrência foi positiva, pois o novo grupo exibidor não exigiu exclusividade nas exibições e os Cines Castanheira projetaram filmes de diversas distribuidoras, incluindo *A Paixão de Cristo* (2004), uma das maiores bilheterias destas salas. Apesar de alguns sucessos comerciais em 2004 e 2005, A.G.M. não acreditava na configuração do mercado cinematográfico em vigência e, em abril de 2006, quase dois anos após terminar as exibições dos Cines Doca 1 e 2, encerrou as atividades dos cines Castanheira¹¹³, revelando futuras intenções com o Circuito Cinearte.

(...) Mas os tempos mudaram. Com o vídeo-cassete, mais tarde o DVD, além da TV por assinatura e a pirataria que eleva o consumidor ao disco do filme em cartaz, a fuga dos espectadores começou a impressionar. Somando a isso, cresceram as já numerosas entradas de favor. Em Belém, os idosos não pagam ingresso (enquanto nas outras cidades brasileiras pagam meia-entrada). Diversas entidades usam de prerrogativas para também ter passe livre nas sessões. E o grosso do ingresso é vendido pela metade do preço. Além disso, o exibidor ainda contabiliza os impostos altos, incluindo o da ECAD por usar música ambiente (quando não usa - e a do filme, obviamente, já foi paga pela produção). Em 2004, fecharam os Cines Doca. Em 2006, os Cines Castanheira. Sem o espírito de fã, Alexandrino anuncia que fechará o cine 3, em seguida, o 1 e 2. Se isto acontecer, Belém ficará por algum tempo apenas com os dois Nazaré, de Severiano Ribeiro (que já se descartou do Olímpia), enquanto aguarda as 5 salas do Moviecom Shopping Iguatemi, no projeto anunciado para 2007 (VERIANO, 2006, p. 80-81).

¹¹² Moviecom Cinemas, fundado em 1998, é uma das maiores redes nacionais de cinema do país.

¹¹³ Na última semana de funcionamento, os cines Castanheira 1 e 2 exibiram os filmes *Crash – No Limite* (2004), *A Mulher de meu Irmão* (2005) e *Firewall – Segurança em Risco* (2006).

Com o encerramento das atividades de quatro salas localizadas em *shopping centers*, resultado de um investimento realizado num período de provável crescimento de espectadores, a imprensa local publicou artigos sobre o assunto. Em muitas matérias divulgadas nos jornais, A.G.M. foi entrevistado e teve a oportunidade de informar as razões de sua decisão.

Figura 56 - O Liberal, 02/04/2006.

Os cinemas Castanheira 1 e 2 fecham suas portas amanhã. Esse é o reflexo local da crise mundial que afeta o mercado cinematográfico. O fechamento das salas exibidoras foi confirmado ontem à tarde pelos empresários Alexandrino e Marco Antônio Moreira, do Grupo Cinearte, explicando que a falta de público e de filmes para projeção é um sintoma da crise que abrange as distribuidoras e ganha ênfase com a pirataria. Para quem curte os dois cinemas, amanhã é o último dia para ver o vencedor do Oscar "Crash - No Limite" (Castanheira 1) e "A Mulher do Meu Irmão" e "Firewall - Segurança em Risco" (Castanheira 2).

Segundo Alexandrino Moreira, no ano passado a redução de público chegou a 42% nos cinemas do mundo todo - e somente este ano o índice já chegou a 9%. Para tentar contornar a crise, no último dia 16, durante a convenção da Motion Picture Association of America (MPAA), foi decidido que será realizada uma campanha para estimular a ida aos cinemas. "O público não está indo ao cinema por vários motivos, como a pirataria, que é o principal fator, e também a TV a cabo. No mesmo dia em que se lança um filme no cinema, as pessoas podem comprá-lo por R\$ 5", diz Alexandrino.

Essa campanha de incentivo vai tentar convencer o público de que ir ao cinema é uma experiência excepcional. No ano passado,

nos Estados Unidos, a arrecadação dos exibidores foi de US\$ 8,9 bilhões, o que representou uma queda de 6% em relação a 2004, um ano em que o cinema já não foi muito bem.

De graça - Além da falta de público nos cinemas, existe a outra ponta da crise. "Hoje, quando se lança um filme, existem menos cópias para distribuição. Por exemplo, 'Capote' estreou no Sul do País há um mês e somente agora chega a Belém. Nós perdemos toda a propaganda do Oscar", lamenta Alexandrino, dando outro exemplo: "A Era do Gelo 2" acaba de estreiar em quatro cinemas de Belém, mas já está sendo vendido em DVD pirata na cidade.

Outro fator que contribuiu para o fechamento dos cines Castanheira 1 e 2 foi o excesso de gratuidade: "Pessoas com mais de 60 anos não pagam, aposentados não pagam... Há excesso de meia-entrada e, inclusive, carteiras falsas", explica Alexandrino. Ele informa que o exibidor brasileiro é obrigado por lei a exibir filmes nacionais que, com exceção de alguns, não conseguem atrair público. "O filme 'Sal de Prata' teve duas semanas de exibição e foi assistido por apenas 74 pessoas em duas sessões diárias, o que dá 14 sessões". O empresário aponta, ainda, custos como o de energia elétrica, que subiram 50% acima do preço dos ingressos de cinema nos últimos anos. A média de preço do ingresso de cinema em

Belém é de R\$ 6,70.

Perdas - Os cines Castanheira 1 e 2 contam com 240 lugares cada. "Tem sessão de cinema em Belém que reúne dez pessoas - e todas sem pagar ingresso", diz Alexandrino Moreira, reiterando que as duas salas vinham operando com prejuízo e, antes que a situação se agravasse, a direção resolveu fechá-las.

Marco Antônio Moreira, filho de Alexandrino, enfatiza que os efeitos da crise no cinema são sentidos não apenas em Belém, mas em vários pontos do Brasil e também no exterior. "Em Portugal foram fechados seis cinemas. No Pará, em Santarém, foi fechado o Cinerama, e no interior de São Paulo, de três a quatro salas também foram fechadas recentemente".

Marco observa que, ao contrário de lançamentos como "Homem-Aranha", com 300 cópias, há filmes com apenas 40 cópias, que são destinadas às principais praças do Brasil para só depois seguirem para outras cidades. Foi o que aconteceu com "O Segredo de Brokeback Mountain" e "Capote".

Essa não é a primeira experiência de fechamento de salas do Cinearte. Em novembro de 2004, o grupo fechou os cines Doca 1 e 2 no Doca Boulevard quando o espaço foi desativado.

Figura 57: Belém perde mais 2 salas de Exibição.

CINEMA Cines Castanheira 1 e 2 fecharam as portas na noite de ontem. Pirataria em DVD foi o motivo apontado.

Belém perde mais 2 salas de exibição

LUIZ SABAA

A partir de hoje, Belém conta com menos duas salas de exibição de filmes. Trata-se dos Cines Castanheira 1 e 2, que realizaram as últimas sessões na noite de ontem. A falta de público motivou a decisão dos proprietários - os cinemas pertenciam ao Circuito Cinearte. Na quarta-feira passada, por exemplo, um público de 90 pessoas contrastou com a capacidade máxima de 1.440 espectadores por dia (considerando as três sessões das duas salas).

“A pirataria tomou conta do mercado”, afirma gerente, Tânia Barros, apontado ainda mais um motivo: outra rede de exibição instalada no mesmo shopping center. “Hoje em dia, quem quer sair de casa para ir ao cinema se pode comprar um DVD pirata?”, questiona, observando que “vão fechar mais cinemas em Belém”.

A falta de público nas sessões motivou proprietários a fechar espaços

De acordo com Tânia, o empreendimento gerava 14 empregos diretos. Os funcionários ficaram sabendo do fechamento uma semana antes. A bilheteira Cristiane Ferreira, que trabalhava no local há cerca de um ano, ficou desolada com a notícia.

“Tenho uma filha de nove meses e sou a única que estou empregada lá em casa. Perdi o emprego para a pirataria”, lamentou. Mas a gerente informa que nem todos ficarão desempregados, já que a direção acenou para a possibilidade de remane-

jamento de alguns deles para outras salas.

O operador cinematográfico Geraldo Rodrigues acompanhou toda a trajetória das salas, que estavam prestes a completar 12 anos de funcionamento. “Já esperava isto. A pirataria está demais. Cinema e locadora passam por crise séria”, analisa, afirmando que estava satisfeito com os 2,5 salários mínimos que recebia por mês.

O publicitário Fábio Oliveira ficou surpreso com a notícia de que iria assistir à penúltima sessão do Cine Castanheira 1. “A gente fica triste com o fechamento de mais uma casa de espetáculo”, disse. Para ele, a invenção do DVD colabora para a decadência dos cinemas. “Lança-se um filme hoje e amanhã já se está assistindo em casa”, observou. A agrônoma Maria Rosa Travassos, que o acompanhava, ressaltou que assistir a filme no cinema tem “apelo a mais” do que em casa, como a possibilidade de namorar no escurinho.



Fonte: O Diário do Pará, 03/04/2006 Acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Alexandrino Gonçalves Moreira relatou os principais fatores que reforçaram sua decisão: redução de público, pirataria, TV por assinatura, distribuição limitada de filmes, obrigatoriedade de exibição de filmes brasileiros, meia-entrada para estudantes¹¹⁴, entre outros. Ao descrever razões comerciais e operacionais, ele indicou que o mesmo processo seria realizado com os Cinemas 1, 2 e 3, primeiras salas construídas. Mas, antes que esta decisão ocorresse, outro cinema da capital cessou seu funcionamento.

No primeiro semestre de 2006, além dos Cines Castanheira, o tradicional Cinema Olympia fechou as portas. O grupo Severiano Ribeiro, proprietário deste cinema desde os

¹¹⁴ O alto número de carteiras de estudantes falsificadas causou problemas financeiros com mais de 70% dos ingressos vendidos para meia-entrada, gerando redução no faturamento geral das empresas exibidoras.

anos 1940, anunciou que, devido à crise de mercado, entre outras razões comerciais, colocaria as instalações do Olympia para venda ou locação. A.G.M. lamentou o fato, sem surpresa, pois acompanhava as consequências da crise nas salas de exibição, especialmente nos cinemas de rua.

A.G.M., naturalmente, compareceu à última sessão do histórico Cinema Olympia¹¹⁵. Felizmente, assíduos frequentadores, cinéfilos, críticos, membros do audiovisual paraense, entre outros, fizeram protesto contra o fechamento do cinema mais antigo do Brasil em funcionamento¹¹⁶. O prefeito local compareceu nesta sessão e, motivado pelos protestos, comunicou que o Cine Olympia seria subvencionado e administrado pelo município. As circunstâncias da locação do Cine Olympia pela prefeitura não se repetiram quando, meses depois, os Cines Nazaré 1 e 2 foram fechados e, posteriormente, alugados para uma loja comercial¹¹⁷.

Os fechamentos do Cinema Olympia¹¹⁸ e dos Cines Castanheira no primeiro semestre de 2006 foram indícios de que a decisão de encerrar as atividades dos Cinemas 1, 2 e 3 era inevitável. O término das exibições do Cinema Olympia, administrado por um dos maiores grupos de exibição do país, confirmou que a crise no mercado era grave e, principalmente, os cinemas de rua teriam pouco tempo de atividade. Procurando valorizar todo o trabalho realizado em tantos anos de atividade, A.G.M. antecipou qualquer agravamento do mercado exibidor e procurou escolher o período ideal para que o processo de fechamento do Circuito Cinearte fosse finalizado. Em 2006, a *Columbia Pictures* anunciou o lançamento de um de seus maiores investimentos do ano, *O Código da Vinci*¹¹⁹.

¹¹⁵ *Syriana* (2006) foi o último filme exibido no Cinema Olympia, na administração do grupo Severiano Ribeiro.

¹¹⁶ Cinema Olympia será tombado como patrimônio histórico e cultural do estado.

¹¹⁷ Desde 2008, no prédio dos Cines Nazaré 1 e 2, funciona a Lojas Americanas, empresa nacional com vários pontos comerciais em diversas cidades brasileiras.

¹¹⁸ Desde dezembro de 2006, sob a administração da Prefeitura Municipal de Belém, o Cinema Olympia está em funcionamento como um dos cinemas alternativos mais importantes da capital paraense.

¹¹⁹ *O Código da Vinci*, 2006. Direção: Ron Howard. Baseado na obra literária de Dan Brown que vendeu milhões de cópias em todo mundo.

Figura 58: Cartaz do filme *O Código da Vinci*.



Fonte: *Google Images*.

Em consideração à distribuidora que apoiou o circuito, A.G.M. programou a exibição do filme *O Código da Vinci* como uma de suas últimas estreias. A intenção era encerrar as exibições do circuito com sucesso de público, confirmado pela alta bilheteria que o filme teve em todas as salas exibidas. O filme foi programado para exibição com sessões nos Cinemas 1, 2 e 3, e gerou interesse nos espectadores que, durante semanas, lotaram os cinemas¹²⁰.

Em 29 de junho de 2006, quando os Cinemas 1 e 2 completaram 28 anos de inauguração, as últimas salas do circuito Cinearte deixaram de funcionar. Os cinemas 1, 2 e 3, incluindo a Cinema 4 Videolocadora, completaram ciclo de funcionamento, com pesar, por parte da crítica e público¹²¹.

¹²⁰ *O Código da Vinci* foi um dos maiores sucessos de bilheteria da Columbia Pictures, arrecadando mais de US\$ 224 milhões de dólares no circuito mundial de exibição.

¹²¹ Na última semana de exibição, os Cinemas 1,2 e 3 exibiram *O Código da Vinci* (2006), *Todo Mundo em Pânico 4* (2006) e *A Profecia* (2006).

Figura 59 - Novo foco nas Telas.



Em mais de duas décadas, os cinemas 1, 2 e 3 marcaram a vida dos belenenses; prioridades agora serão outras.

Novo foco nas telas

Os cinemas 1, 2 e 3 mudam de administradores, por causa da crise que atinge as telas em todo o mundo. O cinema de arte agora tem menos espaço.

Agora é oficial. A partir da próxima sexta-feira, 30, os cinemas 1, 2 e 3, até então administrados pelo Grupo Cinearte, passam para a tutela do Moviecom. Esse é o reflexo local da crise mundial que afeta o mercado cinematográfico. A transferência de direção das salas exibidoras foi confirmada ontem de manhã pelo empresário Marco Antônio Moreira, do Cinearte, explicando que a falta de público e de filmes para projeção é um sintoma da crise que abrange as distribuidoras e ganha ênfase com a pirataria. Segundo Moreira, no ano passado a redução de público chegou a 42% nos cinemas do mundo todo e, neste ano, não deve ser diferente. "O público não está indo ao cinema por vários motivos, como a pirataria,

que é o principal fator. No mesmo dia em que se lança um filme no cinema, as pessoas podem comprá-lo por R\$ 5", diz o empresário. No ano passado, nos Estados Unidos, a arrecadação dos exibidores foi de US\$ 8,9 bilhões, o que representou uma queda de 6% em relação a 2004, um ano em que o cinema já não foi muito bem. Além da falta de público nos cinemas, existe a outra ponta da crise. "Hoje, é muito difícil para os cinemas independentes, isto é, aqueles que estão fora das grandes cadeias de exibição, operar com todos os filmes lançados no mercado. Esse é um dos motivos que nos levam a buscar essa parceria", explica Marco Antônio. Outro fator que contribuiu para a transferência dos cinemas

1, 2 e 3 foi o excesso de gratuidade: "Pessoas com mais de 60 anos não pagam, aposentados não pagam. Há excesso de meia-entrada e, inclusive, carteiras falsas", acrescenta o empresário. Ele informa que o exibidor brasileiro é obrigado por lei a veicular filmes nacionais que, com exceção de alguns, não conseguem atrair público. O cinéfilo aponta, ainda, custos como o de energia elétrica, que subiram 50% acima do preço dos ingressos de cinema nos últimos anos. A média de preço do ingresso de cinema em Belém é de R\$ 6,70. Os cinemas 1, 2 e 3 contam com quase 700 lugares ao todo. Marco Antônio diz que as duas salas vinham operando com prejuízo e, antes que a situação se agravasse, a direção resolveu alugar-las para o Moviecom. O empresário enfatiza que os efeitos da crise no cinema são sentidos não apenas em Belém, mas em vários pontos do Brasil e também no exterior. "Em Portugal e em outros países, a crise é a mesma. No Brasil, temos vários amigos que, ao invés de procurar uma parceria como estamos fazendo,



Para Marco Antônio Moreira, a pirataria é o principal motivo do declínio dos cinemas

simplesmente fecham as salas. Pelo menos aqui elas vão continuar em funcionamento", ressalta. Marco observa que, embora alguns lançamentos tenham cerca de 300 cópias distribuídas por todo o País, há filmes com apenas 40 cópias, que são destinadas às principais praças do Brasil

para só depois seguirem para outras cidades. Ele também ressalta que as salas de cinema não devem sofrer modificação em sua estrutura física. "Até agora não nos foi passado nada. Talvez eles façam pequenas alterações para que as salas se adequem ao padrão do Moviecom mas, no

geral, vai continuar tudo como sempre foi", garante Moreira. Essa não é a primeira experiência de perda de salas do Cinearte. Em novembro de 2004, o grupo fechou os cinemas Docca 1 e 2 no Docca Boulevard e, mais recentemente, o Cines Castanheira 1 e 2.



O cinema Olympia, que foi fechado, assumido pela Prefeitura, mas ainda não reabriu

Cinéfilos lamentam a mudança

Os cinéfilos de plantão e as pessoas ligadas à produção do audiovisual em Belém lamentaram a transferência da administração dos cinemas para o Moviecom, principalmente porque se trata das últimas salas de exibição em Belém ainda em poder de paraenses. O presidente da Associação Brasileira de Documentaristas e Curta-Metragistas (ABDEC), Januário Guedes, recebeu a informação por meio da reportagem de O LIBERAL e se disse preocupado com a possível perda da importância do cinema enquanto arte, já que, no geral, as grandes redes de exibição estão mais preocupadas com o cinema comercial. "Cada vez mais as nossas salas estão concentradas nas mãos de empresas que encaram o cinema muito mais como um negócio do que como uma paixão, como uma atividade que dá prazer", aponta. Guedes também se solidari-

izou com a família Moreira, que durante anos esteve à frente das salas. "Conheço o Alexandrino e o Marco há muito tempo. Sei que deve estar sendo muito sofrido para eles também. É uma pena", arremata. O cineasta Afonso Galindo acredita que a produção local também perde um importante espaço de divulgação. "Não é o cinema paraense ou carioca ou paulista que perde. É o cinema brasileiro como um todo. Nós costumávamos fazer parcerias para a exibição de produções locais, nacionais. É de agora em diante, como é que vai ficar?", questiona o cinéfilo. "Acho que esse episódio precisa servir como um alerta tanto para as autoridades do País, para que criem políticas de incentivo, como para o próprio público, para que valorize mais as poucas salas independentes que ainda existem", aconselha.

Já o arquiteto Hermógenes Moussallem Vasconcelos, de 25 anos, que criou e mantém no Orkut uma comunidade em homenagem ao Grupo Cinearte, assistiu pela primeira vez a um filme em tela grande no cinema 1. "Quantos filmes dos Trapalhões não assisti naqueles cinemas", lembra o arquiteto, que passa a se sentir um pouco orfão com a transferência de administração das salas para o Moviecom. "Sempre admirei a postura da família Moreira, que cultivou o amor pelo cinema de todas as formas. Gostaria muito que, mesmo com essa mudança, eles continuassem a dirigir as salas. Só assim o conceito de paixão pela sétima arte continuaria vivo nas salas", avalia. "Não tenho nada contra o Moviecom, até gosto, mas é que eu realmente tenho um vínculo afetivo muito forte com esses cinemas. Pra mim é muito triste", finaliza.

Figura 60 - Coluna Panorama.

■ **Aniversário e mudança** Hoje os cinemas 1 e 2 completam 28 anos. Neste dia, em 1978, o Cinema 1 exibia "Chuvas de Verão" de Carlos (Cacá) Diegues, com a presença do diretor e do roteirista Leopoldo Serran; e o Cinema 2, o clássico "Dersu Uzala", de Akira Kurosawa. Durante todo esse tempo o amigo e colega da crítica local Alexandrino Moreira lutou para manter as suas salas, depois de 1987 aliadas ao Cinema 3 e, mais tarde, aos Castanheiras 1 e 2, dos Docas 1 e 2. Este aniversário marca a saída de Alexandrino do ramo de exibição cinematográfica. Entusiasmado com o cineclubismo dos anos 70 e sempre amante de cinema, desde quando era projetorista na única sala exibidora de sua terra natal (Itaúna, MG), procurou manter-se em um ramo comercialmente instável. Hoje acha que não há mais campo para continuar. Muitos impostos, ingressos de favor, pirataria de vídeo, falta de filmes para praças menores (as distribuidoras preferem sempre os grandes circuitos), tudo leva à desistência. Não é hora de se alongar sobre o assunto, mas de qualquer forma, parabênizo Alexandrino (hoje assessorado pelo filho Marco Antônio) por um aniversário de ideal. Só muito amor mantém uma paixão por 28 anos.

Figura 61 - Coluna Panorama.

Sem ser sobre lançamento na programação, o registro agora é sobre ausência dela em tradicionais cinemas de Belém: hoje é o primeiro dia em que os cinemas 1, 2 e 3 passam a ser regidos pelo circuito Moviecom, originário de São Paulo e já com sete salas no shopping Castanheira e mais cinco a serem inauguradas no shopping Iguatemi de Belém no próximo ano.

Alexandrino e Marco Antônio Moreira alugaram os cinemas premidos pela dificuldade que hoje enfrenta um exibidor regional para manter um negócio não só globalizado como cada vez mais difícil por conta de vários tipos de empecilhos.

O contrato com o Moviecom é, inicialmente, de um ano. Espera-se que as salas não sejam apenas veículos de *blockbusters* e de vez em quando abram espaço para um filme mais denso.

Registro, e com pesar, que também a Cinema 4, locadora de vídeo anexa ao Cinema 3, encerrou as suas atividades e está vendendo o seu acervo. O problema do comércio cinematográfico não se restringe à tela grande. Também a pequena sofre com a pirataria e com a tecnologia que hoje leva o cinema para casa sem que se pague (ou pague pouco) por isso. Da internet aos DVDs vendidos por camelôs, tudo é forma de se tirar fregueses das salas exibidoras e das lojas específicas de *home theatre*.

Figura 62 - Coluna Panorama.

■ **PANORAMA**
LUZIA MIRANDA ÁLVARES
 luzia@ufpa.br

A síndrome do curupira

Pedro Veriano conta, a seu modo, a passagem dos cinemas 1, 2 e 3 para a direção do circuito Moviecom. Ele e eu acompanhamos a trajetória dessas salas desde a fonte de inspiração às sessões do Cine Clube APCC. Na verdade, para mim, este é um momento mais sentido que o fechamento do Olympia. Que me desculpem os que comigo têm se batido para que o velho cinema reabra. É que o afetivo extrapola a simples memória de um tempo. (LMA)

"Já faz tempo que o Nicolas Alexandrovich (como eu chamo o amigo Alexandrino Moreira) disse-me que ia deixar o mercado cinematográfico. Eu saía do escritório dos cinemas 1, 2, 3 sentindo que por ali chegara a Síndrome do Curupira. Sabem qual é? O jeito de andar para trás. O Curupira, personagem das lendas amazônicas, tem os pés virados e anda em ré com desenvoltura. Belém "do já teve" sofre de um curupirismo endêmico. Mas os cinemas da Tv. S. Pedro, nascidos do amor cineclubino, filhos de cinéfilos, pensavam (ou só eu que pensava) ter imunidade a isso. E como adquiriram esta imunidade? Bem, logo que ficaram maduros sentiram-se gêmeos desprotegidos. Os bombeiros, no dia da inauguração, bateram as mangueiras dizendo que as portas laterais deviam abrir para a frente e não para trás como estavam construídas. Seria assim ou morreriam no parto. A gente pensava: cadê as portas laterais do Cine Moderno (aquele do Largo de Nazaré, onde hoje é o parque de diversões)? E de tantos e tantos outros que ainda hoje estão por aí, alguns não escondendo a avançada idade, outros dizendo-se modernos mas sem ligar para o fato de que se sustentam em paredes grossas com pequenos espaços nas extremidades para os espectadores se amassarem em caso de incêndio?

Os carpinteiros deram plantão e numa tarde as portas das duas salas viraram do avesso. Não sei se aquilo era um vaticínio ou uma metáfora. Sei que o ideal de passar filme de arte (?) logo foi enterrado, como se representasse a placenta dos guris. Claro que naquele tempo não se sabia das benesses de células-tronco e para sobreviver o jeito era chorar conforme o beliscão (podia dizer cantar conforme a música, mas... que música?).

Alexandrovich tem uma pena de queixas nas suas memórias. Mesmo assim, no tempo do cruzado, pariu o Cinema 3. Lembrou do conselho que eu e ele recebemos de um programador da Poli-filmes (SP), quando a idéia era

de fazer uma sala de projeção: "Façam duas. Vocês vão ter aí em Belém um concorrente forte pela frente". Ora, se com dois já dava para enfrentar o gigante Ribeiro, um circuito nacional, com três seria ainda melhor. Aquela fê na lei da oferta e da procura.

O mal do Curupira ficou latente quando as distribuidoras começaram a adotar um sistema aparentemente democrático de locação, cedendo cópias de suas "fitas" mais rentáveis a quem lhe desse datas para lançamento. Chegaram os cinemas Castanheira 1 e 2 e Doca 1 e 2. De repente a empresa Cinema de Arte do Pará Ltda era mãe do maior número de filhos na comunidade. O bastante, na teoria, para merecer respeito.

Infelizmente, o que se viu foi o recrudescimento de um mal abrangente. A tecnologia passou a levar o cinema para dentro da casa do freguês como se a montanha chegasse a Maomé. Eu vibrei quando comprei o meu primeiro vídeo-cassete. Antes, passava em casa filmes na bitola 16mm carregando maletas pesadas. Depois cheguei a experimentar o 35mm e com eles quebrei molas de carro. Agora metia um "...E o Vento Levou" no bolso. Somando vantagem, gravava o que me apetecia de filmes exibidos pelos canais de TV. Quando surgiram os canais pagos, a festa foi ainda maior. E com o DVD, a folia. Só não entrei (ainda) na paciente jogada de "baixar" filme pela internet, gravando coisas impensadas pelo mais otimista dos cine-malucos. Só por falta de paciência em esperar a conexão.

Com essas conquistas técnicas, o corpo fechado dos meninos da S. Pedro foi de vez contaminado pelo curupirismo. Agravando a doença, os ingressos de bandeja aos jovens de mais de 60, aos cartelistas de não sei de onde, aos fiscais de música que cobram direitos autorais do que não se toca nos intervalos e dos compositores já pagos pela produção dos filmes e, ainda, a cascata de impostos fazendo a vez de veneno lento.

Chegou o ponto em que ou os pais entregavam os pimpolhos para um internato ou arranjavam um atestado de óbito para eles. Vingou a primeira opção. Hoje, os 1, 2, e 3 estão aos cuidados do circuito Moviecom. Quando eu soube dessa adoção, respirei aliviado. Lamento que meus amigos (Alexandrovich e Marco Kubrick) acordem de um sonho, mesmo com a possibilidade de Freddy Krueger aparecer no meio. Mas o pior é o pesadelo de ver um pedaço de memória, um exemplo de ideal, virar depósito, igreja, ou estacionamento.

O filme que eu vi esta se-

A.G.M., satisfeito com as manifestações públicas a respeito do Circuito Cinearte, percebeu que o trabalho realizado, no decorrer de tantos anos, fora reconhecido. A lembrança de toda a trajetória no ramo de exibição cinematográfica foi muito presente naquele momento, mas permaneceu a certeza de que o melhor foi realizado, apesar das circunstâncias desfavoráveis.

No aprendizado de vida, Alexandrino Gonçalves Moreira entendeu a urgência da tomada de decisões futuras sobre a empresa constituída. Com o fechamento dos Cinemas 1, 2 e 3, houve um acordo de administração das salas com o grupo *Moviecom*, no sentido de otimizar a utilização dos cinemas. O grupo de cinemas *Moviecom*, em atividade no *Shopping Castanheira* e com projeto de construção de salas de exibição no *Shopping* – à época Iguatemi - incorporou as salas, a partir de então, chamadas de *Moviecom São Pedro*¹²².

Para aqueles que acompanharam diretamente o trabalho realizado pelas empresas de A.G.M., o prolongamento temporário destas importantes salas de exibição foi bem recebido; foi estratégia de adaptação às mudanças, irreversíveis ao local que, durante vários anos, serviu de referência aos assíduos frequentadores. Com o grupo *Moviecom*, os Cinemas 1, 2 e 3 (renomeados como *Moviecom São Pedro 1, 2 e 3*) apresentaram outras opções. A intenção comercial do novo grupo administrador instalou-se de maneira oposta ao que se habituou a assistir naquelas salas. Como Circuito Cinearte, elas agregavam espaços, também, para exibições de filmes com conceito além da diversão.

Com nova gestão, o comprometimento da administração anterior não teve continuidade, mas era necessário que houvesse prosseguimento e envolvimento daquilo que A.G.M., seus parceiros, cineclubistas e críticos de cinema disseminaram como agentes culturais.

¹²² *Moviecom* Cinemas manteve a administração destas salas entre 2006 e 2008. Em 2008, inaugurou o *Moviecom* Belém com 5 salas, encerrando o funcionamento do *Moviecom* São Pedro.

TAKE QUATRO:

“SE MUITO VALE O JÁ FEITO, MAIS VALE O QUE SERÁ”*

O que foi feito, amigo,
 de tudo que a gente sonhou.
 O que foi feito da vida,
 o que foi feito do amor.
 Quisera encontrar aquele
 verso menino que escrevi
 há tantos anos atrás.
 Falo assim sem saudade.
 Falo assim por saber.
 Se muito vale o já feito,
 mais vale o que será,
 mais vale o que
 será. E o que foi feito
 é preciso
 conhecer para melhor prosseguir.
 Falo assim sem tristeza.
 Falo por acreditar.
 Que é cobrando o que fomos
 que nós iremos crescer,
 nós iremos crescer.
 Outros outubros virão.
 Outras manhãs, plenas de
 sol e de luz
 (Milton Nascimento e Fernando Brant)*.

O fechamento dos Cinemas 1, 2 e 3, Cines Castanheira 1 e 2 e Cines Doca 1 e 2 reiterou demandas do cenário de exibição cinematográfica local, com relação ao ideal do cinema de arte que, semeado por tantos anos, deveria ser mantido, ampliado, a partir do legado do Circuito Cinearte. Conceitos de cinema de arte, cinefilia, jornalismo cultural e exibição cinematográfica, entre outros, estavam em foco, exigindo posicionamentos daqueles que se apresentavam como participantes do circuito local de cinema.

Em 2006, a capital paraense tinha, em funcionamento, Cinema Olympia, Cine-Teatro Maria Sylvia Nunes (conhecido como Cine Estação) e Cine Líbero Luxardo, salas de cinema com programação alternativa, ou seja, com exibição de filmes conforme expectativa de diversidade de temas, nacionalidades e propostas estéticas. As três salas são administradas pelo poder público cuja função é oferecer acesso a filmes de qualidade e ingressos com

* Frase da canção O que foi feito Devera de Milton Nascimento e Fernando Brant, 1978.

* Letra da canção O que foi feito Devera de Milton Nascimento e Fernando Brant, do disco Clube de Esquina 2, lançado em 1978.

preços acessíveis ou franqueados. Mas, em tempos de cinema comercial-digital, pirataria, *downloads*, supremacia dos cinemas *Multiplex* e redução de espaços na mídia na formação de senso crítico, esta ação não é satisfatória. O crítico de cinema Augusto Pacheco tece considerações sobre o assunto.

A acessibilidade aos produtos da tecnologia digital não caminhou proporcionalmente à qualidade educacional de uma sociedade periférica. As poucas cópias de filmes que circulavam na época do fechamento do Circuito Cinearte já anunciavam o período de transição vivido hoje e a falta de estímulo governamental (ausência de medidas que pudessem dar continuidade aos empreendedores particulares do setor) foi o tiro de misericórdia na cultural nacional. O legado do Circuito Cinearte é o de exhibir filmes que reeducaram a forma de olhar, independente das dificuldades e o circuito alternativo deve necessariamente ser direcionado para a formação e manutenção de plateias mais escassas, dada a distração proporcionada pelas novas tecnologias e a confusão nada proporcional e propositada que se instala com a dispersão de novas imagens (José Augusto Pacheco)¹.

As afirmações de Augusto Pacheco provocam reflexões. As novas tecnologias e as análises estéticas devem ser usadas para reelaborar conceitos de cinefilia. O processo de formação de plateia exige ações além da projeção de filmes, como comprovado nas ações do cineclube da APCC². Os cinemas alternativos, conectados com conceitos de cultura e educação, devem revigorar o ideal do cinema como arte. Mas é necessário perceber consequências do viés comercial exibidor evidenciado neste novo século.

A instalação de diversas configurações no mercado cinematográfico reduziu a importância do exibidor independente, ou seja, aquele que não está vinculado com redes de cinema e, por isso, tinha autonomia na elaboração de sua programação. O fechamento de cinemas de rua, localizados em bairros da capital e em cidades do interior, resultou em sério impacto, pois eram referências para cidadãos que, muitas vezes, não tinham acesso à cultura e ao entretenimento. O jornalista e cientista político José Carneiro³ tratou do assunto em artigo publicado em 2008.

¹ José Augusto Pacheco, 45 anos, jornalista, crítico de cinema, programador do Cine Estação e Cine Líbero. Entrevista realizada em setembro de 2014.

² Desde 2008, a APCC (Associação Paraense dos Críticos de Cinema) é chamada de ACCPA (Associação de Críticos de Cinema do Pará).

³ José Carneiro, cientista político, jornalista e professor.

Figura 63 - Crise atingiu primeiro os cinemas de bairro.



Fonte: O Liberal, 13/04/2008. Acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Figura 64 - Cine Palácio foi o maior e mais luxuoso de Belém.

Cine Palácio foi o maior e mais luxuoso de Belém

O Cine Palácio encabeça esta lista, que não é pequena e pode, eventualmente, conter alguma lacuna, facilmente corrigível com a ajuda dos leitores. O Cine Palácio, que hoje é um templo religioso (mesmo destino de boa parte das grandes salas exibidoras do Brasil), inaugurado em 1959 foi o maior e mais luxuoso cinema de Belém.

Os cines Moderno e Independência foram propriedades de uma empresa que também distribuía filmes, a Cardoso & Lopes, e durante muitos anos atendeu aos cinemas do interior. Ainda em Nazaré, o Cine Poeira antecedeu o Cine Nazaré, no mesmo lugar.

Na Cidade Velha havia o Guarani e o Universal, no Reduto o Íris, na Praça Brasil primeiro surgiu o São João e depois o Cine Art. No bairro da Pedreira existiram o Paraíso e o Rex, depois transformado no Vitória. Na Sacramento, o Brasilândia funcionou por poucos anos apenas.

Alguém lembra do Cine Marambaia? Funcionou por algum tempo na avenida Dalva, de forma precária, fruto do interesse pessoal de seu proprietário, um funcionário dos Correios.

Na Base Naval havia o Cine Guajará, que por um período foi aberto ao público, com programação alternativa organizada pelo dr. Pedro Veriano e na Base Aérea o Cine Catalina, administrado pela própria Aeronáutica. Icoaraci chegou a dispor de dois cinemas, o Cine Ipiranga e o Cine Jóia. O distrito de Mosqueiro também teve experiência com a exibição de iniciativa do sr. Odilardo Mescouto, e por fim sob a responsabilidade de Pedro Veriano, que relata em seu livro o sacrifício que

enfrentou para manter precariamente a sala exibidora.

Ainda em Belém, há registros do Cine Aldeia do Rádio, no Jurunas, que exibia filmes apenas uma vez por semana e na bitola de 16 milímetros, que era uma alternativa relativamente barata, em relação às películas de 36 mm; do Cine Tamoios, no bairro de Batista Campos; do Cine Rian, em Canudos; do Cine Guajará, na Duque, e do Paramazon, na Travessa Piedade, que também só exibia películas em 16 mm. E cujo prédio

ainda existe por lá.

Esses nomes são símbolos que representam os vestígios de uma atividade que teve seu esplendor e que desapareceu, ou se transformou. Mais surpresas a exibição cinematográfica ainda nos reserva para um futuro próximo. Ou, simplesmente, para a memória.

■ O autor é cientista político, jornalista e professor aposentado da UFPa, e agora passa a publicar esta seção aos domingos.



O Moderno marcou época, mas hoje existe apenas na memória dos mais velhos

Fonte: O Liberal, 13/04/2008. Acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

O perfil da maioria dos proprietários dessas salas era de empresários que, motivados pelo entusiasmo pelo cinema, vislumbraram possibilidades de bons negócios. Mas sua sobrevivência financeira foi restringida. A partir dos anos 1980, o crescimento desordenado das cidades e a complexidade de questões sociais resultaram em violência e menos segurança urbana. Fatos que contribuíram para o afastamento de público dos cinemas de rua. Tal público recorreu à comodidade de assistir a filmes em *home vídeo*, no conforto de suas casas. Além disso, a especulação imobiliária causou interesse em antigas salas de cinema localizadas em grandes centros que, em sua maioria, foram vendidas para igrejas, supermercados, entre outros empreendimentos. Nos anos 1990 e 2000, a inauguração de cinemas em *shoppings centers* atraiu o espectador moderno que, com acesso à tecnologia, necessitava de serviços e alternativas que o levassem às salas de exibição, apesar das alternativas das outras mídias.

Mesmo com dificuldades e menos condições de espaço no mercado de exibição, a frequência dos espectadores nos cinemas de rua trazia uma socialização que se modificou com mecanismos de consumo estimulados nas lojas de *shoppings centers*. As salas de exibição tornaram-se, muitas vezes, aos olhos do espectador-consumidor, lojas de consumo onde o produto a ser comercializado tem características comerciais que resultem em altos faturamentos. Desse modo, com exceções, mudou-se a relação do cinema com o espectador, criando poucas chances para exibição de filmes que diferissem da tendência comercial. Esse procedimento indica a necessidade de reconstrução de ações daqueles cinemas e cineclubes, com administração pública ou privada, para incentivar olhares mais atentos sobre o cinema.

A.G.M. desenvolveu atividades relacionadas ao cinema de arte com poucas similaridades em todo o país. Tal caminho foi desenvolvido através de convergência involuntária de interesses que reuniram exposições, cineclubes, críticos, público, imprensa e, posteriormente, gerou construção de um circuito de cinemas.

O Circuito Cinearte foi importante por ter oportunizado a exibição de filmes de arte, apesar das dificuldades e riscos de trazer filmes duvidosos para uma boa bilheteria. Um trabalho de formação de plateia, essencial para a época. Imagina que, atualmente, as salas de cinema alternativo de Belém passam dificuldades para trazer o público para suas salas, daí é possível perceber o grande risco da época, de se trazer filmes que não entusiasmavam o grande público, filmes de inegável importância para a história cinematográfica. Estou falando de salas de cinema que precisavam de bilheteria, não só para continuar convencendo as distribuidoras que tais filmes tinham que “sambor” em Belém, como também, para a sobrevivência da sala, que não podia se manter com uma bilheteria inexpressiva. Foi um trabalho de formiguinha, mas que, com certeza, foi fundamental para formação de muitos cinéfilos e afins, na cidade (Patrícia Lima)⁴.

As afirmações de Patrícia Lima evidenciam o cenário de formação de cinéfilos, via Circuito Cinearte. Em sondagem baseada na frequência do público nas salas de exibição, nos últimos anos, o cinema é considerado, por parte do público, como programa de entretenimento. Mas a cinefilia, num processo educacional evolutivo, deve estimular a busca contínua de conhecimento para compreender a complexidade da sétima arte e criar outros públicos. Os mecanismos de produção, distribuição e exibição de um filme, entre outros, devem ser percebidos como produto da indústria cinematográfica que, apesar de inúmeros ganhos, eventualmente limita a visão de artistas e público, no fazer e assistir a filmes. Os cineclubes fizeram diferença, ampliaram olhares, descortinaram janelas para a

⁴ Patrícia Lima, 34 anos, publicitária, gerente do Cine Líbero Luxardo (2010-2014). Entrevista realizada em junho de 2014.

apreciação de películas. O crítico de cinema Hélio Nascimento, testemunha de ações cineclubistas, na região sul, relata fatos para inspiração de cinéfilos.

Nos anos 60 e 70, alguns clubes de cinema passaram por transformações e começaram a atuar no mercado, exibindo filmes selecionados com critérios ausentes na programação normal. Alguns militantes do cineclubismo são hoje diretores de empresas distribuidoras e exibidoras, algo que revela, de forma bem clara, a importância do movimento cineclubista naquela época. No período em questão, dominavam as produções mais voltadas para o mercado amplo, mas já havia a distribuidora Franco-Brasileira que, desde o início dos anos 50, importava e exibia filmes europeus, principalmente franceses. É importante mencionar que quase toda a *Nouvelle Vague* e também filmes de Alain Resnais⁵ e Louis Malle⁶ foram exibidos no Brasil, em cinemas comerciais. Em alguns casos, importantes filmes europeus aqui chegavam por intermédio de empresas norte-americanas. O mercado podia ser dominado por produções de Hollywood, mas já havia espaço para produções de outras procedências. O cineclubismo foi algo muito importante e, até hoje, há muitos deles em cidades do interior (Hélio Nascimento)⁷.

O cineclubismo, como veículo do cinema de arte, estimulou discussão e despertou curiosidades nos frequentadores, formando plateia com filmes que exigiam mais do espectador. O cineclube, segundo Hélio Nascimento, “exerceu, de certa forma, o mesmo papel dos museus, dos teatros, das bibliotecas e das salas de concerto⁸”. Na re-elaboração de cinefilia com configurações atuais de produção e exibição de filmes, é necessária a permanência deste estímulo. No início da história do cinema, filmes eram vistos como entretenimento, mas percebeu-se que esta produção artística vai além. O cineclubismo e o cinema de arte surgiram a partir de mudanças de atitudes e é urgente restaurar tal prática, como afirma o cineasta Carlos Diegues.

O consumo de filmes hoje é um vício solitário. Não vamos mais ao cinema a nos misturar com a multidão de espectadores, nem frequentamos mais cineclubes onde podemos discutir coletivamente os filmes que vemos, aperfeiçoando nosso gosto cinematográfico, dividindo-o com os outros. O cinema nasceu para ser visto coletivamente, num botequim (os Lumière, na França) e num parque de diversões (Edson, nos Estados Unidos). O cineclube pode ter o papel de recuperar essa dimensão aos cinéfilos (Carlos Diegues)⁹

Por isso, conhecer a história do cineclubismo, da exibição de filmes de arte, em atividade privada, especialmente em Belém, é necessário para, além do reconhecimento pelo trabalho realizado por Alexandrino Gonçalves Moreira, estimular o surgimento de novos agentes culturais. Como em outros períodos, quando a cinefilia foi impulsionada, agora é

⁵ Alain Resnais (1922-2014), cineasta francês, aclamado pela crítica mundial por obras-primas como *Hiroshima Meu Amor* (1959) e *Ano Passado em Marienbad* (1961).

⁶ Louis Malle (1932-1995), cineasta francês, autor de filmes elogiados pela crítica como *Os Amantes* (1958) e *O Sopro no Coração* (1971).

⁷ Entrevista realizada em março de 2015.

⁸ Entrevista realizada em março de 2015.

⁹ Entrevista realizada em abril de 2015.

fundamental a existência de ações que ampliem a cultura cinematográfica. Em Belém, apesar da preocupação com o futuro do cinema, esse clima de cinefilia exaltada foi registrado por Pedro Veriano, num breve histórico sobre cineclubes.

Figura 65: O Tempo do Cineclube.

O Tempo do Cineclube

Pedro Veriano

Cineclube, está no "Aurélio", é a entidade onde se congregam amantes de cinema, para estudar a técnica e a história do cinema.

Belém teve pelo menos 4 cineclubes: "Os Espectadores", criado e dirigido por Orlando Costa, em 1955, "Os Neófitos", de Maiolino Miranda e Ildefonso Guimarães, em 1963, o "Casa da Juventude", em 1957, e o da APCC (Cine Clube da Associação Paraense de Críticos Cinematográficos), criado em novembro de 1967 e desmobilizado em julho de 1986.

A lição de "Os Espectadores" foi muito expressiva. Com dificuldades técnicas, funcionava no antigo auditório da Sociedade Artística Internacional (SAI), onde hoje é a sede da Academia Paraense de Letras, com um projetor de 16mm e convidados especiais para as apresentações dos diversos filmes. Vivia das mensalidades dos sócios. Era divulgado pelos colonistas de cinema, em especial, pelo grupo ARTS (Acyr Castro, Rafael Costa, Amílcar Tupiassá e Manoel Wilson Penna), que escrevia no vespertino "A Vanguarda". Orlando Teixeira da Costa alugava os filmes de distribuidoras como a Art Filmes, e da Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

"Os Neófitos" teve vida curta. Não lembro de uma só sessão de cinema e sim de reuniões para debates de filmes. A mais importante teve como referência o musical "Amor, Sublime Amor" (West Side Story).

Belém viu pela primeira vez "Morangos Silvestres" de Ingmar Bergman, no salão de festas da AABB, em cópia surrada de 16mm. Foram tantos os espectadores que su, operador, ou projectionista, fui obrigado a fazer uma sessão extra.

Na abertura do programa "cinema de arte", no Olimpia, os 680 lugares foram logo tomados por uma multidão que "feriu" o sábado. Tinha gente sentada no chão.

Hoje, o chamado "filme de arte" tem um público muito limitado. Houve um hiato entre a atuação do cineclube e os dias atuais. Neste pequeno espaço de tempo, abriu-se uma nova caixa de Pandora. O germe foi o do comodismo, da falta de curiosidade. E mudou bem no caldo de cultura de tv. Um quadro crônico que pode mudar, desde que haja vontade. Mesmo porque, os recursos de hoje existem para ver cinema são muito maiores. É preciso, primeiro, que cinema volte a ser "in". Na cabeça, é claro, de quem vive a moda - ou da moda.

O "Cine Clube da APCC", surgiu de uma necessidade dos próprios críticos de cinema. Na época, a Universidade Federal do Pará desenvolvia um projeto chamado Centro de Estudos Cinematográficos, dirigido por Benedito Nunes e Orlando Costa. Era ligado à Escola de Teatro, surgida no tempo em que o reitor era o prof. José da Silveira Neto. As atividades do centro não eram regulares, sendo a mais importante um festival de filmes japoneses, exibido no auditório da então Faculdade de Odontologia, na Praça Batista Campos.

Por causa do Centro de Estudos Cinematográficos, o prédio que a Escola de Teatro possuía, na Trav. Quintino Bocaiuva, tinha em sua sala de ensaios, uma tela de cinema (o nome do espaço: Cine Teatro Martins Penna). No local foi exibido um programa de filmes poloneses, raridade para os espectadores da Belém dos anos 60. Mas, uma experiência sem continuidade. O espaço estava ali, pedindo mais sessões semelhantes. E os críticos meteram o bedelho. Começaram a passar filmes no "Martins Penna", alguns inéditos nos cinemas da cidade, como "Nasce uma Mulher" (Rapture), de John Guillermin, sem que a seleção obedecesse a um caráter "didático" ou se restringisse a clássicos do cinema. Era o meu modo, como crítico, já então, de ver a coisa: não se aprende cinema só ob-

servando o que é consagrado. Há de se manter um sentido crítico, de se ver o que possa levar às saudáveis discussões. Um pensamento que não "casou" com o do diretor da escola, na época. E veio a reação: um cineclube, uma entidade independente. Com uma vantagem sobre as anteriores: a veiculação dos programas nas colunas diárias dos jornais. Elas já existiam, ou pelo menos, a que eu ainda assinava em A Província do Pará.

No dia 1º de novembro de 1967, o Cine Clube da APCC saiu da casa. E logo estava fazendo sessões aos sábados, no Martins Penna, e mais tarde no auditório vizinho do Sesi e na sede social da AABB, na Av. Governador José Malcher.

Minha experiência com o cinema de casa, o "Bandeirante", foi capital. O Cine Clube contava com 2 projetores de 16mm, dando uma estrutura inédita em experiências do ramo. E as mensalidades, ou a ideia de sócios, cedo, foi abolida. Passou-se a cobrar ingressos na porta, como um cinema comum. Só que muito mais barato.

UM CIRCUITO DE "ARTE"

Em 1969 o Cine Clube já tinha mais campo de ação, chegando, em 16mm, ao auditório de Odontologia, aliando-se ao Centro de Estudos Cinematográficos da UFPA, sem deixar a sede da AABB. Neste período, o prédio da Escola de Teatro pegou fogo. Cheguei a perder uma lente grande-angular, de minha propriedade, usada no "Bandeirante".

Os filmes em 16mm chegavam das fontes que serviam a "Os Espectadores" (Cinemateca do MAM e também Cinemateca Brasileira, distribuidoras comerciais diversas) e ainda de embaixadas, através de entidades culturais, como a Aliança Francesa, Instituto Goethe (ainda não existia a Casa de Estudos Germânicos da UFPA) e USIS (United States Information Service).

Um dia, soube-se que o Grémio Literário Português, com sede, ainda hoje, na Rua Manoel Barata, tinha um projetor portátil de 35mm (bitola profissional de filme), doado pelo governo português (ainda Salazar), capaz de funcionar com lâmpada e exibir 3 partes duplas de um filme sem intervalos. Foi o começo de uma fase. O Cine Clube contactou as distribuidoras e passou a exibir, também, filmes em 35mm. Como na época a diversidade de programa era muito difícil em Belém, os títulos inéditos multiplicavam-se e os contratos de exibição consentiam um percentual sobre a renda obtida na porta, como um cinema comum. Na verdade, as distribuidoras atendiam à crítica, que, de certo modo, veiculava seus produtos (os lançamentos ambiciosos no circuito comercial).

Estabilizado com sessões semanais no Grémio Português, o Cine Clube foi convidado pela direção da Base Naval de Val-de-Cans para exibir filmes, também, no Cine Guajará, pertencente à Base e em princípio dedicado ao pessoal da Marinha. O atendimento ao pedido gerou o primeiro "cinema de arte" de Belém, com sessões diárias. Era muito curioso o fato de existir uma rígida censura na época, de haver um clima de instabilidade no setor cultural dentro do governo militar, e de, apesar de tudo isso, um cinema de base militar atender aos intelectuais, a maioria de esquerda, exibindo filmes até certo ponto "ousados" no entender do regime. O desafio provou que nem tudo era regido pela intolerância, que havia um reconhecimento do valor cultural do cinema, como chegou a dizer um comandante, homenageado pelo Cine Clube. Mas isto é outra história.

Nos 70, o quadro era otimista: Cinema de Arte (sessão especial) aos sábados pela manhã no Olimpia (depois às 6ª às 22:30 horas, no Falcão), cinema diário, às 20:30, no Guajará, sessões aos sábados e domingos no

Grémio Português, e ainda sessões avulsas em 16mm no auditório de Odontologia. Além disso, cursos periódicos de cinema, seminários, apresentações de filmes, debates, correspondência com outros cineclubes e cinematecas, e até produção de filmes, como o desenho animado "Mansolfa", em 35mm, de Sandra Coelho de Sousa e Maria Sylvia Nunes.

Para coroar o trabalho cineclubino, em 1978, um dos diretores do Cine Clube, Alexandrino Moreira, inaugurou os cinemas I e II, com o propósito que se fez presente no nome da firma criada: "Cinema de Arte do Pará".

Uma geração de cinefilos passou a existir. E a exigir cinema.

O ÚLTIMO ROUND

Em 1986, inaugurou-se o Centur. No conjunto, um cinema, planejado desde a planta do prédio pelos secretários de Cultura Olavo Lyra Maia, Acyr Castro e João de Jesus Paes Loureiro. Era como tirar o cinefilo do distante Guajará, perto do esportivo, e jogá-lo no centro da cidade. Um cinema com exibições regulares, sessões diversas, com uma programação selecionada.

O Cine Lbero Luxardo viveu até 1993. Chegou a prosseguir o programa cineclubino, lançando filmes que jamais chegariam a Belém. Mas acabou sucumbindo à burocracia de espaço de Estado. O Cine Clube, ou os cineclubes, nunca foram ligados a entidades estatais. O movimento sempre foi de iniciativa privada. Por e, talvez, tenha conseguido um invulgar prestígio no mercado cinematográfico de um modo geral, o bastante para que os distribuidores de filmes passassem a colocar o clube na sua agenda.

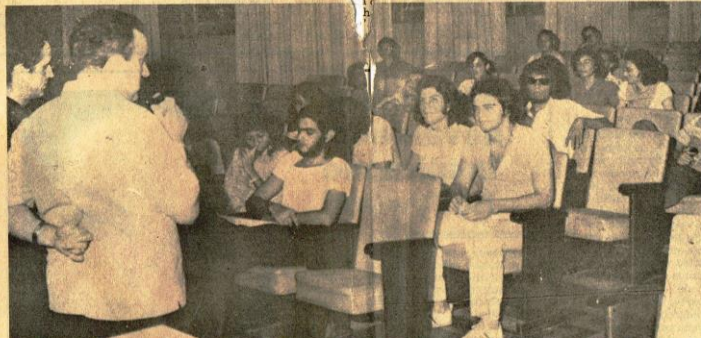
Hoje, os filhos do movimento, os cinemas surgidos nos anos 70 e 80, ainda mantêm a chama do velho ideal com sessões chamadas "de arte". Mas o quadro é muito diferente. Um novo público cresceu sem estímulo, um novo plano cultural surgiu alheio às velhas conquistas, e os velhos batalhadores exibiram, antes dos filmes, um certo cansaço. Eles, e eu, não tiveram o cuidado de formar seguidores. Não houve reconhecimento como não parece haver na crítica. Uma preocupação de Acyr Castro tem razão de ser. Parece que tudo vai ter que começar de novo. Mas eu acredito que o principal é amar o cinema. Enquanto existir amor pelo cinema, novos cineclubes podem aparecer. E não é preciso esperar bênçãos do Estado ou dinheiro do céu. Um projetor, um lençol estendido e muita coragem são tudo que se precisa para começar em cursos e seminários, a experiência passada pode ser uma base de novas conquistas.

Cinema só tem cem anos.

Se me perguntarem qual foi o grande momento do Cine Clube da APCC eu não hesito em responder: foi na noite em que se homenageou Charles Chaplin, a menos de uma semana de sua morte. Por coincidência, o Cine Clube tinha programado o documentário "Gentleman Tramp" (O Genial Vagabundo) antes do Natal de 77, quando o comediante-cineasta morreu, na Suíça. O distribuidor não teria cedido uma cópia em outra circunstância. Era um filme inédito, com um final emocionante: o velho artista passeando no Jardim de sua casa, com a mulher, Oona O'Neill Chaplin, e de uma feita acenando para a câmera. Na sessão de fim de ano no Grémio Literário Português aquele adouso era para nós, os fis, que não continham as lágrimas. O filme terminou, acenderam as luzes da sala, e todos que lotavam o espaço aplaudiram de pé.

Chaplin simboliza o cinema. Naquela noite, aplaudiu-se o cinema. Uma parte do cinema que desaparecia para dar lugar a outra, como um outro cômico sucederia a Calvero entre as "luzes da ribalta".

Impossível esquecer.



Atuação do Cine Clube APCC no auditório do Curso de Odontologia da UFPA (1975)



Bogart & Bergman em "Casablanca", momento romântico do cinema



Chaplin e Jackie Coogan em "The Kid" (O Garoto)



"O gabinete do dr. Caligari", o clássico expressionista exibido por dois cineclubes: "Os Espectadores" e APCC

O texto de Pedro Veriano, publicado em 1995, é atual. Um novo público surgiu sem estímulo adequado e planos culturais ficaram alheios às conquistas realizadas por personagens como A.G.M. Por isso, poder-se-á incentivar a cinefilia, em seus conceitos históricos e contemporâneos. Nogueira e Santos (2012) em *A Cinefilia no cinema contemporâneo* discorrem sobre cinefilia:

(...) A palavra ainda parece ser um mistério para muitas pessoas. Claramente vinculada ao cinema, expressa uma relação bastante particular entre o espectador e a arte que dominou o século XX. Cercada por eventos históricos e culturais, essa relação, porém, se modifica com o tempo, assim como o próprio cinema, de modo que não é injusto questionar-se sobre o que é um cinéfilo. O que foi o cinéfilo de décadas atrás? O que é o cinéfilo de hoje? E, não menos importante, como são vistos? (...) Na cultura cinéfila, é preciso que o cinema esteja além. De quê, pouco importa. Para compreender esse pensamento de adoração é necessário, antes de tudo, olhar para o histórico dessa cultura que ajudou não somente a restituir um cinema – o francês –, mas todo um modo de encarar a linguagem cinematográfica, linguagem esta que, no decorrer dos anos, se viu cercada pela modernidade (avanços de tecnologia, de forças de produção, além de todo um conjunto de valores e de relações intrapessoais que, atualmente, autores como Bauman¹⁰ sugerem ser repensado), levando o ser cinéfilo a um momento de crise. Um modo de, nas palavras de Ismail Xavier¹¹ (2007), “ver além” além do tempo na diegese (ficção), e vivenciar o tempo no processo de formação das imagens, convicção de estar no cerne de uma nova concepção do tempo, de constituir a modernidade e a sua captação do instante (NOGUEIRA e SANTOS, 2012).

Na cultura da cinefilia, o cinema está além de conceitos estabelecidos. O desafio daqueles que estão inseridos no cenário cinematográfico como agentes culturais, no século XXI, é apresentar o cinema como arte acessível para todos, não elitista, não segmentada, não restrita a nenhum tipo de público. Os cineclubes permanecem como territórios livres para a produção de conhecimento, independente de nível de escolaridade, por exemplo. A.G.M. assimilou a cultura cinematográfica, no seu tempo, também, no aprendizado de assistir a filmes. A partir dessa prática, curiosidade e leitura, adquiriu a capacidade de escrever e elaborar olhares críticos sobre a sétima arte.

Críticos de cinema, pesquisadores, público e programadores de cinemas alternativos e cineclubes locais devem refletir sobre seu papel de produtor de conhecimento, pois existem realizadores que utilizam cinema como meio de expressão na sua relação com o mundo, com estéticas e experiências que devem ser observadas pelos espectadores. Felizmente, o viés comercial da produção cinematográfica não é único.

¹⁰ Zygmunt Bauman, 90 anos, sociólogo, escritor e professor polonês.

¹¹ Ismail Xavier, 68 anos, escritor e professor de cinema brasileiro. Um dos mais importantes teóricos do cinema nacional, autor de importantes livros como *O Discurso Cinematográfico: a Opacidade e a Transparência* (1977).

O cinema atual tem cineastas que, influenciados ou não por movimentos cinematográficos, tendências e modas, vêm realizando obras de grande importância para o desenvolvimento do cinema. Tais filmes devem ser apresentados para projeção em escala mundial. Como afirma Carlos Diegues (entrevista, abr. 2015) “é preciso continuar a produzir os filmes de qualidade e praticar uma espécie de guerrilha para fazer com que eles sejam vistos no circuito de cinema”. Senão, como assistir obras significativas do cinema moderno como *A Árvore da Vida*¹² de Terrence Malick, *O Som ao Redor*¹³ de Kleber Mendonça, *Tio Boonmie que pode Recordar suas Vidas Passadas* de Apichatpong Weerasethakul¹⁴, *Transeunte*¹⁵ de Eryk Rocha, *Fausto*¹⁶ de Aleksandr Sokurov?

Infelizmente, na capital paraense o Circuito Cinearte foi última iniciativa empresarial¹⁷ que equilibrou necessidades comerciais com conceito de cinema de arte. A.G.M. tornou-se empresário do ramo cinematográfico, movido pela sua forte relação com cinema e, em seguida, considerou-o como negócio com obrigações de investimento e lucro. Na trajetória de exibidor, correu riscos ao exibir filmes que tinham poucas chances de bilheteria, mas representavam compromisso com a cultura cinematográfica. Entre inúmeros exemplos da programação realizada em 28 anos de atividades, as matinais de domingo são relevantes. Tais matinais estiveram presentes no Circuito Cinearte, entre 1978 e 1997, e raramente apresentaram renda e públicos suficientes para cobrir seus custos, mas cinéfilos tiveram a chance de assistir títulos importantes.

O cinema comercial tem visibilidades que evidenciam setores da produção cinematográfica, sob concepção mercantilista. Parte do público habituou-se a esse estilo padronizado, com experiências estéticas repetitivas e poucas ousadias temáticas. Essa relação do cinema com o público pode ser modificada, novamente.

Retomando a epígrafe deste *take*, “Se muito vale o já feito, mais vale o que será”, deve-se provocar a inquietação cinéfila, a busca de filmes distintos, além da magia fílmica que nos

¹² *A Árvore da Vida*, 2001. Direção: Terrence Malick. Melhor filme no Festival de Cannes 2011.

¹³ *O Som ao Redor*, 2012. Direção: Kleber Mendonça Filho. Prêmio de melhor filme na 36ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo (2012), Festival de Gramado (2012), Festival do Rio (2012) e Festival de Cinema da Polônia (2012).

¹⁴ *Tio Boonmie que pode Recordar suas Vidas Passadas*, 2010. Direção: Apichatpong Weerasethakul. Melhor filme no Festival de Cannes 2010.

¹⁵ *Transeunte*, 2010. Direção: Erik Rocha. Prêmio do público no 6º Festival de Cinema Latino-Americano de 2011,

¹⁶ *Fausto*, 2011. Direção: Aleksandr Sokurov. Prêmio de melhor filme no Festival de Veneza em 2011.

¹⁷ O grupo *Moviecom* Cinemas realizou em Belém e em outras cidades, entre 2008 e 2010, o projeto *Moviecom* Arte que promovia programação direcionada aos filmes de arte.

cativa. Assim ocorreu quando novos críticos franceses abriram espaços para interpretações outras sobre a obra de grandes diretores, como Alfred Hitchcock¹⁸ e Howard Hawks, vistos, antes, apenas como artistas de apelo comercial.

(...) Na França dos anos 1950, a leitura cinéfila chega à crítica em muito auxiliada pelo apadrinhamento de André Bazin, cinéfilo-crítico que levou os “jovens turcos”, como ficaram conhecidos Truffaut, Jean-Luc Godard, Jacques Rivette¹⁹, Claude Chabrol²⁰, entre outros, a escrever sobre cinema, tendo na revista *Cahiers du Cinéma*, da qual era editor, seu principal veículo. Escreveram sobre um cinema de pós-guerra e sobre obras que só chegaram à França após a Liberação. No prefácio de “Cinefilia”, Mateus Araújo Silva observa segundo apontado nos estudos de Baecque (2010, p. 29), que “aquela cinefilia foi, sobretudo, uma reação a um ambiente cultural muito hierárquico e estanque, em que a grande arte era invocada em contraposição às manifestações consideradas vulgares da indústria cultural”. Uma vida que se organiza em torno dos filmes, cinefilia é, para Baecque (2010, p. 33), “a maneira correta de considerar o cinema em seu contexto”, com todas as suas práticas visando dar profundidade à visão dos filmes, uma erudição (A Cinefilia no cinema contemporâneo: continuidades e rupturas. Lisandro Magalhães Nogueira. Fabrício Cordeiro dos Santos)

Segundo Antoine de Baecque “cinefilia é a maneira correta de considerar o cinema em seu contexto” (BAEQUE, 2010, p. 33). Nos anos 1950, A.G.M. assistia à programação do Cine Rex iniciando seu entendimento sobre a grandeza da sétima arte. Mais tarde, ao entender cineclubismo como escopo para vislumbrar outras concepções, tornou-se cinéfilo. Tais iniciativas o levaram a atuar como agente cultural, posteriormente, criando um circuito exibidor. A.G.M. colaborou para que a formação cinematográfica fosse aprofundada por meio do Circuito Cinearte.

O Circuito Cinearte nasceu das ações cineclubistas realizadas em Belém nos anos 70 (particularmente do cineclube da Associação de Críticos) e priorizou a exibição de filmes autorais com o apoio da crítica local, permitindo que o público paraense tivesse acesso a filmes que dificilmente chegariam à cidade no período de seu lançamento. A mudança significativa foi a manutenção de uma programação regular voltada para uma diversidade de produção de filmes de qualidade e o contato constante com a obras de grandes diretores. O trabalho das sessões e as colunas de crítica alimentaram o interesse do público em conhecer e debater a produção de cinema. Formou gerações com esse hábito pelo bom cinema. Tornou a cidade mais consistente culturalmente. O legado do Circuito Cinearte foi unir entretenimento à programação de filmes de qualidade. O Cinearte tornou isso possível durante muito tempo, mas esse legado não foi aproveitado pelas gerações que vieram depois. Elas não souberam

¹⁸ Alfred Hitchcock (1899-1980), produtor e diretor de cinema, realizador de filmes importantes da história do cinema como *Um Corpo que Cai* (1957).

¹⁹ Jacques Rivette, 87 anos, crítico de cinema e cineasta, um dos fundadores do movimento cinematográfico Nouvelle Vague.

²⁰ Claude Chabrol (1930-2010), produtor, diretor, ator e roteirista, um dos fundadores do movimento cinematográfico Nouvelle Vague.

fazer essa transformação para os novos tempos, não souberam adaptar (José Mariano Klautau Filho)²¹.

A formação de cinéfilos, a partir do Circuito Cinearte, durante 28 anos de suas atividades, deve ser identificada como ação cultural de incentivo à cinefilia, somada a outros exercícios da crítica, dos cineclubistas e do circuito alternativo de filmes. A legitimação do efeito coletivo destas experiências deve provocar continuidade, descobrindo-se desafios que emergem de tecnologias e hábitos que alteram a perspectiva da arte. Aqueles que estão envolvidos, direta ou indiretamente, com cinema devem observar a evolução da sétima arte como meio de entendimento do mundo, do ser humano, e não apenas como veículo mercantilista. É importante reconhecer esse desafio que se estabelece pelas configurações do mercado cinematográfico e saber que este é apenas o primeiro passo de longo caminho rumo à conscientização do cinema como área privilegiada de conhecimento.

As modernas formas de assistir a filmes criam possibilidades de recepção ampliadas sobre o cinema, mas cabe a cineastas, críticos, público e agentes culturais refletirem sobre significado do potencial artístico da sétima arte. Ou seja, é necessário desenvolver cinefilia que alcance e interfira no comportamento do espectador no ato de escolher-assistir a um filme. A tecnologia cria hábitos que dissipam conceitos e estabelecem conexão-dependência da influência da mídia, muitas vezes comprometida apenas com questões comerciais. Tal concepção indica o que deve ser visto, notadamente pela precariedade de jornalismo cultural formador de públicos com senso crítico abrangente. Neste panorama, os cinemas do circuito alternativo são imprescindíveis pela programação e ações incentivadoras de estudo sobre filmes. Assim como os cineclubes e o Circuito Cinearte representaram referência para gerações anteriores.

As salas alternativas, como opção de cultura cinematográfica, necessitam exibir filmes independentes (sem vínculos com grandes estúdios que interferem na concepção artística do autor), documentários (gênero desfavorecido pela maioria dos circuitos e geralmente exibido apenas em festivais), filmes nacionais de diversos estados²² (com alcance às produções regionais raramente comercializadas), curtas e médias-metragens (com

²¹ José Mariano Klautau de Araújo Filho, 50 anos, professor, fotógrafo e pesquisador em arte. Programador do Cine Líbero Luxardo (1997-2002) (2006-2008) e Cine Estação (2001-2007). Entrevista realizada em Setembro de 2014.

²² O cinema nacional, há anos, é reconhecido pelo público pelas produções do Rio de Janeiro e São Paulo. Nos últimos anos, a produção cinematográfica do estado de Pernambuco tem destaque com filmes premiados em festivais, fato que não garante a exibição de seus filmes na maioria dos estados brasileiros.

raríssimas exibições, limitadas a festivais) e obras do audiovisual originadas de festivais amadores, universitários ou quaisquer ações de incentivo público ou privado promovedoras de produção de filmes.

A área de audiovisual amazônica²³, em especial o cinema paraense, carece de maior divulgação. Mas como obter sessões específicas, a não ser por meio dos cinemas alternativos e cineclubes? Como as novas gerações podem conhecer, por exemplo, a obra do cineasta paulista Líbero Luxardo²⁴, realizador de longas-metragens nos anos 1960 e 1970, e outros novos cineastas que investem na produção de filmes no Pará? Como permitir que leituras fílmicas sobre a Amazônia sejam realizadas para conhecimento de diversos temas regionais conectados com nossa formação cultural? A não ser com programação diferenciada.

Outros formatos existentes na *internet* são opções de veiculação desses trabalhos e são válidos, mas, para maior alcance de público e valorização de traços identitários de um povo, se faz necessária a ampliação de oportunidades no circuito exibidor de cada cidade. Esse papel foi cumprido pelo Circuito Cinearte. Circuito exibidor local, no período em que proliferaram produções de curtas-metragens patrocinadas por editais públicos de incentivo ao audiovisual.

Em vários países, como nos Estados Unidos, circuito de salas alternativas tem mostrado crescimento, pois existe público que busca filmes não exibidos no circuito comercial. Nos EUA, muitas produções têm dificuldades de exibição, especialmente aquelas fora de *Hollywood*, além de produção estrangeira, a exemplo de filmes latino-americanos, entre outros.

No Brasil, à época do Circuito Cinearte (Belém) e do Cinema 1 (Rio de Janeiro) de Alberto Shatovsky, outros exibidores investiram neste segmento. Atualmente, empreendedores da iniciativa privada, como o Grupo Estação (Rio de Janeiro), cinemas da Reserva Cultural (São Paulo), Cine SESC (São Paulo), Espaço Itaú de Cinemas (RJ – SP - MG) e Belas Artes²⁵ (São Paulo), têm mantido programação diversificada e cumprido função de

²³ Sobre a produção de cinema na Amazônia, conferir a revista *Cinema na Amazônia*, organizada por Relivaldo Pinho Oliveira, publicada em 2010.

²⁴ O trabalho do cineasta Líbero Luxardo foi tema da dissertação de mestrado em Artes da UFPA : O Cinema Ficcional de Líbero Luxardo, autoria de Advaldo Castro Neto, em 2013

²⁵ Os cinemas Belas Artes, referência de qualidade de programação durante décadas, em São Paulo, ficaram fechados por três anos devido a problemas financeiros. Com a possibilidade de encerrar suas atividades definitivamente, em decorrência de problemas jurídicos com o imóvel onde estão localizados, o público

formação cinematográfica, numa postura oposta à maioria dos investimentos do mercado exibidor que entendem o cinema como produto de indústria.

O cinema apresenta-se de forma mercantil para muitos, influenciados por sistema que produz, distribui e vende mercadoria (filmes). Desse modo, pode-se assistir a filmes por meio de computador, *internet*, *tablet* e televisão como um produto entre tantos à disposição de consumo. Mas este não é o único caminho. O crítico de cinema José Otávio Pinto (entrevista, jun. 2014)²⁶ afirma que “o cinema representa, para mim, fundamentalmente, uma expressão estética (artística). Portanto, por sua própria natureza, uma dimensão cultural, já que estética e cultura frequentemente têm uma intercorrência ampla e conexa em sua relação”.

A dimensão cultural do cinema, em tempos de influência tecnológica e midiática, tem como observadores cinéfilos que fazem *download* de filmes, adquirem *DVD* ou *Blu-ray* (outro formato de comercialização de filmes) e têm acesso ilimitado a filmes raros. Por isso, é importante elaborar iniciativas provocadoras que questionem a instrução cinematográfica midiática e despertem interesses em diversos conceitos e maneiras de fazer/ver cinema.

Ações culturais são emergentes para gerar agentes culturais que indiquem a trajetória crescente da cultura cinematográfica. Os caminhos anteriores construídos com dificuldades e esforço revelam-se, diariamente, como modelos que devem ser observados. Desse modo, cinéfilos, como Alexandrino Gonçalves Moreira, que atuaram em prol do cinema, em Belém, terão seu trabalho expandido. A.G.M. ficaria feliz ao constatar que sua paixão e seu comprometimento com o cinema foram e serão referência para aqueles que, como ele, envolveram-se com a magia fílmica de maneira intensa e definitiva. Como trabalhos futuros, sugere-se uma pesquisa sobre os cineclubes atuais em Belém e as programações alternativas para o cinema de arte.

mobilizou-se em campanha inédita para o retorno das salas à atividade cultural da cidade. Em julho de 2014, os cinemas, com apoio da Caixa Econômica Federal e Prefeitura Municipal, voltaram à programação normal, com o nome Caixa Belas Artes.

²⁶ José Otávio Pinto, 69 anos, publicitário e crítico de cinema.

EPÍLOGO – CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início de *Cidadão Kane*, obra-prima do diretor Orson Welles, o espectador é agraciado com uma sequência de planos que, por meio da montagem, introduzem-no à mansão de Charles Foster Kane, protagonista do filme. O tempo cinematográfico nos permite observar cada cena, até aproximação do quarto de Kane, prestes a falecer e murmurar a palavra *Rosebud*. Palavra enigmática transformada no ponto de partida para a investigação de sua vida. Nos planos iniciais, uma placa do lado de fora da mansão, na qual se lê *No Trespassing* (Proibida a Entrada).

Figura 66 – Frame - Cenas de *Cidadão Kane*.



Essa advertência lembra que, apesar das informações sobre a pessoa-personagem, nunca se saberá quem realmente foi Charles Foster Kane. A vida humana é mais complexa do que a somatória de impressões, fatos, memórias, acontecimentos. Ao se trabalhar com

tempo e memória, é fundamental compreender a grandeza de uma vivência. Alexandrino Gonçalves Moreira, sujeito desta pesquisa, viveu intensamente sua história e deixou reflexões sobre caminhos seguidos, escolhas e decisões que cercaram sua existência. Esta pesquisa procurou evidenciar o que foi mais percebido por todos que o conheceram: a relação dele com o cinema.

Como pesquisador, filho, herdeiro da mesma paixão, reconheci a necessidade de registrar sua história para não ser esquecida. A vida de A.G.M. contextualiza o panorama cultural da época e seu envolvimento com o cinema e seu trabalho como agente cultural, merecem registro e aprimoramento. Segundo Ecléa Bosi, “a história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos”. (BOSI, 1995, p. 90).

Inicialmente, resisti envolver-me com tais reminiscências. As lembranças familiares, sentimentos e cumplicidades poderiam desviar a finalidade da pesquisa, mas percebi que, como testemunha envolvida diretamente no trabalho de A.G.M., durante anos, não poderia guardar tais registros somente nas memórias familiares. E, de certo modo, quando Alexandrino Gonçalves Moreira faleceu, em 2007, sentia que o trabalho dele em prol da cultura cinematográfica não poderia ser perdido, algo deveria ser feito, não sabia ao certo o que, mas faria. Além disso, desde o fechamento do Circuito Cinearte, muitas vezes fui abordado, com carinho e respeito, por frequentadores dos cinemas que reconhecem o trabalho realizado nesse circuito. Aliada ao desejo próprio e a anseios do público, a intenção de buscar e reelaborar memórias em germinação foi reforçada.

Ao pesquisar a história de A.G.M., foram identificadas situações que ajudaram a construir sua formação pessoal. O cinema sempre presente, muitas vezes mediador das suas relações. Durante anos de convivência profissional, além da familiar, fui testemunha de situações de luta, decepções, conflitos, dificuldades. Estive ao seu lado em diversas decisões administrativas e, especialmente, em ações culturais envolvendo a programação dos cinemas e o ideal de cinema de arte, na busca de filmes que pudessem encantar cinéfilos e demonstrar a abrangência do cinema.

Muitas vezes, não houve estímulo na defesa pelo cinema de arte ao perceber que o público não prestigiava a exibição de títulos importantes. Mas a alegria de exhibir filmes comprometidos com o ideal de cinema de arte nos fortalecia. É gratificante relembrar

momentos de cumplicidade, quando selecionávamos filmes que poderiam fazer diferença para o espectador.

A rotina de administrar uma empresa muitas vezes foi árdua. Mas, de alguma maneira, tudo se dissipava para ele quando o assunto era cinema, diretores, atores, atrizes, Cine Rex, seriados como *A Deusa de Joba* e filmes dos quais gostava como *Irene, A Teimosa* (1936), *O Maior Espetáculo da Terra* (1952) e *Matar ou Morrer* (1952). Assim, aprendi a admirar o cinema pelo modo como A.G.M. mencionava a importância dos filmes na sua vida.

Alexandrino Gonçalves Moreira trabalhou, por mais de 40 anos, no setor bancário, assumindo responsabilidades e compromissos dessa profissão e, provavelmente, o Cinema contribuiu, muitas vezes, nos seus relacionamentos profissionais. Nas palavras de Kátia Canton, que reflete sobre a finalidade da arte, “podemos dizer que ela provoca, instiga e estimula nossos sentidos, descondicionando-os, isto é, retirando-os de uma ordem preestabelecida e sugerindo ampliadas possibilidades de viver e de se organizar no mundo” (Canton, 2009, p. 12). A.G.M. se dedicou ao cinema, excedendo ação individual para influenciar pessoas.

Antoine de Baecque relata fato curioso sobre o crítico de cinema André Bazin. Em 1945, Bazin transportava em seu carro, em Paris, poucos meses após o fim da guerra, uma cópia do filme *Trágico Amanhecer* (1939) de Marcel Carné. Ele exibia esse filme em cineclubes para plateias de estudantes. Posteriormente, exibiu o filme em fábricas da região parisiense. Bazin procurava público onde fosse possível, pois queria que o filme fosse visto, discutido, reconhecido, tamanha admiração que tinha pela obra. Bazin, no início das sessões, anotava numa ficha¹ o seguinte texto: “Antes do filme, pedir ao público para prestar atenção nos seguintes aspectos: a construção da história, o cenário, a música”. (BAECQUE, 2010, p. 57).

Esta atitude de Bazin, incentivador da cinefilia, lembra momentos com A.G.M. quando ele indicava atenção à fotografia, música, montagem e atores dos filmes. Era sua maneira de educar para a apreciação cinematográfica. A partir desse exemplo, adquiri outros formatos de análise fílmica. Mas sua influência cinematográfica permaneceu e, depois, com carinho e atenção de meu irmão Alex, interessei-me com mais veemência pelo cinema.

¹ A ficha de anotação de André Bazin, resultado das várias apresentações do filme, transformou-se num panfleto distribuído ao público nos cineclubes.

Com o encerramento da empresa, de forma planejada e sem preocupações financeiras, A.G.M. direcionou seu tempo para outras atividades, incluindo a participação num programa de rádio². Mas sua saúde era preocupação constante. Problemas cardíacos apontavam cuidados médicos. Mesmo assim, especialmente após o falecimento de sua esposa, Maria de Lourdes, nosso programa favorito era assistir a filmes. Ele queria rever produções que tinham lhe agradado e ficou feliz com o lançamento do seriado *Capitão América* (1944)³. Assistimos todos os quinze episódios em menos de uma semana.

Ao rever o filme *O Maior Espetáculo da Terra* de Cecil B. De Mille, ele lembrou paixão pela atriz do filme, Betty Hutton⁴. Durante a exibição, ele se emocionou. Não imagino o que ele lembrou ao ver este filme, às vésperas de uma delicada cirurgia de coração. Mas seguramente ele tinha o que recordar, com lembranças da juventude em Itaúna, sessões do Cine Rex, a união com Maria de Lourdes, seus filhos, programa na Rádio Clube de Itaúna, colaborações com o movimento cineclubista, artigos sobre filmes, inauguração dos Cinemas 1 e 2, construção de um circuito de cinema local, entre outros momentos. Conforme Ecléa Bossi, às memórias registradas, “Importa, porém, reter o seu princípio central da memória como conservação do passado; este sobrevive quer chamado pelo presente sob formas de lembrança, quer em si mesmo, em estado inconsciente” (BOSI, 1999, p. 53).

Poucos dias antes de viajar para São Paulo para realizar exames médicos, revimos o clássico de John Ford, *Rastros de Ódio*, um de seus filmes favoritos. Ele comentava sobre cenas, a atuação de John Wayne, elenco de veteranos do cinema norte-americano, fotografia de alto nível artístico. Foi uma sessão na qual seu amor pelo cinema ressurgiu intensamente. Identifiquei semelhanças entre A.G.M. e o personagem do filme que, após salvar sua sobrinha sequestrada, no final, sente-se realizado, encerrando sua missão. Na sequência final, o personagem entrega a sobrinha para parentes e, sozinho, à semelhança de lobo solitário, volta-se para o horizonte.

² A.G.M. participou semanalmente, entre 2006 e 2007, de um programa na Rádio Marajoara.

³ Seriado produzido, em 1944, pela *Republic Pictures* baseado no personagem das histórias em quadrinhos Capitão América.

⁴ Betty Hutton (1921-2007), atriz e cantora, com trabalhos no teatro, cinema e televisão.

Figura 67 – Frame - Cenas de *Rastros de Ódio*.

Naquela noite, após a que seria a última sessão, revendo um grande filme com um personagem tão próximo de A.G.M., intui que Alexandrino encerraria ciclos. Mas acreditava que outras fases viriam. O que, infelizmente, não aconteceu. Anos depois de seu falecimento, minha irmã Sandra deu-me o livro *O Clube do Filme* de David Gilmour em cuja temática o autor registra, passo a passo, a relação de pai e filho com o cinema. Jesse, o filho, não demonstrava interesse pelos estudos. O pai, por meio de filmes, conseguiu educá-lo. Ambos conversaram e aprenderam sobre a vida assistindo a películas com cumplicidade crescente. Depois, o autor percebeu que, naturalmente, seu filho iniciaria outras fases de vida. Mas muitos filmes não foram vistos juntos, e Gilmour enfatiza, nostalgicamente que “algum dia encontraremos tempo, Jesse e eu, mas não aquele tipo de tempo, não aquele tempo sereno e às vezes maçante que significa viver com alguém, mas um tempo que a gente acha que vai durar para sempre e que, então, um dia simplesmente desaparece” (GILMOUR, 2007, p. 230).

Eis mais uma razão para justificar a feitura desta pesquisa. Pensar no tempo que pode durar para sempre e que, de repente, desaparece. Eis a trajetória e a memória de Alexandrino, revisitadas! Eis o mineiro Carlos Drummond de Andrade invocado para lamentar o fim das coisas, o fim da memória, o fim de um cinema! Na expectativa de que as palavras do poeta “Exijo em nome da lei ou fora da lei que se reabram as portas e volte o passado”, sejam o prenúncio de novos tempos.

O FIM DAS COISAS

Fechado para sempre.

Não é possível, minha mocidade

fecha com ele um pouco.

Não amadureci ainda bastante

para aceitar a morte das coisas

que minhas coisas são, sendo de outrem,

e até aplaudi-la, quando for o caso.

(Amadurecerei um dia?)

Não aceito, por enquanto, o Cinema Glória,

maior, mais americano, mais isso-e-aquilo.

Quero é o derrotado Cinema Odeon,

o miúdo, fora-de-moda Cinema Odeon.

A espera na sala de espera. A matinê

com Buck Jones, tombos, tiros, tramas.

A primeira sessão e a segunda sessão da noite.

A divina orquestra, mesmo não divina,

costumeira. O jornal da Fox. William S. Hart.

As meninas-de-família na platéia.

A impossível (sonhada) bolinação,

pobre sátiro em potencial.

Exijo em nome da lei ou fora da lei

que se reabram as portas e volte o passado

musical, waldemarpissilândico, sublime agora

que para sempre submerge em funeral de sombras

neste primeiro lutulento de janeiro

de 1928”.

(Carlos Drummond de Andrade - 1928)

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Maria Luzia Miranda. *O Protagonismo das Mulheres de uma Geração. História e Memória das formas de sociabilidade de belenenses (PA) dos anos 1930 a 1950*, 2010.
- AUGÉ, Marc. *As formas de esquecimento*. Portugal: Imã Edições, 2001.
- AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. *Dicionário teórico e crítico do cinema*. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- AUSTER, Paul. *A invenção da solidão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BARCHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. São Paulo: Atica, 1988.
- BAZIN, André. *O que é o cinema*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- BERGSON, Henri, 1896 *apud* BOSI, Ecléa. 1995. p. 67.
- BERNADET, Jean Claude. *O que é cinema*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. São Paulo: Companhia de Letras, 1995.
- BRASIL Cultura. Disponível em: <http://www.brasilcultura.com.br/perdidos/a-era-multiplex/>. Acesso em: mar. 2015.
- BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2001.
- BUENO, Zuleika de Paula. Anotações sobre a consolidação do mercado de videocassete no Brasil. *Revista EPTIC – Revista Eletrônica Internacional de Economia*, v. 11, n. 3, 2009. Disponível em: <http://www.seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/95>. Acesso em: fev. 2015.
- CAETANO, Maria do Rosário. *Paulo Emilio Salles Gomes – o homem que amava o cinema e nós que o amávamos tanto*. Brasília: Secretaria de Cultura do Distrito Federal, data. Publicação do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- CANTON, Kátia. *Temas da arte contemporânea: tempo e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- CARNEIRO, Eva Dayana Felix. O Espectador Cinematográfico na Belém dos anos 1920 In: MARTINS, Bene; CARDOSO, Joel. (orgs.) *Desdobramentos das linguagens artísticas: diálogos interartes na contemporaneidade*. Belém: UFPA/ICA/PPGARTES, 2012
- CIDADANIA e cultura. Disponível em: www.fernandonogueiracosta.wordpress.com. Acesso em: mar. 2015.
- CINEMA Brasileiro. Disponível em: <http://www.universitario.com.br/especiais/cinema-brasileiro/historia.php>. Acesso em jan. 2015.
- COLOMBO, Fausto. *Os arquivos imperfeitos*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

- COSTA, Fernando Nogueira. *Fases históricas do sistema bancário brasileiro*. Campinas: UNICAMP, 2010. Disponível em: <https://fernandonogueiracosta.files.wordpress.com/2010/08/aula-1-fases-da-historia-bancaria-brasileira.pdf> . Acesso em: dez. 2014.
- COSTA, Flávia Cesarino. *O primeiro cinema*. Rio de Janeiro: Azougue Ed., 2005.
- CULTURA e Mercado. Para quem vive de cultura. Disponível em: <http://www.culturaemercado.com.br/pontos-de-vista/cota-de-tela-norteador-do-cinema-brasileiro-parte-ii/>. Acesso: jan. de 2015.
- EBERT, Roger. *A magia do cinema*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- FERREIRA, Jerusa Pires. *Armadilhas da memória e outros ensaios*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BAECQUE, Antoine de. *Cinefilia: invenção de um olhar, história de uma cultura, 1944-1968*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- EAGLETON, Terry Eagleton. *A ideia de cultura*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- EDUCAÇÃO a distância. Disponível em: <http://ensinoadistancia.wikidot.com/video-cassete> Acesso em: mar. 2015.
- FERRAZ, Talitha Gomes. O cinema sai da rua para o último piso: sociabilidade, exibição e espetação cinematográficas no espaço urbano da Tijuca. *Lumina*, Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRJ, v.3, n. 2, dez. 2009. Disponível em: <http://lumina.ufjf.emnuvens.com.br/lumina/article/viewFile/257/252>. Acesso em: mar. 2105.
- GAMBOA, Silvio Sáchez; SANTOS FILHO, José Camilo dos. *Pesquisa educacional: quantidade-qualidade*. São Paulo: Cortez, 1995.
- GIL, Antonio Carlos. *O delineamento da pesquisa: Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas Editora, 1985.
- GILMOUR, David. *O Clube do filme*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.
- GULLAR, Ferreira. *Em alguma parte alguma*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.
- KAFKA, Kafka. *Carta ao pai*. São Paulo: Companhia de Letras, 2009.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LUNARDELLI, Fatimarlei. *A crítica de cinema em Porto Alegre na década de 1960*. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura/Editora da UFRGS. 2008.
- MACEDO, Felipe. *O que é cineclube*. Disponível em: http://cineclube.utopia.com.br/clube/o_que_e.html. Acesso em: nov. de 2014.
- MACEDO, Vera Lucia; MENDES, Maria Lucia. *Itaúna anos 50*: Pedra de Cetim. Belo Horizonte: Cultura, 2001.
- MANNONI, Laurent. *Cineclube e clubes*. Tradução de Fausto Douglas Correa. Disponível em: <http://preservacaoaudiovisual.blogspot.com.br/2008/12/cineclubes-e-clubes.html>. Acesso em: dez. de 2014.
- MARTINS, Bene. *Fragmentos de histórias amazônicas: memória e performance*. Belém, 1997. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará.

- MARTINS, Bene; CARDOSO, Joel. (orgs.) *Desdobramentos das linguagens artísticas: diálogos interartes na contemporaneidade*. Belém: UFPA/ICA/PPGARTES, 2012.
- NOGUEIRA, L.M.; SANTOS, F.C. A cinefilia no cinema contemporâneo: continuidades e rupturas). *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 511-529, maio/ago. 2012. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/12327/8267>. Acesso em: mar. 2015.
- OLIVEIRA, Relivaldo Pinho de (org.) *Cinema na Amazônia: textos sobre exibição, produção e filmes*. Belém: CNPq, 2004.
- PINTO, Lucio Flavio. Texto. *O Liberal*, Belém, 01/11/1977
- PRADO JUNIOR, Arnaldo Corrêa. *Tempos Modernos* (blog), Belém: Arnaldo Corrêa Prado Junior. Disponível em: <http://arnaldopradojunior.blogspot.com.br/>. Acesso em: dez. 2014.
- PRADO JUNIOR, Arnaldo Correa. *Folha do Norte*, 27/08/1061
- RAMOS, Fernão e MIRANDA, Luiz Felipe (orgs.). *Enciclopédia do cinema brasileiro*. São Paulo: SENAC, 2000.
- RICCEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2012.
- SAAB, William George Lopes; RIBEIRO, Rodrigo Martins. Panorama atual do mercado de salas de exibição no Brasil. *BNDES Setorial*, Rio de Janeiro, n. 12, p. 175-194, set. 2000. Disponível em: <http://www.cinemabrasil.org.br/cadastro/set1209.pdf>. Acesso em: fev. 2015.
- SELIGMAN-SILVA, Márcio (org.). *Palavra e imagem: memória e escritura*. Chapecó: Argos Editora Universitária, 2006.
- SERAFIM, José Francisco (org.). *Godard, imagens e memórias: reflexões sobre História (s) do Cinema*. Salvador: EDUFBA, 2001.
- SONTAG, Susan. *Questão de ênfase*. São Paulo: Companhia de Letras, 2001.
- SONTAG, Susan. *The decay of cinema*. The New York Times, 1996.
- SOUZA, Adriana Carneiro. *Cineclubismo no Brasil: visões de ontem e perspectivas do contemporâneo*. Disponível em: <https://tropicaline.files.wordpress.com/2012/04/cineclubismo-no-brasil.pdf>. Acesso em: fev. de 2015.
- TARKOVSKI, Andrei. *Esculpir o tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- TRUFFAUT, François. *Os filmes da minha vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- UMA nova fase do rádio - Os radiojornais e a utilidade pública. Disponível em: <http://www.oparanasondasdoradio.ufpa.br/60novafase.htm>. Acesso em: mar. 2015.
- VERIANO, Pedro. *Cinema no tucupi*. Belém-PA: SECULT, 1983.
- VERIANO, Pedro. *A crítica de cinema em Belém*. Belém-PA: SECULT, 1983.
- VERIANO, Pedro Veriano. *Fazendo fitas: memórias do cinema paraense*. Belém: EDUFPA, 2006.

LISTA DE FILMES

1. Antes do Amanhecer. Direção: Richard Linklater. 1995.
2. Amor e Desamor. Direção: Gerson Tavares. 1966.
3. Apocalypse Now Redux. Direção: Francis Coppola. 2001.
4. Aquele que sabe Viver. Direção: Dino Risi. 1962.
5. Arroz Amargo. Direção: Giuseppe de Santis. 1949.
6. A Árvore da Vida. Direção: Terrence Malick. 2001.
7. Assalto ao Trem Pagador. Direção: Roberto Farias. 1962.
8. Aurora. Direção: F.W. Murnau. 1929.
9. Avalon. Direção: Barry Levinson. 1990.
10. O Barco das Ilusões. Direção: George Sidney. 1951.
11. Barra Pesada. Direção: Reginaldo Farias. 1977.
12. A Bela da Tarde. Direção: Luis Buñuel. 1967.
13. Branca de Neve e os Sete Anões. Produção: Walt Disney. 1939.
14. O Bravo Guerreiro. Direção: Gustavo Dahl. 1968.
15. Bye, Bye Brasil. Direção: Carlos Diegues. 1979.
16. Os Brutos também Amam. Direção: George Stevens. 1956.
17. Capitão América. Direção: Elmer Clifton, John English. 1944.
18. Carlitos, o Genial Vagabundo. Direção: Richard Patterson. 1976.
19. Um Corpo que Cai. Direção: Alfred Hitchcock. 1958.
20. Celebridades. Direção: Woody Allen. 1999.
21. Cenas de um Casamento. Direção: Ingmar Bergman. 1973.
22. Chuvas de Verão. Direção: Carlos Diegues. 1978.
23. Cidadão Kane. Direção: John Ford. 1941.
24. Cinema Paradiso. Direção: Giuseppe Tornatore. 1988.
25. O Código da Vinci. Direção: Ron Howard. 2006.
26. O Corcunda de Notre Dame. Direção: William Dieterle. 1939.
27. Dançando no Escuro. Direção: Lars Von Trier. 2000.
28. Derzu Uzala. Direção: Derzu Uzala. 1975.
29. Deus e o Diabo na Terra do Sol. Direção: Glauber Rocha. 1964.
30. Deusa de Joba. Direção: B. Reeves Eason e Joseph Kane. 1936.
31. Dodeskaden: O Caminho da Vida. Direção: Akira Kurosawa. 1970.
32. 2001: Uma Odisséia no Espaço. Direção: Stanley Kubrick. 1968.
33. Don Giovanni. Direção: Joseph Losey. 1979.
34. E La Nave Va. Direção: Federico Fellini. 1983.
35. E O Vento Levou. Direção: Victor Fleming. 1939.
36. Os Embalos de Sábado a Noite. Direção: John Badham. 1977.
37. O Encouraçado Potemkin. Direção: Serguei Eisenstein. 1925.
38. Era Uma Vez na América. Direção: Sergio Leone. 1984.
39. Estrada da Vida. Direção: Federico Fellini. 1955.
40. O Fantasma da Liberdade. Direção: Luis Buñuel. 1974.
41. Fahrenheit 11/09. Direção: Michael Moore. 2004.
42. Gigí. Direção: Vincent Minelli. 1959.
43. Godspell: A Esperança. Direção: David Greene. 1973.
44. O Grande Ditador. Direção: Charles Chaplin. 1941.
45. A Intrusa. Direção: Carlos Augusto Christensen. 1977.
46. Irene, A Teimosa. Direção: Gregory La Cava. 1936.
47. O Homem de Mármore. Direção: Andrzej Wajda. 1977.

48. Império dos Sentidos. Direção: Kaneto Shindo. 1976.
49. Iracema – Uma Transa Amazônica. Direção: Jorge Bodanzky e Orlando Senna. 1976.
50. Os Irmãos Karamazov. Direção: Richard Brooks. 1958.
51. Jonas que terá 25 anos no ano 2000. Direção: Alain Tanner. 1976.
52. Lawrence da Arábia. Direção: David Lean. 1962.
53. A Lira do Delírio. Direção: Walter Salles Jr. 1978.
54. Lúcio Flávio: O Passageiro da Agonia. Direção: Hector Babenco. 1977.
55. O Mágico de Oz. Direção: Victor Fleming. 1939.
56. O Maior Espetáculo da Terra. Direção: Cecil B. DeMille. 1952.
57. Matar ou Morrer. Direção: Fred Zinnemann. 1952.
58. Metrópolis. Direção: Fritz Lang. 1925.
59. Morangos Silvestres. Direção: Ingmar Bergman. 1957.
60. Nasce uma Mulher. Direção: John Guilhaermin. 1965.
61. Nós que nos Amávamos Tanto. Direção: Ettore Scola. 1974.
62. A Noite do Espantalho. Direção: Sérgio Ricardo. 1974.
63. Nosso Amor de Ontem. Direção: Sidney Pollack. 1973.
64. Onibaba: A Mulher Diabo. Direção: Kaneto Shindo. 1964.
65. Operação França. Direção: William Friedkin. 1971.
66. O Pagador de Promessas. Direção: Anselmo Duarte. 1962.
67. Pai Patrão. Direção: Paolo e Vittorio Taviani. 1977.
68. Ran. Direção: Akira Kurosawa. 1985.
69. Rastros de Ódio. Direção: John Ford. 1956.
70. Reis e Rainhas. Direção: Arnaud Desplechin. 2004.
71. A Rosa Púrpura do Cairo. Direção: Woody Allen. 1985.
72. Se Segura Malandro. Direção: Hugo Carvana. 1978.
73. O Som ao Redor. Direção: Kleber Mendonça Filho. 2012.
74. Síriana. Direção: Stephen Gaghan. 2005.
75. Trágico Amanhecer. Direção: Marcel Carné. 1939.
76. Tempos Modernos. Direção: Charlie Chaplin. 1935.
77. Terra em Transe. Direção: Glauber Rocha. 1967.
78. Terremoto. Direção: Mark Robson. 1974.
79. Transeunte. Direção: Eryk Rocha. 2010.
80. Três Mulheres. Direção: Robert Altman. 1977.
81. Uma Noite na Ópera. Direção: Sam Wood. 1935.
82. Vampiros de Almas. Direção: Don Siegel. 1956.
83. Vidas Secas. Direção: Nelson Pereira dos Santos. 1963.
84. Viridiana. Direção: Luis Buñuel. 1961.

ANEXOS

A finalidade dos anexos é demonstrar o quanto há ainda por pesquisar. Incluem materiais coletados em jornais, críticas de cinema e imagens *on line*, além de documentos de acervos particulares do pesquisado, do pesquisador e dos entrevistados.

Anexo 1



Maria de Lourdes Carvalho Moreira. Anos 1960.
(para quem dedico especialmente este trabalho)
Fonte : Acervo Particular de Marco Antonio Moreira Carvalho

Anexo 2

Projektor de filmes do Cine Rex. Museu de Itaúna-MG. 2014.



Fonte: Acervo Particular de Marco Antonio Moreira Carvalho.

Anexo 3

Contrato com Oscarito. 1958.

63

OSCARITO
*
OSCAR TERESA DIAS
EMPRESÁRIO TEATRAL

CONTRATO DE LOCAÇÃO DE SERVIÇO

Contrate que faz os senhores, Organização Colex, representada neste ato pelos senhores Cosme Silva e Alex Moreira, por uma e por outra, com Oscar Tereza Dias "OSCARITO", representada pelo proprio, residente eventualmente em Belo Horizonte, no Hotel Normandy:

- 1) Fica justa e contratado nas seguintes condições:
- 2) Oscar Tereza Dias (Oscarito), se compromete a apresentar ~~xxxx~~ em 1 unico espetáculo nas cidades de Itaúna e Divinópolis, no mesmo dia, levando em sua companhia, mais tres artistas, sendo: Margot Leuro, Myriam Tereza e Afonso Stuart.
- 3) Os espetáculos constantes da clausula segunda, serão realizados no dia 9 de Junho de 1.958, o primeiro espetáculo será na cidade de Divinópolis às 19 horas do citado dia, na mesma noite será realizado um segundo espetáculo na cidade de Itaúna após o espetáculo de Divinópolis, ficando a cargo da Organização Colex, o local da segunda cidade onde deverão realizar os espetáculos.
- 4) A Organização Colex, pagará ao senhor Oscar Tereza Dias (Oscarito) a importância de CR\$40.000,00 (Quarentam mil cruzeiros) para as duas exhibições constantes da clausula terceira.
- 5) A Organização Colex, toma a seu cargo o transporte dos citados artistas de ida e volta a cidade de Belo Horizonte.
- 6) Ficando a cargo ainda da Organização Colex, os impostos dos Governos Municipais ou Federais que serão pagos pela referida firma.
- 7) No Ato da assinatura deste contrato a Organização Colex pagará ao Senhor Oscar Tereza Dias (Oscarito) a importância de cinquenta por cento do valor da venda dos espetáculos, constantes da clausula quatro.
- 8) Antes desta data marcada para o dia 9 Oscar Tereza Dias "Oscarito" e seus artistas não poderão apresentar nas cidades de Itauna e Divinópolis.

Belo Horizonte, 22 de Maio de 1.958

De acordo Oscar Tereza Dias
Oscar Tereza Dias

Alex Moreira
Alex Moreira

Cosme Silva
Cosme Silva

Testemunha Ricardo Magalhães
Ricardo Magalhães

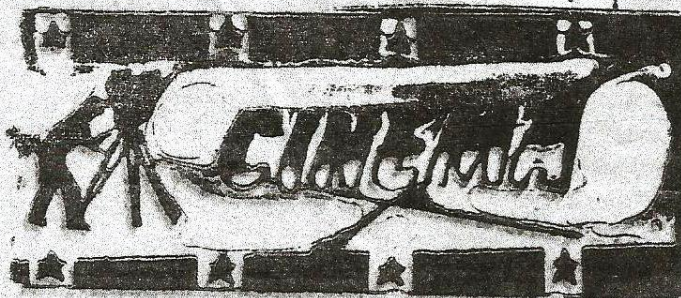
Fonte: Acervo Particular de Alexandrino Gonçalves Moreira.

Anexo 4

Texto sobre o Cineclube Juventude. 1961.

Sábado, 25 de Fevereiro de 1961

O LITRAL



CINE CRONICA

(Texto de ARNALDO PRADO JUNIOR)

"CINE CLUBE JUVENTUDE"

O movimento cineclubístico, atualmente, aqui em Belém, parece estar restrito ao Cine Clube Juventude que já há bastante tempo vem procurando alicerçar a cultura cinematográfica em nosso meio. Lutando contra as dificuldades inerentes a uma iniciativa desta natureza, pouco a pouco vão-se vencendo resistências ao mesmo tempo que vai sendo adquirida a experiência necessária ao completo êxito almejado por seus fundadores. Não resta dúvida que muito já se aprendeu e erros cometidos anteriormente não mais serão repetidos.

Desde que foi fundado, o CCJ vem mantendo cursos de orientação cinematográfica, na expectativa de ver crescer o número de espectadores esclarecidos, dando ainda oportunidade aos frequentadores de ingressarem no Cine Clube, mediante a aprovação num teste organizado pela Diretoria Cultural.

Em cumprimento a um programa de difusão cinematográfica o Cine Clube Juventude realizou a exibição de filmes dentre os quais "Rastros de Odio", de John Ford; "Conspiração do Silêncio", de John Sturges; "Monsieur Vincent", de Federico Fellini. O CCJ dirige ainda cineforuns dentre os quais destacam-se os dos filmes "Os Sete Samurais", de Akira Kurosawa, "Se todos os homens do mundo...", de Christia Jacques e "Europa 51", de Roberto Rossellini. Colaborou na Semana do Estudante em 1959, com a exibição de "Moby Dick", no cinema Itacema, gentilmente cedido, e em 1960 realizando palestras em diversos colégios de nossa cidade.

Ainda em fase de formação, a "Biblioteca do CCJ" já conta com uma "História del Cine", de Angel Zúñiga (em dois volumes), "Elementos de Cinestética", do Pe. Guido Logger, "Iniciação ao Cinema", de Chartier Desplanques, "O Cinema, sua Arte, sua Técnica, sua Economia", de Georges Sadoul, "Le Cinema", de Henry Agel e ainda um conjunto 7ème Art (em vários volumes) e outros mais.

No corrente ano, o Cine Clube Juventude espera realizar um programa de divulgação cultural que será organizado, tendo por base a experiência dos anos anteriores. Onde for necessário incentivar e desenvolver a cultura cinematográfica, na medida de suas possibilidades, o CCJ estará presente.

Fonte: Acervo Particular de Arnaldo Corrêa Prado Júnior.

Anexo 5

Coluna Cinema. A.G.M.

CINEMA

A.G.M

CARTAZES

Entrou ontem no Palácio o filme de Lamont Johnson — **Conspiração Infernal**. Produção colorida da Universal, com George Peppard, Christine Belford e Michael Sarrazin; um projeto espacial do governo americano está sendo sabotado. O Departamento de Estado norte americano, manda seu agente investigar. O diretor Lamont Johnson é um artesão competente. Vale a pena dar uma olhada, apesar do assunto ser muito explorado. Vamos ver: 15.30 — 19.30 e 21.30 horas.

Sem Motivo Aparente — colorido da MGM; com boa bilheteria no Olimpia agora à tarde (15.30 — 17.30). Um policial francês com história americana, dirigido pelo jornalista Philippe Labro. Rodado em Nice com Jean Louis Trintignant, o investigador que procura desvendado o mistério de 5 assassinatos, sem motivo aparente. Dominique Sanda é a garota que aparece em seu caminho e diga-se que ela deve ter ficado muito alegre. Ela vale o preço do ingresso.

Bela Chinesa em luta Saegrenta estreou no Iracema. É um filme chinês, vindo de Formosa e não deixa de ser uma curiosidade. Feito para expor-

tação, foi dublado em inglês e é colorido.

Astros: Shang Kuan e Ling Feng. Sem maiores referências.

No Nazaré entrou ontem o **Justiciero Cego**, dirigido por Ferdinando Balli com Tony Anthony e Ringo Starr. Bang-rang italiano na base da violência. Tony Anthony é um cego que procura 50 mulheres raptadas pelos bandidos; Ringo Starr (ex-beatle), é seu ajudante, o que não ajuda muito. A violência aqui é tão grande que até hoje este filme não foi exibido na Inglaterra. Os censores de Londres não deram sinal verde e o Justiciero Cego ficou vagando por outros países. (Fox — às 15.30 — 19.30 — 21.30 horas. Colorido).

COTAÇÕES

1. **Roleta Russa** — Dir. Bráulio Pedroso — Fraco
2. **A Paixão de Um Homem** — Dir. Egídio Ercio — Fraco
3. **O Capitão Moura Bandeira contra o Doutor Moura Brasil** — Dir. Antônio Calmon — Razoável
4. **A Mulher do Rio** — Dir. Mário Soldati — Razoável
5. **O Sol Vermelho** — Dir. Terence Young — Razoável
6. **Condenadas pelo Sexo** — Dir. Ismar Porto — Fraco.

MOVISCOPE

Ontem A.G.M., Pedro Verrano e Luzia Direto Alvarez foram recebidos pelo Coronel Nello Lobato, prefeito de Belém. O assunto foi cinema de arte, que o Cine Clube está tentando levar a frente, inclusive em sala própria.

O Coronel Nello é um fã das artes e prometeu ajudar.

—XXX—

VINICIUS DE MORAIS será o autor do roteiro cinematográfico de D. Flor e Seus Dois Maridos, de Jorge Amado. A produção será lançada em abril em Salvador.

—XXX—

GATO BARBIERE — músico argentino muito conhecido nas noites do Rio, é o autor da música do filme "O Último Tango", que dizem ser muito boa. Gato está em Salvador passando o carnaval e depois vai a Los Angeles falar com Bertolucci sobre o novo filme.

—XXX—

BERNARDO BERTOLUCCI estará em Hollywood nos próximos dias, onde tem encon-

tro marcado com Marlon Brando, quando discutirão detalhes sobre o novo filme que pretendem fazer. Enquanto isso, O Último Tango vai vigorosamente bem nas bilheterias de Nova Iorque.

—XXX—

—XXX—

—XXX—

—XXX—

—XXX—

—XXX—

—XXX—

—XXX—

O papel de **MUSSOLINI** foi oferecido a **RICHARD BURTON**, no filme **BIOGRADITICO**, sobre o famoso ditador que está sendo planejado em Roma. **BURTON** aceita desde que Liz Taylor seja **CLARA METACCI**.

—XXX—

Examinando a lista dos filmes exibidos em fevereiro, A.G.M. não encontrou nenhum que obtivesse boa cotação artística. Mais de 15 filmes lançados e 3 apenas razoáveis.



RINGO STARR (Ex-Beatle) — agora no cinema — assumiu a presidência da "Aple Films", em Londres

CINEMA NA T. V.



O Canal 2 (MARAJÓARA) apresenta sábado às 22,30 horas, "OS REIS DO FAR.WEST", com os TRES PATETAS (Foto).

Fonte: A Folha do Norte, 01/03/1973. Acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Anexo 6

Coluna Cinema, A.G.M.

Lançamentos da semana

"NO LIMAR DA LIBERDADE"
 Direção: Joseph Losey
 Elenco: Robert Shaw, Malcolm McDowell, Henry Woolf.
 Filme de Joseph Losey realizado em Londres, em 1970.

Cinéssea de grandes méritos (O Estranho Acidente, o Ministro de Londres, O Mensageiro, Cerimônia Secreta), Losey nos dá aqui uma história fascinante de dois homens que foram presos não se sabe porque, que fogem não se sabe como e são perseguidos não se sabe por quem.

Este é o programa do Cinema de Arte, que será às 10 horas no Olympia.

Nossa previsão é de que será mais um êxito de Losey, sem dúvida um dos grandes realizadores do cinema.

"O MAIS ATREVIDO DOS TRANSPLANTES"
 Direção: Ralph Thomas
 Elenco: Hywel Bennet, Denholm Elliott, Elke Sommer, Britt Ekland, Cyd Hayman
 A dupla Ralph Thomas e Britt Bos é veterana no cinema britânico e é especialista em comédias.

Aqui quem cuida da direção foi Ralph, que a julgar pelo seu passado é apenas razoável.

O assunto "Transplante" já é manjado, mas ainda pode ter dado oportunidade de uma comédia pelo menos acidental.

O elenco conta com a excelente Elke Sommer, que vale sem dúvida o preço do ingresso.

A.B.C. — Colorido.

"OS BRAVOS NÃO RECUAM"
 Direção: Henry Mankiewicz



NO LIMIAR DA LIBERDADE — FOX — COLORIDO

CINEMA — A.G.M.

Elenco: Michael Rennie, Bob Sullivan, Lee Burton, Mónica Randall, John Galy, Verónica Luján.

Mais assunto de guerra levado pelos italianos. Outro dia era uma ponte que queriam destruir. Agora é um transmissor de rádio, que deve ser destruído antes da travessia do dia D.

Como as missões de destruição falham, eles mandam prisioneiros de guerra efetuarem o serviço. Quem vai comandá-los é o outro excelente e prestigiado Michael Rennie, já falecido.

Os fãs já podem imaginar o que ocorrerá.

O diretor veterano Henry Mankiewicz não merece muita confiança.

Rank — Colorido.

"RISOS E SENSACIONES DE OUTROORA"
 Coleção do produtor Robert Yungson, já premiada três vezes pela Academia, onde destilam os maiores sucessos do cinema mundial.

Uma verdadeira aula de cinema. Reprise oportuna onde se destacam vários nomes, entre os quais: Charlie Chaplin, O Gordo e o Magro, Douglas Fairbanks, Charlie Chase e outros.

Roma Filmes.

FILMES NACIONAIS

"UMA VERDADEIRA HISTORIA DE AMOR"
 De Fausto Mansur, com Francisco di Franco e gente da televisão.

"QUATRO PISTOLEIROS EM FURIA", cujo título indica faroeste italiano, mas deve ser brasileiro mesmo. A direção é de Edward Freund, no elenco: Tony Viera, Marlene Rodrigues e Hector Galotti.

Servicine — Colorido.

ESPECIAIS



"O HOMEM MOSCA"
 Considerado pelos historiadores de cinema como a melhor comédia de Harold Lloyd, um dos maiores comédios do cinema.

"O Homem Mosca" foi realizado em 1923 e tem uma sequência antológica: aquela em que Harold, no alto de um edifício de mais de 20 andares, luta com os porteiros de um gigantesco relógio que o empurra para baixo.

Apresentando hoje à noite no Cine Clube está comédia sensacional, terreno de st. Erykto Harlanio de Aguiar, parabenos que tra cinema em Hollywood nos anos 14 e 20, com o nome de Sym de Conte. O sr. Marzani foi amigo pessoal de Harold Lloyd e quando o filme foi lançado no Rio de Janeiro, Mac'ano, a filha de propaganda, escolheu um edifício em plena avenida Rio Branco, passando, depois, para outro edifício, à esquerda — que tornou esta das jornadas daquela época — teve a cobertura de "O Globo" e "Cinearte".

Hoje às 20 horas na rede da AAB. Cópia Mnda.

"DIABOLICOS SEDUTORES"
 Um jovem aventureiro resolve fazer parte de uma família tradicional da Baviera. Para seu começo passando por casamento para, em seguida, conquistar a filha de um industrial americano, de quem despendia financiamento a mencionada família, um jovem bonassonal (filho da viúva, dona da casa), e própria viúva e sua filha menor.

Michael York que viveu em "Romeu e Julieta" de Franco Zeffirelli, faz este "D. Juan", que lembra muito o tipo de Tommaso Stupone "roverna". Mas as honras do filme cabem à Anglia Lansbury, veterana que num papel "Bette Davis", se revela como uma das melhores atrizes do ano em que foi feito o filme (1970).

O diretor Harold French, é um produtor muito conhecido na Broadway. Esta é a sua primeira experiência cinematográfica e recebeu muitos elogios da crítica.

Cópia colorida com legendas em português, (FOX). Amanhã às 20 horas na AAB.



OS BRAVOS NÃO RECUAM — RANK — COLORIDO

COTAÇÕES

1. A CONQUISTA DO PLANETA DOS MACACOS — Dir. J. Lee Thompson — Rerodivel

2. JOE KIDD — Dir. John Sturges — Rerodivel

3. MORRENDO DE MEDO — Dir. George Marshall — Franco

4. EXERCITO DAS SOMBRAS — Dir. Jean Pierre Melville — Bom

5. A POLICIA AGRADECE — Dir. Stefano Vanzina — Bom.



OS QUATRO PISTOLEIROS SERVICINE — COLORIDO



O PECADO DE TODOS NÓS COLORIDO — W. WARNER

Fonte: A Folha do Norte, 03/06/1973. Acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Anexo 7

Artigo de A.G.M.

Howard Hawks

Após 24 horas do impacto causado pela morte de Charlie Chaplin, falecia Howard Hawks, um dos nobres do cinema americano. Morreu aos 80 anos deixando uma filmografia variada. Hawks, como Raoul Walsh (85 anos), Alan DWAM (95 anos, o mais antigo cineasta vivo), Henry Hathaway (76 anos), fazia parte de uma geração de cineastas em extinção. Começou em 1922 como boy da Paramount. Foi montador, assistente de diretor até dirigir seu primeiro filme "O Caminho da Glória". Como produtor-diretor e escritor, Howard Hawks sempre procurou fazer uma obra cinematográfica que exaltasse o valor e a coragem do homem, sempre dando destaque a amizade entre as pessoas. Em comédias tratou com maestria as diversas facetas da sociedade americana. Fez uma obra intensa, buscando em todos os gêneros da cinematografia, um estilo que o caracterizou como um mestre da agilidade cinematográfica, sempre marcada por uma destreza na composição de seus personagens. Recentemente vimos dois de seus quatro westerns aqui exibidos: "Eldorado", um filme dentro da linha tradicionalista do faroeste americano, onde a temática da amizade é destacada de maneira brilhante; e "Onde Começa o Inferno" (Rio Bravo), outro exemplar notável onde o tema é o mesmo. Cineasta de grande experiência, Hawks serviu de modelo para muitos realizadores da nova geração, que vieram em sua obra, um trabalho coerente e exemplar. Em 1962, o Museu de Arte Moderna de Nova Iorque lhe dedicou uma homenagem especial programando seus velhos filmes, e logo em seguida o fato foi repetido na França, Inglaterra e Alemanha, tendo recebido alta valorização da crítica. Realizou 37 filmes. Nos lembramos do excelente "À Beira do Abismo", com Bogart, Lauren Bacal; "Uma Aventura na Martinica", com a mesma dupla; "Scarface" com Paul Muni; "Levada da Breca", excelente comédia de onde

Peter Bogdanovich extraiu o argumento de "Essa Pequena é Uma Parada", que está em exibição no Olímpia; "O Inventor da Mocidade", comédia com Cary Grant; "Hatari", uma aventura deliciosa rodada na África quando estava de férias, "A Patrulha da Madrugada", "Meu Filho é Meu Rival", "Rio Vermelho", "O Rio da Aventura" e os citados "Eldorado" e "Onde Começa o Inferno", que o Cine Clube vai rerepresentar proximamente. Ainda na segunda-feira em nossa coluna aqui publicada escrevemos a respeito de "Essa Pequena é Uma Parada": "Mais cedo do que se pensava a Warner relançou esta gostosa comédia de Peter Bogdanovich, que já havia realizado duas homenagens ao próprio cinema em "Na Mira da Morte" (1969) e "A Última Sessão de Cinema" (1972), procurou aqui focalizar toda uma época de comédias sofisticadas de Hollywood, fazendo Barbra Streisand e Ryan O'Neal se meterem nas maiores correrias, capturando a loucura daquelas comédias que fizeram a glória de Cary Grant e Carole Lombard. O próprio diretor (autor do roteiro) mostrou seu trabalho ao veterano Howard Hawks, já que todo o filme é decalcado de situações da clássica comédia "Levada da Breca", que Hawks realizou em 1938, e que até hoje é sucesso em suas apresentações na TV. Recebeu a aprovação do mestre e acabou fazendo uma comédia ritimada de grande vibração, conseguindo bom rendimento da dupla Streisand-O'Neal, e de um elenco de apoio dos mais respeitáveis como Kenneth Mars, Austin Pendleton, Michael Murphy e revelando a excelente Madeleine Khan. Uma loucura total para divertir a valer." Hawks foi uma estrela do cinema, que mais uma vez perde um grande no final de 77. Quando se sabe que John Huston acaba de fazer duas operações no coração, o bom cinemaníaco já fica com as barbas de molho: será que antes de 78 o cinema sofrerá novo golpe? (A.G.M.)

Fonte: O Liberal, 29/12/1977. Acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Anexo 8

Coluna Cinema, A.G.M.

CINEMA

AGM

Especiais

O GAROTO E OS OCIOSOS

Está de volta o clássico de Chaplin, agora em cópia 35 mm, importada pelo Cinema 1 do Rio de Janeiro, juntamente com OS OCIOSOS, um curta-metragem também de Chaplin, pouco conhecido dos cinéfilos.

Realizado em 1921, O GAROTO é o primeiro longa-metragem dirigido e interpretado por Charlie Chaplin. Neste filme, uma das tantas obras-primas produzidas por Chaplin, o vagabundo encontra uma criança abandonada, um garoto que ele passa a criar como se fosse seu filho. Para sobreviverem os dois organizam um plano que consiste no seguinte: o menino quebra as vidraças do bairro e logo em seguida aparece Carlitos para cobrar bom preço pelo conserto. Diz o historiador francês George Sadoul: "O primeiro longa-metragem de Chaplin é drama e comédia — e as seqüências trágicas são numerosas, sendo que a mais surpreendente é a intervenção dos puritanos que vêm buscar o menino para o internar num orfanato. Este episódio é autobiográfico e o cenário do quarto onde vive Carlitos reconstitui o melhor possível o da casa em que Charles Chaplin viveu durante sua infância. Da Jackie Coogan, então com cinco anos, Chaplin fez um Carlitos criança, cheio de naturalidade e charme, abrindo caminho para que ele se tornasse um dos meninos prodígios do cinema". No programa o Cinema de Arte desta semana estará sendo exibido outro filme do mesmo Chaplin, o curta-metragem OS OCIOSOS, também realizado em 1921. O filme se desenvolve em dois planos: num vemos o cotidiano de um casal de ricos; noutro a vida de um homem pobre que sonha em tornar-se milionário. Filme quase desconhecido, OS OCIOSOS tem sido recebido com grande entusiasmo nesta sua representação.

Um programa verdadeiramente de arte e que o espectador de bom gosto não deve perder.

Cinema de Arte, às 22,30 horas, no Palácio.



O GAROTO — Cinema 1

AMANTES INFIÉIS

Mais um filme inédito cuja exibição é promovida pelo Cine Clube. O material de publicidade dá a entender que se trata de um estudo sobre o comportamento de alguns casais rotundos de modernos que usam e abusam do sexo com experiências que nem sempre são solucionadas dentro do conceito de felicidade. O diretor é Dick Clement, um inglês mediano cujo último filme aqui exibido ("Como Agarrar Um Espião") foi de péssimo sucesso. No elenco gente boa como: Lee Remick, Richard Attenborough, Ian Holm, Claire Bloom, Jennie Linden e Cilla Bevis.

Quinta-feira, no auditório do BASA.

PROGRAMAÇÃO DO CINE CLUBE DA ASSOCIAÇÃO PARAENSE DE CRÍTICOS CINEMATOGRAFICOS

Grêmio Literário Português: Hoje — GUERRIA CONJUGAL, de Joaquim Pedro de Andrade. Amanhã — VICENTE, FRANCISCO, PAULO E OS OUTROS, de Claude Sauter com Michel Piccoli e Yves Montand. Domingo — A CONVERSAÇÃO, de Francis Ford Coppola, com Gene Hackman.

Auditório do BASA: Quinta-feira —

AMANTES INFIÉIS, de Dick Clement, com Richard Attenborough, Lee Remick, Claire Bloom. Cine Guarará: Hoje — PAULO, O QUENTE, de Marco Vicario, com Giancarlo Giannini. Amanhã e quarta-feira — O DESTINO QUE DEUS ME DEU, de Frank Perry, com Tuesday Weld, Anthony Perkins. Quinta e sexta-feiras — METELLO, de Mauro Bolognini. Sábado — A CONVERSAÇÃO, de Francis Ford Coppola, com Gene Hackman. Auditório da Faculdade de Odontologia: sábado às 20,30 horas — MAIS FORTE QUE A VINGANÇA, de Sidney Pollack, com Robert Redford.

LANÇAMENTOS DA SEMANA

Semana de poucos lançamentos que são: O CLÁ DA MORTE (italiano), A VINGANÇA DE DJANGO (italiano), FLATTOOT, O DEMOLIDOR (também italiano), O nacional da semana é A FILHA DA MADAME BETINA de Jeca Valadão. No setor de continuações: INFERNO NA TORRE, de John Guillermin e Irwin Allen, domina as atenções e vai futurando alto, enquanto o nacional QUANDO AS MULHERES QUEREM PROVAS de Cláudio MacDowell ficará no Palácio até quarta-feira. Quem ainda não viu ASSIM ERA A ATLANTIDA, poderá fazê-lo no Paraíso ainda hoje, o mesmo acontecendo com TRAGAM-ME A CABEÇA DE ALFREDO GARCIA de Sam Peckinpah, que será exibido amanhã no Guarani e quinta-feira no Paraíso. No Cinema de Arte desta semana, o

clássico de Charlie Chaplin, O GAROTO, de 1921, em cópia nova 35 mm, importada recentemente juntamente com outro filme de Chaplin, "OS OCIOSOS", também de 1921, um dos menos conhecidos do grande Carlitos. Os dois serão exibidos em um só programa.

A FILHA DA MADAME BETINA

Originalmente era "A Filha da Cafetina" seqüência de "O Enterro da Cafetina", sucesso de bilheteria realizado por Jeca Valadão. Mas o filme enfrentou muitos problemas com a Censura e teve que ser refeito em algumas seqüências. Mudou de título até. Tudo começa quando a Cafetina morre e deixa uma herança de dois bilhões para Otávio, seu filho

amigo. Mas impondo condições... Valadão, além de diretor e autor do roteiro (história original de Marcos Rey), é o principal intérprete, contracenando com Geórgia Quintal, Paulo Fortes, Vera Gimenez, Arthur Costa Filho, Martin Francisco, Hanriqueta Briha e nos flash-backs, Elza Gomes, a Cafetina.

Estreia, quarta-feira no Nazaré.

O CLÁ DA MORTE

Os irmãos Blues, Kane e Johnny, vendo que os bancos e as milas de sua região estão cada vez mais dominados por grupos econômicos da costa leste, tratam de organizar uma força de reação. Quando o pai deles é assassinado numa das minas locais, o plano entra em ação. Kane, Johnny, o adolescente Teddy Fog e o pistoleiro Frank empreendem uma série de assaltos pelas redondezas, provocando o ódio dos especuladores de dinheiro e captando a simpatia do povo.

Tudo conduzido em tom de glosa por um diretor desconhecido de que assina Marc Meyer, que sem dúvida se trata de pseudônimo. O papel principal está com o norte-americano Jack Palance, secundado por Tina Aumont (a filha da falecida Maria Montez) e Jean Pierre Aumont, Guido Mannari e Antonio Falsi. Desde ontem, no Nazaré.

FLATTOOT, O DEMOLIDOR

Outra sátira italiana. Carlo Pedersoli — internacionalmente conhecido como Bud Spencer, o gordo da série de filmes de Trinity (Terence Hill, isto é: Mario Girotti), vive uma aventura sozinha, encarnando um policial de métodos nada ortodoxos, que destrói quadrilhas na base dos punhos e não do revólver. Tudo vai bem até o dia em que um conselheiro novato, adepto das coisas segundo o figurino policial, mas, sobretudo, com inveja de seu sucesso, resolve contestar seu sistema de ação, instalando-se, então, a ocorrência entre ambos.

Quem dirige é o veterano Stefano Vanzina, mais conhecido como Steno, de passado brilhante no cinema italiano e agora um tanto fora de forma. De qualquer modo é bom dar uma olhada em homenagem ao diretor. No elenco, além do citado Spencer, Juliette Mayniel, Mario Pilar, Angelo Infanti e o francês Raymond Pellegrin.

A partir de quarta-feira, no Itacarambaia.

A VINGANÇA DE DJANGO

Filme antigo da safra dos violentos spaghetti-westerns que os italianos fizeram em série, usando Django como o terrível pistoleiro. E não há novidade. Os atores usam pseudônimos e os técnicos também como o diretor Miles Davis, cujo nome real é Raffaele Mazoni, etc. Tudo com um banho total de sangue. Há (para) quem goste.

Desde ontem no Itacarambaia.

COTAÇÕES

COTAÇÕES DOS FILMES QUE ESTARÃO EM EXIBIÇÕES NOS DIVERSOS CINEMAS DE BELEM E TAMBEM NO CINE CLUBE DURANTE ESTA SEMANA.

F I L M E S	A. G. N.	PEDRO VERTANI	LEZIA ALARME
1. INFERNO NA TORRE Direção: John Guillermin e Irwin Allen	Bom		
2. ASSIM ERA A ATLANTIDA Direção: Carlos Hugo	Bom	Bom	Bom
3. TRAGAM-ME A CABEÇA DE ALFREDO GARCIA Direção: Sam Peckinpah	Muito Bom	Bom	Razoável
4. O GAROTO Direção: Charles Chaplin	Muito Bom	Muito Bom	Bom
5. O DESTINO QUE DEUS ME DEU Direção: Frank Perry	Bom	Excelente	Excelente
6. A GUERRA CONJUGAL Direção: Joaquim Pedro de Andrade	-	Bom	Bom
7. VICENTE, FRANCISCO, PAULO E OS OUTROS Direção: Claude Sauter	Muito Bom	Muito Bom	Muito Bom
8. A CONVERSAÇÃO Direção: Francis Ford Coppola	Muito Bom	Muito Bom	Muito Bom
9. PAULO, O QUENTE Direção: Marco Vicario	Muito Bom	Excelente	Excelente
10. MAIS FORTE QUE A VINGANÇA Direção: Sidney Pollack		Muito Bom	Muito Bom
11. METELLO Direção: Mauro Bolognini	Bom	Muito Bom	Muito Bom

Anexo 9

Coluna Cinema de A.G.M.

Belém, domingo, 30 de dezembro de 1984

2º CADERNO **O LIBERAL**

Cinema
A.G.M.

Lançamentos da semana

Não havendo modificações, apenas um lançamento nesta semana que é **NOITE DE DESAPESPERO**, produção canadense dirigida por Paul Donovan de parceria com Laura O'Connell. O pacote de Natal lançado no dia 20 domina a programação.

GREMLINS: — (no Olimpia) — marca a segunda reunião do diretor Joe Dante com Steve Spielberg, um apaixonado pelo cinema. Juntos eles já haviam participado de "No Limite da Realidade", onde o episódio de Dante era o mais criativo. Antes disso Dante havia realizado com pouco dinheiro obras como "Piranha" e "Grito de Horror". Em "Gremlins", utilizando um roteiro de Chris Columbus, os dois realizaram um espécie de "Cento de Natal", onde o horror e o humor se mesclam de maneira completamente inesperada. Repleto de citações cinematográficas, como "A Felicidade não se Compra", de Frank Capra, "Vampiros de Almas", de Don

Siegel, "Indiana Jones e o Templo da Perdição", de Steven Spielberg, o mesmo ao filme anterior de Dante, "Um Grito de Horror", "Gremlins" tem, pelo menos, duas seqüências antológicas: aquela em que os monstros lutam o cinema para assistir "A Branca de Neve e os Sete Anões", de Walt Disney — antevista na cena do bar — e o momento em que o bichinho se joga na piscina, reproduzindo-se em milhares de outros gremlins. Spielberg muito satisfeito com Joe Dante diz: "A seqüência mais longa e engraçada é quando os "Gremlins" invadem um dos bares da cidade. Lá, cutucam o nariz, estalam os dedos e bebem cerveja. Um deles se exhibe perversamente, outro imita Bogart e um terceiro começa a dançar break. Cinco jogam cartas e brigam, acusando-se mutuamente de roubo. São pequenos debochados, paródias da humanidade. A casa sugere, perfeitamente, ingenuidade e loucura. Nunca se viu algo



Os Caçafantomas e os Gremlins



A noite do desespero — única estréia da semana.

igual". De acordo, OS CAÇAFANTOMAS: — (no Cinema 1) — o filme de Ivan Reitman está atralindo muita gente, repetindo o que vem ocorrendo no mundo inteiro. É uma comédia cuja ação começa em Nova Lorque, que passa a ser arrolada por uma série de acontecimentos provocados por inquietos fantasmas. "Os Caçafantomas" do título entram em ação e a confusão começa em tom de comédia. O forte do filme são os efeitos especiais criados pela equipe Ligh Magic, firma de George Lucas, aquele de "Guerra nas Estrelas". O elenco é bom, mas a melhor coisa é Sigourney Weaver, atriz de muito talento. A FI-

LHA DOS PATRALHÕES: — (no Palácio) — é o já tradicional filme das férias do popular quarteto de comediantes. Dirigido por um deles (Dede Santana), segue na mesma linha de comicidade mambembe, mesclada à tentativa de denúncia social. Desta vez, os quatro adotam uma menina abandonada pela mãe carente (papel vivido por Miriam Rios). Pode ser visto e não chateia. UMA MULHER EM FOGO: — a boa nota da semana é a permissão da Center Filmes (Recife) para mais uma exibição de "Uma Mulher em Fogo", de Robert Van Ackeren, já escolhido como um dos dez melhores filmes do ano. Um belo tra-

balho que lembra "A Bela da Tarde" de Buñuel, mas que tem o toque de uma nova genialidade. Visto pela maioria dos críticos em sessão especial no Cinema 1, o filme, que empolgou a todos, estará de volta hoje somente às 10 horas. Seu lançamento normal será no ano que vem, mais precisamente em março. Fotógrafo e argumentista, Robert Van Ackeren foi aos poucos cimentando sua posição no moderno cinema alemão e há quem o considere o sucessor de Fassbinder, por sua descrição crítica e angustiada da sociedade alemã de nossos dias. É o décimo filme de Van Ackeren, de quem em agosto último se fez uma retrospectiva no Rio de Janeiro com os filmes "O Último Grito" (de 1975), "Belicanto" (1977), "O Outro Sorriso" (1978) e "Pureza do Coração" (1980). Na ocasião deixou de ser apresentado "Haris" (de 73), proibido pela censura brasileira. Robert Van Ackeren, que no momento filma "Trigresse", disse que "Uma Mulher em Fogo": "Filmes sobre prostitutas têm uma longa tradição. Existem desde o começo do cinema. Die Flambierte Frau não é outro drama sobre prostitutas só porque seu personagem principal, Eva, é uma prostituta (...). Elas não precisam andar nas ruas. Há mais anúncios para scorts, hostesses e modelos masculinos do que para carros usados. Um passatempo para homens de negócios que tiveram uma

manhã difícil. Um encontro rápido entre compromissos". Quem quiser ver um cinema muito especial e não quiser esperar três meses, deve aproveitar a única exibição do filme, hoje às 10 horas no Cinema 1. (A.G.M.)

A Noite do Desespero

Este filme é produção independente do cinema canadense. O argumento tem por pano de fundo a greve de 42 dias dos policiais de Halifax, na Nova Escócia canadense, que deixou a cidade à deriva da violência a partir de maio de 1981 — um fato verdadeiro. No enredo, um grupo de jovens denominado "Nova Ordem", de inspiração nazista, investe contra os homossexuais, "um crime contra a natureza", no dizer de um dos cabeças do grupo. A reação dos mesmos, num clube gay, desencadeia a mais brutal violência — o assassinato a sangue frio dos frequentadores do bar e a perseguição implacável movida contra um deles.

O argumento foi escrito por Paul Donovan, que dirige o filme de parceria com Laura O'Connell. No elenco aparecem: Tom Nardini, Brenda Bazinet, Darel Haeny, Jeff Pustill, Doug Lenox, Keith Knight e Terry David. No Cinema 2.



Thunder, um homem chamado trovão — Cinema 2

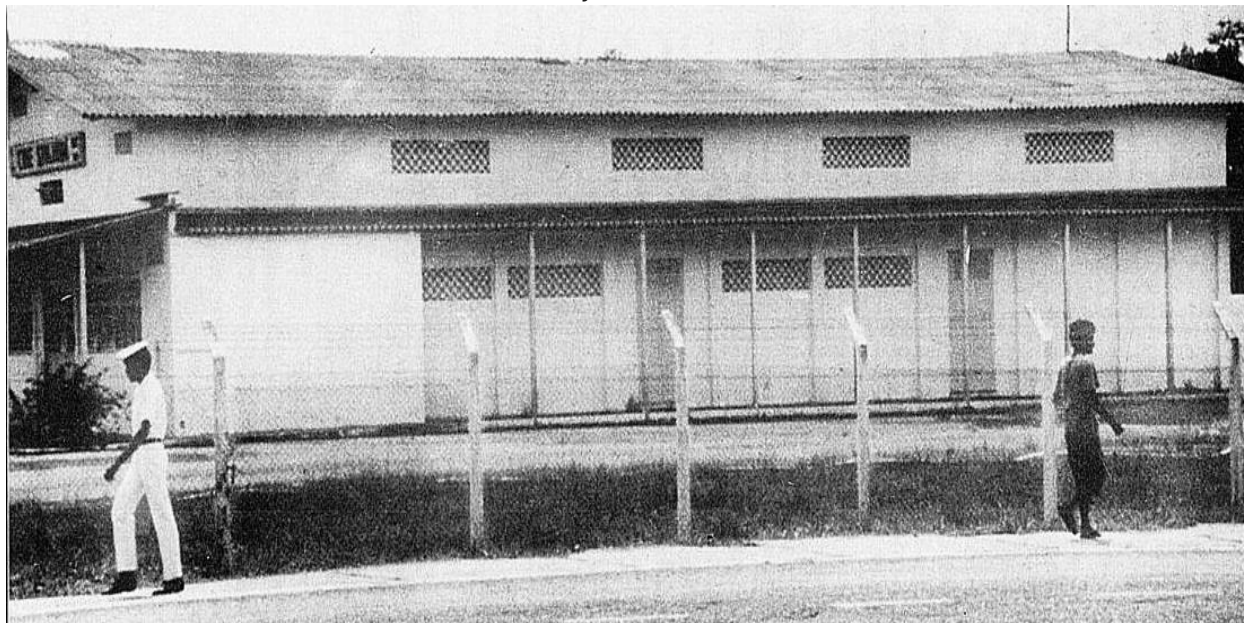
Cotações

FILMES	A.G.M.				
	PEDRO VERANO	LUZIA ADAMES	ACYR CESIO	MARCO MIFERA	
01. UMA MULHER EM FOGO Direção: Robert V. Ackeren	excel.	m. bom	m. bom	—	—
02. SUPERMAN II Direção: Richard Lester	m. bom	m. bom	razóav.	m. bom	fraco
03. OS CAÇAFANTOMAS Direção: Ivan Reitman	m. bom	bom	—	razóav.	razóav.
04. GREMLINS Direção: Joe Dante	m. bom	bom	razóav.	bom	razóav.
05. A FILHA DOS TRAPALHÕES Direção: Dede Santana	razóav.	fraco	fraco	fraco	fraco

Fonte: O Liberal, 30/12/1984. Acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Anexo 10

Cine Guajará. Anos 1970.



Fonte: *Facebook Nostalgia Belém.*

Anexo 11

Sessão de Cineclube no Auditório da Assembléia Paraense. Anos 1970.



Fonte: Acervo Particular de Alexandrino Gonçalves Moreira.

Anexo 12

Anúncio Cinemas 1 e 2.

<p>CINEMA I</p> <p>Nelson Xavier — Isabel Ribeiro Lima Duarte no filme de RUY GUERRA “A QUEDA”</p> <p>Prêmio “Urso de Prata” no Festival de Berlim. Colorido</p> <p>HORÁRIO 15,00 - 17,10 19,20 - 21,30</p> <p>6a. Feira — Sessão Extra — 22,30 — A pedidos</p> <p>“NÓS QUE NOS AMÁVAMOS TANTO” de Ettore Scola</p>	<p>CINEMA II</p> <p>“A FLAUTA MÁGICA” um filme de INGMAR BERGMAN com música de MÓZART.</p> <p>Um superespetáculo para todas as idades!</p> <p>HORÁRIO 14,00 - 16,30 19,00 - 21,30 (Livro)</p> <p>4ª. Feira</p> <p>“NAS ONDAS DO SURF”</p> <p>Filmado no Brasil e no Hawai. Lançamento Nacional. (Livro)</p>
---	---

Fonte:

O Liberal, 17/07/1978. Acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Anexo 13

Anúncio Cinemas 1 e 2.

CINEMA I
FONE: 224. 2835

GRANDIOSO FESTIVAL DE "OSCARs"

DOMINGO, SEGUNDA E TERÇA
Dias 15, 16 e 17
As 14,30 – 18,00 – 21,30 hs.

O FRANCO ATRADOR
ROBERTO DE NIRO
The Godfather

Dia 18 – 4a. Feira **ROCKY** SYLVESTER STALLONE
L'EMULAZIONE

Dia 19 – 5a. Feira. **"REDE DE INTRIGAS"**
NETWORK

Dia 20 – 6a. Feira **"ESTA TERRA É MINHA TERRA"**
c/ David Carradine

Dia 21 – Sábado **PERDIDOS NA NOITE** DUSTIN HOFFMAN
JON VOIGHT

Guarde este anúncio para acompanhar melhor a programação


Fonte: O Liberal, 16/07/1979. Acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Anexo 14

Anúncio Cinemas 1 e 2.

CINEMA I

HOJE
de CHARLES CHAPLIN



O HOMEM QUE ENSINOU
O MUNDO A GARGALHAR!


Charlie Chaplin
em
LUZES DA CIDADE
CENSURA LIVRE

Escrito, dirigido e produzido por CHARLES CHAPLIN

HORÁRIO

14,10-16,00
17,50-19,40
21,30 (LIVRE)

Amanhã CINEMA I



"...É puro Chaplin, é pura
alegria e um bom pedaço
da história da comédia
cinematográfica..."

**CHARLIE
CHAPLIN**
CENSURA
LIVRE

TEMPOS MODERNOS

6a. feira-22,30-"CIDADÃO KLEIN" de Joseph Losey,
com Alain Delon. A Pedidos. Última Exibição (18 anos).


CINEMA II

MAIS HORRIPILANTE OBRA DE HITCHCOCK

PRODUÇÃO DE
**ALFRED
HITCHCOCK**

PSICOSE
(PSYCHO)

Assista desde o início,
e não
resista
o seu final!




HOJE Festival Alfred
HITCHCOCK TRABALHO DE ALFRED HITCHCOCK

HORÁRIO

15,00-17,10
19,20-21,30
(18 anos)

Amanhã HORÁRIOS DIVERSOS




"É PROVAVELMENTE, O
FILME MAIS ATERRORIZANTE
QUE JÁ FIZ!"
- Alfred Hitchcock

PRODUÇÃO DE
**ALFRED
HITCHCOCK**

PROTAGONISTAS:
ROD TAYLOR - JESSICA TANDY - SUZANNE PLESHETTE
e apresentando: TIPPI HEDREN

Baseado na história clássica de suspense de Daphne du Maurier



"Os Passaros"
(THE BIRDS)

6a. Feira às 22,30 - "O DORMINHOCO". O melhor de
Woody Allen. (14 anos).

Fonte: O Liberal, 08/08/1978. Acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Anexo 15

Anúncio Cinemas 1 e 2.

CINEMA I
FONE: 224. 2835

INGMAR BERGMAN



O MAIOR FESTIVAL DO ANO

Dia 11 – GRITOS E SUSSURROS
Dia 12 – O SÉTIMO SELO
Dia 13 – O ROSTO
Dia 14 – A FLAUTA MÁGICA
Dia 15 – EVA, MULHER E TENTACÃO
Dia 16 – O SILÊNCIO
Dia 17 – CENAS DE UM CASAMENTO
Dia 18 – FACE A FACE
Matinal dia 17 – MÚSICA NA MADRUGADA.

Uma semana inteira dedicada ao grande cineasta sueco, um dos poucos gênios vivos do cinema!
Não percam – Os filmes não serão re-apresentados!
Horários diversos a partir das 15 horas.

Fonte: O Liberal, 11/02/1979. Acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Anexo 16

Anúncio Circuito Cinearte

CIRCUITO Cinearte
 Preço Promocional de 2ª e 5ª (Exceto Feriados). Por Tempo Limitado
 www.circuitocinearte.com.br • e-mail: cinearte_bcl@terra.com.br

CINEMA 1 ATÉ 5ª FEIRA 15:00-17:45-20:30

VENCEDOR DE 3 "OSCAR"
 MELHOR DIRETOR, ATOR
 E ROTEIRO ADAPTADO
 UM FILME DE ROMAN POLANSKI
"O PIANISTA"
 14 ANOS

CINEMA 2 ATÉ 5ª FEIRA 16:20-18:40-21:00
 (6ª/SABADO NÃO HAVRÁ SESSÃO AS 21 H)

NA GUERRA,
 A ARMA MAIS
 PODEROSA
 É A SEDUÇÃO
 INDICADO AO "OSCAR"
 DE MELHOR ATOR
 MICHAEL CAINE BRENDAN FRASER
O AMERICANO TRANQUILO 14 ANOS

JENNIFER LOPEZ
 PRÉ-ESTRÉIA 6ª/
 SABADO/21 H
 CINE 2/LIVRE
encontro de amor

CINEMA 3 CRISTINA QUER CASAR : 16:20
 CHICAGO : 18:40-21:00

LIVRE 12 ANOS
 UMA COMÉDIA IMPERDÍVEL!
 DENISE FRAGA
Cristina quer casar
 Cinemas 1, 2 e 3 - Tv. São Pedro, 498. Fone: 250-5175.

CHICAGO

CASTANHEIRA 1 NÃO PERCA 15:00-17:45-20:30

16 ANOS
 UM FILME DE
 HECTOR BABENCO
 RODRIGO SANTORO CAIO BLAT
CARANDIRU
 Baseado no livro de
 Braúlio Varela

CASTANHEIRA 2 ATÉ 5ª FEIRA 16:00-18:30-21:00

"100% ADRENALINA.
 UMA VIAGEM DE
 FICÇÃO CIENTÍFICA
 ALUCINANTE QUE
 VAI DETONAR"
 - FOX TV
O NUCLEO 12 ANOS
 AARON ECKHART HILARY SWANK
 MISSÃO AO CENTRO DA TERRA
 ENTRAR É A ÚNICA SAÍDA
 Cines Castanheira 1 e 2 - Shopping Castanheira 3º piso. Fone: 250-4105.

DOCA 1 ATÉ 5ª FEIRA 15:30 (SOMENTE SABADO
 E DOMINGO) - 17:20-19:10-21:00

12 ANOS
 De volta à terapia
 ROBERT DE NIRO
 BILLY CRISTAL
**A MÁFIA VOLTA
 AO DIVÃ**

DOCA 2 DEMOLIDOR : 16:40-18:50
 AS CONFISSÕES DE SCHMIDT : 21:00

12 ANOS
 O que você vai dizer
 quando parar, olhar
 pra trás e se perguntar:
 Que diferença eu fiz?
DEMOLIDOR
 O HOMEM SEM DEDO
 LIVRE
**AS CONFISSÕES
 DE SCHMIDT**
 Cines Doca 1 e 2 - Doca Boulevard - Av. Visconde de Souza Franco, 776. Fone: 241-1905.

Fonte: O Liberal, 15/04/2003. Acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Anexo 17

Cinemas 1, 2 e 3.



Fonte: O Liberal, junho de 2006. Acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Anexo 18

Interior da Cinema 4 Videolocadora. Anos 1990.



Fonte: Acervo Particular de Marco Antonio Moreira Carvalho.

Anexo 19

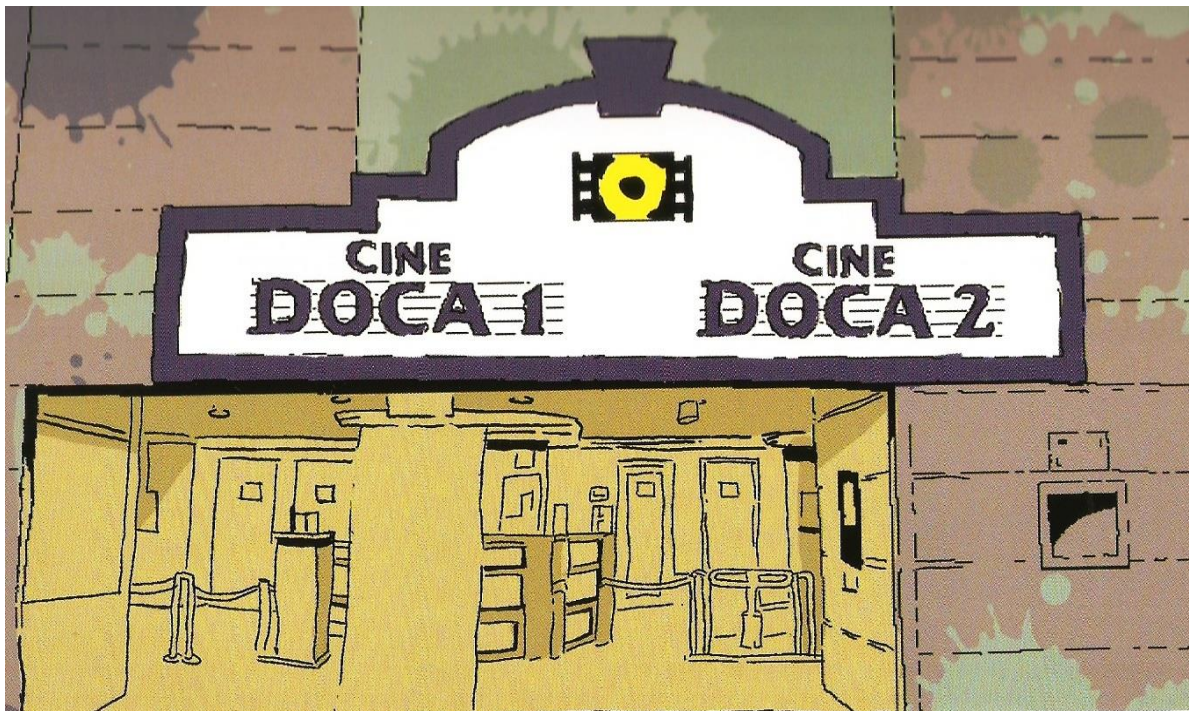
Cines Castanheira 1 e 2.



Fonte: O Liberal, abril de 2006. Acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Anexo 20

Cines Doca 1 e 2.



Fonte: Calendário anual do BANPARÁ, 2010.

Anexo 21

Carta de Carlos Diegues, 28/04/1980.

**byebye
BRASIL**

Sr. Alexandrino Moreira
Cinema I
Belém, Pará.

Rio, 28 abril 1980

Meu caro Alexandrino,

Andei te procurando pelo telefone, mas acho que é mesmo mais conveniente te escrever. É que estou embarcando esta semana para Cannes, com o nosso BYE BYE, e não queria sumir sem te deixar um abraço.

Felizmente, conseguimos juntos que fosse você o exibidor de BYE BYE em Belém, como sempre desejamos e planejamos. Estávamos certos: em Belém, o filme começou essa bela caminhada de público e crítica, sensacionalmente favoráveis no Brasil todo.

Eu sou testemunha, desde "Chuvas de Verão", do seu amor pelo cinema e pelo cinema brasileiro, e estou convencido de que isto é a razão principal do seu sucesso como exibidor. E, portanto, do sucesso daqueles filmes que você exibe com amor na sua excelente sala (ou salas).

Espero que nos encontremos mais vezes, em colaboração sempre próxima, com outros belos acontecimentos como essas oito semanas em Belém, solidificando uma amizade que prezo muito.

Um abraço a seu filho cineasta, à sua senhora e a todos os amigos de Belém. Um outro do sempre seu,



Carlos Diegues

Anexo 22

Inauguração do Cine Doca, 03/06/1999. Da esquerda para direita: Maria de Lourdes Carvalho Moreira, Luzia Miranda Álvares, Marco Antonio Moreira Carvalho, Pedro Veriano, Acyr Castro, Arnaldo Prado Jr., Alexandrino Gonçalves Moreira e Maiolino Miranda.



Fonte: Acervo Particular de Marco Antonio Moreira Carvalho.

Anexo 23

A.G.M., Pedro Veriano e Luzia Miranda Álvares. Outubro de 2006.



Fonte: Acervo Particular de Marco Antonio Moreira Carvalho.

Anexo 24

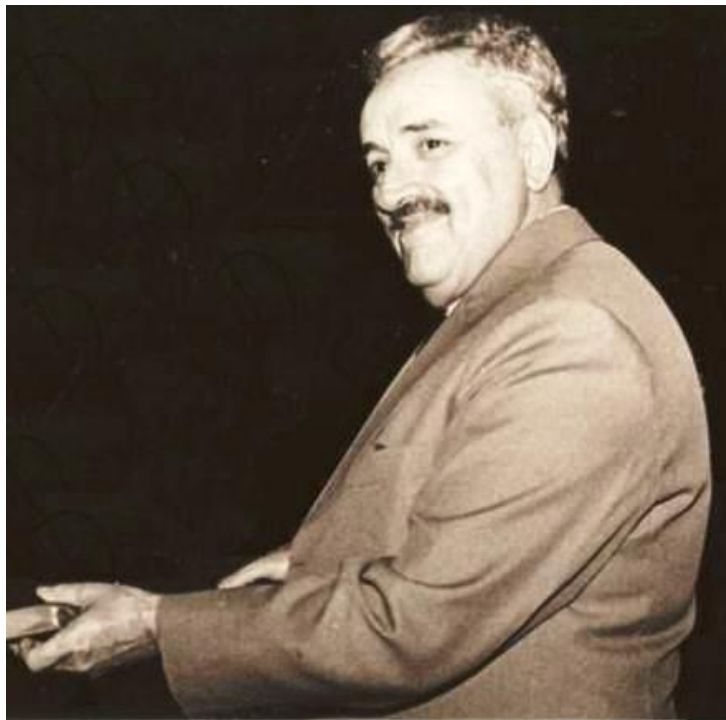
A.G.M. na frente dos Cinemas 1, 2 e 3. 1997.



Fonte: Acervo Particular de Marco Antonio Moreira Carvalho.

Anexo 25

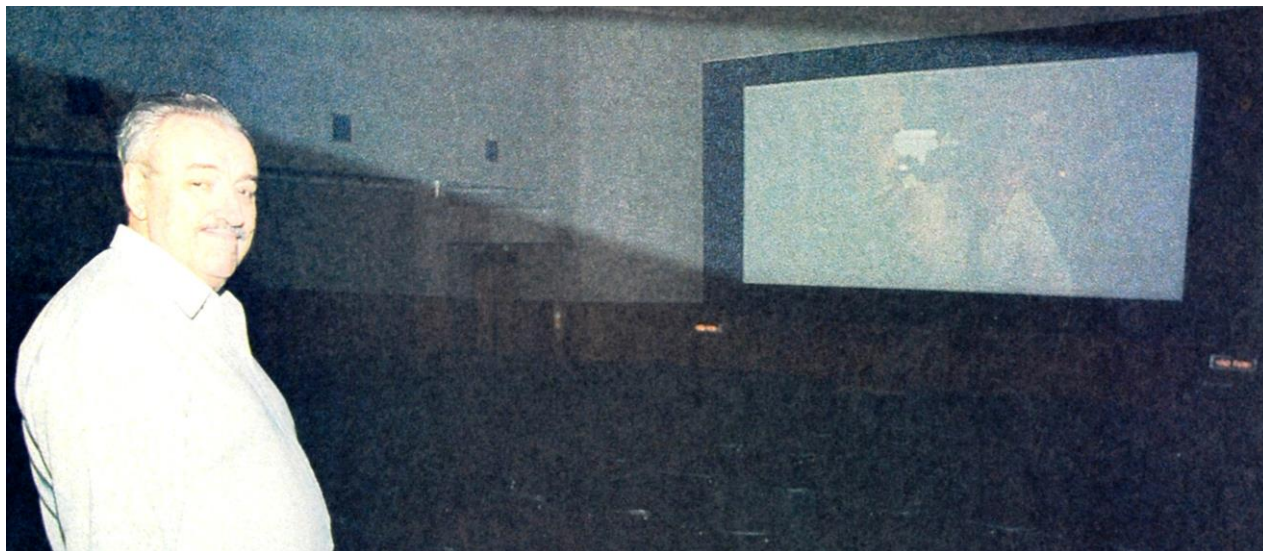
A.G.M. Anos 1980.



Fonte: Acervo Particular de Marco Antonio Moreira Carvalho.

Anexo 26

A.G.M. dentro do Cinema 3. Anos 1990.



Fonte: Acervo Particular de Marco Antonio Moreira Carvalho.

SOBRE O AUTOR



Marco Antonio Moreira Carvalho é graduado em Administração pela Universidade Federal do Pará (1986), pós-graduação em Marketing (1999) pela Fundação Getúlio Vargas/Ideal, mestrado em Artes pela Universidade Federal do Pará (2013-2015) e doutorado em Artes pela UFPA (2017-2021). Professor substituto do curso de Cinema da UFPA, de 2016 a 2017. Professor (módulo I) do curso de pós-graduação de Produção Audiovisual na faculdade Estácio/IESAM (2012-2017). Crítico de cinema com artigos publicados em vários jornais paraenses, desde 1978. Um dos coordenadores do cineclube da Associação de Críticos de Cinema do Pará (ACCPA). Gestor da programação do Cinema Olympia (Belém-Pará) (2006- 2020). Programador do Cineclube do Sindicato dos Médicos do Pará (SINDMEPA), desde 2017, e Cineclube FIBRA, desde 2015. Curador da Fundação Paraense de Rádio Difusão (FUNTELPA) (2015). Representante regional da Empresa Brasileira de Filmes (EMBRAFILME) (1988-1991). Membro da Academia Paraense de Ciências (APC), desde 2011. Presidente da Associação dos Críticos de Cinema do Pará (ACCPA), desde 2008. Programador e coordenador de debates de ACCPA, desde 2009. Apresentador e crítico de cinema do Portal ORM (Organizações Rômulo Maiorana) (2014-2018). Crítico de cinema do Jornal O Liberal (Revista TROPPO) (2002-2020). Crítico de cinema do site oliberal.com, desde 2019. Crítico de cinema da coluna Cineclube no Jornal O Liberal, desde em 2021. Associado da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (SOCINE), desde 2021. Membro e fundador da Associação Brasileira de Críticos de Cinema (ABRACCINE), desde 2011. Autor de diversos textos em livros da ABRACCINE como na publicação *Trajatória da Crítica de Cinema do Brasil*, em 2019. Consultor e assessor de Marketing da empresa Movie Cinemas Ltda., desde 2006. Crítico de cinema e apresentador do programa de cinema Atualidades Cinematográficas na Rádio Cultura FM (2019-2020). Colaborador do programa Conexão Cultura como crítico de cinema (2020-2023). Crítico de Cinema e comentarista do programa Cine CBN na rádio CBN Amazônia Belém, desde 2020. Coordenador-geral do Centro de Estudos Cinematográficos (CEC), desde 2015. Colaborador do programa Cinema em Destaque na Rádio Web UFPA, desde 2023.

CINEMA, UMA PAIXÃO DE PAI PARA FILHO...

Este livro é inspirado na vida de Alexandrino Gonçalves Moreira (A.G.M.), um apaixonado cinéfilo de Itaúna-MG que desembarcou em Belém-PA no final da década de 1950.

Sua paixão pelo cinema o conduziu por diversos caminhos, em diferentes cidades, e ele a compartilhou com sua família e amigos de maneira genuinamente cativante.

Como seu filho, aprofundar nas pesquisas e trazer à tona suas fascinantes histórias tem sido uma jornada repleta de alegria. Algumas dessas histórias deram origem a importantes iniciativas voltadas para a promoção da cultura cinematográfica na cidade que o acolheu nos anos 1950, o que faz delas merecedoras de serem compartilhadas e celebradas.



ICA

INSTITUTO DE
CIÊNCIAS DA
ARTE UFPA

PPG Artes
Programa de Pós-graduação
em Artes da UFPA